Manual Compacto de

Redação e Interpretação de Texto

ENSINO FUNDAMENTAL

EXPEDIENTE

Presidente e editor	**Italo Amadio**
Diretora editorial	**Katia F. Amadio**
Editora-assistente	**Nina Schipper**
Assistente editorial	**Sandra Maria da Silva**
Organização	**Paula Muniz**
Revisão técnica	**Lina Mendes**
Preparação	**Gabriela Trevisan**
Revisão	**Luciana Chagas**
	Marcela Vaz
Projeto gráfico	**Breno Henrique**
Iconografia	**Luiz Fernando Botter**
Diagramação	**Typography**
Produção gráfica	**Helio Ramos**
Impressão	**RR Donnelley**

Todos os esforços foram feitos para identificar e confirmar a origem e autoria das imagens utilizadas nesta obra, bem como local, datas de nascimento e de morte de cada personalidade abordada. Os editores corrigirão e atualizarão em edições futuras informações e créditos incompletos ou involuntariamente omitidos. Solicitamos que entre em contato conosco caso algo de seu conhecimento possa complementar ou contestar informações apresentadas nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muniz, Paula

Manual compacto de redação e interpretação de texto: ensino fundamental / Organização: Paula Muniz. – 1. ed. – São Paulo: Rideel, 2011.

1. Português - Redação - Manuais 2. Textos - Interpretação - Manuais I. Título.

11-00610 CDD-808.0469

Índices para catálogo sistemático:

1. Manuais: Português: Interpretação de textos 808.0469
2. Manuais: Português: Redação 808.0469 3. Português: Interpretação de textos: Manuais 808.0469 4. Português: Redação: Manuais 808.0469

ISBN 978-85-339-1793-4

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
www.editorarideel.com.br
e-mail: sac@rideel.com.br

EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem a permissão expressa do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
0 4 1 1

SUMÁRIO

Capítulo 1
Comunicação 11
Diversidade linguística 13
Funções da linguagem 16
Teste seu saber 19

Capítulo 2
Língua Portuguesa 27
O português do Brasil 32
Reformas ortográficas 38
Teste seu saber 49

Capítulo 3
Ortografia 53
Algumas regras ortográficas 55
Acentuação gráfica 60
Algumas outras questões da língua escrita 62
Teste seu saber 67

Capítulo 4
Crase 78
As funções do *a* 80
Agora, a crase 81
Teste seu saber 87

Capítulo 5
O sentido das palavras 95
Polissemia 96
As relações entre as palavras 98
Figuras de linguagem 103
Teste seu saber 109

Capítulo 6
Pontuação 116
Os sinais de pontuação 118
Teste seu saber 124

Capítulo 7
As vozes na narrativa 135
Discurso direto 135
Discurso indireto 138
Discurso indireto livre 142
Teste seu saber 143

Capítulo 8
Tipos textuais 146
Descrição 146
Narração 160
Dissertação 168
Teste seu saber 180

Capítulo 9
Gêneros textuais 189
Relato pessoal 189
Receita culinária 193
Notícia 196
Reportagem 198
Entrevista 201
Carta pessoal 204
E-mail 208
Cartaz 209
Anúncio publicitário 212
Resumo 213
Resenha crítica 215
Relatório 216
Teste seu saber 218

Capítulo 10
Gêneros literários 224
Divisão de base formal 226
Divisão clássica 227

Divisão moderna – gêneros 228
Teste seu saber 252

Capítulo 11
Regência nominal e verbal 265
Preposições 266
Regência 269
Teste seu saber 282

Capítulo 12
Concordância nominal e verbal 289
Concordância nominal 290
Concordância verbal 297
Teste seu saber 307

Capítulo 13
Colocação pronominal 315
Colocação pronominal nos tempos simples 317
Colocação pronominal em locuções verbais e tempos compostos 321
Uso dos pronomes demonstrativos 324
Uso de *eu*, *tu*, *ti* e *mim* 326
Teste seu saber 326

Capítulo 14
Coesão e coerência 332
Coesão 334
Coerência 337
"Armadilhas" textuais 338
Teste seu saber 340

Capítulo 15
Interpretação de texto 345
Erros de interpretação 348
Mais dicas de interpretação de texto 348
Teste seu saber 350

Capítulo 16
Intertextualidade 368
Paródia 374
Paráfrase 375
Epígrafe 377
Citação 377
Referência 378
Teste seu saber 380

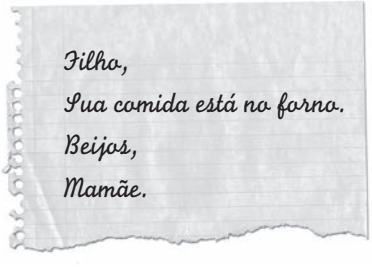
Capítulo 17
Curiosidades da língua 384
Países, capitais e nomes pátrios 384
Estados brasileiros, capitais e nomes pátrios 392
Substantivos coletivos 394
Palavras de origem estrangeira 406
Palavras inglesas usadas no dia a dia (não aportuguesadas) 410
Alguns trava-línguas 413
Alguns provérbios brasileiros 415
Algumas observações sobre a língua portuguesa do Brasil 417

Respostas dos exercícios 424
Bibliografia e Créditos das imagens 432

1 Comunicação

A comunicação é uma necessidade básica do homem, já que este é um ser que vive em sociedade. Por conta dessa necessidade de comunicação, surgiu a *linguagem*, que representa a realidade. A linguagem pode ser *verbal*, isto é, formada pela palavra escrita ou oral; ou *não verbal*, isto é, não constituída pela palavra, mas por outros elementos, tais como imagens, sons musicais, gestos etc.

Nem sempre é preciso usar palavras para se comunicar. Observe o bilhete a seguir:



O bilhete que você leu é um texto constituído apenas pela linguagem verbal, ou seja, só utilizou palavras. Da mesma forma, alguns programas de computador, por exemplo, permitem que os usuários comuniquem-se por meio de palavras escritas, que podem ou não ser acompanhadas de voz. Esse é mais um dos vários usos da linguagem verbal. Veja a charge a seguir:

1

Algumas mensagens também podem ser mistas, fazendo uso de mais de um tipo de linguagem. É o que você verá no cartaz a seguir:

2

O homem se caracteriza por utilizar mais a linguagem verbal. Com ela, explica a linguagem não verbal, comunica-se com mais clareza e eficiência, retoma o passado e projeta o futuro.

Para que haja comunicação entre os seres de uma comunidade, são necessários dois elementos: *língua* e *fala*.

A língua é uma convenção (o código linguístico), um produto da cultura, inventado, comum a todos. Já a fala (ou discurso) é o uso desse código pelo indivíduo numa determinada situação a partir de determinada intenção.

A língua de um povo é o conjunto de palavras (léxico) e de regras de combinação (gramática). Sem dúvida, a língua é o principal patrimônio de um povo e contém sua essência, sua identidade. Ela é aprendida no convívio social.

A fala é um ato individual que visa à interação com o semelhante. É o uso concreto da língua.

Diversidade linguística

Existem vários fatores que interferem no processo comunicativo: o lugar e o momento da fala; a intimidade entre os interlocutores; a intenção e a bagagem cultural do falante. Esses são alguns dos responsáveis pelas variações que a fala pode sofrer no léxico e na gramática. Por exemplo, temos, no Sul do país, a palavra "bergamota" para denominar uma fruta que, no Sudeste, é conhecida como "mexerica". Do mesmo modo, algumas regiões referem-se a ela como "tangerina". Esses são exemplos de variantes linguísticas regionais.

Outro exemplo de variação relaciona-se à situação da fala e, nesse caso, podemos destacar duas variantes linguísticas: linguagem formal e linguagem informal.

Linguagem formal é aquela que, baseada na gramática, utiliza-se das regras do padrão da língua (norma padrão, também chamada de norma culta).

Linguagem informal é aquela usada em situações cotidianas, que não requerem rigor, como as conversas com amigos ou com a família.

Vale destacar que não existe certo ou errado no uso de uma língua, mas sim o uso adequado à situação comunicativa e ao interlocutor. O ideal é que o falante tenha acesso ao maior número de variantes, inclusive à norma padrão.

Em nossa língua, há diversas variantes linguísticas, e elas são determinadas por diferentes fatores, tais como:

- época: o português de antigamente é diferente do atual;
- região: o carioca, o baiano, o paulista, o paraense, o paranaense ou o gaúcho falam de maneiras diferentes;
- condição socioeconômica e cultural: pessoas de grupos sociais diferentes usam vocabulários distintos e estruturam seu discurso de modos diferentes;
- idade do falante: um senhor de 90 anos provavelmente expressa-se diferentemente de seu bisneto de 10 anos.

O modo de falar de grupos profissionais (conhecido como jargão), de "tribos urbanas" (*rappers* e grafiteiros, por exemplo) e as gírias são também variações linguísticas.

É preciso ressaltar que, apesar das diferenças no uso da língua portuguesa no Brasil, existe uma unidade linguística no país: não temos várias línguas, mas uma só; a base do vocabulário e da construção das frases é a mesma, o que permite a todos os falantes reconhecerem essa língua, mesmo nas suas possíveis variações.

Linguagem oral e escrita

A linguagem oral e a escrita, por sua vez, apresentam muitas diferenças entre si, pois são modalidades distintas da língua, que se utilizam de recursos também muito diferentes na sua expressão.

Língua falada (presencial)	Língua escrita
Presença do interlocutor.	Ausência do interlocutor.
Mais espontânea e imediata.	Mais elaborada.
Efêmera.	Duradoura (registros).
Mais repetitiva e redundante.	Mais objetiva e concisa.
Maior influência do contexto.	Menor influência do contexto.
Mais informal.	Mais formal.
Recursos sonoros auxiliares (entonação e ritmo da fala etc.).	Recursos gráficos (sinais de pontuação, uso de letras maiúsculas, minúsculas, negritos, itálicos, sublinhados etc.).
Conta com linguagens auxiliares (gestual, expressão facial etc.).	Não conta com linguagens auxiliares, a não ser em mensagens mistas.

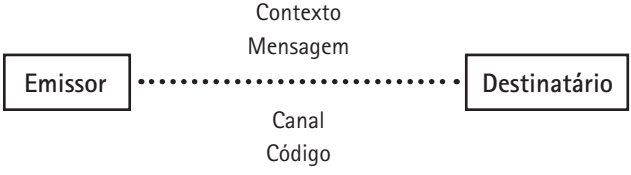
Elementos do ato de comunicação

Cada vez que nos comunicamos, estão presentes os seguintes elementos:

- **Emissor:** o que emite a mensagem.
- **Receptor:** o que recebe a mensagem.
- **Mensagem:** conjunto de informações transmitidas.
- **Código:** combinação de símbolos utilizados na transmissão de uma mensagem (a língua).
- **Canal:** meio físico por onde a mensagem é transmitida: visual ou auditivo, por exemplo.

- **Contexto ou referente:** situação/assunto a que a mensagem se refere.

Observe o esquema a seguir:



A comunicação só se concretizará – efetivamente – se: o receptor souber decodificar a mensagem e o canal estiver aberto. Uma situação de comunicação pode estar sujeita a perturbações, chamadas de *ruídos*, que podem estar localizados em alguns dos elementos do ato, como canal obstruído ou inadequado, código desconhecido pelo receptor, entre outros.

Funções da linguagem

De acordo com a intenção do emissor, sua mensagem terá um determinado objetivo e, para isso, ele deverá enfatizar um (ou mais) dos elementos do ato de comunicação descritos anteriormente.

Sua linguagem, assim, deverá cumprir algumas funções, visando a atingir esse objetivo. São as chamadas "funções da linguagem". Em razão do elemento ao qual estão ligadas, elas são denominadas:

- **Função emotiva ou expressiva:** centrada no emissor. A mensagem apresenta marcas pessoais e subjetivas; utiliza pronomes e verbos em 1ª pessoa, normalmente. Terá como referente o próprio emissor (por exemplo, diários, autobiografias, cartas pessoais, poesias líricas etc.) ou sua opinião sobre qualquer assunto (por exemplo, resenhas críticas, comentários, editoriais etc.). Exemplos:

Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão?

Fonte: RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Fonte: CAMÕES, Luís de. Sonetos

- **Função conativa ou apelativa:** centrada no receptor; é persuasiva, ou seja, tenta seduzir ou convencer o receptor a fazer o que o emissor deseja; apresenta verbos no modo imperativo, usa vocativos, pontos de exclamação (por exemplo, anúncios publicitários, mandamentos, *slogans* etc.). Exemplo:

"Caro cidadão, vote em mim!"

"Vem pra Caixa você também, vem!"

- **Função poética:** centrada na elaboração da mensagem; traz uma grande preocupação estética usando recursos da língua como linguagem figurada, rimas, metrificação etc. É predominante em textos literários ou qualquer mensagem que valorize a forma de dizer. Exemplo:

  "Pneu carecou? HM trocou". (HM = Hermes Macedo, revendedor de pneus)

- **Função metalinguística:** centrada no código; é a linguagem explicando a própria linguagem (por exemplo, verbetes de dicionário) ou recriando-a intertextualmente (por exemplo, paródias). Exemplos:

  "defenestração

  de.fe.nes.tra.ção

  sf (*fr défenestration*) 1 Ato de violência, pelo qual se lança uma pessoa pela janela. 2 *p ext* Ato rebelde pelo qual se atira alguma coisa pela janela."

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossos campos tem mais flores.

Fonte: DIAS, Gonçalves. "Canção do exílio"

Minha terra tem palmares onde gorjeia o mar
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá.

Fonte: ANDRADE, Oswald de. "Canto de regresso à pátria"

- **Função fática:** centrada no canal; testa o caminho entre o emissor e o receptor; também serve para chamar a atenção do receptor, iniciar, finalizar ou manter a conversação. Dificilmente ocorre sozinha em um discurso. Exemplo:

  "Alô! Quem é? Está me ouvindo?"

- **Função referencial:** centrada no contexto ou no referente, também chamada de denotativa ou informativa; valoriza o assunto da mensagem; é objetiva e informativa; apresenta verbos em 3ª pessoa (são exemplos: a notícia, a reportagem etc.). Exemplo:

  O terremoto teve uma magnitude preliminar de 7.0, e seu epicentro foi a cerca de 10 quilômetros a oeste de Port-au-Prince.

As funções da linguagem nunca ocorrem sozinhas em um texto. É claro que há a predominância de uma determinada função, mas várias delas podem se encontrar numa mensagem, coexistindo.

Teste seu saber

1. **(FEI) Assinale a alternativa em que a função apelativa da linguagem é a que prevalece:**

   a) Trago no meu peito um sentimento de solidão sem fim... sem fim...

   b) "Não discuto com o destino, o que pintar eu assino."

   c) Machado de Assis é um dos maiores escritores brasileiros.

   d) Conheça você também a obra desse grande mestre.

   e) Semântica é o estudo da significação das palavras.

2. **(PUC) Identifique a frase em que a função predominante da linguagem é a referencial:**

a) Dona Casemira vivia sozinha com seu cachorrinho.

b) — Vem, Dudu!

c) — Pobre Dona Casemira...

d) — O que... O que foi que você disse?

e) Um cachorro falando?

3. **(UFVI) Quando uma linguagem trata de si própria – por exemplo um filme falando sobre os processos de filmagem, um poema desvendando o ato de criação poética, um romance questionando o ato de narrar – temos a *metalinguagem*.**
Essa forma de linguagem predomina em todos os fragmentos, exceto:

a) "Amo-te como um bicho simplesmente
de um amor sem mistério e sem virtude
com um desejo maciço e permanente." (Vinicius de Morais)

b) "Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigada a usar as palavras que vos sustentam." (Clarice Lispector)

c) "Não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar, sopro palavras e mais palavras, componho frases e mais frases." (Silviano Santiago)

d) "Agarro o azul do poema pelo fio mais delgado de lã de seu discurso e vou traçando as linhas do relâmpago no vidro opaco da janela." (Gilberto Mendonça Teles)

e) "Que é Poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados." (Cassiano Ricardo)

4. **(UFGO) Texto A**
Pausa poética
Sujeito sem predicados
Abjeto
Sem voz
Passivo
Já meio pretérito

Vendedor de artigos indefinidos
Procura por subordinada
Que possua alguns adjetivos
Nem precisam ser superlativos
Desde que não venha precedida
De relativos e transitivos
Para um encontro vocálico
Com vistas a uma conjugação mais que
Perfeita
E possível caso genitivo.

(Paulo César de Souza)

Texto B

"Sou divorciado – 56 anos, desejo conhecer uma mulher desimpedida, que viva só, que precise de alguém muito sério para, juntos, sermos felizes. 800-0031 (discretamente falar c/ Astrogildo)"

Os textos A e B, apesar de se estruturarem sob perspectivas funcionais diferentes, exploram temáticas semelhantes. Assinale a alternativa incorreta:

a) no texto A, o autor usa de metalinguagem para caracterizar o sujeito e o objeto de sua procura, ao passo que no texto B, o locutor emprega uma linguagem com predominância da função referencial.

b) a expressão "meio pretérito", do texto A, fica explicitada cronologicamente na linguagem referencial do texto B.

c) a expressão "Desde que não venha precedida de relativos e transitivos", no texto A, tem seu correlato em "mulher desimpedida que vive só", do texto B.

d) comparando os dois textos, pode-se afirmar que ambos expressam a mesma visão idealizada e poética do amor.

e) no texto A, as palavras extraídas de seu contexto de origem (categorias gramaticais e funções sintáticas) e ajustadas a um novo contexto criam uma duplicidade de sentido, produzindo efeitos ao mesmo tempo lúdicos e poéticos.

5. **Reconheça nos textos a seguir, as funções da linguagem:**

a) "Pelo hábito covarde de acomodação e da complacência. Diante do povo, diante do mundo e de nós mesmos, o que é preciso agora é fazer funcionar corajosamente as instituições para lhes devolver a credibilidade desgastada. O que é preciso (e já não há como voltar atrás sem avacalhar e emporcalhar ainda mais o conceito que o Brasil faz de si mesmo) é apurar tudo o que houver a ser apurado, doa a quem doer." (*O Estado de S. Paulo*)

b) "Para fins de linguagem a humanidade se serve, desde os tempos pré-históricos, de sons a que se dá o nome genérico de voz, determinados pela corrente de ar expelida dos pulmões no fenômeno vital da respiração, quando, de uma ou outra maneira, é modificada no seu trajeto até a parte exterior da boca." (Matoso Câmara Jr.)

c) "— Que coisa, né?

— É. Puxa vida!

— Ora, droga!

— Bolas!

— Que troço!

— Coisa de louco!

— É!"

d) "Fique afinado com seu tempo. Mude para Col. Ultra Lights."

e) "Sentia um medo horrível e ao mesmo tempo desejava que um grito me anunciasse qualquer acontecimento extraordinário. Aquele silêncio, aqueles rumores comuns, espantavam-me. Seria tudo ilusão? Findei a tarefa, ergui-me, desci os degraus e fui espalhar no quintal os fios da gravata. Seria tudo ilusão?... Estava doente, ia piorar, e isto me alegrava. Deitar-me, dormir, o pensamento embaralhar-se longe daquelas porcarias. Senti uma sede horrível... Quis ver-me no espelho. Tive preguiça, fiquei pregado à janela, olhando as pernas dos transeuntes." (Graciliano Ramos)

6. **No texto abaixo, identifique as funções da linguagem:**

"Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela,

não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. Que, em verdade, há dois meios de granjear a vontade das mulheres: o violento, como o touro da Europa, e o insinuativo, como o cisne de Leda e a chuva de ouro de Dânae, três inventos do padre Zeus, que, por estarem fora de moda, aí ficam trocados no cavalo e no asno."

Fonte: ASSIS, J.M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas

7. **Leia o texto a seguir e identifique seus elementos de comunicação:**
"Um menino, jogando bola na rua, quebra a vidraça do Sr. Manuel. Furioso, ele grita :
— Moleque danado. Seu pai vai ter que pagar!
O garoto, então, foge em disparada."

a) Emissor:

b) Mensagem:

c) Receptor:

d) Canal:

e) Código:

8. **Leia:**

Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era um homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dous deles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com o vigário, que me confirmou as notícias recebidas, e me recomendou mansidão e caridade, segui para a residência do coronel.

Achei-o na varanda da casa estirado numa cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pôs em mim dous olhos de gato que observa; depois, uma espécie de riso maligno alumiou-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dous eram até gatunos!

Fonte: ASSIS, J.M. Machado de. O Enfermeiro

No texto, escrito por Machado de Assis no século XIX, a linguagem empregada é a formal. Justifique essa afirmação com trechos desse texto de ficção.

9. **São exemplos apenas de linguagem não verbal:**

a) sinais de trânsito e conversas informais entre alunos e professores.

b) cores das bandeiras e dos semáforos.

c) cantigas infantis.

d) discursos políticos.

e) apitos e discursos políticos.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

"As funções da linguagem podem conviver em um mesmo texto harmoniosamente, mas, dependendo da intenção do emissor, há sempre uma predominante e outras, secundárias."
Comprove essa afirmativa, analisando o texto poético abaixo, que é a letra de uma canção.

Receita de poesia

A poesia é uma coisa que vem da inspiração
Também depende do coração, da emoção
E de coisas que têm de acontecer

É um prato de feijão com nada
Uma deusa grega, um caminho torto
Uma cerveja, eu e você, uma mesa dum bar
Um entardecer

Pedindo beijo, beijo, beijo, beijo
Beijo, beijo de amor
Hoje, sem baile, sem festa
Um Sábado da Aleluia com meu amor

Fonte: FARIAS, Arleno. *Receita de Poesia*, 2002

Comentário

O texto "Receita de poesia" parece enfatizar o próprio fazer poético, tentando defini-lo, como que se voltando para si mesmo, o que configura a função metalinguística da linguagem. No entanto, logo depois, o emissor também é enfatizado, focando-se as sensações, os amores e os desejos do eu poético, o que nos leva à função emotiva. Por fim, há visivelmente um trabalho de elaboração da mensagem, de construção da forma do texto, realizada por meio da busca de imagens criadas em metáforas e outras figuras, repetições intencionais de palavras e rimas. Percebe-se aí a coexistência de três funções da linguagem, sendo que a cada momento do texto nota-se a predominância de uma delas.

2 Língua Portuguesa

A história da língua portuguesa começa na região onde hoje existe a cidade de Roma, na Itália, na qual se falava uma língua chamada latim, alguns séculos antes de Cristo.

Os romanos invadiram a Península Ibérica (onde hoje se localizam Portugal e Espanha) no século II a.C. Os nativos dessa região falavam outras línguas, mas foram obrigados pelos invasores a usar o latim. No entanto, eles não falavam o latim exatamente igual ao dos romanos porque misturavam suas línguas nativas com a língua do invasor. Esses falares foram, com o tempo, se modificando e, por volta do ano 400 d.C., falava-se uma língua derivada do latim.

É importante destacar que o latim levado a essas regiões era aquele falado pelos soldados, comerciantes etc., chamado de latim vulgar, e não o latim clássico, que possuía registros escritos e era usado pela elite romana (poetas, escritores, senadores etc.).

Nessa época, outros povos invadiram a península: alanos, suevos, vândalos, visigodos. Esses povos saquearam e conquistaram diversas cidades. Mais uma vez, a língua dos invasores interagiu com as já faladas em cada local, fazendo com que, novamente, sofressem alterações. Palavras como "grupo", "agasalho", "guerra", "sopa" e "ganso", por exemplo, passaram a fazer parte do vocabulário dos povos que viviam na Península.

Em 711 d.C., foi a vez de os árabes invadirem a Península Ibérica. Eles ficaram por lá durante cerca de setecentos anos, o que fez com que a cultura árabe se misturasse à cultura ibérica.

Como exemplos de palavras de origem árabe podemos citar arroz, azeite, açougue, laranja, alface, limão, alfinete, alicate, bazar, aldeia, álcool, almôndega, cuscuz, almofada e azar, entre outras. Uma dica para identificar algumas palavras de origem árabe é verificar se começam por *al*, que, em árabe, é um artigo. Exemplos: *al-khuarizmi* (algarismo) e *al-manak* (almanaque).

Pouco a pouco os ibéricos reconquistaram seu território. Em 1143, o reino de Portugal foi fundado. Na época, chamava-se Condado Portucalense. Nesse período, nasceu o galego-português, um dialeto falado na região da Galiza, hoje pertencente à Espanha, que passou a ser usado em todo o Condado.

O poema "Cantiga da Ribeirinha", composto em 1198, cuja autoria provavelmente seja de Paio Soares de Taveirós, é considerado o primeiro texto literário em língua galego-portuguesa. Observe como era a nossa língua àquela época.

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vai,
ca ja moiro por vós – e ai!
mia senhor branca e vermelha,
Queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia!
Mao dia me levantei,
que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di', ai!

me foi a mi muin mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e ben vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
Nunca de vós ouve nem ei
valía d'ũa correa.

Se "traduzíssemos" essa cantiga para o português dos dias de hoje, ela ficaria mais ou menos assim:

No mundo ninguém se assemelha a mim
enquanto a vida continuar como vai,
porque morro por vós, e ai,
minha senhora de pele alva e faces rosadas,
quereis que vos descreva
quando eu vos vi sem saia.
Maldito dia! Me levantei
que não vos vi feia

E, minha senhora, desde aquele dia, ai!
tudo me foi muito mal
e vós, filha de dom Pai
Moniz, e bem vos parece
de ter eu para vós uma roupa luxuosa,
pois eu, minha senhora, como prova de amor
de vós nunca recebi
algo, mesmo que sem valor.

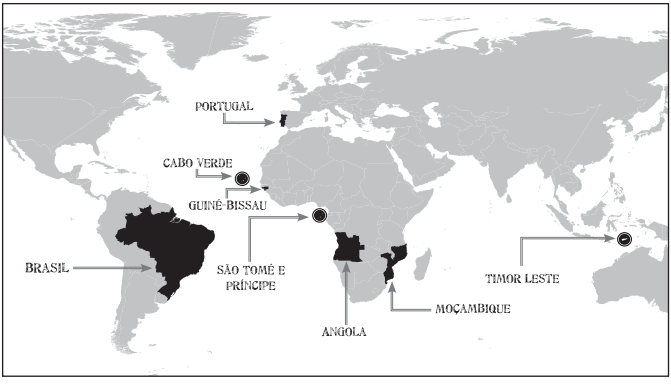
O poema abaixo, também do século XII, cuja autoria é do trovador Bernal de Bonaval, é outro exemplo da língua falada naquele tempo.

A dona que eu am'e tenho por Senhor
amostrade-me-a Deus, se vos en prazer for,
se non dade-me-a morte.
A que tenh'eu por lume d'estes olhos meus
e porque choran sempr(e) amostrade-me-a Deus,
se non dade-me-a morte.
Essa que Vós fizestes melhor parecer
de quantas sei, a Deus, fazede-me-a veer,
se non dade-me-a morte.
Ai, Deus, que me-a fizestes mais ca mim amar,
mostrade-me-a u possa con ela falar,
se non dade-me-a morte.

Essa língua falada em Portugal foi se modificando lentamente, até que, em 1290, Dom Dinis decretou que a língua "vulgar" usada no reino fosse reconhecida oficialmente como "língua portuguesa".

Porém, apenas por volta de 1450 ela começou a se parecer com o português moderno. Algumas décadas depois, com as grandes navegações portuguesas, a língua espalhou-se por muitas regiões da Ásia, da África e da América, sendo imposta pelo colonizador português aos povos de suas colônias. Por essa razão, atualmente o português é a língua oficial de oito países em quatro continentes. Em outras regiões também é falado, mas apenas como segunda língua ou dialeto. Observe sua distribuição no mapa a seguir.

3



Países falantes da língua portuguesa

No século XVI, ainda durante o período das grandes navegações, destaca-se um escritor e uma obra que marcam a história da língua portuguesa: Luís Vaz de Camões e sua obra-prima, *Os Lusíadas*, que conta um pedaço da história de Portugal em versos. São dez cantos que contêm cem estrofes cada um, em média com oito versos decassílabos (dez sílabas poéticas). Observe, abaixo, a beleza dos versos de Camões, nas duas estrofes iniciais de *Os Lusíadas*.

1
As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2
E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Fonte: CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*

4

Retrato de Luís Vaz de Camões (1524-1580). Artista: B. Roger. Gravura

O português do Brasil

No ano de 1500, Pedro Álvares Cabral comandou, em nome de Portugal, uma esquadra que tomou posse de um grande território, o qual, depois de receber alguns nomes, foi denominado Brasil. O Brasil já era habitado por povos que os portugueses chamaram de índios.

5

Pedro Álvares Cabral, navegador e explorador português, descobridor do Brasil em 1522

A partir daí, o Brasil começou a receber grupos de portugueses que, com o tempo, passaram a conviver e a se comunicar com a população local.

As tribos litorâneas falavam línguas parecidas, pertencentes à família do tupi. O diálogo entre índios e portugueses fez com que muitas palavras de origem tupi ingressassem no vocabulário do português falado no Brasil.

Exemplos de palavras do tupi que passaram a fazer parte do português do Brasil:

Animais	arara, capivara, gambá, jacaré, jararaca, jiboia, lambari, piranha, saúva, tatu, urubu
Frutas	abacaxi, caju, jabuticaba, maracujá, pitanga
Comidas	amendoim, macaxeira, mandioca, mingau, paçoca, pipoca
Nomes	Araci, Jaci, Juraci, Jurema, Ubirajara, Ubiratã
Cidades	Aracaju, Bertioga, Botucatu, Caruaru, Guaratinguetá, Itatiaia, Itatiba, Jundiaí, Niterói, Piracicaba, Ubatuba

Saiba

CURIOSIDADE

Você sabia que a palavra *peteca* vem do tupi *pe'teka,* que quer dizer"bater com a palma da mão"?

6

Ainda no século XVI, os portugueses passaram a trazer para o Brasil negros de diferentes lugares da África. Esses negros foram escravizados para trabalhar nos campos e nas cidades, onde faziam todo tipo de serviço. Eles não tinham nenhum direito nem recebiam por seu trabalho.

A maioria desses escravos era proveniente de localidades que atualmente fazem parte de Angola, do Congo, de Moçambique e de Camarões, entre outros países. Com eles vieram também suas línguas, e com isso várias palavras foram incorporadas à língua falada no Brasil na época. As maiores influências provêm das línguas banto, quicongo, quimbundo, umbundo e iorubá, entre outras. Exemplos: samba, marimbondo, moleque, acarajé, fubá, cachimbo, xingar, cafuné.

No dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, imperador do Brasil, assinou a Lei Áurea, que punha fim à escravidão em território brasileiro, mas a herança linguístico-cultural desses africanos permanece até hoje.

7

Princesa Isabel. Artista: Revollo. Óleo sobre tela, final do século XIX

Ainda no século XIX, após a abolição da escravatura, muitos imigrantes árabes e europeus (sobretudo da Síria, do Líbano, da Alemanha, da Espanha e da Itália) vieram para o Brasil em busca de uma vida melhor. Mais tarde, os japoneses também chegaram com o mesmo objetivo.

A presença desses imigrantes contribuiu para que houvesse mais mudanças no jeito de falar do povo brasileiro. Conforme o lugar onde eles se estabeleciam, o português do Brasil ia ganhando novos jeitos e sotaques, até configurar-se como a língua que conhecemos hoje em dia.

Essa língua atual teve, ainda, a influência do francês – na medida em que a França dos séculos XVIII e XIX era um modelo cultural para todo o Ocidente. Além disso, depois da Segunda Guerra Mundial, com a consequente importância político-econômica dos Estados Unidos, o inglês também se incorporou a muitas línguas modernas, incluindo-se, aí, o português.

Do francês, temos abajur, maiô, batom, suflê, buquê, boate, camelô, balé, bijuteria, boné etc.

Do inglês, podemos citar: clube, futebol, sanduíche, detetive, coquete e piquenique, entre muitas outras.

Toda língua viva, ou seja, aquela que é falada e escrita por um povo, está em constante transformação, incorporando palavras de outras línguas e emprestando vocábulos a elas. Atualmente, uma das grandes influências na nossa língua provém dos termos relacionados à informática que, geralmente, são em inglês. Alguns, inclusive, já constam em nossos dicionários, como deletar, *on-line*, *mouse*, *software*, *hardware*, *site* etc.

As muitas faces da nossa língua – variedades linguísticas

Como vimos, o vocabulário da língua portuguesa do Brasil é bem variado, pois se apropriou de palavras dos idiomas dos indígenas, dos africanos e dos imigrantes.

Embora em todo o país se use a língua portuguesa, definida por um vocabulário e uma gramática bem específicos, há muitas variações no uso, causadas por fatores também variados.

Regionalismo é, na língua, o emprego de palavras ou expressões peculiares a determinadas regiões do país. Exemplos:

- Mandioca – aipim, macaxeira, pão-de-pobre, maniva.
- Menino – garoto, guri, piá.
- Moça – prenda, rapariga.
- Pipa – pandorga, papagaio, quadrado.

Além das variações da língua de região para região citadas anteriormente, devemos considerar também que a língua muda de acordo com a posição social, econômica e cultural de seu falante.

É nesse contexto que a gíria aparece. *Gírias* são palavras ou frases usadas por um dado grupo de pessoas (as chamadas "tribos"), ou ainda por outros grupos sociais bem definidos. A base de sua construção é a utilização do sentido figurado.

As gírias são modismos que não duram muito tempo. Aquelas que você usa hoje não são as mesmas que seus pais ou avós usavam antigamente. Na sua origem, eram consideradas uma linguagem de malfeitores, que a utilizavam para dificultar o entendimento de suas falas por pessoas que não fizessem parte daquele grupo específico, portanto eram um mecanismo de defesa e agressão. Hoje essa ideia se modificou e entende-se que as gírias nascem num determinado grupo social e passam, quase sempre, a fazer parte da linguagem familiar de várias camadas sociais (é a chamada gíria jovem).

Neologismo é a criação de uma palavra para atender às necessidades de expressão dos falantes. As ocorrências de neologismos são muitas: no cotidiano, nos jornais, na literatura, na música, na informática. Na mídia, é comum o uso de neologismos que são incorporados à fala cotidiana. De acordo com o uso, alguns passam a constar nos dicionários como parte do vocabulário da língua. Outros simplesmente desaparecem. Como exemplo, podemos citar "micreiro", neologismo que significa "usuário de microcomputador".

Estrangeirismo é a utilização, na língua oral ou escrita, de palavra ou expressão de língua estrangeira. A forte

influência de algumas culturas pode se manifestar na moda, na culinária, na música e, também, na língua. Uma palavra, hoje considerada estrangeirismo, pode vir a ser incorporada ao vocabulário da língua. Exemplos: *shopping center*, *show*, *e-mail*, *marketing* etc.

Reformas ortográficas

O período histórico de uma língua começa no momento em que passam a existir seus registros escritos. A partir desse momento são criadas regras de uso para sua uniformização e gramáticas que normatizam esse uso. Na língua portuguesa, esse período teve início aproximadamente no século XIII e estende-se até hoje.

Há momentos, também, em que surge a necessidade de se alterar algumas dessas regras, já que o uso da língua também se modifica com o tempo.

Gonçalves Viana, importante linguista português, em 1904, publicou *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Essa obra serviu de referência para o projeto brasileiro de reformulação ortográfica de 1907 e para a reforma ortográfica de Portugal em 1911. Durante o século XX, houve várias tentativas de se chegar a um acordo aceito por Portugal e pelo Brasil, mas isso não aconteceu.

Cronologia das reformas ortográficas na língua portuguesa

- Primeira reforma ortográfica em Portugal, publicada no *Diário do Governo*, n. 213, de 12 de setembro de 1911.
- Primeiro Acordo Ortográfico, por iniciativa da Academia Brasileira de Letras e aprovado pela Academia das

Ciências de Lisboa, em Portugal, publicado no *Diário do Governo*, n. 120, I Série, de 25 de maio de 1931.

- Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945, ou Acordo Ortográfico de 1945, adotado em Portugal, mas não no Brasil. Em Portugal, publicado como Decreto n. 35.228 no *Diário do Governo*, em 8 de dezembro de 1945.
- A lei n. 5.765, de 18 de dezembro de 1971, no Brasil, suprimiu o acento circunflexo na distinção dos homógrafos, responsável por 70% das divergências ortográficas com Portugal, e os acentos que marcavam a sílaba subtônica nos vocábulos derivados com o sufixo *-mente* ou iniciados por *-z-*.
- Decreto-lei n. 32, de 6 de fevereiro de 1973, em Portugal, no qual suprimiram-se os acentos que marcavam a sílaba subtônica nos vocábulos derivados com o sufixo *-mente* ou iniciados por *-z-*, como já se havia feito no Brasil.
- A Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram um projeto de acordo que não foi aprovado oficialmente. Da reunião de representantes dos, na época, sete países de língua portuguesa no Rio de Janeiro resultaram as Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa de 1945, renegociadas em 1975 e consolidadas em 1986, que nunca chegaram a ser implementadas.
- Em 1990, uma outra reunião, desta vez em Lisboa, resultou no novo Acordo Ortográfico de 1990, previsto para entrar em vigor em 1º de janeiro de 1994.
- Porém, em Cabo Verde, em 1994, foi assinado o Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico da Língua

Portuguesa que retirou do texto original a data para a sua entrada em vigor.

- Dez anos depois disso (2004), em São Tomé e Príncipe, foi aprovado um Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico, prevendo que, em lugar da ratificação por todos os países, fosse suficiente que três membros ratificassem o Acordo Ortográfico de 1990 para que este entrasse em vigor nesses países.
- Em 2008, por fim, o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, assinou as mudanças da ortografia da língua portuguesa, que passaram a valer no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2009.

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa contém 21 bases.

- Base I - Do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados.
- Base II - Do *h* inicial e final.
- Base III - Da homofonia de certos grafemas consonânticos.
- Base IV - Das sequências consonânticas.
- Base V - Das vogais átonas.
- Base VI - Das vogais nasais.
- Base VII - Dos ditongos.
- Base VIII - Da acentuação gráfica das palavras oxítonas.
- Base IX - Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas.

- Base X - Da acentuação das vogais tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas.
- Base XI - Da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas.
- Base XII - Do emprego do acento grave.
- Base XIII - Da supressão dos acentos em palavras derivadas.
- Base XIV - Do trema.
- Base XV - Do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares.
- Base XVI - Do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação.
- Base XVII - Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo *haver*.
- Base XVIII - Do apóstrofo.
- Base XIX - Das minúsculas e maiúsculas.
- Base XX - Da divisão silábica.
- Base XXI - Das assinaturas e firmas.

A partir desse acordo, passou a existir uma única norma ortográfica da língua portuguesa. Nem todas as bases do acordo impõem mudanças no registro das palavras dos países usuários da língua portuguesa. A seguir veremos os principais casos em que houve mudanças na escrita das palavras no Brasil:

Novo alfabeto

Com a inclusão das letras *k*, *w* e *y*, o alfabeto da língua portuguesa passou a ter 26 letras:

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Grafia

- Os ditongos abertos *ei* e *oi* não são acentuados nas palavras paroxítonas. Exemplos: ideia, jiboia.
- O hiato *oo* não é mais acentuado nas palavras paroxítonas. Exemplos: voo, enjoo.
- Os verbos *crer*, *dar*, *ler*, *ver* e seus derivados na terceira pessoa do plural não têm mais o acento circunflexo. Exemplos: veem, reveem.
- Palavras paroxítonas homófonas não são mais acentuadas. Exemplos: para (verbo) / para (preposição).
- Palavras paroxítonas cujas vogais tônicas *i* e *u* vêm após ditongo não são acentuadas. Exemplos: feiura.

Trema

O trema deixou de existir na grafia das palavras da língua portuguesa. Exemplos: linguiça, tranquilo.

Uso do hífen

Não se emprega hífen:

- Nas formações em que o **prefixo ou falso prefixo termina em vogal** e o **segundo termo inicia-se** em *r* ou *s*, passa-se a duplicar essas consoantes. Exemplos: antirreligioso, contrarregra, contrassenso.
- Nas constituições em que o **prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal** e o segundo **termo inicia-se** com **vogal diferente**. Exemplos: antiaéreo, autoestrada, hidroelétrico, autoescola.
- Nas formações que contêm os prefixos *des-* e *in-* e o segundo elemento perdeu o *h* inicial. Exemplos: desumano, inábil, desabilitar.

- Nas formações com o prefixo *co-*, mesmo quando o segundo elemento começar com *o*. Exemplos: cooperação, coobrigação, coordenar.
- Em certas palavras que, com o uso, adquiriram noção de composição. Exemplo: pontapé, girassol, paraquedas.
- Em alguns compostos com o advérbio "bem". Exemplos: benfeito, benquerer, benquerido.

Emprega-se hífen:

- Nas formações em que o prefixo tem como segundo termo uma palavra iniciada por *h*. Exemplos: sub-hepático, eletro-higrômetro, geo-história.
- Nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal idêntica à do segundo elemento. Exemplos: micro-ondas, eletro-ótica, semi-interno.

Uso de maiúscula e minúscula

Usa-se inicial maiúscula em:

- Nomes próprios reais ou fictícios.
- Nomes próprios de lugares reais ou fictícios.
- Nomes mitológicos.
- Nomes de instituições.
- Nomes de festas e festividades.
- Pontos cardeais ou equivalentes, se empregados absolutamente.
- Siglas, símbolos e abreviaturas internacionais.

Usa-se inicial minúscula:

- Em dias, meses e estações do ano.
- Em *beltrano*, *fulano*, *sicrano*.
- Em pontos cardeais escritos por extenso.

Uso opcional:

- Títulos de livros e de outras obras (pintura, escultura), sendo que a letra inicial do primeiro nome deve ser sempre maiúscula.
- Nomes que indicam disciplinas escolares ou domínios do saber.
- Nomes de lugares públicos, templos ou edifícios.
- Formas de tratamento e nomes de santo.

Grafia de algumas palavras antes e depois do Novo Acordo Ortográfico

Antes	Depois
pára (verbo)	para
pêlo (substantivo)	pelo
pêra (substantivo)	pera
pólo (substantivo)	polo
apóio	apoio
assembléia	assembleia
bóia	boia
Coréia	Coreia
estréia	estreia
heróico	heroico
idéia	ideia
jóia	joia
paranóia	paranoia
platéia	plateia
abençôo	abençoo
assôo	assoo

Antes	Depois
dêem	deem
dôo	doo
enjôo	enjoo
lêem	leem
perdôo	perdoo
relêem	releem
vêem	veem
vôo	voo
ante-sala	antessala
anti-racista	antirracista
anti-religioso	antirreligioso
anti-ruga	antirruga
anti-roubo	antirroubo
anti-ruído	antirruído
anti-semita	antissemita
auto-adesivo	autoadesivo
auto-afirmação	autoafirmação
auto-ajuda	autoajuda
auto-análise	autoanálise
auto-escola	autoescola
auto-estima	autoestima
auto-estrada	autoestrada
auto-retrato	autorretrato
auto-serviço	autosserviço
auto-sustentável	autossustentável
co-autor	coautor
co-diretor	codiretor
co-piloto	copiloto
co-produtor/co-produção	coprodutor/coprodução

Antes	Depois
co-responsável	corresponsável
contra-indicação	contraindicação
contra-reforma	contrarreforma
contra-regra	contrarregra
contra-senso	contrassenso
extra-escolar	extraescolar
extra-oficial	extraoficial
ultra-realista	ultrarrealista
ultra-secreto	ultrassecreto
ultra-sigiloso	ultrassigiloso
ultra-som	ultrassom
antiinflamatório	anti-inflamatório
microondas	micro-ondas
microônibus	micro-ônibus
microorganismo	micro-organismo
feiúra	feiura
agüentar	aguentar
anhangüera	anhanguera
cinqüenta	cinquenta
eloqüente	eloquente
enxágüe	enxágue
freqüente	frequente
lingüiça	linguiça
pingüim	pinguim
seqüestro	sequestro
tranqüilo	tranquilo
acreano	acriano
açoreano	açoriano
camoneano	camoniano

Saiba mais sobre o Acordo Ortográfico que entrou em vigor a partir de 2009, lendo os textos a seguir.

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa [foi] assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por Portugal, Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e, posteriormente, por Timor Leste. No Brasil, o Acordo foi aprovado pelo Decreto Legislativo n. 54, de 18 de abril de 1995. Esse Acordo é meramente ortográfico; portanto, restringe-se à língua escrita, não afetando nenhum aspecto da língua falada. Ele não elimina todas as diferenças ortográficas observadas nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, mas é um passo em direção à pretendida unificação ortográfica desses países.

Fonte: Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/novaortografia.php>. Acesso em: 8 out. 2010.

O texto a seguir apresenta algumas opiniões favoráveis ao Acordo.

E em todos esses países há autores e estudiosos a favor e contra o acordo. "Houve uma certa resistência", reconhece o professor Godofredo de Oliveira Neto, presidente da Comissão para Definição da Política de Ensino-Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa (Colip), responsável pela mudança no Brasil. Neto, entretanto, minimiza a polêmica para os autores. "O acordo não mexe na sintaxe, na morfologia, na semântica ou no critério lexical, continuam os regionalismos e os sotaques. Só que agora os livros didáticos vão circular mais facilmente pelos países lusófonos e se tornam instrumento mais potente para o fim do analfabetismo. Os autores vão se adaptar facilmente. [...]"

Luísa Coelho, filha de portugueses nascida em Angola, onde ainda mora e é professora de literatura, concorda com Neto. "Sou a favor do acordo ortográfico, é importante para o português firmar uma posição no mundo. As alterações são meramente ortográficas. Do ponto de vista do léxico, da criatividade que normalmente se associa

a uma identidade cultural e linguística as coisas vão permanecer como estão. Os escritores têm toda liberdade, apesar da unificação da língua, de fazer sua arte. É um inventor que pode criar palavras", explica a autora de *Kunuar*, romance de ficção cujo título é um neologismo angolano.

Fonte: FIUZA, Marcelo. O tempo. *Disponível em: <http://www.faculdademental.com.br/nossosColunistas2.php?not_id=0001952>. Acesso em: 8 out. 2010.*

Por fim, leia alguns textos contrários ao Acordo.

[...] a autora do livro *Nas tuas mãos* [Inês Pedrosa] defende que o novo sistema ortográfico é "um acordo em desacordo", além de "falso" e "pirata". A escritora portuguesa criticou ainda mobilização em torno da concepção do Acordo e disse acreditar que a reforma ortográfica ainda irá causar "muita confusão".

Fonte: Folha Online. *Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u485947.shtml>. Acesso em 8 out. 2010.*

O texto do chamado Acordo sofre de inúmeras imprecisões, erros e ambiguidades – não tem condições para servir de base a qualquer proposta normativa. É inaceitável a supressão da acentuação, bem como das impropriamente chamadas consoantes "mudas" – muitas das quais se leem ou têm valor etimológico indispensável à boa compreensão das palavras. Não faz sentido o caráter facultativo que no texto do Acordo se prevê em numerosos casos, gerando-se a confusão.

Fonte: Manifesto em defesa da língua portuguesa contra o Acordo Ortográfico. Disponível em: <http://www.ipetitions.com/petition/manifestolinguaportuguesa>. Acesso em: 08 out. 2010.

Apesar de toda a polêmica, o Acordo entrou em vigor e, após um tempo de transição em que se tem podido escrever dentro das novas regras ou não, deverá ser totalmente aplicado em 2012.

TESTE SEU SABER

1. **Identifique a alternativa em que há um vocábulo cuja grafia não atende ao previsto no Acordo Ortográfico:**

   a) aguentar – tranquilidade – delinquente – arguir – averiguemos.

   b) cinquenta – aguemos – linguística – equestre – eloquentemente.

   c) apaziguei – frequência – arguição – delinquência – sequestro.

   d) averiguei – inconsequente – bilíngue – linguiça – quinquênio.

   e) sequência – redargüimos – lingueta – frequentemente – bilíngue.

2. **Identifique a alternativa em que um dos vocábulos, recebeu indevidamente acento gráfico, segundo o Acordo Ortográfico:**

   a) céu – réu – véu.

   b) chapéu – ilhéu – incréu.

   c) anéis – fiéis – réis.

   d) mói – herói – jóia.

   e) anzóis – faróis – lençóis.

3. **As sequências abaixo contêm paroxítonas que, segundo determinada regra do Acordo Ortográfico, não são acentuadas. Deduza qual é essa regra e assinale a alternativa a que ela não se aplica:**

   a) aldeia – baleia – lampreia – sereia.

   b) flavonoide – heroico – reumatoide – prosopopeia.

   c) apoia – corticoide – jiboia – tipoia.

   d) assembleia – ideia – ateia – boleia.

   e) Crimeia – Eneias – Leia – Cleia.

4. **Identifique a opção em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:**

   a) anti-higiênico – antiinflamatório – antiácido – antioxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

   b) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antiradiação– anti-social.

c) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial.

d) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial.

e) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

5. Identifique a alternativa em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:

a) miniquadro – minissubmarino – minirretrospectiva – mini-saia.

b) sub-bibliotecário – sub-humano – sub-hepático – sub-região.

c) infra-assinado – infra-estrutura – infra-hepático – infravermelho.

d) hiperácido – hiperespaço – hiper-humano – hiperrealista.

e) contra-acusação – contra-indicação – contraespionagem – contra-harmônico.

6. (Fuvest) "Você pode dar um rolê de *bike*, lapidar o estilo a bordo de um *skate*, curtir o sol tropical, levar sua gata para surfar." Considerando-se a variedade linguística que se pretendeu reproduzir nesta frase, é correto afirmar que a expressão proveniente de variedade diversa é:

a) "dar um rolê de *bike*".

b) "lapidar o estilo".

c) "a bordo de um *skate*".

d) "curtir o sol tropical".

e) "levar sua gata para surfar".

7. (Enem) Só falta o Senado aprovar o projeto de lei [sobre o uso de termos estrangeiros no Brasil] para que palavras como *shopping center*, *delivery* e *drive-through* sejam proibidas em nomes de estabelecimentos e marcas. Engajado nessa valorosa luta contra o inimigo ianque, que quer fazer área de livre comércio com nosso inculto e belo idioma, venho sugerir algumas outras medidas que serão de extrema importância para o preservação da soberania nacional, a saber:

- Nenhum cidadão carioca ou gaúcho poderá dizer "tu vai" em espaços públicos do território nacional.
- Nenhum cidadão paulista poderá dizer "Eu lhe amo" e retirar ou acrescentar o plural em sentenças como "Me vê um chopps e dois pastel".
- Nenhum dono de borracheira poderá escrever cartaz com a palavra "borracharia" e nenhum dono de banca de jornal anunciará "Vende-se cigarros".
- Nenhum livro de gramática obrigará os alunos a utilizar colocações pronominais como "casar-me-ei" ou "ver-se-ão".

(PIZA, Daniel. Uma proposta imodesta. *O Estado de São Paulo, 8 abr. 2001*)

No texto acima, o autor:

a) Mostra-se favorável ao teor da proposta por entender que a língua portuguesa deve ser protegida contra deturpações de uso.

b) Ironiza o projeto de lei ao sugerir medidas que inibam determinados usos regionais e socioculturais da língua.

c) Denuncia o desconhecimento de regras elementares de concordância verbal e nominal pelo falante brasileiro.

d) Revela-se preconceituoso em relação a certos registros linguísticos ao propor medidas que os controlem.

e) Defende o ensino rigoroso da gramática para que todos aprendam a empregar corretamente os pronomes.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Você sabia que há muitos lugares em nosso país cujos nomes provêm do tupi? As palavras a seguir, apesar de serem de origem tupi, são muito conhecidas, porém seus significados nem tanto. Leia-as para entender de onde vêm.

Goiás: da mesma raça, igual.
Grajaú: pássaro que come.
Guarujá: viveiro de guarus.
Guarulhos: dos guarus (peixes).
Ipanema: água ruim.
Jundiaí: rio dos jundiás.
Paraíba: rio com pouco peixe, rio ruim.
Paraná: rio caudaloso.
Sergipe: com olhos inquietos.
Uberaba: água cristalina.

Viu só? Tente, agora, decifrar os nomes destes outros lugares pra ver se está "craque" no tupi: Butantã, Morumbi, Ibirapuera, Anhangabaú, Tatuapé, Jabaquara.

Comentário

Veja o que significam:
Butantã: terra socada e muito dura.
Morumbi: mosca verde varejeira.
Ibirapuera: pau podre.
Anhangabaú: rio do mal, rio do feitiço.
Tatuapé: raso e sujo.
Jabaquara: refúgio dos fujões.

3 Ortografia

A língua portuguesa que falamos hoje não é exatamente a mesma que falavam nossos tataravós ou mesmo nossos avós. Ela muda, e é interessante entender esse mecanismo.

Ao lermos uma obra literária do século XIX em língua portuguesa, certamente encontraremos palavras que nos causarão estranhamento, como *soer* (sinônimo de "acontecer sempre") ou *pharmacia* ("farmácia"), já que hoje essas palavras não são mais utilizadas costumeiramente (como a primeira) ou são grafadas de outro modo (como a segunda).

Essas mudanças ocorrem porque a língua portuguesa é viva, ou seja, está ainda em utilização por falantes nativos (diferentemente das chamadas línguas mortas, como o latim, que têm gramática e vocabulário conhecidos e registrados, mas não são mais faladas por um grupo social hoje). Sendo assim, é natural que o português acabe por sofrer influências da época em que é usado, do modo como os falantes vão dele se apropriando, da presença de outras línguas, da busca de simplicidade e facilidade no uso, entre outros motivos. Tudo isso causa alterações no vocabulário e até mesmo no modo de construir frases: palavras caem em desuso, outras passam a ser utilizadas ou surgem novas etc. E há também as mudanças na forma de escrever as palavras.

No caso da grafia, ao lado da evolução natural, há também as alterações oficiais, propostas pelas instituições responsáveis pela língua de um país (no nosso caso, a Academia Brasileira de Letras), sempre na tentativa de uniformizar a

escrita e também oficializar mudanças que já sejam muito comuns e consagradas no uso cotidiano. Dessa maneira, ocorrem as chamadas *reformas ortográficas* (ver Capítulo 2), cujas alterações (*regras ortográficas*) passam a ser obrigatórias em todo o território nacional. Conhecer e entender as convenções ortográficas é fundamental para quem pretende ou precisa escrever conforme o padrão culto da língua.

Vejamos: você usaria *s* ou *z* para completar as palavras abaixo?

Comprei esta blusa em um ba__ar beneficente.

Eles pretendem se ca__ar logo.

Com certeza você completou corretamente, usando *z* para "bazar" e *s* para "casar". Porém, é indiscutível que duas letras diferentes foram utilizadas para representar o mesmo som. É principalmente por causa disso que há tanta confusão na hora de escrever, pois a correlação entre fonema (som) e letra não é única; podendo, pelo contrário, variar bastante. Observe alguns exemplos: para o mesmo fonema /z/ (zê), temos "azeite", "caseiro" ou "exercício".

Geralmente, essas diferentes correlações entre som e escrita são explicadas pela etimologia das palavras.

Etimologia é o estudo da origem das palavras. É ela que nos informa, por exemplo, que as palavras "canjica", "jiboia", "pajé" e "Moji" são de origem indígena (principalmente do tupi-guarani). Observe algumas palavras do português e suas origens:

- açougue, açúcar, xarope = árabe;
- cafuné, quitanda, muxoxo = línguas africanas;

- castanhola, maciço, quixotesco = espanhol;
- ateliê, batom, baguete = francês;
- basquete, buldogue, gol = inglês.

É interessante, muitas vezes, conhecermos a origem para saber a grafia correta (por exemplo, as palavras de origem indígena devem ser escritas com *j*, como já vimos). Por outro lado, quase nunca temos acesso a essa informação. Então como você sabia a grafia correta das palavras "bazar" e "casar"? Isso aconteceu porque você já leu e escreveu muitas vezes essas palavras, portanto já memorizou suas grafias. Nossa memória, nesses casos, é a maior ferramenta de que dispomos; por isso, leia sempre com atenção e procure lembrar as grafias.

Porém, ao lado dessa memória visual, para diminuir as dúvidas na hora de escrever corretamente, apresentaremos mais dois procedimentos:

- Conhecer algumas regras ortográficas.
- Consultar o dicionário sempre que houver dúvida.

Algumas regras ortográficas

S ou Z

a) Escrevem-se com *s* (*-ês*, *-esa*) as terminações (sufixos) que indicam nacionalidade ou origem. Exemplos:

português – portuguesa
inglês – inglesa
francês – francesa

b) Escreve-se com *s* (*-isa/-esa)* a terminação (sufixo) que indica o gênero feminino. Exemplos:

sacerdote – sacerdotisa
barão – baronesa

c) Escrevem-se com *s* (*-isar*) os verbos formados a partir de palavras que apresentam *s* na última sílaba. Exemplos:

análise – analisar
piso – pisar

d) Depois de ditongo, usa-se *s*. Exemplos:

coisa
pouso
pausa

e) Nas formas dos verbos "pôr" e "querer", emprega-se *s*. Exemplos:

pus
puseram
quis
quiseram

f) Escrevem-se com *z* (*-izar*) os verbos formados a partir de palavras que não apresentam *s* na última sílaba. Exemplos:

canal – canalizar
polêmica – polemizar

g) Escrevem-se com *z* (*-ez*,*-eza*) as terminações que se unem a adjetivos formando substantivos abstratos. Exemplos:

belo – beleza
puro – pureza
rápido – rapidez

Atenção, ainda, à grafia destas palavras:

- alisar, aliás, apesar, Ásia, atrás, coser (costurar), invés, fusível, vaso;
- azia, capuz, capaz, cozer (cozinhar), cuscuz, deslizar, fuzil, noz (fruto), vazar.

J ou G

a) Escrevem-se com *j* as palavras formadas a partir de outras que já são escritas com *j*. Exemplos:

loja – lojista
laranja – laranjinha

b) Escrevem-se com *g* as palavras que terminam em: *-ágio*, *-égio*, *-ígio*, *-ógio*, *-úgio*, *-agem*, *-igem* e *-ugem*. Exemplos:

pedágio
colégio
vestígio
relógio
refúgio
coragem
vertigem
ferrugem

Atenção à ortografia destas palavras:

- berinjela, gorjeta, jeito, jiboia, jiló, laje, majestade, pajé, sarjeta, traje, trajeto, projeto, [que eles] viajem (verbo);
- algema, angélico, bege, bugiganga, faringe, gergelim, herege, megera, monge, tangerina, vagem, vargem, [a] viagem (substantivo).

X ou CH

a) Depois de ditongo usa-se *x*. Exemplos:

ameixa
deixar
caixa

b) Depois da sílaba inicial *-en*, usa-se *x*. Exemplos:

enxoval
enxurrada
enxerido

Atenção às palavras derivadas de outras escritas com *ch*, pois são exceções: encher (cheio), encharcar (charco).
A grafia das palavras abaixo também merece atenção:

- bexiga, bruxa, caxumba, graxa, faxina, laxante, mexerica, rixa, taxa (valor), xampu, xará, xícara, xingar.
- bucha, capacho, chalé, chicória, chique, chuchu, chulé, cochichar, esguicho, flecha, mochila, piche, pichar, rachar, tacha (prego), tocha.

S, Ç ou SS

a) Verbo terminado em *-nd-* forma substantivo em *s*. Exemplos:

suspender – suspenso
pretender – pretensão
compreender – compreensão

b) Verbo terminado em *-ter* forma substantivo em *ç*. Exemplos:

deter – detenção
manter – manutenção

c) Verbo que apresenta *-ced-*, *-gred-* ou *-prim-* forma substantivo em *ss*. Exemplos:

ceder – cessão
agredir – agressão
deprimir – depressão

Palavras homônimas

Muita atenção, ainda, ao escrever certas palavras cujas pronúncias são iguais às de outras (as chamadas *homófonas*), mas com grafias e significados bem diferentes (as chamadas *homógrafas*). Veja alguns exemplos:

serrar (cortar)
cerrar (fechar)

cassar (anular)
caçar (procurar alimento)

cessão (ato de ceder)
seção (divisão)
sessão (reunião)

acender (iluminar, pôr fogo)
ascender (subir)

concerto (musical)
conserto (reparo)

acento (pronúncia ou sinal gráfico)
assento (lugar para sentar)

censo (recenseamento)
senso (juízo)

Palavras parônimas

Há também palavras parecidas na pronúncia e na grafia, mas com significados bem diferentes. Veja algumas dessas parônimas e preste muita atenção ao usá-las:

discriminar (separar, listar)
descriminar (inocentar)

ratificar (confirmar)
retificar (corrigir)

deferir (conceder)
diferir (divergir)

delatar (denunciar)
dilatar (alargar)

emigrar (sair do país de origem)
imigrar (ir morar em país estrangeiro)

emergir (vir à tona)
imergir (mergulhar)

descrição (ato de descrever)
discrição (qualidade de ser discreto)

soar (emitir som)
suar (transpirar)

comprimento (extensão)
cumprimento (saudação)

Acentuação gráfica

As convenções ortográficas regulam não só a grafia das palavras, mas também indicam se elas devem ou não ser acentuadas graficamente, para marcar sua tonicidade. Assim, quando uma palavra for acentuada, esse acento de tonicidade deve recair sempre e exclusivamente na sua sílaba tônica (aquela pronunciada mais fortemente). E há, na língua portuguesa, dois sinais que marcam a tonicidade: o acento agudo (´) e o acento circunflexo (^): o primeiro indica sons abertos e o segundo, sons fechados.

Vejamos, então, as regras que norteiam a acentuação gráfica na nossa língua.

Regras gerais

a) *Monossílabas tônicas* são acentuadas apenas quando terminam em *a*, *e* ou *o*, seguidos ou não de *s*. Exemplos: já, pé, só, pós, rês.

Obs.: Monossílabas tônicas são as palavras que possuem apenas uma sílaba e são pronunciadas com maior "intensidade" (exemplos: voz, giz, já, pôs).

b) *Oxítonas* (palavras cuja sílaba tônica é a última) são acentuadas apenas quando terminam em: *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em* ou *ens*. Exemplos: sofá, você, cipó, também, parabéns.

c) *Paroxítonas* (palavras cuja sílaba tônica é a penúltima) são acentuadas quando terminam em: *r*, *l*, *n*, *x*, *i*, *us*, *os*, *um*, *uns*, *ã(s)*, *ão(s)*, *ps* e ditongo crescente (semivogal + vogal). Exemplos: caráter, túnel, hífen, tórax, júri, tênis, bônus, bíceps, álbum, álbuns, órfão, paciência.

d) *Proparoxítonas* (palavras cuja sílaba tônica é a antepenúltima) são sempre todas acentuadas. Exemplos: âncora, oxítona, matemática.

e) *Hiatos* são acentuados quando a segunda vogal é *i* ou *u*, seguida ou não pela letra *s*. Exemplo: raízes, egoísmo, saúde, Jundiaí.

Obs: Não serão acentuados se:

- em palavras paroxítonas, vierem precedidos por ditongo, como em feiura e baiuca;
- vierem seguidos de *nh*, como em rainha e bainha.

f) Ditongos *ei*, *oi* e *eu* são acentuados apenas em palavras monossílabas ou oxítonas. Exemplos: céu, véus, anzóis, girassóis.

Após o último acordo ortográfico:

- não se acentuam mais as primeiras vogais dos hiatos *oo* e *ee*, em palavras como veem, voo, leem, magoo etc.;
- não se usam mais alguns acentos chamados diferenciais, como em:

para (verbo)
para (preposição)

pelo (substantivo)
pelo (verbo)
pelo (preposição + artigo), entre outros.

- continua sendo usado o acento diferencial em palavras como:

pôde (passado de *poder*)
pode (presente de *poder*)

pôr (verbo)
por (preposição)

(eles) têm (plural)
(ele) tem (singular) (isso ocorre também com o verbo vir e com todos os derivados de *ter* e *vir*, como *reter*, *deter*, *manter*, *convir*, *intervir* etc.

Algumas outras questões da língua escrita

Mesmo com essas regras de ortografia e acentuação gráfica, há algumas ocorrências da língua que sempre causam dúvida. Verifique-as a seguir e nunca mais se engane ao usar tais palavras e expressões.

Uso de *porque*, *por que*, *porquê* e *por quê*

Porque

Em frases não interrogativas e em respostas. Exemplos:

Faltei à aula porque fiquei doente.

Trouxe um casaco porque esfriou.

Por que

a) Em perguntas diretas (com ponto de interrogação) ou indiretas, no início ou no meio da frase. Exemplos:

Por que você não compareceu à aula?

Gostaria de saber por que você não compareceu à aula.

b) Quando é possível substituir por *pelo qual* (e variações). Exemplos:

A rua por que (pela qual) passamos é iluminada.

As dificuldades por que (pelas quais) passou fizeram-no amadurecer.

Porquê

Essa forma tem valor de substantivo; portanto, vem sempre acompanhada de artigo ou pronome e pode apresentar-se no plural. Exemplos:

Não sabíamos o porquê de sua ausência.

É preciso alguns porquês para tamanho desinteresse.

Por quê

Em perguntas diretas ou indiretas, mas apenas em final de frase ou sozinho. Exemplos:

Você faltou à aula por quê?

Por quê? Ué, porque fui ao cinema...

Ele faltou, mas nunca saberemos por quê.

Uso de *há* e *a*

Há (3ª pessoa do singular, presente, do verbo *haver*)

a) Indica tempo já transcorrido, já passado (nunca se usa no plural e pode ser substituído pelo verbo *fazer*). Exemplos:

Não nos falamos há um mês.
O trem partiu há 10 minutos.

b) Equivalente ao verbo *existir* (nunca se usa no plural). Exemplo:

Há aqui cerca de trezentas pessoas.

A

Nesse caso, como preposição, indica tempo futuro, a transcorrer, e distância. (Não é possível substituí-la, nesses casos, pelo verbo *fazer* ou *existir*.) Exemplos:

Partiremos daqui a duas horas.
Moramos a dois quarteirões daqui.

Uso de *mau* e *mal*

Mau

Forma adjetiva antônima de *bom*. Exemplos:

Ele era um homem muito mau.
Os discursos de formatura estavam maus.

Mal

Advérbio ou substantivo antônimo de *bem*. Pode ser, ainda, uma conjunção (possível de ser substituída por *nem bem*). Exemplos:

Fui mal na prova.

O mal está sempre presente.
Mal ele saiu, começaram as fofocas.

Uso de *mas* e *mais*

Mas

Conjunção coordenativa sinônima de *porém*. Exemplos:

Entendi, mas não aceitei.
Fui à feira, mas não comprei frutas.

Mais

Advérbio que indica intensidade, antônimo de *menos*. Exemplos:

Hoje sou mais feliz.
Quero mais aplausos.

Uso de *onde* e *aonde*

Onde

Emprega-se esta forma em situações referentes a um lugar (espaço), com verbos de sentido estático que não regem a preposição *a*. Exemplos:

Onde você está?
Marcamos onde nos vimos pela primeira vez.

Aonde

Emprega-se esta forma em situações referentes a um lugar (espaço), com verbos que expressam movimento e que regem a preposição *a*. Exemplos:

Você vai aonde?
Aonde você quer chegar com isso?

Uso de a *fim de* e *afim*

A fim de

Emprega-se esta forma para expressar finalidade; é equivalente a *para*. Exemplos:

Ele saiu a fim de encontrar um emprego.

João está a fim da Mariazinha. (expressão coloquial)

Afim/afins

A palavra *afim* é um adjetivo (por isso flexiona-se em número: *afins*) e significa *semelhante*, *que tem afinidade*. Exemplo:

Trata-se de uma ideia afim.

Uso de ao *encontro* de e *de encontro a*

Ao encontro de

Esta locução significa *ir a favor*, *ir à direção de*. Exemplo:

Essa atitude vai ao encontro das metas da empresa. Parabéns!

De encontro a

Em oposição, esta locução significa *ir contra*, *entrar em choque com*. Exemplo:

Essa atitude vai de encontro às metas da empresa. Você está demitido.

Uso de *nenhum* e *nem um*

Nenhum

É um pronome indefinido, antônimo de *algum*. Exemplo:

Nenhum aluno tirou nota zero.

Nem um

Equivale a *nem um só*, *nem um sequer*. Exemplo:

Nem um dia inteiro será suficiente para limpar esta casa.

Teste seu saber

1. **Assim como a palavra *fiscalizar*, grafam-se:**

   a) Ridicularizar, conscientizar, racionalizar, desuzar, escandalizar.

   b) Catequizar, suavizar, revizar, batizar, realizar.

   c) Entronizar, exorcizar, pressurizar, vulgarizar, lambuzar.

   d) Estabilizar, paralizar, aclimatizar, amenizar, matizar.

   e) Avizar, utilizar, radicalizar, universalizar, organizar.

2. **Um dos conjuntos abaixo apresenta todas as palavras de acordo com as regras ortográficas da língua portuguesa padrão. Assinale-o.**

   a) Nasceu – cresceu – falesceu – ascendeu.

   b) Pensar – dansar – cansar – alcançar.

   c) Marginal – agente – lojista – garagista.

   d) Freguês – prezado – atrazo – pesquisa.

3. **Aponte a alternativa que completa corretamente a frase.**

   O grande _____ da _____ é que ela não foi orientada pelo bom- _____ .

   a) Mau – discussão – senso.

   b) Mau – discussão – censo.

   c) Mal – discução – senço.

   d) Mal – discussão – senso.

   e) Mau – discução – censo.

4. **Identifique a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.**

   _____ de criticada, a atitude do aluno agradou a muitos, pela _____ e _____ .

   a) Apezar – espontaniedade – discreção.

   b) Apesar – espontaneidade – discrição.

   c) Apezar – espontaniadade – discreção.

   d) Apesar – expontaniedade – discrição.

   e) Apezar – espontaniedade – discrição.

5. **Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.**

   a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, auto-falante.

   b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficente.

   c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.

   d) Sicrano, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.

   e) Eletricista, pretensão, ascenção, celebral, prazeiroso.

6. **Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases.**

   Estamos chegando. São Paulo fica _____ apenas 50 quilômetros daqui.

   O governo federal vai realizar o _____ da população.

   No início do século, muitos italianos _____ para o Brasil.

   João é muito _____-educado.

   a) a – censo – imigraram – mal.

   b) à – censo – emigraram – mau.

   c) há – senso – imigraram – mau.

   d) a – senso – emigraram – mal.

   e) à – senso – imigraram – mau.

7. **A palavra *porque* deveria ser grafada separadamente na alternativa:**

a) Não se preocupe com o futuro porque os jovens têm energia para resolver o problema.

b) O Brasil será enriquecido [...] porque terá o maior contingente de jovens de sua história.

c) Alguns questionam porque o futuro é encarado com pessimismo por muitos.

d) Acredite nos jovens porque eles contribuirão para o progresso do Brasil.

e) Muitos problemas serão resolvidos porque os jovens estarão preparados para isso.

8. **Assinale a alternativa em que ocorre erro.**

a) Sei por que razões ele se indispõe comigo.

b) Ele saiu porque estava aqui há muito tempo.

c) Não aguenta mais isso porque é demais?

d) Foi a mais de dois quilômetros que o avisei.

e) Além de ser mal sujeito, é mal-humorado.

9. **Identifique a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases.**

Jorge Ossani explicou para Moacyr Scliar _____ os pivetes roubam: praticam crimes _____ gostam dos mesmos alimentos e brinquedos que as outras crianças. Entretanto, nem todos concordam com esse _____ da delinquência juvenil. _____ será que muitas crianças se transformam em pivetes?

a) porque – por que – porquê – porque.

b) por que – porque – porque – porque.

c) por que – por que – porque – porque.

d) porque – porque – porquê – porque.

e) por que – porque – porquê – por que.

10. **Marque a opção em que todas as palavras estão grafadas corretamente:**

a) enxotar – trouxa – chícara.

b) berinjela – jiló – gipe.

c) passos – discussão – arremesso.

d) certeza – empresa – defeza.

e) nervoso – desafio – atravez.

11. A alternativa que apresenta erro(s) de ortografia é:

a) O experto disse que fora óleo em excesso.

b) O assessor chegou à exaustão.

c) A fartura e a escassez são problemáticas.

d) Assintosamente apareceu enxarcado na sala.

e) Aceso o fogo, uma labareda ascendeu ao céu.

12. Assinale a opção em que a palavra está incorretamente grafada.

a) duquesa.

b) magestade.

c) gorjeta.

d) francês.

e) estupidez.

13. Dos pares de palavras abaixo, aquele em que a segunda não se escreve com a mesma letra sublinhada na primeira é:

a) ve<u>z</u> / reve___ar.

b) propô<u>s</u> / pu__ eram.

c) atrá<u>s</u> / retra __ ado.

d) cafe<u>z</u>inho/ blu __ inha.

e) esva<u>z</u>iar / a___ ul.

14. Indique o item em que todas as palavras devem ser preenchidas com *x*.

a) pran__a / en__er / __adrez.

b) fei__e / pi__ar / bre__a.

c) __utar / frou__o / mo__ila.

d) fle__a / en__arcar / li__ar.

e) me__erico / en__ame / bru__a.

15. **Todas as palavras estão com a grafia correta, exceto:**

a) dejeto.

b) ogeriza.

c) vadear.

d) iminente.

e) vadiar.

16. **A alternativa que apresenta palavra grafada incorretamente é:**

a) fixação – rendição – paralisação.

b) exceção – discussão – concessão.

c) seção – admissão – distensão.

d) presunção – compreensão – submissão.

e) cessão – cassação – excurção.

17. **Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.**

a) analizar – economizar – civilizar.

b) receoso – prazeirosamente – silvícola.

c) tábua – previlégio – marquês.

d) pretencioso – hérnia – majestade.

e) flecha – jeito – ojeriza.

18. **Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.**

a) atrasado – princesa – paralisia.

b) poleiro – pagem – descrição.

c) criação – disenteria – impecilho.

d) enxergar – passeiar – pesquisar.

e) batizar – sintetizar – sintonisar.

19. **Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.**

a) tijela – oscilação – ascenção.

b) richa – bruxa – bucha.

c) berinjela – lage – majestade.

d) enxada – mixto – bexiga.

e) gasolina – vaso – esplêndido.

20. **Marque a única palavra que se escreve sem o *h*.**

a) omeopatia.

b) umidade.

c) umor.

d) erdeiro.

e) iena.

21. **Complete as lacunas usando adequadamente *mas* / *mais* / *mal* / *mau*: "Pedro e João ____ entraram em casa e perceberam que as coisas não iam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."**

a) mau – mal – mais – mas.

b) mal – mal – mais – mais.

c) mal – mau – mas – mais.

d) mal – mau – mas – mas.

e) mau – mau – mas – mais.

22. **(IBGE) Assinale a opção cuja palavra destacada não deve ser acentuada:**

a) Todo ensino deveria ser gratuito.

b) Não ves que eu não tenho tempo?

c) É difícil lidar com pessoas sem carater.

d) Saberias dizer o conteudo da carta?

e) Eles não creem no que você contou.

23. **(IBGE) Assinale a opção que contém três palavras, dentre as cinco sublinhadas, que devem receber acento gráfico.**

a) Eles tem de, sozinhos, aparar o pelo do animal e prepara-lo para a exposiçao.

b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.

c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.

d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.

e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

24. **(EPCAR) Assinale a série em que todos os vocábulos devem receber acento gráfico.**

a) Troia, item, Venus.

b) hifen, estrategia, albuns.

c) apoio (subst.), reune, faisca.

d) nivel, orgão, tupi.

e) pode (pret. perf.), obte-las, tabu.

25. **(BB) Assinale a alternativa que contém a palavra escrita corretamente.**

a) eclípse.

b) saída.

c) juíz.

d) agôsto.

e) intúito.

26. **(BB) "Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões".** Nessa frase **faltam:**

a) 5 acentos.

b) 4 acentos.

c) 3 acentos.

d) 2 acentos.

e) 1 acento.

27. (BB) Assinale o monossílabo tônico.

a) o
b) lhe
c) e
d) luz
e) com

28. (BB) Leva acento:

a) pêso.
b) pôde.
c) êste.
d) tôda.
e) cêdo.

29. (BB) Não leva acento:

a) atrai-la.
b) supo-la.
c) conduzi-la.
d) vende-la.
e) revista-la.

30. (BB) A palavra *noite* contém um:

a) hiato.
b) ditongo.
c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

31. (UFPR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos.

a) paletó, avô, pajé, café, jiló.
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis.
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua.
d) amém, amável, filó, porém, além.
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó.

32. **(ITA) Dadas as palavras:**
1. tung-stê-nio 2. bis-a-vô 3. du-e-lo,
constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra nº 1.

b) apenas na palavra nº 2.

c) apenas na palavra nº 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

33. **(OSEC-Adaptado) O plural de *tem, dê, vê* é, respectivamente:**

a) têm, deem, vem.

b) tem, deem, veem.

c) têm, deem, veem.

d) teem, deem, vem.

e) teem, deem, veem.

34. **(FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:**
I - Cada qual faz como melhor lhe ____ .
II - O que ____ estes frascos?
III - Nestes momentos os teóricos ____ os conceitos.
IV - Eles ____ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.

b) convém, contém, revêem, provém.

c) convém, contém, revêm, provém.

d) convêm, contém, revêem, provêem.

e) convêm, contêm, revêem, provêem.

35. **(CESCEM) Sob um ____ de nuvens, atracou no ____ o navio que trazia o ____ .**

a) veu, porto, heroi.

b) veu, pôrto, herói.

c) véu, pôrto, herói.

d) véu, porto, heroi.

e) véu, porto, herói.

36. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

a) pés, hóspedes.

b) sulfúrea, distância.

c) fosforescência, provém.

d) últimos, terrível.

e) satânico, porém.

37. (Santa Casa) As palavras *após* e *órgãos* são acentuadas por serem, respectivamente:

a) paroxítona terminada em *s* e proparoxítona.

b) oxítona terminada em *o* e paroxítona terminada em ditongo.

c) proparoxítona e paroxítona terminada em *s*.

d) monossílabo tônico e oxítona terminada em *o*, seguida de *s*.

e) proparoxítona e proparoxítona.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia em voz alta os trechos abaixo:

Larga a tia, largatixa!
Lagartixa, larga a tia!
Só no dia em que sua tia
Chamar largatixa
de lagartinha!

A aranha arranha a rã.
A rã arranha a aranha.
Nem a aranha arranha a rã.
Nem a rã arranha a aranha.

Comentário

Você conseguiu ler sem tropeçar nas palavras nem gaguejar? Leu devagar ou rápido? Se não conseguiu, não fique desapontado, pois muita gente não consegue. A intenção é esta: complicar a pronúncia de palavras aparentemente simples. Isso se chama *trava-línguas*. Os trava-línguas brincam com o som, a forma gráfica e o significado das palavras. O grande desafio é recitá-los sem tropeços na pronúncia das palavras.

4 Crase

I. Desenhar a francesa. Desenhar à francesa.

II. Cheirar a gasolina foi ruim. Cheirar à gasolina foi ruim.

III. Chegou a noite. Chegou à noite.

A única diferença entre as duas frases de cada par acima é um pequeno sinal (um acento grave [`]) no *a*. Parece pouco? Não parece importante? Pois esse pequeno sinal está, na verdade, assinalando um fenômeno linguístico de extrema importância para a clareza na língua: a ocorrência de crase. E sua ausência ou presença não resulta apenas em um possível erro, mas em ambiguidade ou falta de clareza.

Vejamos a diferença de sentido que percebemos entre os pares:

I. Desenhar **a** francesa. = Retratar uma mulher nascida na França.

Desenhar **à** francesa. = Fazer desenhos de acordo com o jeito francês.

II. Cheirar **a** gasolina foi ruim. = Aspirar, sentir o cheiro do combustível.

Cheirar **à** gasolina foi ruim. = Exalar o mesmo cheiro do combustível.

III. Chegou **a** noite. = Anoiteceu.

Chegou **à** noite. = Alguém/algo chegou quando já era noite.

Como se vê, não é tão pouca coisa assim; nas próprias orações acima, muita confusão de sentidos poderia ocorrer, se desconhecemos o uso da crase. Então, atenção a ela.

A crase de que falamos é a união, a fusão de dois sons iguais. Nos casos descritos, nas segundas orações de cada par, é a fusão da preposição *a*, requerida pelos verbos *desenhar*, *cheirar* e *chegar*, com o artigo definido feminino *a*, aceito pelas palavras femininas *francesa*, *gasolina* e *noite*. Para que não precisemos escrever duas vezes as letras que representam os sons iguais (*aa*), escreve-se uma só e mostra-se que existem as duas, fundidas numa só, através do acento grave (*à*).

Fica claro, então, que não dá para desconsiderar essa ocorrência, embora muitas pessoas se embaralhem um pouco (ou muito) com seu uso. Até escritores reconhecidos "brincam" com essa dificuldade dos brasileiros:

> "A crase não foi feita para humilhar ninguém". Esse aforismo que escrevi em 1955 ganhou popularidade. [...] Mas a verdade é que certo dia me vi induzido a escrever uma série de aforismos sobre a crase, esse grave problema ortográfico e existencial que boa parte dos escritores, jornalistas e escrevinhadoras em geral não conseguem resolver. A crase tornou-se assim um pesadelo nacional.
>
> *Fonte: GULLAR, Ferreira.* A estranha vida banal. *1989. Disponível em: <http://www.mail-archive.com/policia-livre@grupos.com.br/msg06833.html>. Acesso em: 11 out. 2010.*

> Alguém já disse que a crase não foi feita para humilhar ninguém. Tenho minhas dúvidas: acho que a crase foi feita, sim, para humilhar. A população brasileira se divide em pobres e ricos, mas também se

divide em dois grupos, os que sabem usar a crase, a minoria, e a maioria que tem um medo existencial a este sinal.

Fonte: SCLIAR, Moacyr. Tropeçando nos acentos. *Disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/antologia.php?rid=367>. Acesso em 11 out. 2010.*

Podemos dizer que estamos bem acompanhados nas dúvidas e até nas implicâncias com a crase, mas também vimos, pelas orações dadas no início, que ela é absolutamente necessária. Então, vamos ver como e quando ocorre.

As funções do *a*

Na nossa língua, hoje, a crase ocorre sempre com a presença do *a*. Então, para compreendermos o correto uso do sinal de crase, é preciso saber as diferentes classificações da palavra *a*. Ela pode ser:

1. Artigo definido feminino.
   a) Ocorre antes de substantivo feminino, determinando-o.
   b) Concorda com esse substantivo, a que se refere.
   c) Flexiona-se em gênero (há também o masculino *o*) e número (no plural *os/as*). Exemplos:
   Comprei a casa e as terras em torno dela.
   (Comprei o apartamento e os terrenos em frente.)

2. Preposição *a*.
   a) Ocorre, geralmente, depois de verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio porque tais palavras a exigem (às vezes, pode ser substituída por *para*).

b) É invariável; portanto, não muda de acordo com a palavra que vem depois dela. Exemplos:
Ele foi a várias festas e, por fim, a uma *rave*.
Ele foi a vários eventos e, por fim, a um congresso.
Ela é útil a todos, por isso sempre vota favoravelmente a tudo.

3. Pronome pessoal oblíquo *a*.

a) Ocorre ligado a verbo, substituindo um substantivo.

b) Admite plural e, no cotidiano, é comumente trocado por *ela(s)*.

c) Possui flexão de gênero, ocorrendo a forma *o(s)*. Exemplo:
Conheço aquela cidade, visitei-a nas férias.

4. Pronome demonstrativo *a*.

a) Ocorre, geralmente, antes de *que* e *de*.
b) Substitui-se por *aquela(s)*.
c) Apresenta flexão de gênero e número, ocorrendo também nas formas *o* e *os/as*. Exemplo:
A casa que comprei não foi esta, e sim a que fica em frente.

Agora, a crase

Sabendo as várias funções que o *a* pode assumir na língua, podemos reconhecer mais facilmente a crase. Como dissemos, para ela ocorrer, é necessária a existência de dois sons (e letras) *a*: então, ela é a contração, ou fusão:

1. da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*. Exemplo:
Ontem assistimos à peça de Nelson Rodrigues. (assistir *a* + *a* peça)

2. da preposição *a* com o pronome demonstrativo *a(s)*. Exemplo:

   Esta peça não... Vamos assistir à que está no Teatro Popular! (assistir *a* + *a* que...)

3. da preposição *a* com o *a* inicial dos pronomes demonstrativos *aquela(s)*, *aquele(s)*, *aquilo*. Exemplo:
   Você se refere àquilo que eu disse pra ela? (referir-se *a* + aquilo)

4. da preposição *a* com o *a* dos pronomes relativos *a qual/ as quais*. Exemplo:
   Esta é a empresa à qual me referi ontem. (referir-se *a* + *a* qual)

Regras da crase

Usa-se sinal de crase:

a) Antes de substantivo feminino. Exemplo:
   Gustavo foi à praia.

Dica de uso: troque o substantivo feminino por um masculino. Se aparecer *ao* antes do masculino, então ocorrerá crase antes do feminino. Exemplo:

A menina foi ao cinema. → A menina foi à praia.
Ela quer o doce. → Ela quer a bala.

b) Antes de nome próprio de lugar que aceite artigo definido feminino. Exemplo:
   Fui à Bahia, à França e à Itália. Agora vou a Curitiba.

Dica de uso: troque a preposição *a* por *de*, usando o verbo *voltar*. Se virar *da*, então há crase; se virar apenas *de*, não há crase. Exemplos:

Fui à Bahia. (Voltei da Bahia.)

Fui a Curitiba. (Voltei de Curitiba.)

c) Antes de numerais que indicam horas. Exemplos:
Cheguei às 10 horas.
Sairemos à uma hora.

d) Antes de locuções adverbiais femininas, como *à noite*, *às vezes*, *à esquerda*, *à toa*... Exemplos:
À noite, não ficaremos à toa.

e) Antes de locuções femininas, prepositivas e conjuntivas, como *à exceção de*, *à beira de*, *à medida que*, *à proporção que*. Exemplos:
À exceção de José, todos trabalhavam no clube.
À medida que nos aproximamos, ele latiu mais forte.

f) Antes das locuções *à moda de* ou *à maneira de*, mesmo quando estiverem apenas subentendidas. Exemplos:
Escrevia à Machado de Assis. (à maneira de Machado)
Vestia-se à francesa. (à moda da França)

Não se usa sinal de crase:

a) Antes de palavras masculinas. Exemplos:
Iremos a cavalo ou a pé?

b) Antes de verbos. Exemplos:
Preços a partir de um real.
Prefiro ficar com sede a beber refrigerante quente.

c) Antes da maioria dos pronomes, como *alguém*, *algo*, *nenhum(a)*, *você*, *ele/ela*, *que*, *quem* e *cujo(a)* etc. Exemplos:
Referiu-se a ela, mas entregou a nós o convite.

A você disse alguma coisa?
Esta é a empresa a que me referi ontem.

d) Nas expressões formadas por palavras femininas repetidas. Exemplo:
Espero que fiquemos frente a frente, para ele me dizer cara a cara que não quer mais nosso namoro.

e) Antes de um nome feminino plural, quando o *a* estiver no singular. Exemplos:
Não vou a festas diariamente.
Entregamos flores a conferencistas.

f) Antes de palavra empregada genericamente. Exemplo:
Não se referiu a criança alguma.

g) Quando a preposição *a* significa *até*. Exemplo:
De 20 a 30 de maio, trabalharei de segunda a sexta-feira.

h) Diante de artigo indefinido. Exemplo:
Entreguei o livro a uma aluna do 6º ano.

i) Diante da palavra *casa*, no sentido do próprio lar e sem estar especificada por nenhuma outra palavra. Exemplo:
Voltamos a casa muito cedo. (Mas: Voltei à casa da minha infância.)

j) Diante da palavra *terra*, quando estiver em oposição a *bordo* e sem estar especificada. Exemplo:
Os viajantes do cruzeiro desceram a terra para fazer compras. (Mas: Os viajantes do cruzeiro desceram à terra dos ingleses para fazer compras.)

Pode-se ou não usar a crase facultativa:

a) Antes de pronomes possessivos femininos. Exemplos:
Refiro-me a minha amiga.
Refiro-me à minha amiga.

b) Antes de nomes próprios femininos de pessoas. Exemplos:
Ofereci um presente a Sofia.
Ofereci um presente à Sofia.

c) Depois de *até*. Exemplos:
Irei até a cidade.
Irei até à cidade.

Casos especiais

a) Diante de expressões adverbiais de instrumento, há autores que empregam e autores que não empregam o sinal de crase. Na verdade, nesses casos, devemos usá-la quando houver possibilidade de ambiguidade. Vejamos os exemplos:

O carro? Pintou à máquina ontem.
O carro? Pintou a máquina ontem.

Aqui a oração sem sinal de crase pode sugerir: usou-se uma máquina para pintar o carro ou o carro é considerado uma máquina? O sinal de crase pode definir qual sentido se deseja.

A polícia receberá à bala.
A polícia receberá a bala.

Aqui a oração sem sinal de crase pode sugerir duplo sentido: a polícia atirará ou será atingida por armas de

fogo? A diferença é grande, e o uso do sinal de crase pode resolver o problema.

Desenhou à caneta.
Desenhou a caneta.

Aqui também a oração sem crase pode sugerir duplo sentido: usou a caneta para desenhar ou fez o desenho de uma caneta? Nesses casos, o uso do sinal de crase é necessário para desfazer a ambiguidade.

b) Antes da expressão adverbial feminina "a distância" não se usa crase, pela regra mais tradicional, se ela não estiver definida numericamente. Exemplos:

Ficou a distância, observando a moça.
Ficou à distância de uns dois metros, observando a moça.

Porém, há autores que sempre sinalizam a crase nessa expressão, para evitar possíveis ambiguidades. Vejamos:

O sentinela vigia a distância.
O sentinela vigia à distância.

Pela regra tradicional, estaria correta apenas a primeira oração. No entanto, pode-se entendê-la de duas maneiras:

O sentinela faz a vigia de longe.
O sentinela vigia a própria distância, a paisagem mais distante dali.

O uso do sinal desfaria o duplo sentido, dependendo da intenção do emissor.

Não enxergo bem a distância.
Não enxergo bem à distância.

Novamente estaria correta apenas a primeira oração. Porém, ela pode produzir dois sentidos:

Eu, estando longe, não enxergo.
Não consigo saber quanto algo está longe, qual é a medida da distância.

O uso da crase resolveria o problema.

Assim, tem-se aceitado o uso do sinal de crase nessa expressão para desfazer possível ambiguidade. Até mesmo alguns dicionários já registram esse uso.

Clareza e intuição

Bem, para usar o acento grave, recorra também à sua intuição de falante da língua, além de conhecer bem as regras que vimos acima. Busque sempre a clareza e a precisão da informação.

Afinal, como já dissemos, o assunto causa tanta preocupação (para você, agora, certamente não causa mais) que, em 2005, o deputado João Herrmann Neto propôs abolir esse acento do português do Brasil por meio do projeto de lei n. 5.154, pois o considerava "sinal obsoleto, que o povo já fez morrer". Muito criticado, na ocasião, por gramáticos e linguistas, Herrmann Neto logo desistiu do projeto.

Teste seu saber

1. Indique a alternativa que completa corretamente a frase.

   Estou _____ espera de uma certa pessoa, _____ quem poderei pedir informações _____ respeito deste processo.

   a) à – à – a.

   b) a – à – à.

c) à – a – à.

d) à – a – a.

e) a – a – à.

2. **Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.**
O aviso dizia que _____ ninguém seria permitido o acesso _____ dependências do estádio, _____ não ser com expressa autorização da equipe de segurança.

a) a – as – a.

b) a – às – a.

c) à – as – à.

d) à – às – à.

e) à – às – a.

3. **Assinale a alternativa em que haveria acento grave, indicador de crase.**

a) Simão Bacamarte preferiu a ciência ao conforto dos amigos.

b) Os amigos pediram a ele que reconsiderasse.

c) Simão Bacamarte obedeceu a voz da razão.

4. **Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto a seguir.**
Não dedicamos este trabalho _____ uma pessoa, mas _____ todas que nele encontrem soluções. Nossos leitores são _____ recompensa maior. _____ que se lançarem _____ releitura descobrirão muito mais _____ cada página.
Assinale a alternativa em que os acentos indicativos de crase aparecem empregados corretamente.

a) à – à – a – Àqueles – à – à.

b) a – à – a – Àqueles – a – à.

c) a – a – a – Àqueles – à – a.

d) a – a – a – Aqueles – à – a.

e) à – à – a – Aqueles – à – a.

5. **A frase em que o acento grave indica incorretamente a ocorrência de crase é:**

a) O século que chega à seus últimos anos presenciou fatos assustadores.

b) Da energia eólica a humanidade passou, paulatinamente, às outras formas de energia hoje conhecidas.

c) À beira do século XXI, o homem vive a angústia gerada por suas próprias conquistas.

d) O desconhecimento do processo total do trabalho permite que o indivíduo produza, à sua revelia, coisas indesejáveis.

e) Deve-se à aceleração tecnológica e científica muito do que se entende como progresso, mas paga-se por ela um alto preço.

6. **Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase.**

Pedimos ajuda _____ todos, principalmente _____ quem já terminou tudo _____ tempo de entrar na pauta da próxima reunião.

a) à – à – à.

b) a – a – à.

c) à – a – à.

d) a – à – à.

e) a – a – a.

7. **Preencha as lacunas com *a*, *à* ou *há* e marque a alternativa adequada.**

Às vezes, algumas moças levam _____ cabeça tabuleiros.
Quando eu _____ vi, intacta, no mesmo lugar, fiquei tranquilo.
Nos dias perfeitos, não _____ relógios marcando horas diferentes.
Se a menina continuar _____ irritar os espectadores, alguém irá reclamar.

a) à – a – a – há.

b) a – a – à – há

c) a – à – há – a.

d) há – à – a – a.

e) à – a – há – a.

8. **Escolha a alternativa que completa corretamente a frase.**

Marta acaba de receber _____ visita do professor de artes cênicas, que _____ convidou para assistirem _____ peça teatral, em exibição _____ uma semana, _____ poucos metros de sua casa.

a) a – à – à – a – há.

b) a – a – à – há – a.

c) a – a – à – à – a.

d) à – a – a – há – à.

e) a – a – à – a – a.

9. **Em quais das alternativas o uso do acento indicativo de crase é facultativo?**

a) Minhas ideias são semelhantes às suas.

b) Ele tem um estilo à Eça de Queiroz

c) Dei um presente à Mariana.

d) Fizemos alusão à mesma teoria.

e) Cortou o cabelo à Gal Costa.

10. **O pobre fica _____ meditar, _____ tarde, indiferente _____ que acontece ao seu redor.**

a) à – a – aquilo.

b) a – a – àquilo.

c) a – à – àquilo.

d) à – à – aquilo.

e) à – à – àquilo.

11. **A casa fica _____ direita de quem sobe a rua, _____ duas quadras da Avenida Central.**

a) à – há.

b) a – à.

c) a – há.

d) à – a.

e) à – à.

12. **O grupo obedece _____ comando de um pernambucano, radicado _____ tempos em São Paulo, e se exibe diariamente _____ hora do almoço.**

a) o – à – a.

b) ao – há – à.

c) ao – a – a.

d) o – há – a.

e) o – a – a.

13. **Nesta oportunidade, volto _____ referir-me _____ problemas já expostos _____ V. Sª ___ alguns dias.**

a) à – àqueles – a – há.

b) a – àqueles – a – há.

c) a – aqueles – à – a.

d) à – àqueles – a – a.

e) a – aqueles – à – há.

14. **Assinale a frase gramaticalmente correta.**

a) O Papa caminhava à passo firme.

b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.

c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.

d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.

e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

15. **O ministro informou que iria resistir _____ pressões contrárias _____ modificações relativas _____ aquisição da casa própria.**

a) às – àquelas – à.

b) as – aquelas – a.

c) às – àquelas – a.

d) às – aquelas – à.

e) as – àquelas – à.

16. A alusão _____ lembranças da casa materna trazia _____ tona uma vivência _____ qual já havia renunciado.

a) às – a – a.

b) as – à – há.

c) as – a – à.

d) às – à – à.

e) às – a – há.

17. Use a chave ao sair ou entrar _____ 20 horas.

a) após às.

b) após as.

c) após das.

d) após a.

e) após à.

18. _____ dias não se consegue chegar _____ nenhuma das localidades _____ que os socorros se destinam.

a) Há – à – a.

b) A – a – a.

c) À – à – a.

d) Há – a – a.

e) À – a – a.

19. Fique _____ vontade; estou _____ seu inteiro dispor para ouvir o que tem _____ dizer.

a) a – à – a.

b) à – a – a.

c) à – à – a.

d) à – à – à.

e) a – a – a.

20. No tocante _____ empresa _____ que nos propusemos _____ dois meses, nada foi possível fazer.

a) àquela – à – à.

b) aquela – a – a.

c) àquela – à – há.

d) aquela – à – à.

e) àquela – a – há.

21. Chegou-se _____ conclusão de que a escola também é importante devido _____ merenda escolar que é distribuída gratuitamente _____ todas as crianças.

a) à – à – à.

b) a – à – a.

c) a – à – à.

d) à – à – a.

e) à – a – a.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Muitas vezes uma frase pode deixar dúvidas sobre o seu sentido, porém, quando escrita, normalmente conseguimos eliminar a ambiguidade colocando somente um acento indicativo de crase, se isso for possível naquela estrutura. Leia, por exemplo, as seguintes frases e interprete-as corretamente:

O ajudante de palco correu as cortinas.
O ajudante de palco correu às cortinas.

O trabalhador pinta a mão.
O trabalhador pinta à mão.

Comentário

O significado das frases, como você percebeu, depende do uso do sinal de crase.
"O ajudante de palco correu as cortinas" significa que ele abriu ou fechou as cortinas, fazendo-as correr nos trilhos. "O ajudante de palco correu às cortinas" significa que ele seguiu em direção às cortinas.
"O trabalhador pinta a mão" significa que ele usa pincel sobre a mão, colorindo-a. "O trabalhador pinta à mão" significa que ele usa a mão (e não qualquer máquina) para segurar o pincel e pintar.

5 O sentido das palavras

8

Enrolar [De *en-*[2] + *rolo*[1] + *-ar*[2].] Verbo transitivo direto.

1. Dar a forma de rolo a; tornar roliço.
2. Embrulhar, entrouxar, empacotar.
3. Bras. pop. Lograr, enganar, tapear, engabelar.

Fonte: Dicionário Aurélio. *Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com>.*

Com base nas definições acima, retiradas de um verbete de dicionário, qual dos sentidos do verbo "enrolar" aplica-se à charge? À primeira vista, pelo tipo de trabalho, parece ser o de número 1, pois a cabeleireira está colocando rolinhos na peruca. Mas, se observarmos sua expressão, percebemos um novo sentido dado ao verbo, e aí nos remetemos à definição de número 3, de uso popular: "en-

rolar", no trabalho, é demorar a realizar as tarefas, é fazer de conta que se está trabalhando, enganar. Porém, num lugar onde se "enrola" o cabelo dos clientes, enganar fica mais fácil. Pois é justamente desse jogo de duplo sentido que se extrai o humor da piada. E o contexto, de modo geral, contribui enormemente para que possamos atribuir a uma palavra mais de um sentido.

Polissemia

Polissemia é o nome dado a esses múltiplos sentidos que uma palavra pode adquirir, dependendo do contexto e da intencionalidade do emissor.

Veja um exemplo em um conhecido poema de Drummond, publicado em 1928:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
[...]

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. *Rio de Janeiro: Record, 2001.*

No poema "No meio do caminho", Carlos Drummond de Andrade usa o termo *pedra* como sinônimo de obstáculo, de dificuldade. No entanto, temos também o sentido de um fragmento de rocha, por exemplo. À propriedade de uma palavra assumir sentidos diferentes dá-se o nome de *polissemia*.

E não é apenas da poesia ou da literatura que vive a polissemia. Na vida cotidiana, na publicidade, na religião etc., é comum sua ocorrência. Observe os exemplos:

Aquele garoto é um tremendo gato. (gato = bonito, atraente)

Meu gato adora sardinhas. (gato = animal felino)

Precisei fazer um gato para ter energia em casa hoje. (gato = ligação elétrica clandestina)

Denotação e conotação

Na verdade, a polissemia ocorre, na maioria das vezes, quando usamos palavras fora de seu sentido literal (ou *denotativo*) e criamos para elas novos sentidos, agora figurados (ou *conotativos*). No poema de Drummond, a palavra *pedra* adquiriu o sentido de dificuldade, obstáculo, conotativamente.

Vejamos o que são exatamente, então, essas propriedades das palavras e da linguagem:

1. *Denotação* é o emprego das palavras em seu sentido próprio (o dicionário sempre traz essa acepção, ou sentido denotativo). Exemplo:

   O sol brilha intensamente durante o dia. (sol = astro)

2. *Conotação* é o emprego das palavras em seu sentido figurado (adquirido em um dado contexto, sentido conotativo). Exemplos:

   Ela é o sol da minha vida. (sol = brilho, alegria, felicidade)

   O sentido denotativo é bastante utilizado na linguagem coloquial, jornalística, científica, médica etc. O sentido conotativo é bastante usado na literatura, na linguagem coloquial, na publicidade e em letras de música. (Obviamente, os dois não se excluem e se revezam numa letra de música ou poema, por exemplo).

Veja na imagem a seguir um exemplo de uso da linguagem conotativa:

9

Na ilustração, usou-se o sentido conotativo, na frase "bom para cachorro", com o objetivo de enfatizar a qualidade do xampu especial para cães. A brincadeira, num jogo polissêmico de palavras, causa efeito e chama a atenção.

As relações entre as palavras

O que é um sinônimo e qual sua importância para o estudo dos sentidos das palavras?

Na verdade, para formar o vocabulário (léxico) de uma língua, as palavras se relacionam, dialogam. E, entre outros aspectos, para entender essas relações de sentido entre elas, devemos conhecer as ligações que estabelecem entre si, ao serem usadas em um texto oral ou escrito.

Sinonímia

Sinônimos são vocábulos e expressões que equivalem em sentido, apresentando sentidos semelhantes. Exemplos:

veloz – rápido
carinhosa – meiga
mandioca – aipim – macaxeira

E, embora um dicionário, por exemplo, apresente sinônimos de palavras isoladamente, sem situá-los em orações (como nos exemplos acima), a relação de sinonímia pode também se estabelecer em um dado texto, formando palavras ou expressões sinônimas só naquele contexto. Vejamos, por exemplo, o trecho abaixo, do escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo:

> Não faltam piadas sobre hipotéticos ***extraterrenos*** e suas reações às esquisitices humanas. Tipo "o que não diria um ***marciano*** se chegasse aqui e..." Como já se sabe que Marte é um imenso terreno baldio onde não cresce nada, o proverbial ***homenzinho verde*** teria que vir de mais longe, mas sua estranheza com a Terra não seria menor. Imagine, por exemplo, um ***visitante do espaço*** olhando um mapa do Brasil e depois sendo informado de que um dos principais problemas do país é a falta de terras. ***Nosso homenzinho*** teria toda razão para rolar pelo chão gargalhando por todas as bocas.
>
> *Fonte: VERISSIMO, L. F.* Novas comédias da vida pública. *2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1997. (Grifos nossos.)*

Para não repetir sempre o mesmo termo, e para dar continuidade à história, o cronista usa expressões e palavras que são sinônimas nesse contexto; todas elas servem para designar o mesmo ser ou os mesmos seres:

Antonímia

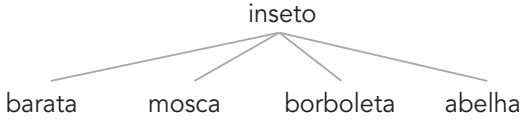
Antônimos são vocábulos de sentidos opostos. Exemplos:

claro – escuro
muito – pouco
força – fraqueza

Os antônimos estão presentes na linguagem literária, jornalística, médica, cotidiana etc.

Hiperonímia

Hiperônimos são vocábulos de significado mais abrangente, que nomeiam todo um conjunto de seres pertencentes ao mesmo universo. (Não confunda com substantivos coletivos). Exemplo:



Assim, *inseto* abrange esses e mais outros animais do mesmo universo, funcionando como um hiperônimo de todos eles e indo além da relação de sinonímia. Em um texto, poderíamos usá-lo, por exemplo, assim:

Tenho horror a baratas. Esse inseto me dá arrepios, assim como as moscas varejeiras.

Homonímia

Homônimos são vocábulos que apresentam a mesma pronúncia (homófonos) e, às vezes, também a mesma escrita (homógrafos), mas com significados diferentes. O problema ocorre quando a grafia deles difere, pois podemos facilmente

incorrer em erros; é preciso extremo cuidado (ver Capítulo 3). Exemplos:

manga (fruta) – manga (parte da roupa) → palavras homófonas e homógrafas
acento (sinal gráfico) – assento (lugar para sentar) → palavras homófonas, mas heterógrafas

Veja a seguir uma lista de alguns homônimos heterógrafos e seus significados:

Acento: sinal gráfico
Assento: lugar para sentar-se

Cela: pequeno aposento
Sela: arreio

Cessão: ato de ceder
Sessão: reunião
Seção: divisão, repartição

Cesta: utensílio para colocar coisas
Sexta: numeral ordinal
Sesta: descanso depois do almoço

Conserto: reparo
Concerto: apresentação musical

Cinto: faixa ou tira usada na cintura
Sinto: 1ª pessoa do singular do verbo *sentir*

Coser: costurar
Cozer: cozinhar

Xeque: jogada de xadrez
Cheque: ordem de pagamento

Passo: ato ou modo de andar
Paço: palácio

Paronímia

Parônimos são vocábulos muito parecidos na pronúncia e na escrita, mas com significados completamente diferentes (ver Capítulo 3). Exemplos:

Pegue o arroz na despensa. (despensa = onde se guarda mantimento)

Pedi dispensa da aula. (dispensa = licença, isenção)

Veja a seguir uma lista com alguns parônimos:

Arrear: pôr arreios
Arriar: abaixar

Comprida: longa
Cumprida: realizada

Comprimento: medida
Cumprimento: ato de cumprimentar

Delatar: denunciar
Dilatar: ampliar

Descrição: ato de descrever
Discrição: reserva

Emergir: vir à tona
Imergir: mergulhar

Emigrar: sair do país natal
Imigrar: entrar em país estrangeiro

Eminência: excelência
Iminência: proximidade de ocorrência

Recrear: divertir
Recriar: criar de novo

Soar: produzir som
Suar: verter suor

Figuras de linguagem

10

Nessa ilustração foi utilizado um recurso da língua chamado *figura de linguagem*, no caso, a *ironia*. Em verdade, como vimos antes, da mesma forma que as palavras se relacionam sob a forma de sinônimos, antônimos etc. na criação de significações, há também, na língua, construções em que se estabelecem novas relações entre os sons, os termos, as expressões, as orações, de maneira a produzir determinados efeitos, a criar valores expressivos.

Esses recursos, as figuras de linguagem, estabelecem aquilo que chamamos de *linguagem figurada* e, normalmente, fazem uso da conotação. Vamos ver algumas delas:

1. *Comparação* – ocorre quando se comparam dois elementos de universos diferentes, mas que mantêm relação de semelhança entre si. O termo que estabelece a comparação está sempre explícito (*como*, *feito*, *tal qual*, *assim como*...). Exemplo:

   O homem é bravo como uma fera.

2. *Metáfora* – é o emprego de um termo em lugar de outro com quem o primeiro mantém semelhança; é uma comparação também, mas o termo que a estabelece não vem explícito.

   E é importante observar que nem sempre os dois elementos comparados vêm expressos (é a chamada metáfora pura: veja o terceiro exemplo, referindo-se às nuvens). Esta é uma das mais importantes figuras de linguagem, usada tanto no nosso cotidiano, como nas obras literárias (e também em outras linguagens não verbais).

   O homem é uma fera.

   Seus olhos são meus faróis na escuridão...

   Algodões-doces passeiam pelo céu de maio.

3. *Catacrese* – emprego de um termo figurado, por falta de um mais específico para dar nome ao que necessita de designação. Aqui também a base é a semelhança entre os elementos relacionados. A catacrese passa a ser de uso comum, fixado de tal maneira que pouco percebemos

a presença de uma construção especial, uma linguagem figurada. Exemplos:

braço do sofá

pé da mesa

batata da perna

embarcar no avião (e não no barco)

4. *Metonímia* – é considerada, ao lado da metáfora, outra grande figura de linguagem. A metonímia relaciona dois elementos pela proximidade que eles tenham; assim, é o emprego de um termo no lugar de outro, por haver afinidade de significados. Existem metonímias de:

   a) autor pela obra. Exemplo:

      Li Fernando Pessoa na aula.

      (Foi usado o nome do autor, no lugar de sua obra; então, se diz que "tomou-se o autor pela obra".)

   b) continente pelo conteúdo. Exemplo:

      Ele comeu vários pratos no almoço.

      (Tomou-se o continente pelo seu conteúdo, ou seja, a comida contida no prato.)

   c) efeito pela causa. Exemplo:

      Tudo que conquistei foi com muito suor.

      (O suor é o efeito do trabalho.)

   d) instrumento pela pessoa que o utiliza. Exemplo:

      Ele é um bom garfo.

      (O guloso usa o garfo como instrumento.)

e) matéria pelo objeto. Exemplo:

Ganhei cristais lindos no meu casamento.
(O cristal é apenas a matéria de que se fez o objeto e não o presente em si.)

f) lugar pelo produto. Exemplo:

Ofereceu um havana às visitas.
(Tomou-se o lugar – cidade de Havana, em Cuba – pelo produto típico dali, o charuto.)

g) marca pelo produto. Exemplo:

Preciso trocar a *gilette*.
(*Gilette* é apenas a marca de uma lâmina de barbear, e não seu sinônimo.)

h) parte pelo todo. Exemplo:

Eles procuram um teto para morar.
(O teto é apenas parte do todo, que seria a casa.)

i) singular pelo plural. Exemplo:

O jovem é o futuro deste país.
(Refere-se aos jovens como um todo e não a um só indivíduo.)

j) abstrato pelo concreto. Exemplo:

A juventude é o futuro deste país.
(Tomou-se um substantivo abstrato – juventude – por um concreto – os jovens.)

5. *Perífrase* – designa um ser por uma de suas características ou por um fato que o celebrizou ou que o caracterize. Exemplo:

A cidade maravilhosa é um centro turístico muito importante.
(Usou-se um dos mais conhecidos "apelidos" do Rio de Janeiro.)

6. *Sinestesia* – consiste na mistura dos sentidos (audição, visão, olfato, paladar e tato) numa mesma expressão. Exemplo:
   Aquele olhar doce me conquistou.
   (Olhar = visão; doce = paladar.)

7. *Antítese* – associação de ideias contrárias, pelo emprego de palavras com sentidos opostos. Exemplo:
   Não haveria a luz, se não tivéssemos a escuridão.

8. *Eufemismo* – consiste em substituir uma expressão por outra menos forte, menos dura, suavizando um termo que pode ser desagradável. Exemplo:
   Ele falta com a verdade muitas vezes.
   (Para não dizer: ele é mentiroso.)

9. *Hipérbole* – é o exagero de uma expressão para realçar uma ideia. Exemplo:
   Esperei por você um século e agora estou morrendo de sede.

10. *Ironia* – dizer o contrário do que se pensa, deixando clara a intenção de crítica ou humor debochado. Exemplo:
    Bela nota! Belo zero!

11. *Prosopopeia ou personificação* – atribuição de características humanas e animais a seres inanimados. Exemplo:

    As árvores dançam ao vento feroz do inverno.

12. *Gradação* – sequência de palavras ou expressões, criando uma progressão, em sentido crescente ou decrescente. Exemplos:

    Chama, clama, grita, mas nunca se cala.

    Um grito, um gemido, um sussurro, nada lhe saía da garganta.

13. *Onomatopeia* – uso de palavras que imitam sons da natureza ou ruídos quaisquer. Exemplo:
    Toc, toc... bateram à porta.

14. *Paradoxo* – declaração aparentemente real que leva a uma contradição lógica, mostrando que, às vezes, é possível conciliar contrários para se exprimir uma verdade. Exemplo:

    "Amor é fogo que arde sem se ver." (Luís Vaz de Camões)
    Pobre menina rica... não tem quem a ame realmente.

15. *Aliteração* – é a repetição intencional de um mesmo som consonantal, a fim de reproduzirem-se sensações e sentidos, por meio da sonoridade produzida. Veja, no exemplo, como a repetição das letras *ch*, quando pronunciadas, lembram o chiado dos fogos de festas juninas:

    "Foguetes, bombas, chuvinhas, chios, chuveiros, chiando, chiando, chovendo chuvas de fogo! Chá-Bum!" (Jorge de Lima)

TESTE SEU SABER

1. **(UFPE) Assinale a alternativa em que o autor não utiliza prosopopeia.**

   a) "A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo." (Clarice Lispector)

   b) "As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem…" (Drummond)

   c) "Quando essa não palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu." (Clarice Lispector)

   d) "A poesia vai à esquina comprar jornal." (Ferreira Gullar)

   e) "Meu nome é Severino, não tenho outro de pia." (João Cabral de Melo Neto)

2. **(Fuvest) A catacrese, figura que se observa na frase "Montou a cavalo no burro bravo", ocorre em:**

   a) Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.

   b) Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.

   c) Apressadamente, todos embarcaram no trem.

   d) Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.

   e) Amanheceu, a luz tem cheiro.

3. **(Anhembi Morumbi) Leia a letra da música:**
   "A novidade veio dar à praia
   na qualidade rara de sereia
   metade um busto de uma deusa maia
   metade um grande rabo de baleia
   a novidade era o máximo
   do paradoxo estendido na areia
   alguns a desejar seus beijos de deusa
   outros a desejar seu rabo pra ceia
   oh, mundo tão desigual
   tudo tão desigual
   de um lado este carnaval
   do outro a fome total

e a novidade que seria um sonho
milagre risonho da sereia
virava um pesadelo tão medonho
ali naquela praia, ali na areia
a novidade era a guerra
entre o feliz poeta e o esfomeado
estraçalhando uma sereia bonita
despedaçando o sonho pra cada lado"

(Gilberto Gil, *A Novidade*)

Gilberto Gil em seu poema usa um procedimento de construção textual que consiste em agrupar ideias de sentidos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de significação. A figura de linguagem acima caracterizada é:

a) metonímia.

b) paradoxo.

c) hipérbole.

d) sinestesia.

e) sinédoque.

4. (UFPE) Nos enunciados abaixo, a palavra destacada não tem sentido conotativo em:

a) A comissão técnica está **dissolvida.** Do goleiro ao ponta-esquerda.

b) Indispensável à boa forma, o exercício físico **detona** músculos e ossos, se mal praticado.

c) O melhor tenista brasileiro perde o jogo, **a cabeça** e o prestígio em Roland Garros.

d) Sob a mira da Justiça, os sorteios via 0900 **engordam** o caixa das principais emissoras.

e) Alta nos juros **atropela** sonhos da classe média.

5 . Em "O zum-zum-zum das crianças no prédio...", há:

a) perífrase.

b) prosopopeia.

c) anáfora.

d) onomatopeia.

6. **Em "Eu já lhe disse um bilhão de vezes para não exagerar quando falar!", há:**

a) comparação.

b) hipérbole.

c) apóstrofe.

d) hipérbato.

7. **Em "Este anel deve ter custado os olhos da cara", há:**

a) hipérbato.

b) metonímia.

c) metáfora.

d) hipérbole.

8. **Na expressão "O morro dos ventos uivantes", há:**

a) perífrase.

b) prosopopeia.

c) metáfora.

d) metonímia.

9. **Na frase: "Não se esqueça de levar o som, pois churrasco sem música é entediante", em relação ao termo "som" é correto dizer que ocorre:**

a) metáfora.

b) metonímia.

c) perífrase.

d) anáfora.

10. **O procedimento de construção textual que consiste em agrupar ideias de sentidos contrários ou contraditórios numa mesma unidade de significação é denominado:**

a) sinestesia.

b) hipérbole.

c) paradoxo.

d) ironia.

11. Em "o meu olhar é nítido como um girassol", a expressão "como um girassol" denota circunstância de:

a) metáfora.

b) antonomásia.

c) onomatopeia.

d) comparação.

12. Em cada alternativa, escolha a palavra que completa o sentido da oração.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias. (emergem – imergem)

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha. (sessão – seção)

c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido. (lustre – lustro)

d) O prazo já estava _____ . (prescrito – proscrito)

e) O fato passou completamente _____ . (desapercebido – despercebido)

13. Em cada alternativa, escolha a palavra que completa o sentido da oração.

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____. (emigrem – imigrem)

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____. (consertos – concertos)

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição. (caçou – cassou)

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em _____ . (flagrante – fragrante)

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento. (incontinênti – incontinente)

14. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento dos parênteses.

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____. (tachas – taxas)

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos. (imergiu – emergiu)

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta. (cerrou – serrou)

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura. (expiava – espiava)

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso)

15. **Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento dos parênteses.**

a) A Polícia Federal combate o _____ de cocaína. (tráfego – tráfico)

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação)

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor. (censo – senso)

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim. (ruço – russo)

e) O balão, tremeluzindo, _____ para o céu estrelado. (acendeu – ascendeu)

16. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou.

b) arquivou.

c) despachou favoravelmente.

d) invalidou.

e) despachou negativamente.

17. **O _____ (emérito – imérito) causídico _____ (dilatou – delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____ (eminência – iminência) de escapar da prisão.**

a) emérito – delatou – iminência.

b) imérito – dilatou – eminência.

c) emérito – dilatou – iminência.

d) imérito – delatou – iminência.

e) emérito – dilatou – eminência.

18. O _____ (extrato – estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque – xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto – inserto).

a) extrato – xeque – inserto.

b) estrato – cheque – incerto.

c) extrato – cheque – inserto.

d) estrato – xeque – incerto.

e) extrato – xeque – incerto.

19. Leia as frases abaixo:

1 - Assisti ao _____ de Mozart;
2 - Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 - As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 - _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para o preenchimento das lacunas:

a) concerto – há – a – cessões – Há.

b) conserto – a – há – sessões – Há.

c) concerto – a – há – seções – A.

d) concerto – a – há – sessões – Há.

e) conserto – há – a – sessões – A.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Autopsicografia

Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Ao ler o poema acima, constatamos a forte presença de duas figuras de linguagem. Você sabe quais são elas? Pense bem.

Comentário

Fica clara a presença de um paradoxo quando o poeta diz ser "um fingidor que finge que é dor a dor que deveras (de verdade) sente". Ora, se ele finge a dor, como ela pode ser verdadeira? Outra figura marcante é a prosopopeia ou personificação. Essa figura aparece na última estrofe quando o poeta diz que o coração distrai a razão. Distrair é uma atitude de seres animados.

6 Pontuação

Os sinais de pontuação são recursos da língua escrita e servem para marcar pausas (como o ponto-final, a vírgula e o ponto e vírgula) e entonações da fala (como os dois-pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, as aspas, os parênteses, o travessão).

A pontuação dá à escrita clareza e precisão e permite a expressão de um estilo próprio, bem como das intenções do escritor. Dominar esses recursos nos faz não só melhores redatores, mas também melhores leitores.

Veja, a seguir, como o grande escritor brasileiro Machado de Assis consegue criar um diálogo inteiro entre as personagens Brás Cubas e Virgília (mulher por quem Brás teve uma paixão) no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Em um dos capítulos (LV - O velho diálogo de Adão e Eva), Machado utilizou apenas sinais de pontuação e, no lugar de palavras, usou pontinhos, ou seja, o autor pôde abrir mão das palavras, mas não dos sinais de pontuação. O título ajuda a entender o ousado e diferente capítulo, já que podemos imaginar qual seria uma "velha conversa" entre um homem e uma mulher. (Declaração de amor? Fim de um romance? Briga por uma traição? etc.) Tente preencher os pontos com palavras adequadas, obedecendo ao tamanho das falas e, principalmente, à pontuação.

Capítulo LV - O velho diálogo de Adão e Eva

Brás Cubas
. . . . . ?
Virgília
. . . . . .
Brás Cubas
. . . . . .
. . . . . .
Virgília
. . . . . !
Brás Cubas
. . . . . .
Virgília
. . . . . .
. . . . . ? . . . . . .
. . . . . .
Brás Cubas
. . . . . .
Virgília
. . . . . .
Brás Cubas
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . ! . . . . . .
. . ! . . . . . .
. . . . . !
Virgília
. . . . . ?
Brás Cubas
. . . . . !
Virgília
. . . . . !

Fonte: ASSIS, Joaquim M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas.

Os sinais de pontuação

A seguir veremos, então, os principais empregos dos sinais de pontuação.

Ponto-final (.)

É utilizado na finalização de frases declarativas ou imperativas. Exemplos:

Lembrei-me de um caso antigo.
Vamos animar a festa.

Ponto de interrogação (?)

É utilizado no fim de uma palavra, oração ou frase que formule uma pergunta direta. Exemplos:

Quem é você?
Por que ninguém ligou?

Atenção: não deve ser usado nas perguntas indiretas. Exemplo:

Perguntei a você quem estava no quarto.

Ponto de exclamação (!)

É usado no final de frases exclamativas ou depois de interjeições ou locuções interjetivas e pode expressar entusiasmo, espanto, horror, admiração, surpresa, ordem, súplica, ênfase etc. Exemplos:

Ah! Deixa isso aqui.
Nossa! Isso é demais!

Vírgula (,)

A vírgula é usada nos seguintes casos:

- Para separar nomes de localidades de datas. Exemplo:

  Recife, 28 de junho de 2005.

- Para separar os elementos de uma enumeração simples. Exemplo:

  Vou comprar figos, laranjas, pêssegos e peras.

- Para indicar palavras que foram omitidas, suprimidas (geralmente verbos). Exemplo:

  Ela gosta de cinema; ele, de teatro.

- Para separar vocativo. Exemplos:

  Meu filho, venha tomar seus remédios.
  Venha, meu filho, tomar seus remédios.
  Venha tomar seus remédios, meu filho.

- Para separar aposto. Exemplo:

  O Brasil, país do futebol, é um grande centro de formação de jogadores.

- Para separar expressões explicativas ou corretivas, como: *isto é*, *aliás*, *além*, *por exemplo*, *além disso*, *então*. Exemplo:

  Nosso computador precisa de proteção, isto é, de um bom antivírus. Além disso, precisamos de um bom *firewall*.

- Para separar orações coordenadas assindéticas. Exemplo:

  Cobram muitos impostos, poucas obras são feitas.

- Para separar orações coordenadas sindéticas, desde que não sejam iniciadas por *e*, *ou* e *nem*. Exemplo:

  Ela ganhou um carro, mas não sabe dirigir.

- Para separar orações adjetivas explicativas. Exemplo:

  A Amazônia, que é o pulmão mundial, está sendo devastada.

- Para separar o adjunto adverbial, quando deslocado para o início ou meio da oração. Exemplo:

  Com a pá, retirou a sujeira.

Ponto e vírgula (;)

O ponto e vírgula indica uma pausa mais longa que a da vírgula, porém mais breve que a do ponto final.

Emprega-se o ponto e vírgula nos seguintes casos:

- Para itens de uma enumeração em linhas diferentes (primeiro exemplo) ou enumeração com itens mais longos, em que já exista, inclusive, vírgula (segundo exemplo). Exemplos:

  As vozes do verbo são:

  a) voz ativa;

  b) voz passiva;

  c) voz reflexiva.

  Reuniremos a esposa do João, meu primo professor; a filha de José, que também é professora; a mãe de Pedro, mulher de pouco estudo, e faremos um grupo de discussão literária.

- Para aumentar a pausa antes das conjunções adversativas – *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia* – e substituir a vírgula que normalmente se usaria nesses casos. Exemplo:

  Deveria entregar o documento hoje; porém, só o entregarei amanhã à noite.

- Para separar orações coordenadas mais longas. Exemplo:

  Os incríveis jogadores da Seleção Brasileira de Voleibol foram homenageados pelos inúmeros fãs; porém, não receberam a devida atenção dos locutores e jornalistas esportivos.

Dois-pontos (:)

Os dois-pontos marcam uma nítida interrupção da fala, para introduzir algo importante, e são empregados nos seguintes casos:

- Para indicar o início de uma enumeração. Exemplo:
  O computador tem a seguinte configuração: memória RAM 256 MB, HD 40 GB, placa de rede, som.

- Antes de uma citação. Exemplo:
  Já diz o ditado: tal pai, tal filho.

- Para iniciar a fala de uma pessoa ou personagem. Exemplo:
  O repórter disse: "nossa reportagem volta à cena do crime".

- Para indicar esclarecimento, resultado ou resumo do que já foi dito. Exemplo:
  Tive uma grande ideia: vamos a um baile.

Reticências (...)

Indicam uma interrupção ou suspensão na sequência normal da frase. São usadas nos seguintes casos:

- Para indicar suspensão ou interrupção do pensamento.
  Exemplos:
  Estava digitando quando...
  Guiava tranquilamente quando passei pela cidade e...

- Para indicar hesitações comuns na língua falada.
  Exemplo:
  Não vou ficar aqui porque... porque... não quero problemas.

- Para indicar movimento ou continuação de um fato.
  Exemplo:
  E a bola foi entrando...

- Para indicar dúvida ou surpresa na fala da pessoa.
  Exemplos:
  Rodrigo! Você... passou no vestibular!
  Antônio... você vai viajar?

- Para indicar que parte de uma citação foi suprimida, cortada (nesse caso, as reticências deverão vir entre parênteses ou entre colchetes). Exemplo:
  "Toda pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização [...] dos direitos econômicos, sociais e culturais [...]." (Declaração Universal dos Direitos Humanos)

Aspas (" ")

São usadas nos seguintes casos:

- Representação de nomes de livros e legendas. Exemplos:

  Já li "O Ateneu", de Raul Pompeia.

  "Os Lusíadas", de Camões, tem grande importância literária.

- Citações ou transcrições. Exemplo:

  "Tudo começou com um telefonema da empresa, convidando-me para trabalhar lá na sede. Eu já havia mandado um currículo antes, mas eles nunca entraram em contato comigo. Quando as seleções recomeçaram, mandei um currículo novamente", revelou Cleber.

- Destacar palavras que representem estrangeirismo, vulgarismo, ironia. Exemplos:

  Que "belo" exemplo você deu.
  Vamos assistir a um "show" de mágica.

- Enfatizar palavra ou expressão. Exemplo:

  Eu disse "não"! Você me entendeu?

Parênteses ( )

São usados nos seguintes casos:

- Na separação de qualquer indicação de ordem explicativa. Exemplo:

  Predicado verbo-nominal é aquele que tem dois núcleos: o verbo (núcleo verbal) e o predicativo (núcleo nominal).

- Na separação de um comentário ou reflexão. Exemplo:

  Os escândalos estão se proliferando (a imagem política do Brasil está manchada) por todo o país.

- Para separar indicações bibliográficas.

  Para ser grande, sê inteiro.

  (Ricardo Reis - Fernando pessoa, *O eu profundo e os outros eus*)

Travessão (—)

É empregado para:

- Indicar a fala de alguém (discurso direto). Exemplo:

  — As flores são pra mim — sussurrou Joana.

- Isolar palavras ou orações intercaladas em um enunciado (usa-se aí um travessão no início e outro no término da intercalação, sendo este último substituído por ponto-final, se for o caso). Exemplo:

  Os candidatos — todos políticos experientes — saíram-se bem no debate.

  Os candidatos saíram-se bem no debate — bendita experiência.

Agora que você já aprendeu as regras básicas de utilização dos vários sinais de pontuação, irá usá-los bem. Também é importante usar sua experiência de falante nativo para perceber as necessidades do texto e seus objetivos ao escrevê-lo. Pontuar, embora possua regras claras, não é uma ciência exata (ocorre, inclusive, de pessoas pontuarem diferentemente um trecho, sem que isso signifique erro de um ou de outro. Às vezes, são só opções distintas...).

Teste seu saber

1. Reescreva o trecho abaixo de forma que, utilizando pontos, obtenha um parágrafo com quatro orações.

As ruas estavam desertas o silêncio era um fantasma pronto para atacar o asfalto molhado brilhava como um imenso rio negro o som de meus passos era o único sinal de vida naquele mar de agonia.

2. **Reescreva os trechos, colocando ponto e vírgula onde convier.**

   a) "O juízo de Deus há de ser em um só lugar o juízo dos homens e em todos os lugares julgavam-vos na casa e julgavam-vos na praça e julgavam-vos na igreja julgavam-vos na religião."

   b) "A morte faz insensível a quem mata o amor insensível a quem ama."

   c) Poucos falam e muitos ouvem poucos ordenam e muitos obedecem poucos têm o poder, mas detêm a força.

3. **Reescreva os trechos a seguir, colocando vírgula onde convier.**

   a) Do alto avistávamos a casa da fazenda os bois no pasto as galinhas ciscando perto da casa planícies verdes e uma montanha ao longe.

   b) No aeroporto bastante cheio chegamos às oito em ponto.

   c) Desligado o rádio o quarto caiu num silêncio assustador.

   d) "O ônibus suspira fundo diminui a marcha encosta à direita para."

   e) Fique atenta pois esta fase é meio tensa e desgastante.

   f) Antes de comprar analise compare e informe-se.

   g) É preciso antes de tudo entender o que aconteceu com ele.

   h) A comida está na mesa filho!

4. **Ao elaborar o parágrafo abaixo, o autor utilizou um ponto e vírgula, quatro vírgulas e reticências. Reescreva o parágrafo, colocando esses sinais convenientemente.**

   "João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega embora goste de ficar perto da gente mas de dentro daquela casa de joão-de-barro vinha uma espécie de choro um choro fazendo tuim tuim tuim". (Rubem Braga)

5. **No parágrafo abaixo a autora usou seis vírgulas, um ponto-e-vírgula e dois pontos-finais. Reescreva o parágrafo, usando a pontuação adequadamente.**

"Verde-claro verde-escuro canteiro de flores arbusto entalhado e de novo verde-claro verde-escuro imenso lençol gramado lá longe o palácio Assim o jardineiro via o mundo toda vez que levantava a cabeça do trabalho"(Marina Colasanti)

6. (IBGE) Assinale a sequência correta dos sinais de pontuação que devem ser usados nas lacunas da frase abaixo. Não cabendo qualquer sinal, 0 indicará essa inexistência.

   Aos poucos _____ a necessidade de mão de obra foi aumentando _____ tornando-se necessária a abertura dos portos .... para uma outra população de trabalhadores _____ os imigrantes.

   a) 0 – ponto e vírgula – vírgula – vírgula.

   b) 0 – 0 – dois-pontos – vírgula.

   c) vírgula – vírgula – 0 – dois-pontos.

   d) vírgula – ponto e vírgula – 0 – dois-pontos.

   e) vírgula – dois-pontos – vírgula – vírgula.

7. (IBGE) Assinale a sequência correta dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo. Não havendo sinal, 0 indicará essa inexistência.

   Na época da colonização ____ os negros e os indígenas escravizados pelos brancos _____ reagiram _____ indiscutivelmente _____ de forma diferente.

   a) 0 – 0 – vírgula – vírgula.

   b) 0 – dois-pontos – 0 – vírgula.

   c) 0 – dois-pontos – vírgula – vírgula.

   d) vírgula – vírgula – 0 – 0.

   e) vírgula – 0 – vírgula – vírgula.

8. (ABC–SP) Assinale a alternativa cuja frase está corretamente pontuada.

   a) O sol que é uma estrela, é o centro do nosso sistema planetário.

   b) Ele, modestamente se retirou.

   c) Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia.

d) Confessou-lhe tudo; ciúme, ódio, inveja.

e) Estas cidades se constituem, na maior parte de imigrantes alemães.

9. **(BB) Em "Os textos são bons e entre outras coisas demonstram que há criatividade", cabe(m) no máximo:**

a) 3 vírgulas.
b) 4 vírgulas.
c) 2 vírgulas.
d) 1 vírgula.
e) 5 vírgulas.

10. **(Cesgranrio) Assinale o texto de pontuação correta.**

a) Não sei se disse, que, isto se passava, em casa de uma comadre, minha avó.

b) Eu tinha, o juízo fraco, e em vão tentava emendar-me: provocava risos, muxoxos, palavrões.

c) A estes, porém, o mais que pode acontecer é que se riam deles os outros, sem que este riso os impeça de conservar as suas roupas e o seu calçado.

d) Na civilização e na fraqueza ia para onde me impeliam muito dócil muito leve, como os pedaços da carta de ABC, triturados soltos no ar.

e) Conduziram-me à rua da Conceição, mas só mais tarde notei, que me achava lá, numa sala pequena.

11. **(TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente.**

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

b) Em fila, os candidatos, aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.

d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.

e) Os candidatos aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

12. **(Santa Casa) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período com pontuação correta.**

a) José dos Santos paulista, 23 anos vive no Rio.

b) José dos Santos paulista 23 anos, vive no Rio.

c) José dos Santos, paulista 23 anos, vive no Rio.

d) José dos Santos, paulista 23 anos vive, no Rio.

e) José dos Santos, paulista, 23 anos, vive no Rio.

13. **(PUC-RS) A alternativa com pontuação correta é:**

a) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

b) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir: nossa capacidade de retenção é variável e, muitas vezes, inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

c) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir! Nossa capacidade de retenção é variável e muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

d) Tenha cuidado ao parafrasear o que ouvir; nossa capacidade de retenção, é variável e – muitas vezes inconscientemente, deturpamos o que ouvimos.

e) Tenha cuidado, ao parafrasear o que ouvir. Nossa capacidade de retenção é variável – e muitas vezes inconscientemente – deturpamos, o que ouvimos.

Nas questões 14 a 24, os períodos foram pontuados de cinco formas diferentes. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

14. (CESCEM)

a) Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque, conhece pouco os deveres da hospitalidade.

b) Entra a propósito disse Alves, o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.

c) Entra a propósito, disse Alves o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.

d) Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque conhece pouco os deveres da hospitalidade.

e) Entra a propósito, disse Alves, o seu moleque conhece pouco, os deveres da hospitalidade.

15. a) Prima faça calar titio suplicou o moço, com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

b) Prima, faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

c) Prima faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

d) Prima, faça calar titio suplicou o moço com um leve sorriso que imediatamente se lhe apagou.

e) Prima faça calar titio, suplicou o moço com um leve sorriso que, imediatamente se lhe apagou.

16. a) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que mesmo sérias, trazem impresso constante sorriso.

b) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que mesmo sérias trazem, impresso constante sorriso.

c) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias, trazem impresso, constante sorriso.

d) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias trazem impresso constante sorriso.

e) Era um homem de quarenta e cinco anos, baixo, meio gordo, fisionomia insinuante, destas que, mesmo sérias, trazem impresso constante sorriso.

17. a) Deixo ao leitor calcular quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

b) Deixo ao leitor calcular quanta paixão a bela viúva empregou na execução do canto.

c) Deixo ao leitor calcular quanta paixão, a bela viúva, empregou na execução do canto.

d) Deixo ao leitor calcular, quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

e) Deixo ao leitor, calcular quanta paixão a bela viúva, empregou na execução do canto.

18. a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões simuladas.

d) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões simuladas.

e) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões simuladas.

19. a) Eram frustradas, insatisfeitas; além disso, seus conhecimentos eram duvidosos.

b) Eram frustradas, insatisfeitas, além disso seus conhecimentos eram duvidosos.

c) Eram frustradas; insatisfeitas: além disso, seus conhecimentos eram duvidosos.

d) Eram frustradas, insatisfeitas; além disso seus conhecimentos eram duvidosos.

e) Eram frustradas, insatisfeitas, além disso, seus conhecimentos eram duvidosos.

20. a) Escancarou-as, finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

b) Escancarou-as finalmente; mas, a porta se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

c) Escancarou-as, finalmente; mas a porta se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada, e retrancada.

d) Escancarou-as finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e, retrancada.

e) Escancarou-as finalmente, a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

21. a) E, tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.

b) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se sorrindo, enquanto, na sala, o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.

c) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas tenaz.

d) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta, sem violência, mas, tenaz.

e) E tornou a olhar para a rua, inclinando-se, sorrindo, enquanto, na sala o pai continuava a guiar o Rubião para a porta sem violência, mas tenaz.

22. a) Esqueceu-me apresentar-lhe, minha mulher, acudiu, Cristiano.

b) Esqueceu-me, apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.

c) Esqueceu-me, apresentar-lhe: minha mulher acudiu Cristiano.

d) Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.

e) Esqueceu-me, apresentar-lhe; minha mulher acudiu, Cristiano.

23. a) Em suma poderia haver algumas atenções, mas, não devia um real ninguém.

b) Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

c) Em suma poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

d) Em suma poderia dever, algumas atenções, mas não devia um real a ninguém.

e) Em suma, poderia dever, algumas atenções, mas, não devia um real a ninguém.

24. a) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.

b) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

c) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.

d) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

e) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto e pontue as cópias feitas pelo advogado, de modo que cada uma favoreça a um possível beneficiado.

O TESTAMENTO

Um homem rico, sem filhos, muito enfermo num leito de hospital, sentindo que estava prestes a morrer, pediu papel e caneta e escreveu um bilhete que seria seu testamento. Não teve tempo de pontuar. Morreu. Eram quatro os concorrentes à fortuna. O advogado tirou quatro cópias e deu uma para cada possível beneficiário. Cada um, claro, tentou tirar proveito da situação. Faça, abaixo, a pontuação adequada do ponto de vista de cada concorrente!

Chegou o sobrinho e fez estas pontuações em sua cópia:

" DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES"

A irmã do falecido chegou logo em seguida e pontuou sua cópia assim:

" DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES"

Apareceu também o mecânico e logo pontuou:

" DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES"

De repente entraram os pobres da cidade. Um deles, mais sabido, tomou a cópia e resolveu pontuar assim:

" DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO AO MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA DOU AOS POBRES"

Comentário

E então, conseguiu pontuar? Vamos conferir suas respostas?

Sobrinho:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO. AO MEU SOBRINHO.

JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO. NADA DOU AOS POBRES.

Irmã:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ. NÃO AO MEU SOBRINHO.

JAMAIS SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO. NADA DOU

AOS POBRES.

Mecânico:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO. AO MEU SOBRINHO JAMAIS. SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO. NADA DOU AOS POBRES.

Pobres:

DEIXO MEUS BENS À MINHA IRMÃ NÃO. AO MEU SOBRINHO JAMAIS. SERÁ PAGA A CONTA DO MECÂNICO NADA. DOU AOS POBRES.

7 As vozes na narrativa

Discurso é a fala das personagens em uma narração; é a maneira como se reproduz o que as personagens falam. São três os tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre.

Discurso direto

O discurso direto ocorre quando o narrador reproduz exatamente o que a personagem fala; quando ele deixa que ela se expresse por suas próprias palavras. Veja como, na conhecida fábula a seguir, as personagens conversam e sua fala é reproduzida fielmente (no exemplo, esse discurso direto está destacado em negrito, para você reconhecê-lo facilmente):

A cigarra e as formigas

Num belo dia de inverno, as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece uma cigarra:

— Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram:

— Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

— Para falar a verdade, não tive tempo — respondeu a cigarra. — Passei o verão cantando!

— Bom... Se você passou o verão cantando, que tal passar o

inverno dançando? — disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral: Os preguiçosos colhem o que merecem.

Fonte: ESOPO. A cigarra e as formigas.

Você deve ter percebido que há algumas marcas no texto que mostram quando começa e quando acaba cada fala, para diferenciar esse discurso direto do resto da narração. Vamos reconhecê-las:

a) uma das características desse discurso é o uso de verbos *dicendi* (de dizer, de elocução), que têm a função de indicar o interlocutor que está com a palavra, além de ajudar a descrever o modo como a fala foi feita, o tom de voz, o estado emocional do interlocutor, o clima do momento etc. Eles nem sempre precisam ser utilizados, mas podem ser um excelente recurso de clareza e informação. São eles: *dizer*, *afirmar*, *declarar*, *indagar*, *interrogar*, *retrucar*, *negar*, *gritar*, *solicitar*, *aconselhar*, *mandar*, *suspirar*, *lamentar*, *explodir*, *sussurrar*, *resmungar,* entre outros. Na fábula citada, os verbos *dicendi* são: *perguntaram*, *respondeu*, *disseram*. E você pode notar que eles aparecem antes ou depois da fala, ou, ainda, no meio dela.

   Perceba que, para introduzir a primeira fala da cigarra, não houve verbo *dicendi*, e sim o verbo *aparecer.* Isso porque, às vezes, verbos que não são *dicendi* acabam por ter essa função, como, por exemplo, *exagerar*, *espantar-se*, *aparecer*, *reconhecer*, *pular, encolher-se* etc.

b) o emprego dos dois-pontos (usados quando o narrador vai introduzir o discurso direto) e do travessão (que marca o discurso em si; às vezes, podendo ser

substituído pelas aspas) auxilia na marcação das falas das personagens. Na fábula descrita, você pode observar que nas falas 1 e 2 o travessão ocorre apenas no início (pois o narrador já introduziu a fala antes); na fala 3, ocorre no início e se repete no meio (porque o narrador dividiu a fala, para informar algo); já na fala 4, aparece no início e se repete no final (pois o narrador deixa para dar sua informação apenas após a fala).

Vejamos também o trecho abaixo, de um famoso romance brasileiro. Observe o uso dos travessões e tente reconhecer quais são os verbos *dicendi*.

> — Bravo! — exclamou Filipe, entrando e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho. — Bravo!... Interessante cena! Mas certo que desonrosa fora para casa de um estudante de medicina e já do sexto ano, a não lhe valer o adágio antigo: o hábito não faz o monge.
>
> — Temos discurso!... Atenção!... Ordem! — gritaram a um tempo três vozes.
>
> — Coisa célebre! — acrescentou Leopoldo — Filipe sempre se torna orador depois do jantar...
>
> — E dá-lhe para fazer epigrama — disse Fabrício.
>
> — Naturalmente — acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado — naturalmente Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os médicos.
>
> *Fonte: MACEDO, Joaquim Manuel de.* A moreninha.

Os verbos *dicendi*, no trecho, são *exclamou*, *gritaram*, *acrescentou*, *disse*, *acudiu* (este último não é um *dicendi* original, mas, como se afirmou acima, exerce função *dicendi*). Acertou?

Discurso indireto

O discurso indireto ocorre quando o narrador, com suas próprias palavras, reproduz a fala da personagem, ou seja, o leitor conhece o que a personagem teria dito, apenas através da voz do narrador, portanto de forma indireta. Veja um exemplo, retirado de um romance brasileiro:

> Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: *o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz*; porém teve de ceder a instâncias da *Maria e da comadre*, *que queriam que fosse o barbeiro de defronte*, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. *A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a ideia,* ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares.
>
> *Fonte: ALMEIDA. Manuel Antônio de.* Memórias de um Sargento de Milícias.

No texto, podemos perceber que houve várias conversas, agora resumidas e recontadas pelo narrador. Na verdade, o episódio todo só tem a voz do narrador, mas, especialmente nos trechos em destaque, podemos perceber que esse narrador nos repassa com suas palavras o que as personagens teriam dito (por meio de um discurso indireto). Até poderíamos imaginar como foram essas falas:

— Quero que o padrinho seja o Sr. Juiz!

— Mas eu quero que seja o barbeiro aí defronte — insistiu Maria, apoiada pela comadre.

— Desejo uma festa bem aristocrática. E, por isso, proponho que se dance o minueto da corte!

— Boa ideia! Ótimo! — aceitaram, logo, todos os presentes.

Esse exemplo e a nossa tentativa de "reconstruir" as falas como elas teriam sido revelam um aspecto importante na construção do discurso indireto, pois, para recontar uma fala, o narrador precisa fazer algumas adaptações, como no tempo verbal usado (o que ele está contando, já se passou antes, por exemplo), no tipo de advérbio de tempo e lugar, no uso dos pronomes pessoais etc. Voltemos ao nosso exemplo e vejamos as possíveis alterações que teriam sido feitas:

— Quero que [...] seja ...! → O Leonardo queria que fosse [...]

— (...) proponho que se dance [...] → [...] e propôs que se dançasse [...]

Você percebeu que, se a fala descrita tivesse sido exatamente a da personagem, o verbo estaria no presente, em primeira pessoa; no discurso indireto, que foi realmente usado, o verbo teve de ser conjugado no passado (já que a fala já tinha sido feita, antes de o narrador recontá-la) e em 3ª pessoa (já que o narrador não era a própria personagem, embora às vezes isso ocorra). Observe no Quadro 7.1 algumas das mudanças que normalmente devem ocorrer na transposição do discurso direto para o indireto:

Discurso direto	Discurso indireto
1ª ou 2ª pessoa (Eu gosto...)	3ª pessoa (Ele disse que gosta/gostava...)
Verbo no presente (Eu gosto...)	Verbo, normalmente, no pretérito (Ele disse que gostava...)
Verbo no pretérito perfeito (Eu gostei...)	Verbo no pretérito mais-que--perfeito (Ele disse que tinha gostado...)
Verbo no futuro do presente (Eu irei...)	Verbo no futuro do pretérito (Ele afirmou que iria...)
Verbo no imperativo (Saiam todos!)	Verbo no subjuntivo (Pediu que saíssem todos.)
Pronomes *este(s)*, *esta(s)*, *esse(s)*, *essa(s)*, isso (Desejo este livro!)	Pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* (Murmurou que desejava aquele livro.)
Advérbio *aqui* (Amor, fique aqui comigo.)	Advérbios *ali*, *lá* (Pediu que seu amor ficasse ali/lá com ela/ele.)
Advérbios *hoje*, *agora*... (Quero agora...)	Advérbios *ontem*, *naquela hora*, *na hora*... (Queria naquela hora...)
Advérbios *ontem*/ *amanhã*... (Irá amanhã?)	Advérbios *no dia anterior*/*no dia seguinte*... (Perguntou se iria no dia seguinte...)

O tempo verbal também é fator determinante dos discursos. O discurso indireto estará sempre no passado em relação ao discurso direto.

a) Discurso direto:

Presente do indicativo: "Não gosto disso" – diz a menina em tom zangado.

Pretérito perfeito do indicativo: "Não gostei disso" – disse a menina em tom zangado.

Futuro do presente do indicativo: "Não gostarei disso" – disse a menina em tom zangado.

Imperativo: – Vista o agasalho, meu filho.

b) Discurso indireto:

Pretérito imperfeito do indicativo: Zangada, a menina afirmou que não gostara daquilo.

Pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: Zangada, a menina afirmou que não gostara daquilo (na forma composta: A menina afirmou que não tinha gostado daquilo).

Futuro do pretérito do indicativo: A menina disse que não gostaria daquilo.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: A mãe recomendou-lhe que vestisse o agasalho.

Agora é sua vez. Como você faria, por exemplo, a transposição do discurso direto a seguir para o discurso indireto? Siga as orientações da tabela e transponha. Depois verifique, ao final deste capítulo, se acertou:

O velho armazém

Os dois amigos aproximaram-se cautelosamente do velho armazém, e Pedro pediu:

— Tome cuidado, João! Este lugar parece perigoso!

— Não se preocupe, conheço bem aqui. Ontem mesmo vim visitar uns amigos de infância.

— Não sei se fico tranquilo ou não! Vamos rápido!

Discurso indireto livre

O discurso indireto livre é uma espécie de discurso misto, em que se mesclam características dos discursos direto e indireto, como se narrador e personagem tivessem misturado suas vozes e pensamentos. Isso ocorre quando o narrador insere, em sua narração, a fala ou os pensamentos da personagem. Esse recurso permite revelar elementos psicológicos dessa personagem, já que expõe seu pensamento (muitas vezes, é chamado também de *fluxo de pensamento* ou *fluxo de consciência)*. O foco narrativo é em 3ª pessoa; portanto, o narrador não participa da história, mas tudo sabe sobre a personagem, a ponto de confundir sua voz com a dela. É importante lembrar que, aqui, embora haja a fala da personagem, ela não vem separada do restante da narração por verbos *dicendi* ou por sinais de pontuação. Veja o exemplo:

> Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. C*oitada de Sinhá Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha.*

Fonte: RAMOS, Graciliano. Vidas secas. *Rio de Janeiro: Record, 1998.*

No trecho do famoso romance, a personagem Fabiano, retirante pobre e sofrido, tem suas falas mescladas à voz do narrador, permitindo que mergulhemos nos seus pensamentos mais íntimos, nas suas angústias e medos, sem que o narrador precise nos informar de quem são os pensamentos ou falas (nada marca o limite entre o discurso direto e o indireto). O trecho destacado está mais nitidamente em indireto livre, mas não podemos afirmar que outros trechos, como "Impossível dar cabo daquela praga" ou "de aves que iam comê-lo", também não o sejam: ambos os trechos podem perfeitamente ser narração ou a voz de Fabiano. É dessa mescla, dessa falta de fronteiras nítidas, que se constrói o discurso indireto livre.

Teste seu saber

1. **(Fatec)"Ela insistiu:**

— Me dá esse papel aí."

Na transposição da fala da personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:

a) Ela insistiu que desse aquele papel aí.
b) Ela insistiu em que me desse aquele papel ali.
c) Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.
d) Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.
e) Ela insistiu em que lhe desse aquele papel ali.

2. **Transforme os discursos diretos em discursos indiretos, fazendo as alterações necessárias.**

a) Trancado no quarto, gritei:
— Quem está aí fora?

b) A professora quis saber:
— Por que você faltou à prova, Carlos?

c) A freguesa perguntou ao feirante:

— Qual é o preço da abobrinha?

d) Ricardo concordou:

— Esta é a melhor solução.

3. Agora transforme os discursos indiretos em discursos diretos.

a) A mãe avisou que não queria barulho lá.

b) Infelizmente papai nos informou que não compraria um carro novo.

c) Daniela disse que não gostou daquela roupa, pois era muito colorida.

d) O jardineiro perguntou se poderia plantar aquela samambaia no jardim.

Correção da proposta: *O velho armazém*

Os dois amigos aproximaram-se cautelosamente do velho armazém, e Pedro pediu que João tomasse cuidado, pois aquele lugar parecia perigoso. João respondeu que Pedro não se preocupasse, porque conhecia bem ali, afirmando que no dia anterior tinha ido visitar uns amigos de infância. Pedro retrucou que não sabia se ficava ou não tranquilo com a informação e pediu que fossem logo.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A seguir temos um trecho do livro *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, no qual aparece um diálogo entre as personagens. Identifique o discurso utilizado e explique-o.

— Boas tardes, tia Maria Rita, disse o general.

Ela respondeu, mas não deu mostras de ter reconhecido quem lhe falava. O general atalhou:

— Não me conhece mais? Sou o general, o Coronel Albernaz.

— Ah! É sê coroné!... Há quanto tempo! Como está nhã Maricota?

— Vai bem. Minha velha, nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas.

— Quem sou eu, ioiô!

— Ora! Vamos, tia Maria Rita... você não perde nada... você não sabe o "Bumba meu Boi"?

— Quá, ioiô, já mi esqueceu.

— E o "Boi Espácio"?

— Coisa veia, do tempo do cativeiro — pra que sô coroné qué sabê isso?

Fonte: BARRETO, Lima. O triste fim de Policarpo Quaresma.

Comentário

Nesse trecho é utilizado o discurso direto, pois as personagens falam por si mesmas; porém, não há necessidade da presença de verbos *dicendi*, que indicam o interlocutor que está com a palavra, já que esses interlocutores são citados (sob a forma de vocativos) nas próprias falas das personagens.

8 Tipos textuais

Descrição

"Três amigas conversam animadamente sobre um rapaz que duas delas haviam conhecido na noite anterior:

— Os cabelos, bem louros, pareciam luz pura, e os olhos azuis muito claros revelavam bondade e calma. Parecia um anjo daqueles quadros de igreja.

— Nossa! Nós não conhecemos o mesmo homem... O que eu vi parecia bem desbotado, sem cor, com os cabelos amarelos, que não destacavam os olhos aguados, tão claros que ele parecia cego, dependendo de como olhássemos. Credo! A gente olhando de repente, parecia um daqueles seres alienígenas...

A terceira amiga, coitada, ficou sem saber como era o tal moço. Talvez, se fosse à mesma balada no fim de semana, não conseguisse reconhecê-lo..."

Você observou, no breve trecho acima, como é difícil sermos fiéis à realidade ao tentarmos retratar algo ou alguém; nossa subjetividade nos prega peças e confunde nossos sentidos, porque sempre existe um ponto de vista (físico e psicológico) distinto quando criamos uma imagem mental em nosso cérebro. Não é à toa que retratos falados, nas investigações e processos, são vistos sempre com cautela. Mas, no mesmo trecho, é possível também perceber que o texto descritivo é capaz de criar uma imagem completa, una e coerente: temos um homem que parece um quadro

de santo/anjo ou, segundo a outra amiga, um homem que parece um alienígena. Nós, leitores, a partir dos dados fornecidos, também recriamos nossa imagem do moço, somos sempre coautores nesse retrato.

Então é isso: a *descrição* é um "retrato verbal" de objetos, cenários, paisagens, recortes da realidade, cenas, animais, pessoas... Assim, busca-se, nesse tipo de texto, criar imagens visuais, que não devem ser resumidas a uma simples enumeração de características; é necessário, pelo contrário, que se consiga captar a essência do ser e também aquilo que o particulariza, que o diferencia dos demais. E esse retrato deve ter uma "espinha dorsal", ou seja, não é mera justaposição de itens e, sim, um conjunto coeso, que tem uma unidade e uma intencionalidade.

Além disso, a descrição deve revelar uma visão bem pessoal do autor a respeito daquilo que descreve (a não ser que seja uma descrição técnica ou científica, em que se busca objetividade e fidelidade ao real). Para isso, é fundamental ter senso de observação apurado e explorar as sensações que vêm do nosso contato com o mundo: escrever é uma atividade na qual utilizamos, especialmente, os sentidos (audição, visão, olfato, tato e paladar) para perceber a realidade e apresentá-la por meio de palavras.

Descrição objetiva – técnica e científica

São exemplos de textos descritivos objetivos e não literários os que descrevem aparelhos eletrônicos em manuais de instrução; fichas de identificação de clientes, pacientes, médicos, alunos; fichas técnicas de obras; rótulos de produtos. O vocabulário busca ser preciso; a linguagem é

denotativa. Leia a seguir um trecho de descrição científica sem a interferência da subjetividade do autor.

> Os pulmões humanos são dois órgãos de estrutura esponjosa e têm forma de pirâmide, com a base descansando sobre o diafragma. O direito é maior que o esquerdo, pois consta de três partes ou lóbulos, enquanto que o outro só tem dois. Cada pulmão se compõe de numerosos lóbulos, os quais, por sua vez, contêm os alvéolos, que são dilatações terminais dos brônquios; as pleuras são membranas que recobrem os pulmões e os fixam na cavidade torácica.
>
> *Fonte: Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/corpo-humano-sistema-respiratorio/pulmoes.php>. (Excerto.) Acesso em: 15 out. 2010.*

Descrição objetiva – literária

Estas descrições, mesmo ocorrendo em textos literários, apresentam um grau muito menor de subjetividade, buscando-se por meio dela a exatidão do retrato, a proximidade com a realidade, sem juízos de valor. É comum que nela usem-se mais substantivos e menos adjetivos; a linguagem normalmente é denotativa. Veja um exemplo abaixo, trecho de um romance gaúcho (perceba que a única adjetivação que revela algum julgamento, alguma avaliação do autor, é: "quase oculto nas sombras do denso arvoredo").

> Abriu as venezianas e ficou a olhar para fora. Na frente alargava-se a praça, com o edifício vermelho da Prefeitura, ao centro. Do lado direito ficava o quiosque, quase oculto nas sombras do denso arvoredo; ao redor do chafariz, onde a samaritana deitava um filete d'água no tanque circular, arregimentavam-se geometricamente os canteiros de rosas vermelhas e brancas, de cravos, de azáleas, de girassóis e violetas.
>
> *Fonte: MOOG, Vianna.* Um rio imita o reino.

Descrição subjetiva – literária

Agora, vejamos outro exemplo, mas agora de texto literário, com descrição bem subjetiva e uma interferência nítida da imaginação criativa do autor. Perceba como a adjetivação é abundante, há ênfase e figuras de linguagem:

> Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
>
> Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
>
> Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.
>
> Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste
>
> A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

> Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
>
> *Fonte: ALENCAR, José de.* Iracema.

Você percebeu que a índia Iracema é descrita como uma donzela quase irreal, de tão idealizada: é doce, meiga, bonita, e até seu hálito é perfumado. E, o mais importante, sua imagem está em completa harmonia com a natureza em torno, quase que fazendo parte desse cenário (pássaros até chamam seu nome). Alencar criou um retrato que tem perfeita unidade e coerência (tem uma "espinha dorsal"), dentro do universo que pretendia recriar. Aliás, não é por acaso que uma personagem apresentada aos leitores em 1865 ainda cause emoções quando sua história é contada. Este é um bom exemplo de que para descrever é necessário desenvolver a nossa percepção sensorial ("cabelos negros, talhe de palmeira, hálito de baunilha, pé grácil e nu") e exercitar a nossa capacidade criadora.

Ao observarmos a imagem a seguir, vários dos nossos sentidos são estimulados, como a visão, o olfato (pela sugestão do perfume que as flores costumam exalar), a audição (pela hipótese do canto de pássaros ou outro tipo de barulho possível). Faça um breve exercício, escrevendo uma descrição desse jardim, com elementos ligados aos seus sentidos.

Não é muito comum a criação de textos puramente descritivos. Eles sempre aparecem inseridos nas narrativas, na criação de personagens e cenários, ou como auxiliares nas dissertações, fornecendo informação para um argumento. É um recurso que enriquece bastante outros tipos textuais.

11

Jardim

Como dissemos, há dois tipos de descrição: a subjetiva e a objetiva. A primeira transmite a impressão que o ser descrito desperta em quem o descreve, por isso a predisposição psicológica do autor – sua simpatia, seus gostos, seu humor – pode fazer com que se obtenham imagens muito diversas de um mesmo objeto. A segunda busca a exatidão, é como se fosse uma fotografia feita por meio de palavras, e o autor deve se manter imparcial. Porém, é possível a coexistência de descrições subjetiva e objetiva num mesmo texto.

Descrição estática

A descrição estática é aquela que não envolve ação e movimento, mas é como uma fotografia. As formas nominais são predominantes, ocorrendo frases sem verbos ou com verbos de estado ou condição. Veja um exemplo:

Ciranda da bailarina

[...]
Todo mundo tem
um irmão meio zarolho
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida
Nem dente com comida
Nem casca de ferida
Ela não tem.
[...]

Fonte: LOBO, Edu; HOLLANDA, Chico Buarque de. O grande circo místico. *Rio de Janeiro: Som livre,1983. (Excerto.)*

Houve um período na literatura brasileira no qual a descrição foi fundamental, já que o principal objetivo dos escritores do movimento literário denominado Realismo era descrever a realidade da maneira mais exata e fiel possível, como se fosse um quadro. Esse movimento ocorreu na segunda metade do século XIX e influenciou várias gerações posteriores (o menino descrito no texto a seguir é exemplo dessa época).

Antes disso, sob o movimento chamado Romantismo, mais na primeira metade do século XIX e um pouco na segunda metade, a descrição também teve grande peso, mas os retratos eram bastante idealizados, quase irreais, a fim de delinear figuras perfeitas e paisagens idílicas, principalmente na valorização de tudo que era considerado bem brasileiro (a índia Iracema, que vimos anteriomente, é um exemplo disso). Porém, em todos os períodos, o texto descritivo é valorizado e há grandes exemplos de retratos famosos na literatura de língua portuguesa.

Exemplo de descrição de ambiente (escrito em 1862, sob a escola romântica):

A sala

Entremos, já que as portas se abrem de par em par, cerrando-se logo depois de nossa passagem. A sala não é grande, mas espaçosa; cobre as paredes um papel aveludado de sombrio escarlate, sobre o qual destacam entre espelhos duas ordens de quadros representando os mistérios de Lesbos. Deve fazer ideia da energia e aparente vitalidade com que as linhas e colorido dos contornos se debuxavam no fundo rubro, ao trêmulo da claridade deslumbrante do gás.

A mesa oval, preparada para oito convivas, estava colocada no centro sobre um estrado, que tinha o espaço necessário para o serviço dos criados; o resto do soalho desaparecia sob um felpudo e macio tapete que acolchoava o rodapé e também os bordos do estrado. Os aparadores de mármore cobertos de flores, frutos e gelados, e os bufetes carregados de iguarias e vinhos, eram suspensos à parede. Não pousava o pé de um móvel na orla aveludada que cercava a mesa, e parecia abrir os braços ao homem ébrio de vinho ou de amor, convidando-o a espojar-se na macia alcatifa, como um jovem poldro nas cálidas areias da várzea natal.

Pela volta da abóbada de estuque que formava o teto, pelas almofadas interiores das portas, e na face de alguns móveis, havia tal profusão de espelhos, que multiplicava e reproduzia ao infinito, numa confusão fantástica, os menores objetos. As imagens, projetando-se ali em todos os sentidos, apresentavam-se por mil faces.

Fonte: ALENCAR, José de. Lucíola. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de objeto (escrito em 1862, sob a escola romântica):

O adereço

Ao sair vi um adereço de azeviche muito simplesmente lavrado,

e por isso mesmo ainda mais lindo na sua simplicidade. Tênue filete de ouro embutido bordava a face polida e negra da pedra. Há certos objetos que um homem dá à mulher por um egoístico instinto do belo, só para ver o efeito que produzem nela. Lembrei-me que Lúcia era alva, e que essa joia devia tomar novo realce com o brilho de sua cútis branca e acetinada. Não resisti; comprei o adereço, e tão barato, que hesitei se devia oferecê-lo.

Fonte: ALENCAR, José de. Lucíola. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de pessoa (escrito em 1880, de escola realista):

O menino é o pai do homem

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!" — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho

das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de cenário (escrito em 1890, de escola realista-naturalista):

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo.

[...]

O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Fonte: AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. *(Excerto.)*

Exemplo de descrição de paisagem (escrito em 1938, sob a escola modernista):

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem

três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Fonte: RAMOS, Graciliano. Vidas secas. *(Excerto.) Rio de Janeiro: Record, 2007*.

Exemplo de descrição de ambiente (escrito em 1971, literatura contemporânea):

A mesa fora coberta por uma solene abundância. Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. E maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando, chuchus de um verde líquido, abacaxis malignos na sua selvageria, laranjas alaranjadas e calmas, maxixes eriçados como porcos-espinhos, pepinos que se fechavam duros sobre a própria carne aquosa, pimentões ocos e avermelhados que ardiam nos olhos – tudo emaranhado em barbas e barbas úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca. E os bagos de uva. As mais roxas das uvas pretas e que mal podiam esperar pelo instante de serem esmagadas. E não lhes importava esmagadas por quem. Os tomates eram redondos para ninguém: para o ar, para o redondo ar. Sábado era de quem viesse. E a laranja adoçaria a língua de quem primeiro chegasse.

Fonte: LISPECTOR, Clarice. "A repartição dos pães". In: Felicidade clandestina. *(Excerto.) Rio de Janeiro: Rocco, 1998*.

Exemplo de descrição de cena (escrito em 1989, literatura contemporânea):

Emilie ajudava Anastácia Socorro a trazer pães de massa folheada [...] e uma cesta com figos da Índia, jenipapos, biribás, abacaxis e melancias; e numa cumbuca de barro cozido, entre papoulas colhidas no jardim, havia cachos de pitomba, réstias de maracujá do mato e outras frutas azedíssimas, que em contato com a língua provocavam calafrios no corpo e crispações no rosto.

Fonte: HATOUM, Milton. Relato de um certo Oriente. *(Excerto.) São Paulo: Companhia das Letras, 1989*.

Os retratos (quer seja na pintura, na escultura, na fotografia ou em outra linguagem) sempre levam também a marca de seu tempo. Veja a seguir alguns exemplos de descrições não verbais.

12

Iracema. Artista: José Maria de Medeiros. Óleo sobre tela, 1881

13

O violeiro. Artista: José Ferraz de Almeida Júnior. Óleo sobre tela, 1899

14

Abaporu. Artista: Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 1928

Como você notou, dependendo da época, do contexto e do estilo do autor, descrições são elaboradas a partir de um ponto de vista e de uma subjetividade: há sempre uma intenção que provoca determinado efeito de sentido. Note também que essa intenção do autor cria uma unidade coerente.

A descrição e as figuras de linguagem

As figuras de linguagem são muito comuns no texto descritivo; elas criam imagens únicas, intrigantes (ver Capítulo 5), personalizadas. Vejamos algumas das figuras de linguagem mais comuns nesse tipo de texto.

Comparação

Exemplos:

A chuva cai como lágrimas mornas e impacientes.

A cidade inteira está sob água.

Metáfora

Exemplo:

No meio do *shopping* quente e cheio, lá estava ele parado, os fios de neve emoldurando-lhe a face e caindo em ondas pelo pescoço, em contraste com a roupa vermelha e inadequada para nossos trópicos.

Metonímia

Exemplo:

Sobre a mesa, uns havanas, uma garrafa de Porto e um belo Machado de Assis, aberto, aguardando a calma da noite, para serem todos saboreados.

Sinestesia

Exemplo:

A doçura vermelha e aquosa da melancia dominava a cena: todas as outras frutas aceitavam silenciosa e respeitosamente o papel de coadjuvantes.

Prosopopeia ou personificação

Exemplo:

A lua, triste e desconsolada, percorria lentamente, noite após noite, seu caminho solitário pelo céu.

Narração

Narrar é contar histórias, e o texto produzido nessa ação é chamado narrativo. Contar ou ouvir histórias é uma atividade muito antiga que faz parte do cotidiano das pessoas, pois narramos e escutamos histórias a todo momento.

Podemos narrar fatos reais ou inventados (ficção). Quando lemos um romance ou assistimos a um filme, por exemplo, estamos diante de uma ficção, diferentemente de quando estamos diante de um documentário ou de uma biografia, cujos fatos podem ser comprovados historicamente (embora, às vezes, haja alguns aspectos ficcionais também nesse tipo de narrativa). Ficção é, assim, o ato de criar, inventar, dar vida. E é da narrativa ficcional que trataremos aqui.

Seja na forma oral ou na escrita, a narração cria *personagens* a quem os fatos ocorrem num tempo e num espaço; esses fatos são narrados pelo *narrador*. Tudo em uma narrativa depende do narrador: o ponto vital de uma história é o seu ponto de vista, a sua perspectiva, o seu modo de ver e de contar. O narrador também é criado pelo autor da narrativa e funciona como um mediador entre a história e o leitor ou ouvinte.

Há dois tipos básicos de narrador e *existem três tipos de foco narrativo:*

- narrador-personagem, que conta a história da qual é participante, como personagem principal ou secundária. Nesse caso ele é narrador e personagem ao mesmo tempo, e a história é contada em 1ª pessoa (eu, nós).
- narrador em 3ª pessoa – ele(a), eles(as) –, que, por sua vez, pode ser:

a) narrador observador, que conta a história como alguém que apenas observa tudo o que acontece, transmitindo isso ao leitor;

b) narrador onisciente, que sabe tudo sobre o enredo e as personagens, revelando até seus pensamentos e sentimentos íntimos. Sua voz, muitas vezes, aparece misturada aos pensamentos das personagens.

Veja exemplos de diferentes focos narrativos nos trechos a seguir:

Narrador em 1ª pessoa

Caso do vestido

Nossa mãe, o que é aquele
vestido, naquele prego?
Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.
[...]
Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.
Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.
E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,
se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,
chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,
me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,
[...]

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova reunião*: 19 livros de poesia. (Excerto.) Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.*

Narrador observador

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o Capitão Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas.

Fonte: VERÍSSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo. *(Excerto.) Porto Alegre: Globo, 1970.*

Narrador onisciente

Seus olhos já não têm aqueles fulvos lampejos, que despedem nos salões, e que, a igual do mormaço crestam. Nos lábios, em vez do cáustico sorriso, borbulha agora a flor d'alma a rever os íntimos enlevos.

Sombreia o formoso semblante uma tinta de melancolia que não lhe é habitual desde certo tempo, e que não obstante se diria o matiz mais próprio das feições delicadas. Há mulheres assim, a quem um perfume de tristeza idealiza. As mais violentas paixões são inspiradas por esses anjos de exílio.

Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro.

Fonte: ALENCAR, José de. Senhora. *(Excerto.)*

Não confunda narrador com autor. Autor é a pessoa que cria o texto. Narrador é aquele que conta a história ali inventada e faz parte do texto, isto é, só existe porque o texto existe. O narrador, assim como as personagens, é criado pelo autor. Você, por exemplo, como autor, pode escrever um texto cujo tema seja uma separação conjugal. Nesse caso, pode escolher entre vários narradores: a mulher, o marido,

os filhos, o terapeuta, a vizinha. Seja qual for o narrador escolhido, será necessário um foco narrativo: 1ª ou 3ª pessoa.

Machado de Assis, por exemplo, registrou em seus livros os fatos detalhados e os pensamentos conflitantes de suas personagens. Seus narradores sempre foram essenciais para o desenvolvimento das histórias, surpreendendo o leitor constantemente. Não raro, chegavam, inclusive, a conversar com o leitor. No exemplo abaixo, o narrador é onisciente. Perceba como ele, narrador, sabe o que se passa no íntimo da personagem Camilo, não só pelas ações deste – como andar de um lado pra outro –, mas porque consegue penetrar em seu cérebro e alma e saber o que ele pensa e sente. Pois esse narrador não só vai contando os fatos, mas também consegue acentuar e fazer crescer a tensão, mostrando o conflito interno de Camilo:

> Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, – o que era ainda pior, – eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tílburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.
>
> *Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. "A cartomante". In:* Várias histórias. *(Excerto.)*

Também na construção das personagens, o narrador desempenha um importante papel, pois é quem dá vida

a ela. Essa construção implica uma série de detalhes: de onde vêm, a que vêm, o que fazem. Apresentam-se suas características físicas e psicológicas, e é o conjunto dessas características que define sua atuação na trama narrada. Não importa se a personagem é real ou fictícia, o importante é que, na narrativa, ela exista de maneira coerente, mesmo que não seja um ser humano, mas um objeto inanimado ou um animal.

Pode-se apresentar as personagens através de descrições físicas, psicológicas e sociais, por meio de diálogos, de seus comportamentos, pensamentos ou ações.

Observe, por exemplo, como Gustave Flaubert, autor do romance mundialmente conhecido *Madame Bovary*, apresenta uma de suas personagens, acentuando-lhe a timidez, o fato de ser do campo, pouco à vontade em outro ambiente. Isso, depois, se mostrará importante para o desenrolar dos fatos; não é uma descrição gratuita, sem motivo.

> A um canto, atrás da porta, mal podíamos ver o novato. Era um rapaz do campo, de quinze anos mais ou menos, mais alto que qualquer de nós, de cabelos rentes sobre a testa, como um sacristão de aldeia, um aspecto compenetrado e acanhadíssimo.
>
> *Fonte: FLAUBERT, Gustave.* Madame Bovary. *(Excerto.)*

Pois bem, além do narrador, há outros elementos básicos de uma narrativa, como personagem, espaço e tempo. O espaço e o tempo estão intimamente ligados, e ambos estão vinculados às personagens. Os três aspectos estão, por sua vez, ligados à ação que se desenrola, e toda essa articulação é denominada *enredo*. Em outras palavras: o enredo é o conjunto de fatos de uma história, é a trama.

Resumindo, uma narrativa tem cinco bases que a sustentam:

a) *Enredo* (*o quê?* e *como?*) – ação da narrativa, sucessão de fatos, de vivências, de situações; as personagens movimentam-se, relacionam-se entre si, envolvendo sentimentos e emoções. Há uma complicação, em determinado momento da vida dessas personagens, que vai gerar um conflito.

b) *Personagens* (*quem?*) – há *protagonistas*, também chamados de heróis ou personagens principais, os que se opõem a elas, chamados de *antagonistas*, as personagens *secundárias*, que ajudam a sustentar a trama e que estão ao redor de protagonistas e antagonistas.

c) *Tempo* (*quando?*) – as personagens agem num determinado tempo, que pode ser *cronológico* (aquele marcado por elementos externos, como dias, luas, sóis, primaveras, semanas, horas, segundos etc.) ou psicológico (duração interior dos fatos, variável de pessoa para pessoa, no qual passado, presente e futuro se fundem).

Exemplo de tempo cronológico:

> Seriam nove horas do dia um sol ardente de março esbate-se nas venezianas, que vestem a sacada de uma casa, nas laranjeiras...
> [...]

Fonte: ALENCAR, José de. Senhora. *(Excerto.)*

Exemplo de tempo psicológico:

> Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; *ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso.*

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. "A Missa do Galo". In: A Missa do galo e outros contos. *(Excerto.)*

d) *Es*paço (onde?) – lugar onde as personagens se movimentam: quarto, sala, rua, bar, jardim, floresta, praia, cidade, campo.

Agora, você já conhece os elementos que compõem um texto narrativo. Mas, para compreendermos o desenvolvimento do enredo, é preciso prestar atenção também ao conflito, o qual é o elemento de tensão que organiza os fatos e os faz avançar, prendendo, dessa forma, a atenção do leitor: é algo que altera a vida das personagens e faz com que elas precisem atuar, para desfazer o nó que se criou. Podemos ter vários tipos de conflitos: entre um casal, entre crianças, entre empregado e patrão, entre o homem e o meio em que vive, e do homem consigo mesmo, com seus vícios, medos, angústias etc.

Estrutura do texto narrativo

Uma narrativa pode ser dividida em quatro partes:

1. *Introdução* – é o início da história, no qual há a apresentação dos fatos, das personagens e, às vezes, do tempo e do espaço. Logo ao final dessa apresentação, normalmente ocorre um fato novo que irá gerar o conflito e mudar o rumo do que acontecia até então. Exemplo:

   Uma família composta de pai, mãe alcoólatra e um casal de filhos.

2. *Desenvolvimento ou complicação* – aí ocorre o início do conflito e seu desenvolvimento, em que a tensão vai crescendo. Exemplo:

   A filha do casal fica doente gravemente; tentam-se todos os tratamentos, mas a menina apenas piora a cada dia. Os médicos não conseguem descobrir

exatamente o que se passa com ela. A família, que já tinha problemas, desestrutura-se de vez, com brigas e acusações...

3. *Clímax* – é o ponto de maior tensão da história, quando o conflito atinge seu auge. É tão crítico que não dura muito tempo, nem consegue ficar sem uma solução, qualquer que seja ela. Exemplo:

   A menina, no hospital, é desenganada pelos médicos, que não têm mais o que fazer por ela.

4. *Desfecho* – o final da história, que pode ser feliz, triste, surpreendente, engraçado etc. É a resolução do conflito, de algum modo, e a situação final após esses acontecimentos. Exemplo:

   A mãe, sem perceber, ficara meses no hospital ou em casa, tratando da menina e, por isso, parara de beber, sem ao menos perceber isso. Quando se dá conta do que houve, chora e pede perdão à filha. Esta lhe diz que estará tudo bem. A menina morre, e a mãe consegue aos poucos reconstituir sua família, agora unida e feliz.

É importante lembrar que, embora as quatro partes descritas constem de qualquer narrativa e, normalmente, ocorram na ordem que aqui foi exposta, nem sempre isso acontece, e é comum haver histórias que se iniciam pelo desfecho, retornando depois para o início e retomando o fio da meada. Também há as que se iniciam já em pleno clímax e depois contam o restante ao leitor. É um excelente exercício de análise, por sinal, procurar sempre perceber exatamente quais são as partes da narrativa, em um filme, peça de teatro, texto escrito, desenho animado, tirinhas etc.

Em resumo, o enredo pode desenvolver-se de modo linear ou não linear. O enredo linear ocorre quando os fatos se sucedem um após o outro, num encadeamento lógico de causa e consequência. No enredo não linear os fatos evoluem sem uma sequência, com omissões, interrupções e cortes.

Para ser um bom contador de histórias, antes de começar a escrever seu texto, faça um projeto. Fique atento ao foco narrativo. Elabore cuidadosamente suas personagens, considerando seus aspectos físicos e psicológicos, e fazendo com que sejam coerentes e que o leitor acredite nelas. Crie o espaço, visando a torná-lo significativo, importante para o desenrolar dos acontecimentos, e defina o tempo em que eles ocorrerão, bem como sua duração. Principalmente, pense em qual será o conflito que causará todo o drama, o que dará início a ele e qual será sua resolução. (lembre-se de que nem sempre é preciso haver um "final feliz"). Depois do projeto, redija sua história, sempre atento às questões da linguagem (use adequadamente o que já aprendeu sobre descrição, figuras de linguagem, discurso direto e indireto livre, uso de variações linguísticas para caracterizar bem um personagem e outros recursos que tornarão seu texto mais interessante). Além disso, pense sempre na pontuação, na ortografia e na escolha certa das palavras.

Dissertação

"Ao contrário do que a sociedade em geral afirmava até bem pouco tempo, a maioria das pessoas hoje já começa a reconhecer que não há distinção social, econômica e política entre homens e mulheres. Também não há dife-

rença intelectual ou de qualquer outro tipo que permita considerar que os homens sejam superiores às mulheres.

"Na verdade, é preciso perceber e reconhecer que o tempo tem mostrado a participação ativa das mulheres em inúmeras atividades, até nas áreas antes exclusivamente masculinas, e, muitas vezes, em posições de comando. Estão no comércio, nas indústrias, predominam no magistério e destacam-se nas artes. São, cada vez mais, responsáveis pelo sustento e organização da família e, quase sempre, enfrentam jornada dupla de trabalho, fora e dentro de casa. Ainda, no que se refere à economia e à política, a cada dia estão vencendo obstáculos, preconceitos e ocupando mais espaços. Merecidos."

Como você já deve ter percebido, o trecho citado não faz um retrato (não é descritivo, portanto) e também não conta uma história (não é narrativo). Na verdade, podemos afirmar que é um texto do tipo dissertativo (ou, como aparece em alguns livros, do tipo dissertativo-argumentativo). Vejamos suas características e funções.

Dissertar é expor um assunto, refletir, debater, discutir, questionar a respeito de um determinado tema, expressando o ponto de vista de quem escreve e, na maioria das vezes, tentando persuadir o leitor, convencendo-o da validade de tal argumento. Dissertar, portanto, é emitir opiniões que sejam compreendidas e aceitas pelo leitor (ou, pelo menos, que o façam também refletir e emitir opinião sobre o assunto). Para isso, depois de situar o leitor, apresentando a ele o tema a ser tratado e explicitando uma opinião própria, o emissor deverá fazer com que tais opiniões sejam bem fundamentadas, comprovadas,

explicadas e exemplificadas, ou seja, deverá fornecer boa argumentação. A argumentação é o elemento mais importante de uma dissertação.

Vejamos um exemplo esquemático:

Tema: a necessidade de maior segurança nas cidades.

Tese possível: a segurança nas cidades, brasileiras só ocorrerá quando houver verdadeira igualdade socioeconômica, com distribuição igualitária de renda.

Argumentos possíveis:

- Os assaltos e a violência são causados pelas péssimas condições de vida em que vivem muitos brasileiros.
- Também derivam da ausência de valores morais e de modelos a serem seguidos pelos mais jovens.
- Outra causa é a falta de perspectiva de futuro, acompanhada da natural impulsividade dos jovens.
- Dados estatísticos mostram o decréscimo da violência quando há programas sociais de inserção etc.

Então, como se disse, o texto dissertativo desenvolve-se em torno de um tema (assunto), uma opinião sobre esse tema (a tese, que é uma ideia passível de discussão) e os argumentos que defenderão tal opinião, tentando fazer com que o leitor seja convencido da sua validade. Assim, a condição básica para um bom texto dissertativo é o conhecimento que se tem do assunto a ser discutido, além da capacidade de reflexão, da construção de opiniões próprias e da observação crítica do mundo.

Geralmente nesse tipo de texto predomina a linguagem denotativa (o que não impede o uso de figuras de linguagem, como a comparação e a metáfora, por exemplo) e formal (é o tipo de texto em que mais se exige o uso da língua padrão).

É importante também destacar que, em geral, o emissor não aparece em uma dissertação, por isso é que devemos usar a 3ª pessoa do discurso, pois o que importa é o assunto, e não quem fala dele. Muitos autores empregam a 1ª pessoa do plural, que também pode ser usada, não descaracterizando o texto dissertativo.

Se você quer elaborar boas dissertações, é preciso ler jornais e revistas frequentemente. Esses veículos de comunicação apresentam editoriais, ensaios e artigos que, além de nos informar sobre diferentes assuntos e nos fazer refletir, colocam-nos em contato com diversos estilos, o que acaba ampliando nossa habilidade de redigir.

Estrutura do texto dissertativo

A dissertação apresenta três partes, as quais devem estar muito bem relacionadas entre si. Para que isso aconteça, antes de iniciar a redação de um texto dissertativo, deve-se ter clara a tese a ser desenvolvida, ou seja, a opinião que será defendida ali. É essencial, também, que, durante a escrita em si, os elementos de coesão (de relação entre as orações, períodos e parágrafos) sejam sempre utilizados (principalmente as conjunções).

1. *Introdução* – apresentação do assunto para o leitor (referência ao assunto, em poucas linhas, para que o leitor saiba do que vai ser tratado ali) e apresentação da tese (a ideia-base do texto).

2. *Desenvolvimento* – parte em que as ideias se desenvolverão, em que se debaterá o assunto, em que os argumentos serão apresentados, deixando a posição do autor bem clara para o leitor. É o momento em que se defenderá a tese. Podem-se usar também exemplos, dados estatísticos, breves citações, comparações, causas e consequências, para dar consistência à defesa. Geralmente, utiliza-se um parágrafo para cada argumento; no entanto, essa não é uma regra obrigatória.
3. *Conclusão* – parte final do texto, em que as ideias e os argumentos amarram-se, num resumo conciso e coerente, mas que será um pouco ampliado, não se limitando à mera repetição do que já foi dito. Pode-se até mesmo retomar a tese apresentada na introdução e desenvolvida no texto, de preferência com outras palavras. É interessante também que a conclusão mostre uma crítica, um alerta etc. Em resumo, a conclusão pode ser uma síntese de ideias apresentadas no desenvolvimento (com outras palavras) e/ou apresentar uma solução para o problema proposto, principalmente quando isso for solicitado, como ocorre explicitamente nos exames do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio. Nem sempre, porém, isso é pedido, e nem mesmo é um problema o que se propõe: às vezes, há simplesmente uma solicitação de reflexão sobre um assunto, como a "amizade", sem proposta de problema.

O parágrafo de introdução

Na introdução é definido o que será dito e como será dito. Nessa parte, é fundamental mostrar por que o tema merece atenção, justificando já com alguns dados concretos.

É como se fosse um convite à leitura ou à audição; portanto, deve funcionar como isca, seduzir os receptores, para que, logo em seguida, a tese seja apresentada. (Nos exemplos seguintes, a tese estará destacada em itálico, para melhor identificação).

Como sugestão, você pode iniciar uma dissertação das seguintes maneiras:

- Com uma afirmação geral sobre o assunto.

  Exemplo:

  A tecnologia avança cada vez mais rápido, muda a vida das pessoas, cria um novo mundo. *Mas, infelizmente, o homem não se desenvolve, em seu mundo interior, com a mesma eficiência e rapidez.*

- Com uma consideração histórico-filosófica.

  Exemplo:

  O homem sempre se preocupou com sua capacidade de realização, das tábuas de madeira utilizadas por gregos e romanos em cálculos matemáticos, passando por inúmeras ferramentas que facilitaram o processamento de conhecimentos, até chegar ao computador. *Resta agora que ele se preocupe também em olhar para o próximo não com arrogância ou com o dedo apontado, acusando, mas com compaixão. Aí, sua realização estará completa.*

- Com uma interrogação.

  Exemplo:

  O homem está realmente preparado para conviver com a expansão tecnológica que afeta sua vida mais cotidiana,

a cada momento? *Não está, enquanto houver no mundo diferença tão grande de acesso a essa tecnologia: não deveria poder dormir em paz o ser humano que pode acender a luz de sua casa, ao longe, ao toque de um celular, enquanto outro ser humano não tem acesso sequer à iluminação nas ruas por onde passa.*

- Com dados estatísticos.

  Exemplo:

  Sabe-se hoje que 60% das mulheres e 85% dos homens em idade reprodutiva, no Brasil, já tiveram contato com doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), o que representa grave perigo. *É essencial que governos e sociedade unam-se em prol de uma vigorosa campanha para atenuar ou erradicar o problema.*

- Com uma comparação ou metáfora.

  Exemplo:

  A vida é como o futebol: temos parceiros de um lado, adversários do outro e objetivos comuns aos dois lados, gerando disputa feroz. *E assim, como no futebol, o problema maior é que nem sempre o "juiz" está atento aos lances, principalmente os mais violentos e injustos.*

- Com uma citação direta (com aspas) ou indireta (reescrita com outras outras palavras e sem aspas), de preferência de alguém bastante conhecido.

  Exemplo:

  Como disse Albert Einstein, "época triste a nossa, em que é mais fácil quebrar um átomo do que o preconceito". *O preconceito, nas suas mais diversas faces, é*

ainda hoje uma grave doença moral no nosso país e deve ser erradicado.

- Com uma breve narrativa, de fato real ou fictício, que servirá de estímulo ou exemplo.

  Exemplo:

  Maria é filha de Maria, e saiu de casa bem cedo, como sempre, com a marmita de arroz e ovo na mão. Depois de três ônibus cheios, chega à fábrica para produzir um carro que nunca terá. Mas, no caminho desse dia, Maria encontrou um novo destino: tiroteio entre quadrilhas rivais e uma bala perdida. *A segurança das nossas cidades não existe e nossos cidadãos estão à mercê do destino.*

O texto dissertativo é *persuasivo*. Persuadir significa levar a crer, convencer, induzir. A melhor forma de persuadir é argumentando. Consegue convencer o leitor ou o ouvinte quem apresenta argumentos claros, coesos e coerentes, que podem ser comprovados.

É importante ressaltar que qualquer texto, por mais imparcial e impessoal que pareça, sempre transmite uma ideia, um valor, uma ideologia, um modo de ver o mundo. Isso vale também para os dissertativos, por mais que se usem nele estruturas linguísticas que expressem neutralidade e distanciamento, como a 3ª pessoa do singular em verbos e pronomes.

A introdução é importante para apresentar a ideia geral do texto; o desenvolvimento, para fornecer os argumentos (exemplos, dados, comparações, causas, consequências); e a conclusão, para sintetizar o que foi dito, respondendo à questão inicial. A conclusão deve estar em harmonia com

o restante do texto, pois fecha o raciocínio do autor e abre possibilidades reflexivas para o leitor, que, certamente, pensará mais sobre o assunto.

No texto dissertativo, cada parágrafo deve ser organizado e ordenado em torno de uma ideia principal; as ideias parciais devem estar em harmonia e coerência com a proposicão inicial, identificada na tese. Um dos elementos linguísticos mais importantes para essa harmonia e unidade é o uso adequado de conectivos, como já dissemos (conjunções e pronomes relativos, por exemplo, que darão coesão ao texto).

O parágrafo é uma unidade de texto de tamanho variável em que, a partir de um argumento (sempre ligado à ideia principal do texto), desenvolvem-se ideias secundárias relacionadas entre si. É indicado pelo ponto-final, pela mudança de linha e por um pequeno espaço deixado na margem esquerda do texto.

O título

Vamos falar agora do título da dissertação, que não deve ser considerado como algo externo ao texto, mas parte integrante dele. Um bom título contém poucas palavras, é uma síntese direta ou indireta de todo o assunto, e sua elaboração deve ser deixada, preferencialmente, para o fim do trabalho de redação, quando o autor já pode escolher o título que melhor convir ao texto pronto.

Título e tema não são a mesma coisa:

- O título indica o assunto tratado e individualiza o texto. Localiza-se antes do início do texto, destacado dele, normalmente centralizado na linha.

- O tema é a ideia-núcleo do texto, o assunto-base que permite discutir mais de uma posição sobre o mesmo conceito (é sobre esse tema que ocorre a reflexão, e a respeito dele constrói-se a tese). Localiza-se, geralmente, logo na introdução, quando de sua apresentação ao leitor.

Dicas para redigir uma boa dissertação

Ao redigir um texto dissertativo, você pode adotar os seguintes passos:

a) Traçar um roteiro com ideias a serem apresentadas, em uma sequência organizada.

b) Relacionar palavras e frases importantes, coerentes com o tema da dissertação, que se transformarão em parágrafos, quando do desenvolvimento do texto.

c) Definir a tese e fundamentá-la com argumentos que a sustentem.

d) Apresentar pontos de vista e opiniões diversas, que se contrapõem, para depois enfatizar seu ponto de vista ou posicionamento crítico.

e) Verificar se o texto apresentar: introdução, desenvolvimento, conclusão.

f) Concluir, retomando o que foi falado no início, mas ampliando essa ideia inicial.

g) Inserir um título sugestivo.

Outras dicas para elaboração de uma dissertação

- Evite repetições de sons, de palavras e de ideias.

- Palavras terminadas em *-ção*, *-são*, *-ssão*, *-dade* e *-mente* provocam eco na redação, o que é bem desagradável. A repetição de palavras denota vocabulário escasso. A repetição de ideias demonstra falta de cultura, de conhecimento geral, e pensamento circular, redundante.

  Atenção: Nem sempre substituir palavras por sinônimos resolve o problema. Muitas vezes, em vez de fazer isso, reestruture o período, para que a ideia não continue sendo repetida.

- Evite o exagero de conectivos (conjunções e pronomes relativos), embora se deva usá-los sempre que necessário. Isso por dois motivos: para evitar a repetição e para não elaborar períodos muito longos (nesses casos, prefira usar ponto-final e iniciar outro período, no mesmo parágrafo ou em outro).

- Não generalize; seja específico. Uma redação cheia de generalizações demonstra falta de cultura de seu autor, falta de conhecimentos gerais, falta de contato com a realidade atual ou, até, uma tese frouxa, mal formulada.

- Não faça afirmações incoerentes e/ou muito radicais. Exemplo: "Os jovens estão totalmente sem informações hoje..."; "Ninguém gosta de ler..."; "Não há escritores bons hoje em dia....".

- A incoerência também demonstra falta de conhecimento.

- Não afirme o que não pode ser provado.

- Não escreva períodos muito curtos nem muito longos.

- Evite mais de dois períodos por linha, ou seja, não coloque mais do que dois pontos-finais em uma mesma linha, de modo geral.
- Evite escrever mais de duas linhas sem um ponto-final sequer, de modo geral.
- Não faça também parágrafos muito curtos ou muito longos. O padrão é que os parágrafos contenham, no mínimo, quatro linhas e, no máximo, sete linhas. Porém, isso não é regra absoluta.
- Estruture adequadamente os períodos. Períodos mal estruturados demonstram falta de conhecimento da língua. Releia sempre o que escreve e veja se está claro, completo.
- Observe a pontuação.
- Não use expressões populares e cristalizadas pela população. Os chamados *chavões* ou *lugares-comuns* são frases feias, expressões desgastadas, de tão usadas, e acabam demonstrando falta de repertório e reflexão própria (como em "fechar com chave de ouro", "em alto e bom som" e "duas faces da mesma moeda", entre outros).
- Não use expressões vulgares ou palavrões.
- Não use linguagem figurada. Todas as palavras da dissertação devem ser usadas em seu sentido exato. Evite, assim, palavras "coringa" (que servem para qualquer ideia), como *algo*, *coisa*, entre outras.
- Se for usar título, faça-o por meio de expressão curta.

- Cuidado com usos de conjunções: *mas*, *porém*, *contudo* são adversativas, indicam fatores contrários; *portanto* e *logo* são conclusivas; *pois* é explicativa, e não causal.
- Não deixe os parágrafos soltos. Deve haver ligação entre eles. A ausência de elementos coesivos entre orações, períodos e parágrafos é erro grave.
- Não use a palavra *eu* nem a palavra *você* e evite a palavra *nós*. Faça do assunto tratado o sujeito dos verbos. A dissertação deve ser impessoal. Não se dirija ao examinador/professor como se estivesse conversando com ele. Nem escreva recadinhos no final.
- Não use palavras estrangeiras nem gírias.
- Atente para não elaborar frases ambíguas. Se houver duplo sentido em uma frase, como o examinador saberá por qual deles optar?
- Atente para não entrar em contradição. Preste atenção a tudo o que for exposto na redação, para não dizer o contrário mais à frente.

TESTE SEU SABER

1. **Escreva uma causa e uma consequência para cada uma das teses apresentadas a seguir, formando, assim, argumentos.**

   a) Tema: As linhas de ônibus que percorrem os bairros das grandes metrópoles não têm demonstrado muita eficiência no atendimento a seus usuários.

   Causa:

   Consequência:

   b) As novelas de televisão passaram a exercer uma profunda influência nos hábitos e na maneira de pensar da maioria dos telespectadores.

   Causa:

Consequência:

c) Apesar de alertados por ecologistas, os lavradores continuam utilizando produtos agrotóxicos indiscriminadamente.

Causa:

Consequência:

2. **(Unicamp) Imagine-se nesta situação: um dia, em vez de encontrar-se no ano de 1998, você (mantendo os conhecimentos de que dispomos em nossa época) está em abril de 1500, participando de alguma forma do seguinte episódio relatado por Pero Vaz de Caminha:**

"Viu um deles [índios] umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou no braço e acenava para a terra e então para as contas e para o colar da capitão como que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por o desejarmos; mas ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar." (Caminha, Pero Vaz de. Carta El Rey Dom Manuel)

Redija uma narrativa em 1ª pessoa. Nessa narrativa, você deverá:

a) participar necessariamente da ação;

b) fazer aparecer as diferenças culturais entre as três partes: você, que veio do final do século XX, os índios e os portugueses da época do descobrimento.

3. **Escolha uma personalidade pública e a descreva. Não se esqueça de caracterizá-la física e psicologicamente. Utilize aproximadamente dez linhas para essa tarefa.**

4. **Crie uma personagem, imaginando todos os detalhes possíveis de sua aparência física e de sua personalidade. Essa personagem viverá uma separação necessária de uma pessoa bastante querida. Imagine o lugar onde elas se despedirão. O que conversarão durante o tempo que esperam a partida? Narre esse episódio em 3ª pessoa.**

5. **Elabore uma dissertação de aproximadamente trinta linhas com o seguinte tema:**

"Chegando ao terceiro milênio, o homem ainda não conseguiu resolver graves problemas que preocupam a todos."

6. Faça introduções de um parágrafo, explicando o tema e o seu ponto de vista, para os seguintes temas:

   a) O preconceito racial no Brasil.

   b) Acesso ao ensino superior de qualidade para todos.

   c) A influência da telenovela na opinião pública.

7. Redija uma dissertação com o tema: "Futebol: paixão nacional". A proposta é explicar por que o brasileiro gosta tanto de futebol.

8. Desenvolva um texto descritivo em que conversam uma personagem com capacidade normal de enxergar e um cego. A cena pode ser descrita pelos dois, de acordo com a capacidade de cada um de perceber a realidade apresentada no texto, que pode ser qualquer situação à sua escolha. Crie livremente a partir dessas orientações.

9. (FEI) Componha uma redação desenvolvendo o seguinte pensamento: a rodovia dos Bandeirantes não é mais bela do que a estrada que passa pela minha cidade, porque a rodovia dos Bandeirantes não passa pela minha cidade. Dê um título à redação.

10. (Fuvest) Recentemente, o deputado federal Aldo Rebelo (PC do B–SP), visando a proteger a identidade cultural da língua portuguesa, apresentou um projeto de lei que prevê sanções contra o emprego abusivo de estrangeirismos. Mais que isso, declarou o deputado, interessa-lhe incentivar a criação de um "Movimento Nacional de Defesa da Língua Portuguesa".

    Leia alguns dos argumentos que ele apresenta para justificar o projeto, bem como os textos subsequentes, relacionados ao mesmo tema.

    "A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. (...)"

"... estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como 'holding', 'recall', 'franchise', 'coffee-break', 'self-service' (...). E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano (...)"

"Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural – a língua materna –, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? (...)"
"Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. (...)"
(Dep. Fed. Aldo Rebelo, 1999)

"Na realidade, o problema do empréstimo linguístico não se resolve com atitudes reacionárias, com estabelecer barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com o dinamismo cultural, com o gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os seus gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias."
(Celso Cunha, 1968)

"Um país como a Alemanha, menos vulnerável à influência da colonização da língua inglesa, discute hoje uma reforma ortográfica para 'germanizar' expressões estrangeiras, o que já é regra na França. O risco de se cair no nacionalismo tosco e na xenofobia é evidente. Não é preciso, porém, agir como Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, que queria transformar o tupi em língua oficial do Brasil para recuperar o instinto de nacionalidade. No Brasil de hoje já seria um avanço se as pessoas passassem a usar, entre outros exemplos, a palavra 'entrega' em vez de 'delivery'."
(*Folha de S.Paulo*, 20 out. 1998)

Levando em conta as ideias presentes nos três textos, redija uma dissertação em prosa, expondo o que você pensa sobre essa iniciativa do deputado e as questões que ela envolve.

Apresente argumentos que deem sustentação ao ponto de vista que você adotou.

11. **(Fuvest)** O trabalhador brasileiro, em sua grande maioria, recebe salário mensal que tem como ponto de referência a chamada "cesta básica". Leia o texto a seguir e, baseado no que ele significa para você, escreva a sua redação, dissertativa.

Comida
(Arnaldo Antunes/Marcelo Fromer/Sérgio Britto)

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.
Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas, 1988

12. (Faap) Crie um texto de teor narrativo, imaginando a seguinte situação: você está a bordo de um foguete com a sonda automática em direção ao cometa Halley. Durante o percurso, informam-lhe que haverá um congestionamento de trânsito. De forma original e bastante criativa, apresente: o local em que ocorrerá o fato e o modo como acontecerá.

13. Saindo com dificuldades dos escombros e sem conseguir entender direito o que se passava, Sarah olhava à sua volta... só via destruição... uma mulher segurava um bebê, estaria morto? Na rua – seria mesmo uma rua ? – passavam pessoas que mais pareciam fantasmas... O cheiro era horrível... cheiro de restos de... ? Gente? Não, não podia ser!

    O que ela estava fazendo ali? Como foi parar naquele lugar? Seus pensamentos lhe provocavam choques. Só se lembrava de estar no moderníssimo laboratório... A conversa com o presidente... A fortuna que ganharia... A ajuda que daria ao exército de seu país... Ela tentava entender, mas não conseguia!

    Partindo desse princípio de enredo, crie uma narração, em 3ª pessoa, contando o que aconteceu a Sarah.

    Instruções:

    1) Em sua narração, você deverá mostrar a criação de alguma nova tecnologia.

    2) Você poderá inventar outros personagens, se quiser.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, escrita em 1880, é considerada, até hoje, inovadora, principalmente pelo seu foco narrativo. Leia o primeiro capítulo e veja se descobre o porquê.

CAPÍTULO 1

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — "Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado."

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, — a filha, um lírio-do-vale, — e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! morto! dizia consigo.

É a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e coisa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhes sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. (Excerto.) Disponível em: <http://www.dominiopublico.com.br>. Acesso em: 15 dez. 2010.

Comentário

O narrador de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, como o próprio título já indica, está morto ("póstumas" significa "posteriores à morte"). Brás Cubas conta sua história depois de falecido, o que lhe dá maior liberdade de análise dos fatos ocorridos em vida e das pessoas com as quais convivera.

9 Gêneros textuais

Nós somos produtores de textos, sejam orais, sejam escritos, ou, ainda, em outras linguagens não verbais, como tiras, charges, dança etc.

Esses textos têm determinadas finalidades, destinam-se a este ou àquele interlocutor, acontecem em um dado contexto, têm temas bem particulares e possuem formatos típicos, característicos, com estruturas que reconhecemos de imediato. Dependendo, portanto, de como são esses elementos, em um determinado texto ou conjunto de textos, dizemos que esse(s) texto(s) pertence(m) a um *gênero discursivo* ou *textual*.

Há inumeráveis gêneros, e produzimos ou ouvimos/lemos alguns constantemente (como *e-mails*, por exemplo) e outros quase nunca (como um testamento). São exemplos de gêneros a carta, o bilhete, a receita culinária, a notícia, a reportagem, a piada, a tira, a charge, o diário, a biografia, o artigo, o verbete de dicionário, uma oração religiosa, o relatório, a bula de remédio, um contrato comercial, um resumo, uma lista de compras, uma receita médica etc.

É extremamente importante que possamos conhecer, reconhecer e produzir os mais variados gêneros textuais. Por isso, vamos ver aqui alguns deles.

Relato pessoal

"Saímos cedo de casa, por isso ainda estava escuro. No fim da rua, perto da avenida, já havia mais movimento, mas

ainda estávamos longe. Mesmo andando depressa, quase correndo, fomos alcançadas por passos bem pesados e irregulares, como se alguém mancasse. Daí, passamos a correr, praticamente, sem olhar pra trás. Até hoje não sei o que acompanhava a gente. Nem quero saber."

O texto do parágrafo anterior é um relato, ou seja, alguém conta uma experiência vivida, através da lembrança desse episódio. Então, ele pertence ao universo das narrativas. Assim, em um relato pessoal:

- Contam-se experiências vividas (reais ou ficcionais) por uma pessoa/personagem e suas consequências. Por isso, ele focaliza ações.
- Tem por principal objetivo informar e é associado a um acontecimento específico.
- Apresenta elementos básicos da narrativa, como sequência de fatos, pessoas/personagens, tempo, espaço.
- O narrador é quase sempre o protagonista, mas o texto é estruturado, predominantemente, em 1ª pessoa (mesmo quando o foco esteja em outra pessoa/personagem).
- Os verbos variam entre o pretérito e o presente do indicativo.
- Pode-se usar a linguagem oral ou escrita.
- A linguagem costuma ser adequada aos diferentes tipos de interlocutor e ao contexto em que o relato está ocorrendo, tanto o oral quanto o escrito.

Leia o exemplo a seguir.

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do teto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Matacavalos, já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacarinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas creem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal frequência é cansativa. Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida

de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.

Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma História dos Subúrbios, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras...?

Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Dom Casmurro.

Em *Dom Casmurro*, a personagem criada por Machado de Assis é o protagonista da história e, embora haja muitos elementos descritivos, o mais importante é o relato de como construiu a casa, do que ocorreu com os conhecidos e de como pensou em escrever uma obra.

Receita culinária

Esse gênero textual, muito utilizado por todos nós, tem como principais características:

- apresenta uma estrutura constituída de título, ingredientes, modo de preparo ou modo de fazer;
- no modo de fazer, os verbos geralmente são empregados no imperativo;
- pode conter indicação de calorias por porção, rendimento, preço, dicas de preparo ou de como decorar e servir;
- emprega linguagem direta, clara e objetiva;
- usa-se, normalmente, a norma padrão da língua.

Exemplo:

Bolo de cenoura

Ingredientes

1/2 xícara (chá) de óleo

3 cenouras médias raladas

4 ovos

2 xícaras (chá) de açúcar

2 1/2 xícaras (chá) de farinha de trigo

1 colher (sopa) de fermento em pó

Cobertura

1 colher (sopa) de manteiga

3 colheres (sopa) de chocolate em pó ou achocolatado

1 xícara (chá) de açúcar

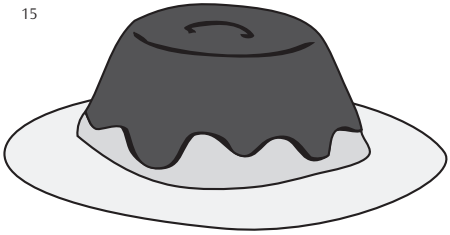
Se desejar uma cobertura molinha, acrescente 5 colheres de leite.

Modo de preparo

1. Bata no liquidificador primeiro a cenoura com os ovos e o óleo, acrescente o açúcar e bata por uns 5 minutos.
2. Depois, numa tigela ou na batedeira, coloque o restante dos ingredientes, misturando tudo, menos o fermento.
3. Adicione o fermento, misturando lentamente com uma colher.
4. Asse em forno pré-aquecido (180 °C), por 40 minutos.
5. Para a cobertura: misture todos os ingredientes, leve ao fogo, faça uma calda e coloque-a por cima do bolo, depois de assado.

Dica: Se o seu liquidificador for bem potente, o bolo todo pode ser feito nele."

15



É comum, ainda, haver textos em forma de receita culinária, mas com outra finalidade, como, por exemplo, fazer uma crítica, uma piada, uma ironia, uma declaração que se pretende original e única etc.

Há, aí, um caráter de intertextualidade, ou seja, é um texto retomando o modo de ser de outro. Nesses casos, este novo ainda é considerado como do gênero "receita", mas é necessário lembrar que sua finalidade é apenas semelhante à do gênero original e as condições de produção e interlocutores são diferentes, embora a estrutura seja a mesma. Veja um exemplo:

Receita para ser feliz

Ingredientes
1 pacote de amor-próprio
2 colheres de dignidade
saudade em pó a gosto
[...]

Modo de fazer
Misture tudo até obter felicidade e prazer. Depois asse no forno pré-aquecido de seu belo coração.
[...]

Modo de servir
Sirva tudo bem quentinho, em pratinhos de luar, com estrelas cadentes, desmaiando lá no mar.
[...]

Fonte: BARDANZA, Karla. Receita para ser feliz.

Você reconhece o texto acima como uma receita (mesmo que isso não estivesse escrito no título). Percebe, também, que é uma receita em sentido figurado, metafórico. É possível, portanto, haver essa apropriação de um gênero para outras finalidades. Perceba, ainda, que se tentaram recursos típicos da poesia, com rimas e ritmo cadenciado (o que não ocorre no gênero original).

Notícia

A notícia é um gênero jornalístico que procura informar de modo objetivo, apresentando um registro fiel de fatos que merecem ser conhecidos por um grande número de pessoas e da situação em que eles aconteceram, evitando-se sempre as opiniões do redator. Ela pode ser escrita para publicação em jornal, revista ou portal da internet, mas também pode ser audiovisual – em televisão ou internet – e até radiofônica.

E, para garantir que as informações sejam encontradas rapidamente e com clareza, além de atrair a atenção do leitor, uma notícia obedece a uma estrutura definida, dividindo-se em quatro partes, de modo geral:

- título – deve resumir a notícia no menor número possível de palavras;
- olho ou subtítulo – logo após o título, esse parágrafo é, frequentemente, escrito em caracteres diferentes e destacado do corpo da notícia, resumindo brevemente o texto;
- cabeça da notícia, parágrafo-guia ou lide (*lead*) – logo no ínício do texto, responde às seguintes perguntas "Quem? O quê? Onde? Quando?";
- corpo da notícia, desenvolvimento ou *body* – desenvolve as informações do *lead, s*empre da mais importante para a menos importante. Além disso, desde que haja elementos, responde às questões "Como?" e "Por quê?".

A linguagem da notícia

- Escreve-se sempre na 3ª pessoa (do singular ou do plural).

- Procura ser impessoal e imparcial.
- Tem predomínio da função referencial da linguagem.
- Possui linguagem simples, clara e objetiva.
- É escrita de acordo com o padrão culto da língua.
- Apesar de referencial e denotativa, é comum o uso de linguagem figurada, com metáforas, comparações, ironias etc.

Veja, agora, dois exemplos de notícia e observe não só sua estrutura (com base no que aprendeu aqui), mas também a linguagem utilizada.

Curta Cinemateca Especial

Voltado à projeção de curtas de novos realizadores brasileiros, a sessão do projeto Curta Cinemateca apresenta, no dia 4 de agosto, os documentários de diversos diretores

Realizadores interessados em exibir seu filme nas sessões do Curta Cinemateca Especial podem enviar seu pedido para o *e-mail* sala@cinemateca.org.br. Não indicado para menores de 14 anos. Confira a programação no *site* www.cinemateca.gov.br. A Cinemateca fica no Largo Senador Raul Cardoso, 207, próximo ao Metrô Vila Mariana.

Fonte: S. Paulo Zona Sul*, ano 51, n. 2.482.*

Líderes mundiais saúdam resgate dos mineiros no Chile

Lula ligou para o presidente chileno para parabenizá-lo

[...]

Na manhã desta quarta-feira, durante o resgate do 14º mineiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ligou para o presidente chileno, Sebastián Piñera, parabenizando-o pelo trabalho. "Todo o mundo está orgulhoso do Chile pelo trabalho organizado", disse Lula.

[...]

Fonte: O Estado de S. Paulo.

Não é incomum o gênero apresentar falas ou testemunhos de pessoas que participaram dos fatos. Nesses casos, as falas vêm entre aspas e sempre com a indicação do seu locutor. A notícia pode ter, ainda, uma fotografia que a acompanha e que ilustra o fato. Essa foto é acompanhada de legenda e um texto curto que descreve a imagem e complementa as informações sobre o fato.

Reportagem

Temos aqui um gênero também jornalístico e bastante próximo da notícia, com a qual tem semelhanças de finalidade, interlocutores, condições de produção, estrutura e linguagem. Elas diferem, no entanto, porque a reportagem informa os fatos de modo mais aprofundado, acrescentando opiniões, reflexões e diferentes versões, de preferência comprovadas. Assim, reconhecemos uma reportagem porque ela:

- pode ter um caráter opinativo, questionando as causas e as consequências dos fatos, interpretando-os;
- apresenta também predomínio da função referencial da linguagem, embora possa fazer uso de linguagem figurada, mais ainda do que a notícia o faz;
- busca sempre uma linguagem objetiva, clara, mas aqui se permite a interferência do jornalista, principalmente pelo uso de adjetivos e advérbios;
- usa o padrão culto da língua;
- apresenta estrutura semelhante à da notícia, com título, olho e corpo do texto. Pode apresentar também ilustrações, sempre legendadas, gráficos, infográficos, tabelas, mapas etc.

Um recurso muito usado na reportagem é o *box*, que amplia as informações do texto principal. Vários outros recursos são utilizados para a ampliação dessas informações: imagens, depoimentos, entrevistas, gráficos, mapas, divulgação de pesquisas etc.

Ela também pode ser impressa em jornais, revistas e portais de internet ou, ainda, ser radiofônica ou audiovisual.

Assim, notícia é a informação de um acontecimento atual, de interesse público ou de determinado segmento da sociedade, veiculada em jornal, rádio, televisão, internet ou revista. Já a reportagem nasce de toda uma atividade jornalística que geralmente compreende a cobertura de um acontecimento, entrevistas, análise e preparação de um texto final (ou seja, a reportagem em si, como gênero textual). Diversamente da notícia, a reportagem pretende esgotar o acontecimento, bem como suas causas e consequências, estimulando o debate sobre ele e apresentando, inclusive, opiniões do repórter redator. Nela também se apresentam comentários, falas, testemunhos, explicações especializadas, sempre entre aspas, quando forem reproduzidas conforme a fala original, ou seja, quando forem citações literais.

Veja um exemplo de reportagem e procure perceber as diferenças e semelhanças em relação à notícia, com base no que leu acima.

A guerra ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro

Cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, em 2010 o Rio de Janeiro foi palco de uma operação policial inédita por meio da qual o governo federal, o governo estadual e a

prefeitura carioca esperam livrar o Rio do crime organizado, que há três décadas domina morros e outras áreas do estado. O poder de fogo do narcotráfico e o descaso de governos anteriores explicam a situação atual.

Com o apoio das Forças Armadas, na manhã de 28 de novembro a polícia ocupou o Complexo do Alemão, conjunto de favelas controladas por traficantes no Rio de Janeiro. Três dias antes, em 25 de dezembro, policiais haviam entrado na Vila Cruzeiro, comunidade vizinha ao Complexo do Alemão, e expulsaram centenas de homens armados.

A ofensiva policial começou após uma série de atentados ocorridos desde 21 de novembro. Comandados por traficantes, delinquentes queimaram 106 veículos em retaliação contra a instalação de UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) em 13 comunidades. As UPPs foram criadas em 2008 e consistem em postos permanentes da Polícia Militar em favelas que antes eram dominadas pelo narcotráfico e por milícias. Nesta operação foram mobilizados cerca de 2.600 policiais – civis, militares e federais – e integrantes das Forças Armadas. Foram usados mais de 15 veículos blindados da Marinha. Os veículos para transporte de tropa foram usados para ultrapassar as barreiras colocadas por traficantes e levar os policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) aos pontos mais altos do morro, no início da ocupação das favelas.

A polícia apreendeu toneladas de drogas e armamento, além de aprisionar traficantes e pessoas envolvidas com o crime organizado. O secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame, afirmou que "é histórico" o apoio da Marinha.

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, solicitou ao Ministério da Defesa que os militares permaneçam no local até outubro de 2011. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva garantiu o apoio dos militares. Segundo Lula, as tropas das Forças Armadas ficarão no Rio o "tempo que for necessário para garantir a paz".

Ao desarticularem o poder armado do tráfico nas comunidades pacificadas, espera-se que as UPPs abram caminho para políticas sociais do governo, que começaram agora a ser implantadas. Essa iniciativa recebe ampla aprovação da população (88% dos entrevistados).

Além da implantação das UPPs no Morro do Alemão e em outras áreas, o governo do Rio de Janeiro pretende também ampliar nas favelas o atendimento em saúde, educação e lazer, aumentando a presença do Estado para que, dessa forma, o crime organizado não encontre mais espaço de atuação.

Raio X: Complexo do Alemão

- Uma das regiões mais pobres e violentas do Rio de Janeiro
- Área: 186 hectares (18 favelas)
- População: 90 mil habitantes
- Localização: Serra da Misericórdia, zona norte do Rio de Janeiro
- Estatísticas criminais: no local ocorrem 40% dos crimes cometidos na cidade
- Facção do crime organizado dominante na região: CV (Comando Vermelho)
- Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): 0,711 (o pior de todo o município, inferior ao registrado na região metropolitana do Rio [0,816] e no Estado [0,807])

Fonte: Método Inovador de Pesquisa. *São Paulo: Rideel, 2011.*

Entrevista

Também da esfera do texto jornalístico, a entrevista é um gênero em que alguém faz perguntas (o entrevistador) e alguém responde a essas perguntas (o entrevistado).

Uma entrevista pode ser feita para posterior publicação em jornal ou revista impressos. Nesse caso, depois de feita a entrevista oral propriamente dita, o entrevistador redige as perguntas e respostas, elaborando a linguagem, retirando características que sejam típicas apenas da fala, como hesitações, cortes na frase, repetições, expressões muito informais etc. Mas há também a entrevista que já é escrita desde o início, como, por exemplo, aquela feita por *e-mail*.

Além de jornais e revistas, a entrevista pode ser publicada também em um portal da internet. E ainda há a modalidade oral a que podemos assistir na TV, ouvir no rádio, ou ouvir na internet. Portanto, pode ser um gênero oral ou escrito.

Veja a seguir as principais características da entrevista escrita.

- Tem por finalidade colher informações, depoimentos, opiniões, aspectos da vida pessoal ou profissional de indivíduos de destaque nos meios artístico, cultural, político, religioso etc.
- Contém título e, geralmente, subtítulo, além de uma introdução que procura situar o leitor em relação ao entrevistado, sua obra ou acontecimento a que está ligado.
- É organizada em perguntas e respostas.
- Há sempre a apresentação do nome do entrevistado (ou da publicação na qual este trabalha) e do entrevistador antes da fala de cada um.
- A linguagem geralmente é culta, podendo sofrer variações conforme as características do entrevistado, do jornal ou da revista e do público (por exemplo, em uma revista para o público adolescente, é comum a linguagem ser recheada de gíria jovem; em uma revista de humor, já se espera um tom mais debochado, com linguajar bem informal). Por isso, é preciso definir sempre o público-alvo.
- A linguagem procura reproduzir o ritmo da conversa, construindo-se um verdadeiro diálogo, em que o en-

trevistador pode interromper o entrevistado para fazer alguma observação ou nova pergunta.

- Verbos no presente do indicativo, na sua maioria. Mas tanto o entrevistado quanto o entrevistador recorrem, muitas vezes, a verbos no pretérito e no futuro, dependendo da circunstância que querem citar.

Você sabe como entrevistar bem e, depois, registrar essa entrevista na modalidade escrita da língua?

- Procure saber quanto tempo você terá para entrevista; se forem poucos minutos, cumprimente o entrevistado, apresentando-se, vá direto ao assunto e evite introduções desnecessárias.
- Antes de realizar a entrevista, informe-se sobre o entrevistado e sobre o(s) assunto(s) de que irão tratar.
- Faça anotações e, se necessário, leve um gravador (peça licença ao entrevistado antes de ligar o aparelho).
- Espere o entrevistado concluir o seu pensamento antes de fazer uma nova pergunta. No entanto, se ele se estender demais, delicadamente reconduza a entrevista para o foco desejado, através de pergunta nova ou comentário.
- Faça perguntas curtas e objetivas (imagine o que seu público gostaria de saber).
- Se for escrita, procure elaborar a linguagem, ao transcrevê-la, mas não mude o sentido das respostas.

Como temos visto, praticamente todos os gêneros do discurso prestam-se a recriações, cuja finalidade não é exatamente a original. Com a entrevista não é diferente, e muitas dessas recriações podem ser baseadas em fatos e

personagens ficcionais (você já deve ter lido alguma entrevista com a Mônica – personagem de Maurício de Sousa), por exemplo, ou com entrevistados ficcionais, como um peixinho vivendo em um aquário, uma árvore ou, até mesmo, um anjo ou um santo. Nesses casos, obviamente, o autor (ou outra pessoa) procura responder às perguntas do entrevistador, respeitando as características e o modo de ser dessa personagem. Isso pode ser um interessante recurso para que, dando-se vida e voz a tais entrevistados, obtenham-se interessantes efeitos de sentido (estranhamento, poesia, humor, crítica etc.).

Carta pessoal

Hoje já disputando (bastante) o espaço com os rápidos *e-mails*, a carta pessoal é um gênero que tem atravessado séculos, cumprindo seu objetivo principal, que é o de estabelecer/permitir comunicação entre pessoas que estão distantes umas das outras.

O gênero sempre serviu a todos, independente de época, classe socioeconômica, sexo, idade, profissão: sabendo ler e escrever, sempre havia uma carta, sua ou de alguém, a ser enviada, respondida, recebida.

E a carta sempre foi tão importante na função de reunir pessoas e informar fatos distantes, que mereceu ser assunto de poemas, canções, crônicas, contos e poesias. Até a profissão (ou ação voluntária) de ler/escrever cartas, a pedido de pessoas não alfabetizadas existe ainda hoje no Brasil (essa era a ocupação da personagem principal – Dora, vivida por Fernanda Montenegro – do belo filme franco-brasileiro *Central do Brasil*, dirigido por Walter Salles, em 1998).

Temos, também, romances inteiros apresentados sob a forma de cartas que teriam sido escritas pelas personagens: é o caso de *A cor púrpura*, de Alice Walker, de 1982. Com base nele, foi realizado, em 1985, o filme de grande sucesso do diretor Steven Spielberg.

Veja, então, as características desse gênero, que tem sido tão importante na vida das pessoas ao longo de muitos anos.

- É uma comunicação pessoal, de assunto livre, com a finalidade de manter por escrito uma espécie de "conversa", na qual são relatados vários acontecimentos, sentimentos etc. que envolvem os interlocutores das cartas;
- Estrutura composta de local e data; vocativo, referindo-se ao destinatário; corpo do texto e assinatura; às vezes, também há o P.S. (*post-scriptum*), ou seja, algo que se escreve após a carta ter sido finalizada e assinada.
- A linguagem varia de acordo com o grau de intimidade entre os interlocutores e também com sua condição socioeconômica e cultural, idade, região do país etc., podendo ser menos ou mais formal, culta ou coloquial, e, eventualmente, incluir gírias.
- Os verbos estão, geralmente, no presente do indicativo; mas usa-se também bastante o pretérito, ao relatarem-se acontecimentos ou lembranças, por exemplo; e também o futuro, ao se combinarem planos, encontros e projetos comuns.
- Quando enviada pelo correio (meio mais comum), a carta é colocada em um envelope, preenchido ade-

quadamente com o nome e o endereço do remetente e seu CEP (código de endereçamento postal); com relação ao destinatário, são informados os mesmos dados.

O local e a data são colocados no início da carta, normalmente à esquerda. O vocativo pode conter apenas o nome do destinatário ou vir acompanhado de palavras de cortesia, como "Caro senhor" e "Querida amiga", por exemplo, ou pode mesmo ser um apelido, que varia conforme o grau de intimidade entre as pessoas que se correspondem. O vocativo pode ser seguido de dois-pontos, de vírgula ou não conter pontuação. Exemplo:

Lisboa, 29 de novembro de 1920.

Ophelinha:

Agradeço a sua carta. Ela trouxe-me pena e alívio ao mesmo tempo. Pena, porque estas cousas fazem sempre pena; alívio, porque, na verdade, a única solução é essa – o não prolongarmos mais uma situação que não tem já a justificação do amor, nem de uma parte nem de outra. Da minha, ao menos, fica uma estima profunda, uma amizade inalterável. Não me nega a Ophelinha outro tanto, não é verdade?

Nem a Ophelinha, nem eu, temos culpa nisto. Só o Destino terá culpa, se o Destino fosse gente, a quem culpas se atribuíssem.

O Tempo, que envelhece as faces e os cabelos, envelhece também, mas mais depressa ainda, as afeições violentas. A maioria da gente, porque é estúpida, consegue não dar por isso, e julga que ainda ama porque contraiu o hábito de se sentir a amar. Se assim não fosse, não havia gente feliz no mundo. As criaturas superiores, porém, são privadas da possibilidade dessa ilusão, porque nem podem crer que o amor dure, nem, quando o sentem acabado, se enganam tomando por ele a estima, ou a gratidão, que ele deixou.

Estas cousas fazem sofrer, mas o sofrimento passa. Se a vida, que é tudo, passa por fim, como não hão de passar o amor e a dor, e todas as mais cousas, que não são mais que partes da vida?

Na sua carta é injusta para comigo, mas compreendo e desculpo; decerto a escreveu com irritação, talvez mesmo com mágoa, mas a maioria da gente – homens ou mulheres – escreveriam, no seu caso, num tom ainda mais acerbo, e em termos ainda mais injustos. Mas a Ophelinha tem um feitio ótimo, e mesmo a sua irritação não consegue ter maldade. Quando casar, se não tiver a felicidade que merece, por certo que não será sua a culpa.

Quanto a mim...

O amor passou. Mas conservo-lhe uma afeição inalterável, e não esquecerei nunca – nunca, creia – nem a sua figurinha engraçada e os seus modos de pequenina, nem a sua ternura, a sua dedicação, a sua índole amorável. Pode ser que me engane, e que estas qualidades, que lhe atribuo, fossem uma ilusão minha; mas nem creio que fossem, nem, a terem sido, seria desprimor para mim que lhas atribuísse.

Não sei o que quer que lhe devolva – cartas ou que mais. Eu preferia não lhe devolver nada, e conservar as suas cartinhas como memória viva de um passado morto, como todos os passados; como alguma cousa de comovedor numa vida, como a minha, em que o progresso nos anos é par do progresso na infelicidade e na desilusão.

Peço que não faça como a gente vulgar, que é sempre reles; que não me volte a cara quando passe por si, nem tenha de mim uma recordação em que entre o rancor. Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil.

Que isto de "outras afeições" e de "outros caminhos" é consigo, Ophelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais á obediência a Mestres que não permitem nem perdoam.

Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha.

Fernando

(Carta enviada por Fernando Pessoa a sua amada Ophelia de Queiroz em 1920)

E-mail

O *e-mail* ou mensagem eletrônica, ao contrário da carta, é um gênero muito recente, surgido com o aparecimento da internet e caracterizado por ser uma comunicação extremamente rápida entre interlocutores que tenham conexão com a rede virtual. Também aqui se procura uma "conversação" escrita, mas normalmente bem mais breve do que na carta. O envio, por via eletrônica (a um clique no computador), assim como, normalmente, a resposta rápida, tornam esse gênero bastante ágil e prático, o que o faz muito mais utilizado hoje em dia do que a carta.

O *e-mail* pode ser utilizado em diversas situações, tanto de caráter pessoal, como profissional. A linguagem, assim, deve ser adequada à situação, à sua finalidade, ao contexto, ao interlocutor. Veja o exemplo abaixo, em que se ensina o padrão que deve seguir um *e-mail* de natureza profissional:

Para ..... (destinatário / empresa)
Atenção a ..... (pessoa ou departamento)
Assunto ..... (tema da comunicação)

Prezados Senhores,

Somos uma empresa de representações em vendas e trabalhamos com vendedores altamente capacitados.
Anexamos, nesta oportunidade, nosso portfólio para análise, e manifestamos nossa intenção de representar sua empresa em todo

o país.
Caso haja interesse por parte de sua empresa, nos colocamos à disposição para novos contatos.

Agradecemos a atenção.

..... (Sua Empresa)
..... (Seu Nome - Seu Cargo)

A estrutura de *e-mails* é bastante semelhante à de cartas, até porque a finalidade de ambos é muito semelhante.

Cartaz

É outro gênero de ampla utilização em nossa sociedade, já que pode atingir grande número de pessoas, com poucos recursos. Vejamos as características do cartaz:

- a finalidade é informar, instruir ou persuadir o leitor sobre algum assunto;
- geralmente utiliza as linguagens verbal e não verbal (fotos, desenhos etc.), podendo haver predomínio de uma delas;
- os textos escritos são normalmente curtos, para uma leitura rápida;
- emprega, geralmente, o padrão culto formal da língua, mas também pode ser bastante informal, em cartazes de comemorações entre amigos ou familiares, por exemplo, ou cartazes infantis;
- cartazes de empresa ou instituição, costumam apresentar identificação simples, por meio de logotipo;
- pode ser encontrado em ruas, repartições públicas, estabelecimentos comerciais, hospitais, cinemas, teatros etc.;

- normalmente se apresenta em papel específico, costuma ter formato retangular e alguns padrões de tamanho.

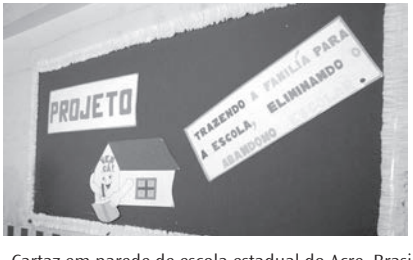
Podemos dizer que há dois tipos básicos:

- Cartazes de rua: têm finalidade de atrair a atenção de quem passa, e a mensagem que transmitem deve ser captada por muitas pessoas ao mesmo tempo. Sempre em ambiente externo, procura chamar a atenção, até porque está em meio a muitos outros cartazes, placas de rua etc.

16

- Cartazes de interiores: destinam-se a grupos menores, dentro de escolas, empresas, clubes, cinemas, teatros, igrejas etc., e podem ser lidos com mais atenção e conter informação mais ampla e detalhada.

17



Cartaz em parede de escola estadual do Acre, Brasil

Veja na figura a seguir um cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922: nesse ano, em São Paulo, artistas fizeram uma exposição de pintura, escultura, poesia, música, artes de modo geral. Esses artistas, conhecidos como modernistas, queriam uma atualização das artes, com novas formas e novos temas, um rompimento com o que se conhecia como artístico até então. Perceba que o texto escrito é sucinto e apenas fornece as informações mais importantes e básicas.

18

Cartaz da Semana de Arte Moderna. São Paulo, Brasil, 1922

Dicas para a confecção de um cartaz:

1) Divida o espaço útil do papel em três partes. A colocação dos elementos (*slogan*, imagem e texto) deve ser feita de modo a proporcionar um equilíbrio com mais movimento (dinâmico) ou com menos movimento (estático), conforme seu objetivo.
2) O texto escrito deve ter frases curtas e letras bem legíveis.

3) As imagens devem ser legendadas.
4) Os espaços vazios são importantes. São eles que farão sobressair a ilustração e a mensagem do cartaz.
5) O espaço ocupado pelo texto escrito deve ser menor do que o espaço ocupado pela imagem.
6) O texto escrito pode ser feito à mão, com letras recortadas de jornais e revistas, com letras autocolantes, com moldes de letras etc. Escolha letras simples e fáceis de ler.
7) Destaque palavras ou frases, recorrendo a diferentes estilos, tamanhos ou cores de letra. Essa cor deverá contrastar com a cor do fundo, para que as palavras sejam bem legíveis.
8) Faça, antes, um rascunho do que quer escrever, para que seja informativo e claro.

Anúncio publicitário

- Tem a finalidade de promover um produto e convencer o leitor a consumi-lo.
- Texto argumentativo e persuasivo.
- Linguagem sintética.
- Adequação da linguagem ao interlocutor.
- Linguagem simples, permitindo fácil entendimento das ideias expressas.
- Muitas vezes apresenta um *slogan*.
- Uso da função apelativa da linguagem.

Exemplo:

19

Campanha de trânsito do EPTC. Porto Alegre/RS, set. 2009

Resumo

Há muitas situações nas quais precisamos abreviar a exposição dos fatos, ter mais rapidez e concisão na narração de acontecimentos ou na reflexão sobre qualquer questão, ou seja, temos que nos utilizar de resumos.

Quer na modalidade oral, quer na escrita, o resumo permite que se conservem ideias principais, eliminando-se o que for redundante ou acessório. Além da rapidez, o resumo permite boa memorização, já que não sobrecarrega o cérebro com outras informações que não sejam essenciais.

Vejamos algumas características do gênero, na modalidade escrita.

- Brevidade: os parágrafos devem ter sentido completo, embora bem "enxutos".
- Clareza: deve-se sintetizar a apresentação de tal modo que possa dar uma visão global do texto.
- Linguagem pessoal: é preciso ser fiel às ideias do autor, mas com linguagem própria.
- Atenção: de modo geral, após a elaboração do resumo, dispensa-se a leitura do original para compreensão do conteúdo.

Normas para um bom resumo

1. Separe os dados essenciais e secundários.
2. Selecione as ideias principais.
3. Relacione os elementos destacados.
5. Não resuma antes de ler, de esclarecer todo o conteúdo, de sublinhar e fazer anotações na margem do texto.
6. Desenvolva o assunto com suas próprias palavras, de maneira dissertativa, usando frases curtas.
7. Use parágrafos para separar todos os elementos importantes e diferentes.
8. Em cada parágrafo, deverá haver um só elemento importante.
9. Não use numeração nem itens, como no esquema, mas construa parágrafos.

Resenha crítica

No mundo de hoje, em que é imensa a oferta de filmes, livros, peças teatrais, exposições, espetáculos de música

e dança e outras produções culturais variadas, o gênero resenha crítica ganha valor e importância, sendo de grande valia para ajudar-nos a escolher entre esses muitos eventos. A resenha crítica combina a apresentação das características essenciais de uma obra com julgamentos e avaliações sobre ela. Assim,

- apresenta o conteúdo de uma obra e dados de sua ficha técnica (às vezes), acompanhados de uma análise crítica;
- consiste na leitura, no resumo e no comentário crítico (e como faz críticas, apresenta argumentos que as justifiquem);
- pode ser encontrada em revistas, jornais, *sites*, blogues pessoais, capas de CDs, DVDs etc.;
- embora se utilize de linguagem formal, isso depende muito do veículo utilizado, do produto cultural resenhado e do público que se quer atingir;
- apesar de usar 3ª pessoa em verbos e pronomes, não é raro haver resenhas em 1ª pessoa.

Veja um trecho de uma resenha sobre o famoso musical da Broadway, *Cats*:

Cats ganha versão brasileira assinada por Toquinho

O segundo musical mais visto da história da Broadway, *Cats*, de Andrew Lloyd Weber, ganha versão brasileira que estreia no próximo dia 4, quinta-feira, às 21h, no Teatro Abril.

O musical é baseado em 14 poemas do livro infantil *Old Possum's Book of Practical Cats*, publicado a primeira vez em 1939, com ilustrações do próprio autor, o poeta americano T. S. Eliot, que escreveu a obra para os filhos, depois de passar dias observando o comporta-

mento de seus próprios felinos. Com música composta por Andrew Lloyd Webber [...]

Fonte: Disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/aplausobrasil/2010/03/02/cats-ganha-versao-brasileira>. Acesso em: 22 out. 2010.

Atenção: a diferença entre resumo e resenha é pequena. Uma resenha deve ser feita com base em algo que você leu, e nela você pode colocar suas opiniões de forma crítica.

Como se viu anteriormente, resumo é uma diminuição de um texto ou de algum assunto abordado, nunca perdendo o foco do assunto principal nem expondo sua opinião sobre ele.

É interessante lembrar também que existem quatro tipos de resenha: resenha acadêmica, resenha crítica, resenha temática e resenha descritiva.

Relatório

Em empresas, escolas, laboratórios científicos etc., é comum a solicitação de relatórios, ou seja, textos expositivos, mas também de análise, por meio dos quais são apresentados os resultados de uma experiência ou os dados de uma pesquisa.

Veja as características do gênero:

- trata-se de um documento em que são registrados os resultados de uma experiência, de um procedimento ou de uma ocorrência;
- pode ser simples ou complexo;
- apresenta linguagem clara, objetiva e concisa;
- segue os padrões da norma culta da língua;

- pode ser complementado por gráficos, quadros informativos, tabelas, descrições, relatos de fatos, dados numéricos;
- contém identificação de remetente e destinatário.

Um relatório deve ter as seguintes partes:

1) título;

2) objeto (introdução ao tema, objetivo do trabalho);

3) delimitação (explicação de limites do relatório);

4) referências (fontes de consulta);

5) texto principal (desenvolvimento do relatório);

6) conclusões (resumo, resultados, constatações).

Exemplo:

Fotossíntese

De: Grupo 5.

Para: Professor de Ciências.

Objeto: Registro de experiência para comprovação da fotossíntese.

Referências:

Experimento:

1º - Separamos o material a ser utilizado: caixas de sapato, copos plástico, algodão, água, grãos de feijão.

2º - Realizamos o plantio dos grãos de feijão no algodão e anotamos seu crescimento, sua cor e seu desenvolvimento, desde o plantio até um determinado ponto.

3º - Após o crescimento do feijão, o professor preparou caixas de sapatos e colocou em cada uma um pé de feijão. As caixas eram: a) uma totalmente fechada; b) outra com um círculo na lateral, a fim de evidenciar o fototropismo; e c) outra totalmente aberta.

4º - Após uma semana, abrimos as caixas fechadas e observamos o que ocorreu.

Conclusão: percebemos as diferenças entre as plantas que recebem a luz solar e as que estão privadas dessa luz.

Teste seu saber

1. Elabore um relato pessoal, um tipo de memorial de sua vida escolar.

   Receita para transformar príncipe em sapo
   Ingredientes
   1 rabo de lagartixa
   1 xícara de veneno de cobra
   1 asa de morcego
   4 patinhas de aranha
   meleca de nariz a gosto
   Modo de fazer
   Coloque todos os ingredientes em um caldeirão e misture bem. Cozinhe em fogo baixo, mexendo até ferver. Coloque em um vidrinho de perfume e dê de presente ao príncipe. É só aguardar a transformação.

   Agora, é sua vez. Crie uma receita de feitiço. Relacione quais são os ingredientes e descreva o modo de fazer.

2. Siga as etapas indicadas para produção de uma entrevista:

   a) Escolha um entrevistado entre as sugestões a seguir: aluno do ensino fundamental, aluno do ensino médio, funcionário mais antigo da escola, professor mais jovem da escola, diretora pedagógica.

   b) Pesquise dados sobre a vida e a função do entrevistado.

   c) Elabore as perguntas que deverão ser feitas.

   d) Entreviste a pessoa escolhida.

   e) Anote ou grave suas respostas.

   f) Transcreva a entrevista oral, revise e passe a limpo o texto final.

3. Escolha um assunto pelo qual você tem interesse: música, moda, profissão, relacionamentos ou outros. Pesquise sobre ele em livros, jornais, revistas, internet ou com pessoas que tenham conhecimento sobre o tema escolhido. Anote todos os dados que julgar importantes.

Produza uma reportagem, utilizando esses dados e colocando seu ponto de vista.

4. Suponhamos que você viajou para um lugar distante. Escreva uma carta a um amigo ou a uma amiga contando tudo sobre essa viagem. Não se esqueça de colocar data, vocativo, fazer o texto em si, despedida e assinatura.

5. Assista a um filme de sua preferência e elabore uma resenha crítica sobre ele. Lembre-se de que resenha não é resumo.

6. Escolha um capítulo do seu livro de História e faça um resumo sobre ele. Leia, selecione as ideias principais e escreva-as com suas próprias palavras.

7. Invente um produto e crie um texto publicitário para divulgá-lo.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia atentamente o primeiro capítulo de *Senhora*, de José de Alencar. A seguir, faça um resumo dos fatos narrados nesse capítulo.

Primeira Parte

O PREÇO

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e famosa. Duas opulências, que se realçavam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia. Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentos malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina. Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade era desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo. Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com a sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e os perigos que a ameaçavam. Daí provinha talvez a expressão cheia de desdém e um certo ar provocador, que eriçavam a sua beleza aliás tão correta e cinzelada para a meiga e serena expansão d'alma. Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim uma máscara de alguma profunda decepção. Como acreditar que a natureza houvesse traçado linhas tão puras e límpidas daquele perfil para quebrar-lhes a harmonia com o riso de uma pungente ironia? Os olhos grandes e rasgados, Deus não os aveludaria com a mais inefável ternura, se os destinasse para vibrar chispas de escárnio. Para que a perfeição estatuária do talhe de sílfide, se em vez de arfar ao suave influxo do amor, ele devia ser agitado pelos assomos do desprezo?

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam, ao contrário parecia unicamente possuída de uma indignação por essa turba vil e abjeta. Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante a sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como um réptil venenoso.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante. Se o sinistro vislumbre se apagasse de súbito, deixando a formosa estátua na penumbra suave da candura e inocência, o anjo casto e puro que havia naquela, como há em todas as moças, talvez passasse despercebido pelo turbilhão.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam. Por isso mesmo considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens; e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, a sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um de seus milhões de cruzeiros.

Nunca da pena de algum Chatterton desconhecido saíram mais cruciantes apóstrofes contra o dinheiro, do que vibrava muitas vezes o lábio perfumado dessa feiticeira menina, no seio de sua opulência.

Um traço basta para desenhá-la sob esta face. Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão. Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando-lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava os seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Uma noite, no Cassino, a Lísia Soares, que fazia-se íntima com ela, e desejava ardentemente vê-la casada, dirigiu-lhe um gracejo acerca do Alfredo Moreira, rapaz elegante que chegara recentemente da Europa.

— É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem mil cruzeiros; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

Riam-se todos destes ditos de Aurélia e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa; porém a maior parte das senhoras, sobretudo aquelas que tinham filhas moças, não cansavam de criticar esses modos desenvoltos, impróprios de meninas bem-educadas. Os adoradores de Aurélia sabiam, pois ela não fazia mistério, do preço de sua cotação no rol da moça; e longe de se agastarem com a franqueza, divertiam-se com o jogo que muitas vezes resultava do ágio de suas ações naquela empresa nupcial.

Dava-se isto quando qualquer dos apaixonados tinha a felicidade de fazer alguma coisa a contento da moça e satisfazer-lhe as fantasias; porque nesse caso ela elevava-lhe a cotação, assim como abaixava a daquele que a contrariava ou incorria em seu desagrado.

Muito devia a cobiça embrutecer esses homens, ou cegá-los de paixão, para não verem o frio escárnio com que Aurélia se ludibriava nestes brincos ridículos, que eles tomavam por garridices de menina, e não eram senão ímpetos de uma irritação íntima e talvez mórbida. A verdade é que todos porfiavam, às vezes colhidos por desânimo passageiro, mas logo restaurados por uma esperança obstinada, nenhum se resolvia a abandonar o campo; e muito menos o Alfredo Moreira que parecia figurar na cabeça do rol.

Não acompanharei Aurélia em sua efêmera passagem pelos salões da corte, onde viu, jungido a seu carro de triunfo, tudo que a nossa sociedade tinha de mais elevado e brilhante. Proponho-me unicamente a referir o drama íntimo e estranho que decidiu do destino dessa mulher singular.

Fonte: ALENCAR, José de. Senhora. *(Excerto.)*

Comentário

O resumo deve conter, aproximadamente, vinte linhas e três parágrafos. Não deve se afastar das ideias do autor nem conter a cópia idêntica de trechos do texto. Lembre-se de que devemos, após a leitura atenta do original, sublinhar as ideias principais e, depois, escrever o resumo usando nossas próprias palavras.

10 Gêneros literários

Como vimos no Capítulo 9, todos os textos que produzimos nas situações de comunicação do dia a dia pertencem a um determinado gênero. São os chamados gêneros textuais.

Vejamos um breve exemplo, em um *e-mail* trocado por duas amigas:

> **De:** Joana
> **Para:** Mariana
> Oi, Mari, tudo legal?
> Olha, só escrevi rapidinho, pra te contar que hoje de manhã, bem no meio da rua, naquele buraco antigo que tem lá, nasceu uma flor amarela. Não é o máximo? A primavera está chegando mesmo. Tomara que ninguém passe por cima dela, porque a rua ficou mais bonita.
> Bj
> Jo.

Esse texto cumpriu bem sua finalidade, ou seja, uma amiga informa a outra sobre o nascimento de uma flor em um lugar pouco comum. E também trata de sua reação a esse acontecimento: ficou feliz porque percebeu a chegada da primavera e o embelezamento que a flor propiciou.

Mas, e quando dizemos que um texto é literário? Como e por que o definimos assim? Veja o trecho abaixo, de um poema do famoso Carlos Drummond de Andrade.

A flor e a náusea

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rios de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
[...]

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião. *Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.*

Veja que o eu poético fez mais do que informar sobre o nascimento da flor e mais do que expressar suas reações ao acontecimento, embora também esteja fazendo isso. Ele, na verdade, foi buscar uma maneira diferente de dizer tudo isso, foi buscar uma linguagem figurada, para contar como o lugar é incomum (a flor teve que iludir a polícia para nascer); pede que o mundo todo pare para observá-la; usa repetições de termos para enfatizar o acontecimento e marcá-lo nas impressões do leitor. Em resumo, ele não só contou sobre o fato, mas preocupou-se com o modo como faria isso, com a linguagem que causaria maior impacto etc. E, claro, usou versos (fez um poema), mas poderia ter produzido um texto também literário em prosa (ou seja, em parágrafos).

Mas, então, o que caracteriza um texto literário?

Como já vimos até aqui, para ser literário, um texto deve estar escrito no que chamamos de *linguagem literária*, ou seja, uma linguagem com recursos que chamam a atenção para o modo como o texto foi escrito e não apenas para seu tema, seu assunto. É usar, por exemplo, o sentido conotativo das palavras, é criar sentidos conotativos novos, é apresentar sonoridades, ritmo etc. O texto literário volta-se

para a expressão, apresentando a realidade de forma única, singular, vista pelo seu autor. É nele que a *função poética* da linguagem se exercita.

E, quando se trata de textos literários, dizemos que pertencem a um dos gêneros literários. Vamos estudá-los, mas, antes disso, veja as diferenças entre as formas básicas de construção que apresentam.

Divisão de base formal

São dois os grandes grupos em que se dividem os textos literários:

- Prosa: as linhas ocupam toda a extensão horizontal da página, excetuando as margens convencionais. O texto divide-se em blocos chamados parágrafos. Exemplo:

> Então começou a minha vida de milionário. Deixei bem depressa a casa da Madame Marques – que, desde que me sabia rico, me tratava todos os dias a arroz-doce, e ela mesma me servia, com o seu vestido de seda dos domingos. Comprei, habitei o palacete amarelo, ao Loreto: as magnificências da minha instalação são bem conhecidas pelas gravuras indiscretas da Ilustração Francesa. Tornou-se famoso na Europa o meu leito, de um gosto exuberante e bárbaro, com a barra recoberta de lâminas de ouro lavrado, e cortinados de um raro brocado negro onde ondeiam, bordados a pérolas, versos eróticos de Catulo; uma lâmpada, suspensa no interior, derrama ali a claridade láctea e amorosa de um luar de Verão.
>
> *Fonte: QUEIROZ, Eça de.* O mandarim. *(Excerto.)*

- Poesia: as linhas não ocupam toda a extensão horizontal da página. O poema divide-se em blocos chamados estrofes. Cada linha do poema é denominada verso.

Pode ou não haver rima. Veja abaixo um exemplo, no trecho do poema indianista I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, escrito em 1851.

IV
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.
Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.
[...]

Divisão clássica

Há uma outra divisão que os estudos literários clássicos costumam aceitar ainda hoje, baseada em Aristóteles: os gêneros literários *lírico*, *épico* e *dramático*. Essa classificação baseia-se mais na temática do que na forma, diferentemente da classificação poesia *versus* prosa.

No gênero *lírico*, um eu lírico, ou eu poético (a voz que fala no poema), expressa suas emoções, ideias e impressões pessoais sobre sua vida, seus amores, suas exepriências. Normalmente, por isso, usa-se 1ª pessoa. A função predominante é a emotiva, ao lado da poética.

No *épico*, há um narrador que quase sempre narra a história de um povo ou de uma nação, ou dos feitos de alguém (é a *epopeia*). Usa-se 3ª pessoa e um certo distanciamento do narrador em relação aos fatos narrados. Pode ocorrer em prosa ou poesia.

No *dramático*, temos um texto para ser encenado no teatro. Não há um eu poético ou um narrador, normalmente, mas a história vai acontecendo no palco, representada por atores. Tudo é construído sob a forma de diálogos.

Como essa classificação aristotélica é usada ainda hoje, é interessante que a conheçamos.

Divisão moderna – gêneros

Além das divisões citadas, há a classificação moderna em gêneros também (que não exclui as anteriores), na qual se leva em conta a modalidade de texto, as condições de produção e a estrutura narrativa, por exemplo.

Há bastante discussão a respeito dessa classificação, porque não é incomum, hoje, que alguns gêneros se confundam, mesclando características de um e de outro. Mesmo assim, é possível conhecermos alguns deles, em que se incluem os já mencionados.

Poema

Um poema (que pode ser lírico ou épico) possui os seguintes elementos:

- Versos: cada linha é um verso.
- Estrofe: é a reunião dos versos, em blocos.

- Ritmo: é dado pela repetição mais ou menos regular da intensidade sonora.
- Metro: é a divisão das sílabas, a medida vazia do sentido reproduzida pelo número regular de sílabas.
- Rima: repetições de sons tanto no meio como no final do verso. Quando não há rima, chama-se verso branco.

Exemplo:

Navio negreiro

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
– Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

Fonte: ALVES, Castro. Recortes. *(Excerto.)*

Romance

- Texto narrativo.
- Gênero longo, com várias personagens.

- Estrutura complexa, pois várias tramas se desenrolam paralelas à narração da história principal.
- Há um conflito maior, básico, e outros secundários, mas importantes para a trama central.
- Os acontecimentos são organizados numa sequência temporal, que pode ser cronológica ou psicológica.
- Linguagem que varia de acordo com o estilo pessoal do autor, o estilo de época, o espaço onde se passa a história, a intencionalidade do autor e o contexto social e de produção.

Muitas pessoas acham que romance é um tipo de texto que tem como tema uma relação amorosa. Isso não é verdadeiro, pois temos o romance de amor, o romance policial, o romance de aventura, o romance de ficção científica.

Exemplo de um trecho de romance brasileiro de 1872, de linguagem bastante regionalista:

IV – A CASA DO MINEIRO

Quando assomaram os dois viajantes à entrada do terreiro que rodeava a vivenda de Pereira, correram-lhes ao encontro quatro ou cinco cães altos e magros, que aos pulos saudaram o dono da casa com uma cainçada de alegria.

Puseram-se algumas galinhas a girar atarantadas, ao passo que vários galos, já empoleirados na cumeeira da morada, bradavam novidade e uns porcos e bacorinhos aqui e acolá se erguiam dentre palhas de milho e, estremunhados, olhavam para os recém-chegados com olhos pequenos e cheios de sono.

Do interior da habitação, não tardou a sair uma preta idosa malvestida, trazendo atado à cabeça um pano branco de algodão, cujas pontes pendiam até ao meio das costas.

— Olá, Maria Conga, perguntou Pereira, que há de novo por cá?

— Atenção, meu senhor, pediu a escrava chegando-se com alguma lentidão.

— Deus te faça santa, respondeu o mineiro. Como vai a menina? Nocência?

— Nhã está com sezão.

— Sei eu, rapariga de Cristo; mas como passou ela de trasantontem para cá?

— Todo o dia, vindo a hora, nhã bate o queixo, nhor-sim.

— Está bem... É que o mal ainda não abrandou... Daqui a pouco, veremos. E a janta?... Está pronta? Venho varado de fome. Que diz, Sr. Cirino? indagou, voltando-se para o companheiro.

— Não se me dava também de comer alguma coisa. Temos razão para...

— Pois então, interrompeu Pereira, ponha pé no chão e pise forte que o terreno é nosso. Minha casa, ia lho disse, é pobre, mas bastante farta e a ninguém fica fechada.

Deu logo o exemplo, e descavalgou do cavalinho zambro, o qual foi por si correndo em direção a uma dependência da casa com formas de tosca estrebaria.

Apeou-se igualmente Cirino, mas, ao penetrar numa espécie de alpendre de palha que ensombrada a frente toda, mostrou repentina e viva contrariedade no gesto e na fisionomia.

— Ora, Sr. Pereira, exclamou ele batendo com o tacão da bota num sabugo de milho, só agora é que me lembro que as minhas cargas vão todas tomar caminho do Leal e aqui me deixam sem roupa, nem medicamentos. Que maçada! Devíamos ter esperado na boca da sua picada.

Respondeu-lhe o mineiro todo desfeito em expansivo riso:

— Olé, pois o doutor é tão novato assim em viagens? Então pensa que lá não deixei aviso seguro à sua gente? Não se lembra de um ramo verde que pus bem no meio da estrada real?

— É verdade, confirmou Cirino.

— E então? Daqui a pouco a sua camaradagem está batendo o nosso rasto. Entremos, que a fome já vai apertando.

Consistia a morada de Pereira num casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janelas muito estreitas e mal abertas. Na parede da frente que, talvez com o peso da coberta, bojava sensivelmente fora da vertical, grandes rachas longitudinais mostravam a urgência de sérias reparações em toda aquela obra feita de terra amassada e grandes paus a pique.

Ao oitão da direita existia encostado um grande paiol construído de troncos de palmeiras, por entre os quais iam rolando as espigas de milho, com o contínuo fossar dos porquinhos, que dali não arredavam pé.

Corrido na frente de toda a vivenda, via-se um alpendre de palha de buriti, sustentado por grossas taquaras, ligeiro apêndice acrescentado por ocasião de alguma passada festa, em que o número de convidados ultrapassara os limites de abrigo da hospitaleira habitação.

Internamente era ela dividida em dois lanços: um, todo fechado, com exceção da porta por onde se entrava, e que constituiu o cômodo destinado aos hóspedes, outro, à retaguarda, pertencia à família, ficando, portanto, completamente vedado às vistas dos estranhos e sem comunicação interna com o compartimento da frente.

Era de barro compacto e secado o chão desta sala, vendo-se nele sinais de que às vezes ali se acendia fogo: pelo que estavam o sapé do forro e o ripamento revestidos de luzidia e tênue camada de picumã que lhes dava brilho singular como se tudo fora jacarandá envernizado.

— Isto aqui, disse Pereira penetrando na sala e sentando-se numa tripeça de pau, não é meu, e de quem me procura. Poucos vêm cá decerto parar, mas enfim é sempre bom contar com eles... Minha gente mora na dependência dos fundos.

E apontou para a parede fronteira à porta de entrada, fazendo um gesto para mostrar que a casa se estendia além.

— Sr. Pereira, disse Cirino recostando-se a uma sólida marquesa, não se incomode comigo de maneira alguma... Faça de conta que aqui não há ninguém

— Pois então, retorquiu o mineiro, deite-se um pouco, enquanto vou lá dentro ver as novidades. A hora é mais de comer, que de cochilar; mas espere deitadinho e a gosto, o que é sempre mais cômodo do que ficar de pé ou sentado.

Não desprezou o hóspede o convite. Tirou o pala, puxou as botas e, cruzando-as, fez dos canos travesseiros, em que descansou a cabeça.

Quem se coloca em posição horizontal, depois de vencidas umas estiradas léguas, adormece com certeza. Depressa veio, pois, o sono cerrar as pálpebras do recém-chegado e intumescer-lhe o peito com sossegada respiração.

Dormiu talvez hora e meia, e mais houvera dormido, se não fosse acordado pelo tropel de animais que paravam, e por grita de gente a pôr cargas em terra.

Assomou Pereira à porta com ar jovial.

— Então, que lhe disse eu?

— De fato; estou agora sossegado.

— E o Sr. tomou uma boa data de sono.

— Quem sabe uma hora?

— Boa dúvida, se não mais. Fiquei todo esse tempo ao lado de Nocência, que de frio batia o queixo, como se estivesse agora em Ouro Preto, quando cai geada na rua.

— Então não vai melhor? [...]

Fonte: TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. Inocência. *(Excerto.)*

Conto

- Texto narrativo.
- Apresenta em sua estrutura um só drama, um só conflito.
- Narrativa normalmente curta, com poucas personagens.
- Não há muita variação de espaço físico.
- O conto, tradicional enfatizava mais as ações, e não o caráter das personagens. No entanto, modernamente, é comum o chamado conto intimista, em que o jeito

de ser ou o interior da personagem ou do narrador-personagem são o foco do texto.

Exemplo (conto de Machado de Assis, escrito em 1896):

Conto de Escola

A Escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma cousa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo

estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma cousa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me quereria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dous tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma ideia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a cousa por favor,

alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, — e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, — parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma cousa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se ilude a vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

— Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescendo que entrava a remexer-se no banco, impaciente.

Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

— Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? Disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito.

Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de cousas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados.

Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre... solucei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

— Mas, seu mestre...

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dous serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma cousa?

" Tu me pagas! tão duro como osso!" dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dous meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A ideia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma cousa:

Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Várias histórias.

Crônica

- Texto narrativo.
- Gênero textual elaborado para ser publicado na imprensa (jornal, revista, internet etc.).
- Centra-se em assuntos contemporâneos ou memórias do cronista.
- Temas cotidianos, muitas vezes retirados de notícias do momento.
- Texto curto.
- Linguagem simples e espontânea, situada entre o jornalismo e a literatura.
- Pode ser descritiva, reflexiva, esportiva, metalinguística (falando sobre fazer crônicas), policial etc.
- Muitas vezes a crônica tem um tom humorístico, mas também pode ter tom de crítica social, de costumes etc.

No Brasil, a crônica tem tradição, e é grande o número de excelentes cronistas, em várias épocas.

Exemplo:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas.

No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar es-

barramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. O nascimento da crônica.

Fábula

- Espaço de ação reduzido.
- As personagens são, quase sempre, animais personificados.
- Foco narrativo em 3ª pessoa.
- Tempo cronológico.
- Enredo que apresenta um único conflito.
- Apresenta um conceito moral.

Exemplo:

A raposa e a cegonha

A raposa e a cegonha mantinham boas relações e pareciam ser amigas sinceras. Certo dia, a raposa convidou a cegonha para jantar e, por brincadeira, botou na mesa apenas um prato raso contendo um pouco de sopa. Para ela, foi tudo muito fácil, mas a cegonha pode apenas molhar a ponta do bico e saiu dali com muita fome.

— Sinto muito, disse a raposa, parece que você não gostou da sopa.

— Não pense nisso, respondeu a cegonha. Espero que, em retribuição a esta visita, você venha em breve jantar comigo.

No dia seguinte, a raposa foi pagar a visita. Quando sentaram à mesa, o que havia para o jantar estava contido num jarro alto, de pescoço comprido e boca estreita, no qual a raposa não podia introduzir o

focinho. Tudo o que ela conseguiu foi lamber a parte externa do jarro.

— Não pedirei desculpas pelo jantar, disse a cegonha, assim você sente no próprio estômago o que senti ontem

(Quem com ferro fere, com ferro será ferido.)

Texto dramático

- Possui os elementos de uma narrativa (fatos, personagens, tempo e espaço).
- A ação é conduzida pelas personagens em vez de ser contada por um narrador, embora ele possa existir na montagem.
- Emprego da língua oral no ato da apresentação, pois se utiliza o discurso direto.
- Escrito para ser representado num palco.
- Nele existem as rubricas, ou seja, as anotações do autor, que não fazem parte da história, mas orientam o leitor e os atores sobre as características ou atitudes das personagens, ou até mesmo posicionamentos no palco.
- Antes das falas há a indicação da personagem que a interpretará.

Exemplo (peça do autor português Gil Vicente, representada pela primeira vez em 1517):

Auto de moralidade composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome. Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos supitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, *scilicet*, um deles passa pera o paraíso e o outro pera o inferno:

os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e üa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO
À barca, à barca, houlá! que temos gentil maré! - Ora venha o carro a ré!

COMPANHEIRO
Feito, feito! Bem está! Vai tu muitieramá, e atesa aquele palanco e despeja aquele banco, pera a gente que virá.
À barca, à barca, hu-u! Asinha, que se quer ir! Oh, que tempo de partir, louvores a Berzebu! - Ora, sus! que fazes tu? Despeja todo esse leito!

COMPANHEIRO
Em boa hora! Feito, feito!

DIABO
Abaixa aramá esse cu!
Faze aquela poja lesta e alija aquela driça.

COMPANHEIRO
Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!

DIABO
Oh, que caravela esta! Põe bandeiras, que é festa. Verga alta! Âncora a pique! – Ó poderoso dom Anrique, cá vindes vós?... Que cousa é esta?...

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO
Esta barca onde vai ora, que assi está apercebida?

DIABO
Vai pera a ilha perdida, e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO
Pera lá vai a senhora?

DIABO
Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO
Parece-me isso cortiço...

DIABO
Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO
Porém, a que terra passais?

DIABO
Pera o inferno, senhor.

FIDALGO
Terra é bem sem-sabor.

DIABO
Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO
E passageiros achais pera tal habitação?

DIABO
Vejo-vos eu em feição pera ir ao nosso cais...

FIDALGO
Parece-te a ti assi!...

DIABO
Em que esperas ter guarida?

FIDALGO
Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.

DIABO
Quem reze sempre por ti?!... Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!... E tu viveste a teu prazer, cuidando cá guarecer por que rezam lá por ti?!...
Embarca – ou embarcai... que haveis de ir à derradeira! Mandai meter a cadeira, que assi passou vosso pai.

FIDALGO
Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!

DIABO
Vai ou vem! Embarcai prestes! Segundo lá escolhestes, assi cá vos contentai.

Pois que já a morte passastes, haveis de passar o rio.

FIDALGO
Não há aqui outro navio?

DIABO
Não, senhor, que este fretastes, e primeiro que expirastes me destes logo sinal.

FIDALGO
Que sinal foi esse tal?

DIABO
Do que vós vos contentastes.

FIDALGO
A estoutra barca me vou. Hou da barca! Para onde is? Ah, barqueiros! Não me ouvis? Respondei-me! Houlá! Hou!... (Pardeus, aviado estou! Cant'a isto é já pior...) Oue jericocins, salvanor! Cuidam cá que são eu grou?

ANJO
Que quereis?

FIDALGO
Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do Paraíso é esta em que navegais.

ANJO
Esta é; que demandais?

FIDALGO
Que me leixeis embarcar. Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

ANJO
Não se embarca tirania neste batel divinal.

FIDALGO
Não sei porque haveis por mal que entre a minha senhoria...

ANJO
Pera vossa fantesia mui estreita é esta barca.

FIDALGO
Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia?
Venha a prancha e atavio! Levai-me desta ribeira!

ANJO
Não vindes vós de maneira pera entrar neste navio. Essoutro vai mais vazio: a cadeira entrará e o rabo caberá e todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso, vós e vossa senhoria, cuidando na tirania do pobre povo queixoso. E porque, de generoso, desprezastes os pequenos, achar-vos-eis tanto menos quanto mais fostes fumoso.

DIABO
À barca, à barca, senhores! Oh! que maré tão de prata! Um ventozinho que mata e valentes remadores!
Diz, cantando:
Vós me veniredes a la mano, a la mano me veniredes.

FIDALGO
Ao Inferno, todavia! Inferno há i pera mi? Oh triste! Enquanto vivi não cuidei que o i havia: Tive que era fantesia! Folgava ser adorado, confiei em meu estado e não vi que me perdia.
Venha essa prancha! Veremos esta barca de tristura.

DIABO
Embarque vossa doçura, que cá nos entenderemos... Tomarês um par de remos, veremos como remais, e, chegando ao nosso cais, todos bem vos serviremos.

FIDALGO
Esperar-me-ês vós aqui, tornarei à outra vida ver minha dama querida que se quer matar por mi. Dia, Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO
Isto bem certo o sei eu.

DIABO
Ó namorado sandeu, o maior que nunca vi!...

FIDALGO
Como pod'rá isso ser, que m'escrevia mil dias?

DIABO
Quantas mentiras que lias, e tu... morto de prazer!...

FIDALGO
Pera que é escarnecer, quem nom havia mais no bem?

DIABO
Assi vivas tu, amém, como te tinha querer!

FIDALGO
Isto quanto ao que eu conheço...

DIABO
Pois estando tu expirando, se estava ela requebrando com outro de menos preço.

FIDALGO
Dá-me licença, te peço, que vá ver minha mulher.

DIABO
E ela, por não te ver, despenhar-se-á dum cabeço!
Quanto ela hoje rezou, antre seus gritos e gritas, foi dar graças infinitas a quem a desassombrou.

FIDALGO
Cant'a ela, bem chorou!

DIABO
Nom há i choro de alegria?..

FIDALGO
E as lástimas que dezia?

DIABO
Sua mãe lhas ensinou...
Entrai, meu senhor, entrai: Ei la prancha! Ponde o pé...

FIDALGO
Entremos, pois que assi é.

DIABO
Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai. Em tanto virá mais gente.

FIDALGO
Ó barca, como és ardente! Maldito quem em ti vai!

Fonte: VICENTE, Gil. Auto da barca do inferno.

TESTE SEU SABER

1. Complete a estrutura narrativa dos trechos a seguir, produzindo assim diversas crônicas.

   a) Introdução:

   "Às vezes, questiono-me sobre a autenticidade das coisas. Sobre todas as coisas. Sobre tudo. O que será verdade? O que é falso? Amizade, amor, família, trabalho, política, tudo. Tudo me confunde."

   b) Desenvolvimento:

   "Essa necessidade do ser humano de espiar o outro é muito antiga, porém a necessidade de ser espiado é recente. Hoje, as pessoas querem se exibir, mostrar seus atributos, seus defeitos, suas qualidades. Melhor dizendo, querem mostrar tudo. O engraçado é que mostram até aquilo que elas próprias não sabiam existir."

   c) Desfecho:

   "Isso tudo só nos deixa mais inquietos, pois são questões relevantes que se referem ao desenvolvimento da cultura e da educação em nosso país. É preciso rever conceitos e explorar soluções para que o Brasil cresça e olhe com esperança para o futuro."

2. Depois de desenvolver as crônicas solicitadas no exercício anterior, escolha uma delas e elabore um texto dramático que desenvolva o mesmo tema abordado.

3. Sendo o conto um gênero predominantemente narrativo, depois de uma leitura atenta do texto a seguir, indique o que se pede:

   TEORIA DO MEDALHÃO

   Diálogo

   — Estás com sono?

   — Não, senhor.

   — Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?

   — Onze.

— Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...

— Papai...

— Não te ponhas com denguices, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

— Sim, senhor.

— Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

— Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar

francamente no regímen do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanação do espírito; essa é do corpo, tão somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

— É verdade, por que quarenta e cinco anos?

— Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

— Entendo.

— Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

— Mas quem lhe diz que eu...

— Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido

de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

— Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

— Não é; há um meio; é lançar mão de um regímen debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o *whist* são remédios aprovados. O *whist* tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

— Como assim, se também é um exercício corporal?

— Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

— Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

— Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regímen, durante oito, dez, dezoito meses

— suponhamos dois anos, — reduzes o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das ideias; há de ser naturalmente simples, tíbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

— Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...

— Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant, consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício; seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! — E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

— Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

— Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: — ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas: no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquetice de as trazer, para mostrar que também és pintor. De oitiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular ideias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira — esperta e afreguesada, — que, segundo um poeta clássico,

Quanto mais pano tem, mais poupa o corte,

Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

— Upa! que a profissão é difícil.

— E ainda não chegamos ao cabo.

— Vamos a ele.

— Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um 'Tratado científico da criação dos carneiros', compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra;

cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

— Percebi.

— Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "fauces hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve à casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos *reporters* dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

— Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

— Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

— E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os *deficits* da vida?

— Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

— Nem política?

— Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do *scibboleth* bíblico.

— Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

— Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: — ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; — é mais fácil e mais atraente. Supõe que deseja saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão somente pelo Ministro da Guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não

obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

— Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

— Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

— Nenhuma filosofia?

— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade etc. etc.

— Também ao riso?

— Como ao riso?

— Ficar sério, muito sério...

— Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, — e este ponto é melindroso...

— Diga.

— Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

— Meia-noite.

— Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de.

a) Espaço:

b) Tempo:

c) Personagens:

d) Enredo:

e) Foco narrativo:

f) Discurso:

g) Teoria do medalhão:

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Leia este conto de Machado de Assis e analise-o.

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a

costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse,

abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de.

Comentário

"Um apólogo"é um texto narrativo que apresenta um só conflito ocorrido entre duas personagens neste caso, a agulha e a linha. O espaço físico se delimita ao ateliê de costura onde ocorrem as ações das personagens citadas anteriormente. O desfecho ocorre no momento mais importante da narrativa, que é a ida ao baile.

11 Regência nominal e verbal

Existem pequenas palavras na nossa língua, que, apesar do tamanho, têm importância imensa para que a frase fique clara e coesa. São as preposições. Veja o anúncio a seguir. Está faltando algo?

PRECISA-SE
ESTAGIÁRIO
DIREÇÃO
ARTE.
VOCÊ FAZ MELHOR?

Veja que estão faltando dois *de*, que são preposições: "precisa-se **de** estagiário, direção **de** arte". Sem as preposições, as palavras não só ficam sem "cola", parecendo soltas, como se pode produzir um sentido diferente do que se pretende: precisa-se de três coisas: estagiário, direção e arte? E o que seria isso: precisar de direção ou precisar de arte? Fica estranho, não é? Pois é isso que ocorre se não usamos as preposições necessárias e adequadas.

E mais, o substantivo *direção*, por exemplo, necessita de outra palavra que complete seu sentido (senão, nos perguntaríamos: *direção de quê*? No caso do cartaz, quem cumpre essa função é *arte*), e, na norma padrão da língua, ele só pode se ligar a esse complemento de seu sentido com o auxílio da preposição *de*.

Ainda tendo como exemplo nosso anúncio, observe que a forma verbal *precisa-se* (do verbo *precisar*) também necessita de um termo que complete seu sentido (aqui, seria "estagiário de direção de arte") e deveria, pela norma padrão, ligar-se a esse complemento com o auxílio da preposição *de*. No entanto, ela não foi usada, ocorrendo aí uma inadequação (porém, não é incomum, na norma mais coloquial, essa ocorrência). Além disso, o traço que separa esse verbo do restante do texto, de certa forma, permitiria que se dispensasse o *de*.

Bem, agora que você já foi apresentado à *preposição*, vamos conhecê-la um pouco melhor.

Preposição

Como acabamos de ver, *preposição* é uma palavra que liga dois termos de uma oração (o regente e o regido), ou duas orações de um período, criando entre eles algum tipo de relação.

Veja abaixo uma lista das preposições mais usadas em Português:

- a
- com
- de
- em
- para
- sem
- trás
- após
- contra
- desde

- entre
- por
- sob
- até
- sobre

Exemplos:

Ele está *contra* a própria família nessa situação?
Em todos os casos, a casa da família precisa *de* reparos.
Ele saiu cedo *para* trabalhar.

Além das listadas acima, há palavras que não são exatamente preposições, mas podem funcionar como se fossem. Veja alguns exemplos:

- conforme
- durante
- salvo
- exceto
- segundo

Exemplo:

Durante a noite, descansávamos.

Locuções prepositivas

Muitas vezes, temos a ocorrência de locuções prepositivas, ou seja, um conjunto de duas ou mais palavras que têm valor de preposição. Veja alguns casos:

- a fim de
- em frente a
- por entre

- abaixo de
- em vez de
- de acordo com
- acima de
- embaixo de
- através de
- em cima de
- apesar de

Exemplos:

O contrato estava *de acordo com* o que fora combinado.

O dinheiro ficava *embaixo* do colchão.

Combinações e contrações

Muitas vezes, as preposições aparecem unidas a outras palavras.

Quando nessa união não houver mudança no som de nenhuma delas ou corte em algum som ou sílaba, dizemos que houve uma *combinação*. Exemplo:

a + os = aos
a + onde = aonde

No entanto, quando ocorre qualquer alteração em uma das palavras, chamamos essa união de *contração*. Exemplos:

em + a = na
de + esses = desses
por + a = pela

Em especial, há uma fusão que pode ocorrer: a preposição *a* + artigo feminino *a(s)*, que vai resultar em *à(s)*, ou seja, no *a craseado*. A crase é, portanto, a fusão de dois sons *a*,

por serem iguais. O sinal de crase é o acento grave (`). (Ver Capítulo 4.) Exemplos:

Vou *à* Alemanha e depois *à* Grécia.
Isso será útil *à* minha formação cultural.

Preste, então, atenção nessas combinações e contrações, para perceber a presença da preposição na frase.

Conhecidas as preposições mais comuns da língua, podemos voltar rapidamente a elas, no nosso cartaz: quando comentamos sua função ali, estávamos fazendo uma breve análise da chamada *regência* de palavras. Vamos então saber o que é isso.

Regência

Regência é a parte da gramática que trata das relações entre as palavras de uma dada oração, analisando qual é a relação de dependência entre elas, ou seja, se uma solicita outra para ser completamente entendida e se, ao solicitar, necessita de uma preposição para que essa relação entre ambas se estabeleça.

No caso de haver preposição, é essa parte da gramática que vai indicar a preposição adequada, segundo as regras da norma padrão.

Nesses casos, chamamos de *termo regente* a palavra que solicita outra, e de *termo regido* a palavra solicitada (é o complemento do regente). Exemplos:

Os companheiros *necessitavam de* seu apoio.

- *necessitavam* é um verbo que pede complemento, para ser entendido; então, nessa oração, é o termo regente.
- *de seu apoio* é o termo regido, o complemento do verbo *necessitavam* (porque ajuda o leitor a entender de que os companheiros necessitavam). E sabe-se que a preposição usada com esse verbo é *de*. Nesse caso, trata-se de regência verbal, porque o regente é verbo.

Os companheiros tinham necessidade de seu apoio.

- *necessidade* é um nome (substantivo) que pede complemento para ser entendido; então, nessa oração, é o termo regente.
- de seu apoio é o termo regido, o complemento do nome *necessidade* (porque ajuda o leitor a entender qual é a necessidade dos companheiros. Aqui também a preposição pedida pelo nome é *de*. Nesse caso, trata-se de regência nominal, porque o regente é um nome.

(Em tempo: voltando ao cartaz e à nossa análise inicial, podemos dizer que *direção* é o termo regente, e *de arte* é o termo regido.)

Como vimos, há a chamada *regência verbal* (verbo = regente) e a chamada *regência nominal* (substantivo, adjetivo ou advérbio = regente). E, tanto em uma quanto em outra, devemos estar atentos às preposições.

Regência nominal

É a maneira como um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) relaciona-se com os seus complementos, e essa relação se dá quase sempre por meio de preposições. Há

nomes que admitem mais de uma preposição, sem que o sentido seja alterado. Exemplos:

Estou *habituado a* esse tipo de perguntas.
Estou *habituado com* esse tipo de perguntas.

Há outros nomes, porém, que, dependendo da preposição empregada, tem seu sentido mudado. Exemplos:

Preciso justificar a minha *falta à* reunião de hoje.
Estou em *falta com* meus amigos.

Outros exemplos:

Queremos uma boa *direção de* arte.
Eles estão *receosos das* consequências?
Votei contrariamente à lei do estacionamento pago.

Regência de alguns nomes

Substantivos:

- admiração a, por;
- amizade a, por, com;
- amor a;
- aversão a, por;
- capacidade de, para;
- desprezo a, de, por;
- devoção a, para com, por;
- dificuldade de, em, para;
- dúvida acerca de, em, sobre;
- empenho de, em, por;
- falta a, com, para;

- horror a;
- inclinação a, para, por;
- medo a, de;
- necessidade de;
- obediência a;
- respeito a, com, para com.

Adjetivos:

- acostumado a, com;
- afável com, para;
- afeiçoado a, por;
- aflito com, por;
- alheio a, de;
- ambicioso de;
- ansioso de, para, por;
- apaixonado de, por;
- apto a, para;
- atencioso com, para;
- ávido de, por;
- conforme a;
- constante de, em;
- constituído com, de, por;
- contemporâneo a, de;
- contente com, de, em, por;
- cruel com, para;
- curioso de;

- desgostoso com, de;
- devoto a, de;
- imbuído de, em;
- imune a, de;
- incompatível com;
- preferível a;
- propenso a, para;
- próximo a, de;
- situado a, em, entre;
- último a, de, em;
- único a, em, entre, sobre.

Advérbios:

- agradavelmente a;
- anteriormente a;
- contrariamente a;
- diferentemente de;
- essencialmente para;
- favoravelmente a;
- identicamente a;
- impropriamente para;
- independentemente de;
- indiferentemente a;
- longe de;
- necessariamente a;
- paralelamente a;

- perpendicularmente a;
- perto de;
- posteriormente a.

Regência verbal

É a maneira como o verbo (termo regente) se relaciona com os seus complementos (termos regidos). Alguns pedem preposições para isso; outros não pedem. Exemplos:

Quero seu amor para sempre.

*Preciso **de** seu amor* para sempre.

Há, ainda, verbos que, com regência diferente, têm sentido diferente. Exemplos:

O médico *assistiu o paciente* no corredor do hospital.

(aqui, sem uso de preposição, *assistir* = ajudar, dar assistência).

O menino *assistiu ao programa* até o final.

(aqui, com a preposição *a*, *assistir* = ver).

Regência de alguns verbos

Observe a seguir alguns exemplos em que o mesmo verbo pede complementos sem preposição e/ou complementos com preposição.

- Aconselhar algo a alguém ou alguém a algo.

  Exemplo:

Aconselho a você tomar o ônibus cedo. (Aconselho-lhe tomar o ônibus certo.)

Aconselho você a tomar o ônibus cedo. (Aconselho-a a tomar o ônibus certo.)

- Pedir algo a alguém.

  Exemplos:

  Pediram-lhe perdão.

  Pediu perdão a Deus.

- Informar algo a alguém ou alguém de/sobre algo.

  Exemplos:

  Informei a José que suas férias terminaram. (Informei-o de que suas férias terminaram.)

  Informei José do/sobre o fim de suas férias. (Informei-o do/sobre o fim de suas férias.)

- Ensinar algo a alguém ou alguém a fazer algo.

  Ensinei a José o idioma inglês. (Ensinei-lhe o idioma inglês.)

  Ensinei José a falar inglês. (Ensinei-o a falar inglês.)

- Pagar, perdoar algo a alguém

  Exemplos:

  Paguei a conta ao garçom. (Paguei-lhe a conta. / Paguei-a ao garçom.)

  Perdoo os erros ao amigo. (Perdoo-lhe os erros. / Perdoo-os ao amigo.)

Agora observe exemplos em que a mudança de regência implica mudança de sentido do verbo.

- Agradar

agradar = acariciar ou contentar.

Exemplo: Agrado minhas filhas o dia inteiro.

agradar a = ser agradável, satisfazer.

Exemplo: As medidas econômicas do Presidente nunca agradam ao povo.

- Aspirar

aspirar = sorver, absorver.

Exemplo: Aspiro o ar fresco de Rio de Contas.

aspirar a = almejar, pretender.

Exemplo: Ele aspira à carreira de jogador de futebol.

- Assistir

assistir = prestar auxílio, ajudar.

Exemplo: Minha família sempre assistiu o Lar dos Velhinhos. (aqui também se admitiria: "assistiu ao Lar dos Velhinhos".)

assistir a = ver, presenciar ou ter direito, caber.

Exemplos: Assistimos a um bom filme.

Assiste ao trabalhador o descanso semanal remunerado.

assistir em = morar (nesse caso a preposição introduz um adjunto adverbial de lugar, e não um complemento).

Exemplo: Aspirando a um cargo público, ele vai assistir em Brasília.

- Atender

atender = aceitar ou receber.
Exemplo: Atenderam o meu pedido prontamente.
atender a = tomar em consideração, prestar atenção.
Exemplo: Atenderam ao meu pedido prontamente.
atender a = responder e, também, prestar auxílio.
Exemplos: Ele atendeu ao meu chamado, depois que atendeu ao telefone.
O bombeiro atendeu aos feridos no acidente.

- Chamar

chamar = convocar, mandar vir.
Exemplo: Chamei todos os sócios, para participarem da reunião.
chamar por = invocar, clamar.
Exemplo: Chamei por você insistentemente, mas não me ouviu.
chamar a = repreender.
Exemplos: Chamei o menino à atenção, pois estava conversando durante a aula.
Chamei-o à atenção.
chamar alguém algo (de algo) OU chamar a alguém algo (de algo) = dar qualidade.
Exemplos: Chamei José irresponsável. (Chamei-o irresponsável.)
Chamei a José irresponsável. (Chamei-lhe irresponsável.)
Chamei José de irresponsável. (Chamei-o de irresponsável.)
Chamei a José de irresponsável. (Chamei-lhe de irresponsável.)

- Querer

querer = desejar, ter a intenção ou vontade de, tencionar.
Exemplos: Quero meu livro de volta.
Sempre quis seu bem.
querer a = querer bem, estimar.
Exemplos: Maria quer demais a seu namorado.
Queria-lhe mais do que à própria vida.

- Visar

visar = apontar arma e, também, dar visto.
Exemplos: Ele visava a cabeça da cobra com cuidado.
O gerente visou meu cheque.
visar a = ter em vista, objetivar.
Exemplo: Não visamos a qualquer lucro.

- Custar

custar = ter um preço.
Exemplo: Estes sapatos custaram R$ 300,00.
custar a = ser difícil; causar transtorno.
Exemplos: Custou-me acreditar em Hipocárpio.
Custa a algumas pessoas permanecer em silêncio.
Sua irresponsabilidade custou sofrimento a toda a família.

- Implicar

implicar = ter consequências.
Exemplo: Sua atitude rude implicou um severo castigo.
implicar com = ser impaciente.
Exemplo: Ela sempre implica com os colegas.

Por fim, preste bastante atenção a alguns exemplos de verbos cuja regência na linguagem coloquial é bem diferente da estabelecida nas regras da norma padrão. Inclusive, nem sempre a preposição indica um complemento, mas pode introduzir outros termos, como adjuntos adverbiais de lugar.

- Chegar, vir (preposições introduzem adjunto adverbial de lugar)

chegar / vir a = destino.

Exemplos: Cheguei tarde à escola.

Venho sempre à Bahia.

chegar / vir de = origem.

Exemplo: Cheguei agora do colégio e ela veio agora da igreja.

chegar em = quando se indica o meio de transporte usado.

Exemplos: Cheguei no ônibus da empresa.

A delegação irá no voo 300.

Obs.: é comum, na linguagem coloquial, o uso da preposição *em*, em qualquer dos sentidos.

- Ir (preposições introduzem adjunto adverbial de lugar)

ir a = destino.

Exemplo: Ele sempre vai a todas as festas de aniversário.

ir para = ideia de permanência.

Exemplo: Se for eleito, ele irá para Brasília.

Obs.: é comum, na linguagem coloquial, o uso da preposição *em*, no primeiro caso.

- Esquecer/lembrar

  Exemplos: Você esqueceu a caneta no bolso do paletó.
  Ela lembrou o namorado distante.

- Esquecer-se de / lembrar-se de

  Exemplo: Ela se lembrou do namorado distante.
  Você se esqueceu da caneta no bolso do paletó.

- Morar, residir, situar-se em (a preposição introduz adjunto adverbial de lugar)

  Exemplos: Moro em Londrina.
  Resido no Jardim Petrópolis.
  Minha casa situa-se na rua Cassiano.

- Namorar

  Exemplos: Ela namorava o filho do delegado.
  O mendigo namorava a torta que estava sobre a mesa.

- Obedecer / desobedecer a

  Exemplos: Devemos obedecer às normas.
  Por que desobedeces aos teus pais?

- Precisar

  1) No sentido de *tornar preciso*, pede objeto direto.
     Exemplo: O mecânico precisou o motor do carro.
  2) No sentido de *ter necessidade*, pede a preposição *de*.
     Exemplo: Preciso de um bom digitador.

- Preferir algo a algo / alguém a alguém

  Exemplo: Preferia um bom vinho a uma cerveja.

  Obs.: Conforme a norma culta, esse verbo não deve ser seguido de *mais*, *muito mais*, *antes*, *mil vezes*, nem *que* ou *do que*.

- Renunciar

  Pode ser transitivo direto ou indireto, com a preposição *a*.

  Exemplos: Ele renunciou o encargo.
  Ele renunciou ao encargo.

- Responder

  1) será transitivo indireto, com a preposição *a*, quando possuir apenas um complemento.

     Exemplos: Respondi ao bilhete imediatamente.
     Respondeu ao professor com desdém.

     Nesse caso, não aceita construção de voz passiva.

  2) Será transitivo direto quando a resposta vier expressa (respondeu o quê?).

     Exemplo: Ele apenas respondeu isso e saiu.

- Simpatizar e antipatizar com

  Exemplo: Sempre simpatizei com Carina, mas antipatizo com o irmão dela.

Obs.: Esses verbos não são pronominais, portanto não se usa, na norma padrão, *simpatizar-se* nem *antipatizar-se*.

TESTE SEU SABER

1. **Assinale a alternativa que contém erro de regência verbal.**

   a) Ele assistia com carinho os enfermos daquele hospital.

   b) Não quero assistir esse espetáculo.

   c) Carlos sempre assistiu em Belo Horizonte.

   d) Não deixe de assistir àquele jogo.

2. **Há erro de regência verbal na alternativa:**

   a) Aspirou profundamente o forte odor do café.

   b) Ela não pode visar o passaporte.

   c) Todos visam uma vida de paz.

   d) Ali as pessoas aspiravam à fama.

3. **Aponte a frase que apresenta incorreção de regência verbal.**

   a) Mário pagou o carro.

   b) A moça perdoou a indiscrição do colega.

   c) Antônio deixou de pagar o ajudante ontem.

   d) Perdoemos aos que nos ofendem.

4. **Marque a alternativa que contém erro de regência verbal.**

   a) Prefiro estudar que trabalhar.

   b) À cerveja prefiro o leite.

   c) Prefiro leite a cerveja.

   d) Prefiro este nome àquele que ele propôs.

5. **Está perfeita a regência verbal na alternativa:**

   a) O professor procedeu a chamada.

   b) Sua permanência implicará grande prejuízo a todos.

   c) Devemos obedecer o regulamento.

   d) Irei na sua casa logo mais.

6. **Assinale a frase que não pode ser completada com o que vai nos parênteses.**

a) Pagarei _____ alguns empregados hoje à noite. (a)

b) Naquela época, meu sobrinho assistia _____ Belo Horizonte. (em)

c) Não implique _____ o colega. (com)

d) Quando morava no campo, aspirava _____ ar puro e sentia-se bem. (ao)

7. **Está perfeita a regência verbal somente na alternativa:**

a) A festa que ele compareceu foi ótima.

b) O livro que ele gosta muito desapareceu.

c) A empresa por que ele tanto se esforçou acabou falindo.

d) O cargo que tu aspiravas já foi preenchido.

8. **Nas frases seguintes, todas com o pronome *cujo*, há uma com erro de regência verbal. Assinale-a.**

a) Esta é a criança cujo pai deseja falar-nos.

b) Paulo, por cujas atitudes não me responsabilizo, deixou a firma.

c) Luís, contra cujas ideias sempre lutei, hoje é meu amigo.

d) Está lá fora o homem cujas ideias jamais acreditei.

9. **Está correta a regência da frase:**

a) O filme que assistimos é excelente.

b) O emprego que aspirávamos era apenas um sonho.

c) O documento que visei era falso.

d) A poluição a que aspirei é nociva à saúde.

10. **Só há erro de regência em:**

a) Não sei onde ele será levado.

b) Ali está o comerciante a quem mandei a notificação.

c) Nós o trouxemos ontem.

d) Responda às questões seguintes.

11. **Marque a alternativa em que há erro de regência verbal.**

a) Assistimos, extasiados, o espetáculo.

b) Alguém está assistindo o doente?

c) Aspirávamos o perfume das rosas.

d) Todos aspiram à paz.

12. **Há erro de regência verbal em:**

a) Amo meu irmão caçula. Eu lhe quero muito, porque é sensível, carinhoso, humano.

b) Esse é o emprego dos meus sonhos. Eu o quero muito.

c) Paula namorava com alguém daquela família.

d) Todos perdoaram ao jovem.

13. **Preencha as lacunas e anote a alternativa adequada.**

Cientifico- _____ de que a posse foi adiada.

Poucos _____ entendem.

Meus irmãos _____ obedecerão.

a) o – o – lhe.

b) lhe – lhe – lhe.

c) o – o – o.

d) o – lhe – lhe.

14. **(Gama Filho) Assinale a frase em que há erro de regência verbal.**

a) O desmatamento implica destruição e fome.

b) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

c) Jonas reside na Rua das Marrecas.

d) Avisei-o de que devia partir.

e) Os ambientalistas assistiram a uma conferência.

15. **(IBGE) Assinale a opção que apresenta regência verbal incorreta, de acordo com a norma culta da língua.**

a) Os sertanejos aspiram a uma vida mais confortável.

b) Obedeceu rigorosamente ao horário de trabalho do corte de cana.

c) O rapaz presenciou o trabalho dos canavieiros.

d) O fazendeiro agrediu-lhe sem necessidade.

e) Ao assinar o contrato, o usineiro visou, apenas, ao lucro pretendido.

16. (IBGE) Assinale a opção que contém os pronomes relativos, regidos ou não de preposição, que completam corretamente as frases abaixo.

Os navios negreiros, _____ donos eram traficantes, foram revistados. Ninguém conhecia o traficante _____ o fazendeiro negociava.

a) nos quais / que

b) cujos / com quem

c) que / cujo

d) de cujos / com quem

e) cujos / de quem

17. (IBGE) Assinale a opção em que as duas frases se completam corretamente com o pronome *lhe*.

a) Não _____ amo mais. / O filho não _____ obedecia.

b) Espero-_____ há anos. / Eu já _____ conheço bem.

c) Nós _____ queremos muito bem. / Nunca _____ perdoarei, João.

d) Ainda não _____ encontrei trabalhando, rapaz. / Desejou-_____ felicidades.

e) Sempre _____ vejo no mesmo lugar. / Chamou-_____ de tolo.

18. (IBGE) Assinale a opção em que todos os adjetivos devem ser seguidos pela mesma preposição.

a) ávido / bom / inconsequente

b) indigno / odioso / perito

c) leal / limpo / oneroso

d) orgulhoso / rico / sedento

e) oposto / pálido / sábio

19. (UFF) Assinale a frase em que está usado indevidamente um dos pronomes seguintes: *o*, *lhe*.

a) Não lhe agrada semelhante providência?

b) A resposta do professor não o satisfez.

c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

20. (BB) Assinale a frase em que há regência imprópria.

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

21. (BB) Marque a alternativa correta:

a) Precisei de que fosses comigo.

b) Avisei-lhe da mudança de horário.

c) Incumbiu-me para realizar o negócio.

d) Recusei-me em fazer os exames.

e) Convenceu-se nos erros cometidos.

22. (EPCAR) O *que* devidamente empregado só não seria regido de preposição na opção:

a) O cargo _____ aspiro depende de concurso.

b) Eis a razão _____ não compareci.

c) Rui é o orador _____ mais admiro.

d) O jovem _____ te referiste foi reprovado.

e) Ali está o abrigo _____ necessitamos.

23. (Unific) Os encargos _____ nos obrigaram são aqueles _____ o diretor se referia.

a) de que – que.

b) a cujos – cujos.

c) por que – que.

d) cujos – cujo.

e) a que – a que.

24. (FTM-Aracaju) As mulheres da noite _____ o poeta faz alusão ajudam a colorir Aracaju, _____ coração bate de noite, no silêncio.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase citada é:

a) as quais / de cujo
b) a que / no qual
c) de que / o qual
d) às quais / cujo
e) que / em cujo

25. (Santa Casa) É tal a simplicidade _____ se reveste a redação desse documento, que ele não comporta as formalidades _____ demais.

a) que – os.
b) de que – aos.
c) com que – para os.
d) em que – nos.
e) a que – dos.

26. (PUC-RS) Diferentes são os tratamentos _____ se pode submeter o texto literário. Sempre se deve aspirar, no entanto, _____ objetividade científica, fugindo _____ subjetivismo.

a) à que, a, do
b) que, a, ao
c) à que, à, ao
d) a que, a, do
e) a que, à, ao

27. (PUC-RS) Alguns demonstram verdadeira aversão _____ exames, porque nunca se empenharam o suficiente _____ utilização do tempo _____ dispunham para o estudo.

a) com – pela – de que.
b) por – com – que.
c) a – na – que.
d) com – na – que.
e) a – na – de que.

28. (BB)"Ele não _____ viu". Não cabe na frase:

a) nos
b) lhe
c) me
d) te
e) o

29. (BB) Ocorre emprego indevido de *o* em:

a) O irmão **o** abraçou.
b) O irmão **o** encontrou.
c) O irmão **o** atendeu.
d) O irmão **o** obedeceu.
e) O irmão **o** ouviu.

30. (UF-RS) Isso _____ autorizava _____ tomar a iniciativa.

a) o – à.
b) lhe – de.
c) o – de.
d) o – a.
e) lhe – a.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Observe a frase a seguir e explique-a, corrigindo-a, se necessário.

"Não tenho dinheiro para pagar o dentista."

Comentário

Sabe o que é mais estranho nessa frase? É que você está comprando o dentista. Como já vimos, o verbo *pagar* pede complemento sem preposição apenas quando se refere à coisa a ser paga; quando se refere à pessoa a quem você pagará algo, deverá ser usada a preposição *a*. A frase correta é:

Não tenho dinheiro para pagar ao dentista.

12 Concordância nominal e verbal

— Professora! Os moço pintor já tá aí fora, pra começá a pintá a sala!

— Menino, já falei que você deve falar "os moços pintores". E eles "estão" aí para "começar a pintar a sala"!

— Ué! Eles num vai pintá, de todo jeito? Então, que diferença faz?

Esse diálogo fictício entre uma professora e seu aluno mostra um dos aspectos mais importantes da gramática de qualquer língua, ou seja, como algumas palavras flexionam-se (variam, mudam de forma) de maneira a expressar a relação que existe entre elas, mostrando que concordam umas com as outras, que estão em harmonia e formam um conjunto na frase.

Por exemplo, um substantivo vive rodeado de adjetivos, artigos, numerais e pronomes; esses elementos acompanharão a flexão do substantivo porque são um conjunto (ou sintagma nominal, como se diz, já que sua base é um nome, um substantivo).

Por isso, a professora diz que o aluno deve falar "os moços pintores". O substantivo "moços" forma um sintagma com o artigo e o adjetivo, e então eles devem concordar entre si e ter a mesma flexão: se o substantivo está no plural, os outros dois também recebem marca de plural. É uma regra da gramática da língua portuguesa. Aliás, isso é uma das várias regras da norma padrão, na variante culta da língua.

Mas, em registros mais informais e de uso mais popular, é comum que só o substantivo leve a marca de plural: o falante da língua, intuitivamente, percebe que uma só marca de plural já seria suficiente. Aliás, esse plural apenas no substantivo é mais comum do que imaginamos; no inglês, por exemplo, pluralizar o substantivo já é suficiente: *The pretty boy arrived* > *The pretty boys arrived*.

De qualquer modo, em português, segundo as regras da norma padrão, essa concordância acontece. E mais: com relação ao gênero feminino/masculino, a regra é a mesma: concordam todos entre si.

A essa concordância entre nomes, quer de número (singular/plural), quer de gênero (masculino/feminino), damos o nome de *concordância nominal*.

Temos, ainda, a concordância (obrigatória, também, na norma padrão) entre o verbo e seu sujeito, salvo algumas exceções. É a chamada *concordância verbal* (e refere-se apenas à questão do singular/plural e das pessoas do discurso – 1ª, 2ª e 3ª). No caso do nosso diálogo, como o sujeito "os moços pintores" está no plural, o verbo do qual eles são sujeitos deve estar no plural também, além de se apresentar na 3ª pessoa (eles): "estão".

Concordância nominal

Como dissemos anteriormente, numa frase, as palavras estabelecem relações entre si. Ao se relacionarem, as palavras obedecem a alguns princípios; um deles é o da concordância. Exemplo:

A cidade *grande* assusta *o pobre* menino.

Nesse caso, os artigos e adjetivos *a* e *grande* concordam com o substantivo *cidade*, em gênero, feminino, no caso, e número singular)

Regra geral

O artigo, o pronome, o adjetivo e o numeral devem concordar em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural) com o substantivo a que se referem. Exemplos:

O *alto* ipê cobre-se de *flores amarelas*.

Faz *duas horas* que cheguei de viagem.

Outros casos de concordância nominal

Um adjetivo após vários substantivos

- Quando os substantivos são do mesmo gênero, há duas concordâncias:

  a) assumir o gênero do substantivo e ir para o plural:

  Exemplo: Encontramos um *jovem* e um *homem preocupados*.

  Aqui o adjetivo assumiu o gênero masculino e foi para o plural.

  b) concordar só com o último substantivo em gênero e número:

  Exemplo: Ela tem *irmão* e *primo pequeno*.

  Aqui o adjetivo assumiu o gênero masculino e concordou só com o último substantivo.

Obs. 1: Quando os substantivos são do mesmo gênero, as duas concordâncias podem ser usadas, embora a primeira

seja mais adequada porque mostra que a característica é atribuída aos dois substantivos.

Obs. 2: Se o último substantivo estiver no plural, a concordância só poderá ficar no plural.

Exemplo: Ele possui *perfume* e *carros caros.*

Obs. 3: Se o adjetivo funcionar como predicativo, o plural será obrigatório.

Exemplo: O *irmão* e o *primo* dele são *pequenos.*

- Quando os substantivos são de gêneros diferentes, também há duas possibilidades:

  a) ir para o masculino plural:

  Exemplo: "Uma *solicitude* e um *interesse* mais que *fraternos."* (Mário Alencar)

  b) concordar só com o substantivo mais próximo:

  Exemplo: A *Marinha* e o *Exército brasileiro* estavam alerta.

Obs. 1: O adjetivo irá para o masculino plural, se tiver a função de predicativo.

Exemplo: O *aluno* e a *aluna* estão *reprovados.*

Um adjetivo anteposto a vários substantivos

- A concordância se dará com o substantivo mais próximo.

  Exemplos: Tiveste *má ideia* e *pensamento.*

  Velhos livros e *revistas* estavam empilhados na prateleira.

Obs. 1: Quando o adjetivo exerce a função de predicativo, ele pode concordar só com o primeiro ou ir para o plural.

Exemplos: Ficou *reprovada* a *aluna* e o *aluno*.

Ficaram *reprovados* a *aluna* e o *aluno*.

Obs. 2: Se o adjetivo anteposto referir-se a nomes próprios, o plural será obrigatório.

Exemplo: As *simpáticas Lúcia* e *Luana* são irmãs.

Um substantivo e mais de um adjetivo

Admitem-se duas concordâncias:

- Quando o substantivo estiver no plural, não se usa o artigo antes dos adjetivos, que ficam no singular.

  Exemplo: Estudava *os idiomas francês* e *inglês*.

- Se o substantivo estiver no singular, o uso do artigo será obrigatório a partir do segundo adjetivo, e eles estarão no singular.

  Exemplo: Estudo *a língua inglesa*, *a francesa* e *a italiana*.

É bom, é necessário, é proibido.

- Essas expressões são invariáveis.

  Exemplo: Vitamina C *é bom* para saúde.

- Mas elas concordarão obrigatoriamente com o substantivo, quando este for precedido de artigo ou qualquer outro determinante (como adjetivo ou pronome, por exemplo).

  Exemplo: *É necessária muita paciência*. ("muita" é um determinante)

Um e outro (num e noutro)

Nesse caso, o substantivo fica no singular e o adjetivo vai para o plural.

Exemplo: Numa e noutra *questão complicadas* ela se confundia.

Anexo, incluso, próprio, obrigado

Por serem adjetivos, concordam com o substantivo a que se referem.

Exemplos: Seguem *anexos* os acórdãos.

Os documentos estão *inclusos* no processo.

Obrigado, disse o rapaz.

Elas *próprias* resolveram os exercícios.

Obs. 1: A expressão *em anexo* é invariável.

Exemplos: *Em anexo* segue a procuração.

Em anexo segue o despacho.

Mesmo, bastante

Tanto podem ser advérbios como pronomes.

- Quando forem advérbios (acompanhando verbos, adjetivos e outros advérbios), permanecem invariáveis.

  Exemplos: Os alunos resolveram *mesmo* o problema.

  Eles chegaram *bastante* cedo ao aeroporto.

- Quando são pronome, concordam com a palavra a que se referem.

Exemplos: Os alunos *mesmos* resolveram o problema.

Havia *bastantes* razões para ela reclamar.

Menos, alerta

São palavras invariáveis.

Exemplos: O Amazonas é o Estado *menos* populoso do Brasil.

Havia *menos* alunas na sala hoje.

Os soldados estavam *alerta*.

Obs. 1: Atualmente a palavra *alerta* vem sendo utilizada no plural. No entanto, as regras da norma padrão não aceitam esse uso.

Exemplo: Nossos chefes estão alertas.

Meio

Esta palavra pode ser numeral ou advérbio.

- Quando for numeral (= metade), será variável e concorda com a palavra a que se refere.

  Exemplos: Tomou *meia garrafa* de champanhe.

  Isso pesa *meio quilo*.

- Se for advérbio (= mais ou menos), é invariável.

  Exemplos: A porta estava *meio* aberta.

  Ele anda *meio* cabisbaixo.

Muito, pouco

Essas palavras funcionam como pronome indefinido ou como advérbio.

- Se forem pronome, variam de acordo com a palavra a que se referem.

  Exemplos: *Muitos* alunos compareceram à formatura.

  Os perfumes eram *poucos*.

- Se forem advérbio, são invariáveis:

  Exemplos: As mensalidades escolares aumentaram *muito.*

  Os meninos comeram *muito* ontem.

Longe, caro

Podem ser adjetivos ou advérbios.

- Se adjetivos, concordam com o substantivo.

  Exemplos: *Longes* tempos aqueles...

  Os livros estão muito *caros.*

- Se advérbios, são invariáveis:

  Exemplos: Vocês moram *longe.*

  Os livros custaram *caro.*

Só, sós

- Quando têm o significado de *sozinho(s)* ou *sozinha(s),* são adjetivos e podem ir para o plural.

  Exemplos: Joana ficou *só* em casa. (sozinha)

  Lúcia e Lívia ficaram *sós.* (sozinhas)

- Ela é invariável quando é advérbio e significa *apenas/ somente*.

  Exemplos: Depois da guerra *só* restaram cinzas. (apenas)

  Eles queriam ficar *só* na sala. (apenas)

Obs. 1: A locução adverbial *a sós* é invariável.

Possível

Fica invariável nas expressões *o mais possível* e *o menos possível* (porque são locuções adverbiais).

Exemplos: Quero um vestido *o mais* bonito *possível*.

Vou comprar blusas *o menos* discretas *possível*.

Obs. 1: Há autores, no entanto, que admitem flexão para essa palavra, de acordo com a flexão do artigo usado na expressão:

Exemplos: As previsões eram *as piores possíveis*.

Recebemos *a melhor* notícia *possível*.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento sempre pedem a concordância de pronomes em 3ª pessoa.

Exemplos: *Vossa Santidade* está muito *preocupado*.

Suas Excelências irão à festa em *seus* próprios carros?

Concordância verbal

Assim como vimos até agora em relação a substantivos e seus determinantes, também os verbos podem variar e se flexionar em pessoa e número, de acordo com o sujeito da oração.

Exemplo: *Nós gostamos* de sorvete de limão.

Aqui, o verbo concorda com o sujeito *nós*, flexionando-se em pessoa (primeira) e em número (plural).

Antes de conhecermos as regras, vamos lembrar:

singular
- 1ª pessoa = eu
- 2ª pessoa = tu
- 3ª pessoa = ele/ela/(você)

plural
- 1ª pessoa = nós
- 2ª pessoa = vós
- 3ª pessoa = eles/elas/(vocês)

Verbo com sujeito simples

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, não interessando sua posição na oração.

Exemplos: *Ela chegou* cedo.

Nós *voltaremos* ainda hoje.

Sujeito composto antes do verbo.

- O verbo vai para o plural normalmente:

  Exemplo: *São Paulo e Rio de Janeiro são* as principais cidades do Brasil.

- Mas o verbo poderá ficar no singular:

  a) Se os núcleos do sujeito forem sinônimos.

  Exemplo: *A simplicidade e a humildade é* coisa muito rara nos dias de hoje.

  b) Quando os núcleos formam uma gradação.

  Exemplo: *A solidão, a angústia, o desespero levou-o* ao vício.

- Quando os núcleos aparecem resumidos por *tudo*, *nada*, *ninguém*.

  Exemplos: Professores, alunos, funcionários, *ninguém faltou* à assembleia.

  A lágrima, o choro, o grito, *nada* o *comovia*.

Sujeito composto depois do verbo

- O verbo vai para o plural.

  Exemplo: *Chegaram* ao estádio *os jogadores e o técnico.*

- O verbo concorda com o núcleo mais próximo.

  Exemplo: *Chegou* ao estádio *o técnico e os jogadores.*

Sujeito composto de pessoas diferentes

- Quando aparece a 1ª pessoa do singular ou do plural, o verbo vai para o plural na 1ª pessoa.

  Exemplo: *Carlos e eu conversaremos* amanhã.

- Se o sujeito trouxer 2ª e 3ª pessoas do singular, o verbo pode ir para a 2ª ou 3ª pessoa do plural, indistintamente.

  Exemplos: *Tu e ele ficareis* atentos.

  Ele e tua irmã viajarão cedo.

Núcleos do sujeito ligados por *ou*

- Se houver ideia de exclusão ou retificação, o verbo fica no singular ou concordará com o núcleo do sujeito mais próximo.

  Exemplos: *Paula ou Gisela será* a nova diretora.

  O marginal ou os marginais não deixaram nenhuma pista para os policiais.

- Se não houver ideia de exclusão, o verbo vai para o plural.

  Exemplo: *A bebida ou o fumo são* prejudiciais à saúde.

Núcleos do sujeito ligados por *com*

O verbo irá para o plural, mas admite-se o singular quando se quer destacar o primeiro núcleo do sujeito.

Exemplos: *O marceneiro com o pintor terminaram* o serviço combinado.

O marceneiro com o pintor terminou o serviço combinado.

Sujeito coletivo

Quando o sujeito é um coletivo, o verbo concorda com ele.

Exemplo: *A multidão aplaudiu* o espetáculo.

Obs. 1: Se o coletivo vier especificado, o verbo pode ficar no singular ou ir para o plural.

Exemplos: *A equipe de repórteres acompanhou* o evento.

A equipe de repórteres acompanharam o evento.

Sujeito formado por substantivo plural

Quando o sujeito é um substantivo usado somente no plural, há duas possibilidades:

a) Se o substantivo não vier precedido de artigo, fica no singular.

Exemplo: *Estados Unidos é* a maior potência econômica do mundo.

b) Se o substantivo for precedido de artigo plural, o verbo vai para o plural.

Exemplo: *As Minas Gerais possuem* grandes obras arquitetônicas.

Sujeito formado por pronome de tratamento

Quando o sujeito é um pronome de tratamento, o verbo vai para a 3ª pessoa.

Exemplos: *Vossa Excelência agiu* corretamente.

Vossas *Excelências agiram* corretamente.

Sujeito formado por pronome relativo *que* ou *quem*.

- Se o sujeito for o pronome relativo *que*, o verbo concordará em número e pessoa com o antecedente do pronome.

  Exemplos: Fui *eu que liguei* a TV.

  Fomos *nós que consertamos* a TV.

- Se o sujeito for o pronome *quem*, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. (Embora, hoje, já se use bastante a concordância com o antecedente: "Fomos nós quem mentimos".)

  Exemplos: Não sou *eu quem mente*.

  Fui *eu quem mentiu*.

Obs. 1: Popularmente, é comum o verbo concordar com o antecedente do pronome *quem*.

Exemplo: Não sou *eu quem minto*.

Sujeito formado por uma oração

Quando o sujeito for representado por uma oração, o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: Ainda *falta estudar muito*.

Núcleos do sujeito formados por verbos no infinitivo

O verbo vai para o plural se os infinitivos forem determinados por artigos. Caso os infinitivos não estejam determinados, o verbo poderá ficar no singular.

Exemplos: *Correr e caminhar é* um ótimo exercício.

O correr e o caminhar são ótimos exercícios.

Verbo com a partícula apassivadora *se* (voz passiva)

O verbo concorda com o sujeito (nesses casos, a partícula *se* está ligada a verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos).

Exemplos: *Vende-se* esta *casa*.

Vendem-se apartamentos.

Verbo com índice de indeterminação do sujeito (sujeito indeterminado)

O verbo fica na 3ª pessoa do singular (nesses casos, a partícula *se* está ligada a um verbo transitivo indireto ou intransitivo).

Exemplos: *Precisa-se* de costureiras.

Trabalha-se muito em São Paulo.

Sujeito formado por expressões

Um ou outro, nem (...) nem (...)

Se as conjunções têm sentido de exclusão, o verbo fica no singular.

Exemplos: *Um ou outro* atleta *ficará em primeiro lugar*.

Nem Joana, *nem* Maria *é candidata*.

Se as conjunções não têm sentido excludente, o verbo fica no plural.

Exemplos: *Rio ou São Paulo são* cidades boas de se morar.

Nem o calor, nem o frio me *incomodam*.

Um e outro, nem um nem outro.

O verbo fica preferencialmente no plural.

Exemplos: *Um e outro permaneciam* calados.

Nem um nem outro quiseram almoçar.

Um dos que, uma das que

O verbo vai, de preferência, para o plural.

Exemplo: Cristiano é *um dos que* mais *estudam* português.

Mais de, menos de

O verbo concorda com o numeral a que se refere.

Exemplos: *Mais de um aluno cumpriu* a tarefa de casa.

Mais de cem pessoas foram lá.

A maior parte de, grande número de, a maioria de

Essas expressões seguidas de substantivos ou pronome no plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural.

Exemplos: *A maioria das pessoas protestou* contra o aumento da tarifa de energia elétrica.

A maioria das pessoas protestaram contra o aumento da tarifa de energia elétrica.

Quais de vós, quantos de nós, alguns de nós

O verbo concordará com os pronomes *nós* ou *vós* ou ficará na 3ª pessoa do plural.

Exemplos: *Alguns de nós chegaram* hoje.

Muitos de nós não acreditamos em milagres.

Obs. 1: Se o pronome indefinido ou interrogativo for singular, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: *Nenhum de nós ouviu* a conversa.

Com a expressão *haja vista*

Podem ocorrer as seguintes concordâncias:

- A expressão fica invariável.

  Exemplo: *Haja vista aos livros* da escola. (atente-se)

  Haja vista os livros da escola. (por exemplo)

- A expressão vai para o plural.

  Exemplo: *Hajam vista os livros* da escola. (vejam-se)

Verbos *dar*, *soar*, *bater*

- Esses verbos concordam regularmente com o sujeito quando ele está bem explicitado.

  Exemplo: *O relógio deu* 2 horas, mas *os sinos bateram* 3.

- Ou concordam com o número que indica as horas .

  Exemplos: *Batiam 10h* quando o sinal tocou para o recreio.

  Deu uma hora e ninguém saiu.

Verbos impessoais

Ficam na 3ª pessoa do singular, pois não possuem sujeito.

- Haver = tempo decorrido ou sinônimo de *existir*.

  Exemplos: *Havia cinco anos* que moravam fora do Brasil.

  Há 30 pessoas aqui.

- Fazer = tempo decorrido ou clima.

  Faz dois meses que não a vejo.

  Fez muito frio hoje.

- Verbos que indicam fenômenos naturais.

  Exemplos: *Chovia* muito no litoral pernambucano.

  Nevou três dias sem parar.

Obs. 1: Quando acompanhado de verbo auxiliar, este último é que ficará invariável na 3ª pessoa do singular (enquanto o principal estará em uma das formas nominais).

Exemplo: *Devia fazer* cinco anos que não a víamos.

Obs. 2: Verbos que exprimem fenômenos da natureza usados em sentido figurado deixam de ser impessoais e passam a concordar com seu sujeito.

Exemplo: *Choviam* elogios para o artista.

Obs. 3: Popularmente, é comum usar o verbo *ter* como impessoal no lugar de *haver* ou *existir.*

Tem cinco anos que moravam fora do Brasil.

Verbo *ser*

O verbo *ser* ora concorda com o sujeito, ora concorda com o predicativo.

- Quando o sujeito for um dos pronomes *que* ou *quem*, o verbo *ser* concordará obrigatoriamente com o predicativo.

  Exemplo: Que *são* metáforas?

- Concordará com o numeral, na indicação de tempo ou distância.

Exemplos: *É* uma hora da tarde.

São seis quilômetros até lá.

- Quando o sujeito for um dos pronomes *tudo, o, isso, aquilo, isto* o verbo *ser* pode concordar com o predicativo ou com o sujeito (quando o predicativo for plural, a preferência é concordar com ele).

  Exemplo: *Tudo são* flores no início do casamento. (mas também: Tudo *é* flores...)

- Quando aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é bastante*, o verbo *ser* fica no singular se indicar quantidade, distância, medida.

  Exemplo: Vinte reais *é pouco* para jantarmos fora.

Verbo *parecer*

O verbo *parecer*, antes de infinitivos, admite duas concordâncias:

a) O verbo é flexionado, e o infinitivo não varia.

Exemplo: As pessoas *pareciam* enlouquecer com o trânsito.

b) Não varia o verbo parecer e o infinitivo é flexionado.

Exemplo: As pessoas *parecia* enlouquecerem com o trânsito.

c) O verbo parecer ficará no singular, usando-se oração desenvolvida.

Exemplo: As pessoas *parece* que estão enlouquecidas.

Concordância é um assunto bastante extenso e requer muito estudo e concentração, pois apresenta várias regras e algumas se diferenciam por pequenos detalhes. Além disso, muitas vezes, o uso coloquial é muito diferente do exigido pela gramática. Por isso, tenha sempre à mão uma boa e confiável gramática para consultas.

Teste seu saber

1. A única frase que não apresenta desvio em relação à concordância verbal recomendada pela norma culta é:

a) A lista brasileira de sítios arqueológicos, uma vez aceita pela Unesco, aumenta as chances de preservação e sustentação por meio do ecoturismo.

b) Nenhum dos parlamentares que vinham defendendo o colega nos últimos dias inscreveram-se para falar durante os trabalhos de ontem.

c) Segundo a assessoria, o problema do atraso foi resolvido em pouco mais de uma hora, e quem faria conexão para outros Estados foram alojados em hotéis de Campinas.

d) Eles aprendem a andar com bengala longa, o equipamento que os auxilia a ir e vir de onde estiver para onde quiser.

e) Mas foram nas montagens do Kirov que ele conquistou fama, especialmente na cena"Reino das Sombras", o ponto mais alto desse trabalho.

2. (UFSCar) "O acordo não _____ as reivindicações, a não ser que _____ os nossos direitos e _____ da luta."

a) substitui – abdicamos – desistimos.

b) substitue – abdicamos – desistimos.

c) substitui – abdiquemos – desistamos.

d) substitui – abidiquemos – desistimos.

e) substitue – abdiquemos – desistamos.

3. Complete os espaços com um dos verbos colocados nos parênteses:

a) _____os filhos e o pai.

(chegou/chegaram)

b) Fomos nós que _____ na questão.

(tocou/tocamos)

c) Não serei eu quem _____ o dinheiro.

(recolherei/recolherá)

d) Mais de um torcedor _____ estupidamente.

(agrediu-se/agrediram-se)

e) O fazendeiro com os peões _____ a cerca.

(levantou/levantaram)

4. Aplicar enunciado idêntico ao da questão 3.

a) _____ de haver algumas mudanças no seu governo. (Há/ Hão)

b) Sempre que _____ alguns pedidos, procure atendê-los rapidamente. (houver/houverem)

c) Pouco me _____ as desculpas que ele chegar a dar. (importa/ importam)

d) Jamais _____ tais pretensões por parte daquele funcionário. (existiu/existiram)

e) Tudo estava calmo, como se não _____ havido tantas reivindicações. (tivesse/tivessem)

5. Complete os espaços com um dos verbos colocados nos parênteses.

a) Espero que se _____ as taxas de juro. (mantenha/mantenham)

b) É importante que se _____ outras soluções para o problema. (busque/busquem)

c) Não se _____ em pessoas que não nos olham nos olhos. (confia/confiam)

d) Hoje já não se _____ deste modelo de carro. (gosta/ gostam)

e) A verdade é que se_____ certos pormenores pouco convincentes. (observou/observaram)

6. (IBGE) Indique a opção correta, no que se refere à concordância verbal, de acordo com a norma culta.

a) Haviam muitos candidatos esperando a hora da prova.

b) Choveu pedaços de granizo na serra gaúcha.

c) Faz muitos anos que a equipe do IBGE não vem aqui.

d) Bateu três horas quando o entrevistador chegou.

e) Fui eu que abriu a porta para o agente do censo.

7. (IBGE) Assinale a frase em que há erro de concordância verbal.

a) Um ou outro escravo conseguiu a liberdade.

b) Não poderia haver dúvidas sobre a necessidade da imigração.

c) Faz mais de cem anos que a Lei Áurea foi assinada.

d) Deve existir problemas nos seus documentos.

e) Choveram papéis picados nos comícios.

8. (IBGE) Assinale a opção em que há concordância inadequada.

a) A maioria dos estudiosos acha difícil uma solução para o problema.

b) A maioria dos conflitos foram resolvidos.

c) Deve haver bons motivos para a sua recusa.

d) De casa à escola é três quilômetros.

e) Nem uma nem outra questão é difícil.

9. (Cesgranrio) Há erro de concordância em:

a) atos e coisas más.

b) dificuldades e obstáculo intransponível.

c) cercas e trilhos abandonados.

d) fazendas e engenho prósperas.

e) serraria e estábulo conservados.

10. (Mackenzie) Indique a alternativa em que há erro.

a) Os fatos falam por si sós.

b) A casa estava meio desleixada.

c) Os livros estão custando cada vez mais caro.

d) Seus apartes eram sempre o mais pertinentes possíveis.

e) Era a mim mesma que ele se referia, disse a moça.

11. (UFPR) Enumere a segunda coluna pela primeira (adjetivo posposto):

(1) velhos	**( ) camisa e calça _____**
(2) velhas	**( ) chapéu e calça _____**
	( ) calça e chapéu _____
	( ) chapéu e paletó _____
	( ) chapéu e camisa _____

a) 1 – 2 – 1 – 1 – 2.

b) 2 – 2 – 1 – 1 – 2.

c) 2 – 1 – 1 – 1 – 1.

d) 1 – 2 – 2 – 2 – 2.

e) 2 – 1 – 1 – 1 – 2.

12. (UFF) Assinale a frase que encerra um erro de concordância nominal.

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.

b) Ela chegou com o rosto e as mãos feridas.

c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.

d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.

e) Ela comprou dois vestidos cinza.

13. (BB) Marque a alternativa em que o verbo deve ir para o plural.

a) Organizou-se em grupos de quatro.

b) Atendeu-se a todos os clientes.

c) Faltava um banco e uma cadeira.

d) Pintou-se as paredes de verde.

e) Já faz mais de dez anos que o vi.

14. (BB) Assinale a alternativa em que o verbo foi usado corretamente no singular.

a) Procurou-se as mesmas pessoas.

b) Registrou-se os processos.

c) Respondeu-se aos questionários.

d) Ouviu-se os últimos comentários.

e) Somou-se as parcelas.

15. (BB) Indique a opção correta:

a) Há de ser corrigido os erros.

b) Hão de ser corrigidos os erros.

c) Hão de serem corrigidos os erros.

d) Há de ser corrigidos os erros.

e) Há de serem corrigidos os erros.

16. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.

b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.

c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.

d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.

e) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

17. (FFCL-Santo André) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Ela o esperava já faziam duas semanas.

b) Na sua bolsa haviam muitas moedas de ouro.

c) Eles parece estarem doentes.

d) Devem haver aqui pessoas cultas.

e) Todos parecem terem ficado tristes.

18. (Mackenzie) Assinale a frase incorreta.

a) Dois cruzeiros é pouco para esse fim.

b) Nem tudo são sempre tristezas.

c) Quem fez isso foram vocês.

d) Era muito árdua a tarefa que os mantinham juntos.

e) Quais de vós ainda tendes paciência?

19. (PUC-RS) É provável que _____ vagas na academia, mas não _____ pessoas interessadas: são muitas as formalidades a _____ cumpridas.

a) hajam – existem – ser.

b) hajam – existe – ser.

c) haja – existem – serem.

d) haja – existe – ser.

e) hajam – existem – serem.

20. (Carlos Chagas) _____ de exigências! Ou será que não _____ os sacrifícios que _____ por sua causa?

a) Chega – bastam – foram feitos.

b) Chega – bastam – foi feito.

c) Chegam – basta – foi feito.

d) Chegam – basta – foram feitos.

e) Chegam – bastam – foi feito.

21. (UFRS) Soube que mais de dez alunos se _____ a participar dos jogos que tu e ele _____ .

a) negou – organizou.

b) negou – organizasteis.

c) negaram – organizaste.

d) negou – organizaram.

e) negaram – organizastes.

22. (EPCAR) Não está correta a frase:

a) Vai fazer cinco anos que ele se diplomou.

b) Rogo a Vossa Excelência vos digneis aceitar o meu convite.

c) Há muitos anos deveriam existir ali várias árvores.

d) Na mocidade tudo são flores.

e) Deve haver muitos jovens nesta casa.

23. (FTM-Aracaju) A frase em que a concordância nominal contraria a norma culta é:

a) Há gritos e vozes trancados dentro do peito.

b) Estão trancados dentro do peito vozes e gritos.

c) Mantêm-se trancadas dentro do peito vozes e gritos.

d) Trancada dentro do peito permanece uma voz e um grito.

e) Conservam-se trancadas dentro do peito uma voz e um grito.

24. (Santa Casa) Suponho que _____ meios para que se _____ os cálculos de modo mais simples.

a) devem haver – realize.

b) devem haver – realizem.

c) deve haverem – realize.

d) deve haver – realizem.

e) deve haver – realize.

25. (Fuvest) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.

b) Comprou-se terrenos no subúrbio.

c) Precisam-se de datilógrafas.

d) Reformam-se ternos.

e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Atenção à frase: "São Paulo é populosa."
Você consegue explicar essa concordância?

Comentário

Nessa frase, foi empregada uma figura de linguagem chamada silepse, nome que se dá à concordância ideológica (de acordo com o significado da palavra, e não com o que está escrito). Em "São Paulo é populosa" há uma silepse de gênero, isto é, o adjetivo concorda com a ideia de "cidade", palavra feminina, não com o substantivo próprio "São Paulo", que é masculino.

13 Colocação pronominal

Tente pronunciar as duas orações abaixo, prestando atenção nas diferenças:

Ele pediu o estojo para mim ontem.

Ele me pediu o estojo ontem.

Como você deve ter percebido, na primeira oração usou-se o pronome pessoal oblíquo *mim*, cuja pronúncia no conjunto é forte e destaca-se como uma palavra qualquer da oração. Como é forte e distinto, é chamado de *tônico*. Esse tipo de pronome é sempre precedido de preposição.

Já na segunda frase, o pronome usado foi *me*, de pronúncia bem mais fraca no conjunto e soando, na verdade, como mais uma sílaba do verbo (parece que dizemos *mepediu*, assim mesmo, como uma única palavra). Como é pronunciado sem muita distinção de outras palavras da oração, é chamado de *átono*.

Pois bem. É possível usar os tônicos em qualquer posição na oração (*Ele pediu para mim*; *Para mim ele pediu* etc.), já que ele se distingue bem dos demais vocábulos.

No caso dos átonos, no entanto, há regras rígidas para seu posicionamento na oração, sempre em relação ao verbo, do qual ele parece fazer parte sonoramente. Trata-se das chamadas regras de *colocação pronominal*, na norma culta, e elas só se referem à posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos.

Veja a tabela a seguir, com os pronomes pessoais, e relembre cada um.

Pessoa	Pronomes retos	Pronomes oblíquos átonos	Pronomes oblíquos tônicos
1ª sing.	eu	me	mim, comigo
2ª sing.	tu	te	ti, contigo
3ª sing.	ele/ela	o/a, lhe, se	si, consigo
1ª pl.	nós	nos	conosco
2ª pl.	vós	vos	convosco
3ª pl.	ele/elas	os/as, lhes, se	si, consigo

Exemplos:

Ele falou sobre *mim* ontem?

Eu *o* avisei de que não queria isso.

É importante ressaltar que, na língua oral, coloquial, as regras são bem menos exigidas, e são comuns usos não aceitos pela gramática padrão.

Por exemplo, a frase "Me empresta o caderno?", tão comum no nosso dia a dia, é condenada pelas regras, que determinam como correta a seguinte construção: "Empresta-me o caderno?". Esta última, aliás, é usada em Portugal tanto no modo oral, quanto no escrito.

Não são raras as diferenças de uso da língua oral entre os dois países. Portugal chega a condenar o hábito brasileiro de iniciar uma oração com o pronome átono, como fizemos no exemplo citado.

Dê-me uma maçã ou *Me dá uma maçã?*

Nas frases anteriores é possível distinguir dois tipos de linguagem: a culta, que obedece aos padrões da gramática, e a popular, comum na comunicação oral dos brasileiros.

O que diferencia um tipo de linguagem da outra é exatamente a colocação do pronome oblíquo átono *me* (*Dê-me uma maçã* – formal e portuguesa – e *Me dá um cigarro* – informal e brasileira). Além disso, nas sentenças são realçadas também as diferentes conjugações verbais (o imperativo *dê*, mais formal, e o presente *dá*, mais informal e até mais "afetuoso", íntimo).

De qualquer modo, precisamos ter em mente que é necessário conhecer bem tais regras, para podermos utilizá-las quando necessário, mesmo oralmente, na língua padrão. E na escrita, então, elas devem ser observadas.

Assim, a parte da gramática chamada de colocação pronominal refere-se à posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase, em relação ao verbo a que estão ligados e ao qual servem de complemento, em sua maioria.

Colocação pronominal nos tempos simples

Há três posições possíveis:

1. Ênclise (o pronome vem após o verbo e deve sempre haver hífen entre eles)

a) As formas verbais do infinitivo impessoal (precedido ou não da preposição *a*), do gerúndio e do imperativo afirmativo pedem a ênclise pronominal. Exemplos:

Obrigou-me a dizer-lhe tudo.

Ela pediu licença, afastando-se de todos.

Entregue-me os papéis agora!

Obs.: Se o gerúndio vier precedido da preposição *em*, deve-se empregar a próclise. Exemplo:

Nesta terra, em se plantando, tudo dá.

b) Não se inicia um período pelo pronome átono nem a oração principal, assim como as orações coordenadas assindéticas. Exemplos:

Julgaram-me incapaz.

Ficando calado, observa-se muito mais.

Segui-o pela rua, chamei-o, pedi-lhe que parasse.

Obs. 1: A ênclise não pode ser empregada com verbos no futuro ou no particípio passado.

Obs. 2: Quando forem usados os pronomes *o/a/os/as* e o verbo terminar em:

- ***r***, ***s*** ou ***z*** = cortam-se essas letras do verbo e acrescenta-se *l* ao pronome (o verbo deverá ser acentuado, seguindo as regras de acentuação, quando em final *a, e, o*).

  Exemplos:

  cantar + o = cantá-lo

  quis + as = qui-las

  fiz + os = fi-los

  João quis os doces velhos? Sim, João qui-los.

  Maria vai convencer a mãe? Acho que vai convencê-la, sim.

- **nasal com *m*** = acrescenta-se *n* ao pronome. Exemplos:

  cantaram + as = cantaram-nas

Os bolos? Fizeram-nos ontem.

(Este último caso pode provocar ambiguidade, confundindo-se o pronome *os* com o pronome *nos*. Só o contexto pode impedir a ambiguidade.)

2. Próclise (o pronome vem antes do verbo e não há hífen entre eles)

Usa-se quando:

a) Antes do verbo houver uma palavra (chamada de palavra atratora) pertencente a um dos seguintes grupos:

- palavras ou expressões negativas. Exemplos:

  Não me deixe aqui.

  Nunca te abandonarei.

- pronomes relativos. Exemplos:

  O livro que me emprestaste é muito bom.

  Este é o homem de quem te falei.

- pronomes indefinidos. Exemplos:

  Alguém te falou algo de mim?

  Todos lhe disseram a verdade.

- pronomes pessoais retos. Exemplo:

  Ela me ama? Eu a amo muito!

- pronomes demonstrativos neutros. Exemplo:

  Aquilo me desgostou.

- pronomes interrogativos. Exemplo:

  Quem te contou isso?

- conjunções subordinativas. Exemplos:

  Deixarei você sair quando se acalmar.

  Falarei contigo se me pedires perdão.

- advérbios. Exemplos:

  Amanhã te acordarei bem cedo.

  Aqui lhe mostraram todos os monumentos.

Atenção: qualquer pontuação elimina a atração das palavras atratoras. Por isso, deixa de haver próclise. Exemplos:

Hoje à noite me pediram ajuda.

Hoje à noite, pediram-me ajuda.

a) Na expressão "em + ... + gerúndio". Exemplo:

   Em se tratando de eleições, temos que ficar atentos.

b) Nas orações exortativas (que animam, encorajam ou aconselham) e optativas (que expressam desejo). Exemplos:

   Bons ventos o levem!

   Deus te abençoe!

Obs. 1: O pronome átono pode ser colocado antes ou depois do infinitivo impessoal se antes do infinitivo vier uma das palavras ou expressões atratoras mencionadas anteriormente. Exemplos:

Tudo faço para não a perturbar naqueles dias difíceis.

Tudo faço para não perturbá-la naqueles dias difíceis.

3. Mesóclise (pronome no meio da forma verbal e sempre com dois hífens)

Usa-se apenas quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo, e não houver palavra atratora. Exemplos:

Falar-te-ei a verdade quando amadureceres.

Falar-te-ia a verdade se amadurecesses.

Obs. 1: Essas formas de futuro (terminação em *re/rá* e *ria*) vão sofrer o corte na letra *r* e aí se colocará o pronome, sempre com dois hífens. Exemplo:

Contaria > contar ia > contar-lhe-ia.

Obs. 2: Como na ênclise, se os pronomes forem *o/a/os/as*, corta-se a letra *r* do verbo e acrescenta-se *l* ao pronome (acentuam-se os verbos com *a e o*). Exemplo:

Contaria > contar ia > contar o ia > contá-lo-ia.

Você contaria o dinheiro pra mim?

Contá-lo-ia, sem problema algum.

Atenção: a próclise prevalece sobre todas as outras colocações pronominais. Primeiro, pense se é possível empregar a próclise; se não for, pense na ênclise; por últimos, pense na mesóclise.

Colocação pronominal em locuções verbais e tempos compostos

Locução verbal é um conjunto de dois ou mais verbos que indicam um só processo. É formada por um verbo auxiliar conjugado + um verbo principal, numa das formas nominais.

verbo auxiliar: aquele que será conjugado nos vários tempos, pessoas, modos. Os mais comuns são: *ir*, *querer*, *dever*, *saber*, *poder*, *ser*, *estar*, *ter*, *haver*.

verbo principal: traz a ideia principal da ação.

formas nominais: são o infinitivo (terminação *r*, como *cantar*, *fazer*, *sorrir*); o gerúndio (terminação *ndo*, como *cantando*, *fazendo*, *sorrindo*) e o particípio (terminação *do* – regular – ou outras – irregular –, como *cantado*, *feito*, *sorrido*). O uso do particípio se dá nos chamados tempos compostos.

Muitas vezes, o tempo verbal é expresso com um só verbo; mas, outras vezes, é expresso com dois ou mais verbos, num conjunto, num tipo específico de locução em que há os auxiliares *ter* e *haver* + os principais, sempre no particípio regular ou irregular. A isso se dá o nome de *tempos compostos*.

Pronomes oblíquos átonos em locuções verbais

O pronome átono pode ser colocado antes do auxiliar (se houver atratoras), depois do auxiliar, ou, ainda, depois do principal (quando houver infinitivo ou gerúndio).

Exemplos:

(com atratora)

Nós lhe devemos dizer a verdade

Nós devemos dizer-lhe a verdade

(sem atratora)

Devemos-lhe dizer a verdade.

Devemos dizer-lhe a verdade.

(com atratora)
Não me vou arrastando pela vida.
Não vou arrastando-me pela vida.

(sem atratora)
Vou-me arrastando pela vida.
Vou arrastando-me pela vida.

Como você viu, se as locuções verbais vierem precedidas de palavra ou expressão atratora, que exija a próclise, só duas posições serão possíveis para empregar-se o pronome átono: antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Se vierem sem atratoras, também duas posições serão possíveis: após o verbo auxiliar ou depois do verbo principal. E, atenção: só não há hífen na posição antes do auxiliar.

Pronomes oblíquos átonos em tempos compostos

Nos tempos compostos, o pronome átono liga-se ao verbo auxiliar, nunca ao particípio, podendo vir antes dele (com atratora) ou depois (sem atratora).

Exemplos:

(sem atratora)
Tinha-me envolvido sem querer com aquela garota.

(com atratora)
O advogado não lhe tinha dito a verdade.

Atenção: só não há hífen na posição antes do auxiliar.

Uso dos pronomes demonstrativos

a) Os pronomes *este*, *esta*, *isto* referem-se à primeira pessoa, isto é, ao emissor, e têm os seguintes usos:

- indicar proximidade com o emissor (aqui). Exemplos:

  Esta minha cabeça não é mais como antes.

  Este meu carro só me dá problemas.

  Esta casa é nossa há dez anos.

  Isto aqui são as minhas encomendas.

  Este saleiro é de alguém?

- indicar tempo presente. Exemplos:

  Nesta semana, estou cansada.

  Neste ano de 2010, trabalhei muito.

- no texto escrito, é usado para indicar algo que ainda vai ser dito. Exemplo:

  Só digo isto a você: saia daqui agora.

b) Os pronomes *esse*, *essa*, *isso* referem-se à segunda pessoa, isto é, ao receptor, e têm os seguintes usos:

- indicar proximidade com o receptor (aí). Exemplos:

  Essa sua blusa não lhe fica bem.

  Quem jogou esse lixo aí na tua calçada?

  Isso aí que você está fazendo tem futuro?

- indicar passado ou futuro próximo. Exemplos:

  Nessa última semana, machuquei o braço.

  Nesse próximo ano, casaremos mesmo.

- no texto escrito, é usado para indicar algo que já foi dito, retomando-o. Exemplo:

  Comprei bebidas e frutas, e isso custou caro.

c) Os pronomes *aquele*, *aquela*, *aquilo* referem-se à terceira pessoa, isto é, ao referente, algo ou alguém de que estamos falando, e têm os seguintes usos:

- indicar proximidade com a 3ª pessoa (lá). Exemplos:

  Aquele carro, lá no estacionamento, é do professor Paulo.

  Aquela garota bonita é da sua turma?

  Eu disse ao diretor aquilo que me mandaste dizer.

- indicar passado mais distante. Exemplo:

  Aquela festa em que nos conhecemos foi fantástica.

Atenção: Numa enumeração, empregamos os pronomes *este*, *esta* e *isto* para nos referir ao elemento mais próximo, e *aquele*, *aquela* e *aquilo* para os anteriores. Exemplos:

Em 1996, adquiri duas coisas muito importantes para mim: uma casa e um computador. Este no início do ano, e aquela, no fim.

Guarde duas dicas ao se referir à situação dos pronomes *esse* e *este* em um texto:

- *esse* indica "passado", e ambas as palavras se escrevem com *ss*;
- *este* indica futuro; em ambos os termos temos a presença do *t*.

Uso de *eu*, *tu*, *ti* e *mim*

Os pronomes pessoais retos só podem figurar como sujeito de uma oração, não funcionando como complementos verbais. Os de 1ª e 2ª pessoas do singular (eu e tu) não podem nem ao menos vir precedidos de preposição, e não são complementos. Para exercer essa função, usam-se os pronomes oblíquos *mim* e *ti*. Exemplos:

Nunca houve brigas entre mim e ela.

Todas as dívidas entre mim e ti foram sanadas.

Sem você e mim, aquela obra não acaba.

Levantaram calúnias contra os alunos e mim.

Os pronomes *eu* e *tu*, no entanto, podem aparecer como sujeito de um verbo no infinitivo, embora precedidos de preposição. Exemplos:

Este presente é para eu levar para professora.

Este presente é para tu levares para professora.

Teste seu saber

1. **"Mestre Romão ordenou que _____ o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal:**

   _____ preciso ar." (Machado de Assis)

   a) lhe levassem – Era-lhe.

   b) levassem-lhe – Era-lhe.

   c) levassem-lhe – Lhe era.

   d) lhe levassem – Lhe era.

   e) levassem-no – Era-lhe.

2. **Em que alternativa não há erro na colocação do pronome?**

a) Preciso vê-lo, me disse o rapaz.

b) Este é um trabalho que absorve-se muito.

c) Far-se-á tudo para que se salvem.

d) Não arrepender-se-ia de haver dito a verdade.

e) Em pondo-se o sol os pássaros debandam.

3. **(Cesgranrio) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta.**

a) Ter-me-ão elogiado.

b) Tinha-me lembrado.

c) Teria-me lembrado.

d) Temo-nos esquecido.

e) Tenho-me alegrado.

4. **(Mackenzie) Assinale a alternativa que apresenta erro de colocação pronominal.**

a) Você não devia calar-se.

b) Não lhe darei qualquer informação.

c) O filho não o entendeu.

d) Se apresentar-lhe os pêsames, faça-o discretamente.

e) Ninguém quer aconselhá-lo.

5. **(Medicina do ABC) Assinale a alternativa em que todos os pronomes pessoais estão colocados corretamente, segundo o uso clássico da língua portuguesa:**

a) Eu o vi, não lhe falei, darei-te o livro.

b) Eu o vi, falei-lhe, nada lhe direi.

c) Nada dir-lhe-ei, não o estimo, Deus ajude-nos.

d) Deus nos ajude! Não quero te ofender, mas vai-te embora.

e) Me dá o livro, que eu te devolvo assim que o ler.

6. **(OMEC) Assinale a frase em que há pronome enclítico.**

a) Far-me-ás um favor?

b) Nada te direi a respeito.

c) Convido-te para a festa.

d) Não me fales mais nisso.

e) Dir-se-ia uma incoerência.

7. **(BB) Assinale a alternativa em que a colocação pronominal está incorreta.**

a) Preciso que venhas ver-me.

b) Procure não desapontá-lo.

c) O certo é fazê-los sair.

d) Sempre negaram-me tudo.

e) As espécies se atraem.

8. **(EPCAR) Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise.**

a) Não entristeças. (te)

b) Deus favoreça. (o)

c) Espera que faças justiça. (se)

d) Meus amigos, apresentem em posição de sentido. (se)

e) Ninguém faça de rogado. (se)

9. **(TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.**

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.

b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.

c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?

d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.

e) O presidente cumprimentou o vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

10. **(FTU) A frase em que a colocação do pronome átono está em desacordo com as normas vigentes no português padrão do Brasil é:**

a) A ferrovia integrar-se-á nos demais sistemas viários.

b) A ferrovia deveria-se integrar nos demais sistemas viários.

c) A ferrovia não tem se integrado nos demais sistemas viários.

d) A ferrovia estaria integrando-se nos demais sistemas viários.

e) A ferrovia não consegue integrar-se nos demais sistemas viários.

11. **(FFCL-Santo André) Assinale a alternativa correta.**

a) A solução agradou-lhe.

b) Eles diriam-se injuriados.

c) Ninguém conhece-me bem.

d) Darei-te o que quiseres.

e) Quem contou-te isso?

12. **(Cesgranrio) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta.**

a) Ter-me-ão elogiado.

b) Tinha-se lembrado.

c) Teria-me lembrado.

d) Temo-nos esquecido.

e) Tenho-me alegrado.

13. **(Mackenzie) A colocação do pronome oblíquo está incorreta em:**

a) Para não aborrecê-lo, tive de sair.

b) Quando sentiu-se em dificuldade, pediu ajuda.

c) Não me submeterei aos seus caprichos.

d) Ele me olhou algum tempo comovido.

e) Não a vi quando entrou.

14. (TFT-MA) "O individualismo não a alcança." A colocação do pronome átono está em desacordo com a norma culta da língua, na seguinte alteração da passagem acima:

a) O individualismo não *a* consegue alcançar.

b) O individualismo não está alcançando-*a*.

c) O individualismo não *a* teria alcançado.

d) O individualismo não tem alcançado-*a*.

e) O individualismo não pode alcançá-*la*.

15. (Santa Casa) Há um erro de colocação pronominal em:

a) "Sempre a quis como namorada."

b) "Os soldados não lhe obedeceram as ordens."

c) "Todos me disseram o mesmo."

d) "Recusei a ideia que apresentaram-me."

e) "Quando a cumprimentaram, ela desmaiou."

16. (BB) Marque a frase em que o pronome foi empregado incorretamente.

a) Nada existe entre eu e você.

b) Deixaram-me fazer o serviço.

c) Fez tudo para eu viajar.

d) Hoje, Maria irá sem mim.

e) Meus conselhos fizeram-no refletir.

17. (Santa Casa) Do lugar onde _____, _____ um belo panorama, em que o céu _____ com a terra.

a) se encontravam – divisava-se – se ligava.

b) se encontravam – divisava-se – ligava-se.

c) se encontravam – se divisava – ligava-se.

d) encontravam-se – divisava-se – se ligava.

e) encontravam-se – se divisava – se ligava.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

"Fi-lo porque qui-lo!"
A frase acima foi supostamente dita por um político brasileiro muito respeitado. Você acha que está correta? Justifique a sua opinião.

Comentário

A frase citada é atribuída ao ex-presidente Jânio da Silva Quadros. Numa entrevista posterior, ele afirmou que tal frase está incorreta gramaticalmente (o que é verdade) e, se a dissesse, diria: "Fi-lo porque o quis".

14 Coesão e coerência

Leia o texto abaixo:

O homem é um ser _____ produz, consome _____ descarta. _____ poderia ser a definição do ser humano moderno. _____ _____ produção, _____ homem está, _____, constantemente preocupado _____ procura caminhos _____ sempre melhorá-_____, _____ _____ não comerá, não se vestirá, não se abrigará, não se locomoverá, _____, não consumirá, _____ futuro muito próximo. Aliás, _____ o consumo, sabemos todos, _____ está cada vez mais preocupado _____ exigente. _____ gastos de tempo, energia _____ dinheiro com lazer, produtos, bens _____ serviços são, a cada dia, otimizados.

_____, e o descarte? _____ o _____ lixo, _____ mesmo homem não parece nada preocupado, _____, produz muito lixo; _____, quer vê-_____ longe, não importando onde; _____, parece acreditar, ainda hoje, que _____ pequeno lixinho diário não causará tanto mal _____. _____, um monte de pequenos lixinhos vira um monte de lixo.

_____ _____, sucumbiremos todos, brevemente, em uma montanha de dejetos das mais variadas naturezas _____ procedências, _____ donos estão em algum outro lugar, consumindo, _____ _____ somos incapazes de enxergar, no presente, um pouco, só um pouquinho além do _____ nariz.

Estranho, não? Até conseguimos entender o tema central do texto, mas em alguns momentos fica bem confuso e, fundamentalmente, fica mais difícil ler e tentar apreender esse sentido, porque parece que caímos em buracos o tempo

todo: há muitas lacunas, e acabamos lendo com esforço, aos trancos.

Perdem-se a unidade, o sequenciamento e a fluidez que fazem um texto ser um texto. Veja a seguir, como o acréscimo de algumas palavras ou expressões adequadas facilitam a leitura e a compreensão: o texto flui e progride sem dificuldade, revelando até mesmo as intencionalidades do autor.

> O homem é um ser **que** produz, consome **e** descarta. **Essa** poderia ser a definição do ser humano moderno. **Com sua** produção, **esse** homem está, **hoje,** constantemente preocupado **e** procura caminhos **para** sempre melhorá-**la**, **porque senão** não comerá, não se vestirá, não se abrigará, não se locomoverá, **enfim**, não consumirá, **em** futuro muito próximo. Aliás, **com** o consumo, sabemos todos, **ele** está cada vez mais preocupado **e** exigente. **Seus** gastos de tempo, energia **e** dinheiro com lazer, produtos, bens **e** serviços são, a cada dia, otimizados.
>
> **Porém**, e o descarte? **Com** o **próprio** lixo, **esse** mesmo homem não parece nada preocupado, **pelo contrário**, produz muito lixo; e quer vê-**lo** longe, não importando onde; **finalmente**, parece acreditar, ainda hoje, que **seu** pequeno lixinho diário não causará tanto mal **assim**. **Entretanto**, um monte de pequenos lixinhos vira um monte de lixo.
>
> **Dessa forma**, sucumbiremos todos, brevemente, em uma montanha de dejetos das mais variadas naturezas **e** procedências, **cujos** donos estão em algum outro lugar, consumindo, **já que** somos incapazes de enxergar, no presente, um pouco, só um pouquinho, além do **nosso** nariz.

Como você viu, a inclusão dessas palavras e expressões evitou repetições desnecessárias, fez a leitura fluir e deu unidade ao texto. Deu-lhe liga, coesão.

Na verdade, a textualidade, ou seja, a propriedade que faz um amontoado de palavras ser um texto, constitui-se de alguns aspectos e, entre eles, dois são fundamen-

tais e andam sempre muito próximos: a *coesão* (aspecto mais formal, a argamassa do texto) e a *coerência* (aspecto mais voltado à significação). E ambas são conceitos importantes para melhor compreensão e produção de textos, sendo que a coesão é essencial para estabelecer a relação entre as ideias, relação essa que está na base da coerência textual.

Coesão

Como dissemos acima, a coesão trata basicamente das articulações gramaticais existentes entre palavras, orações e frases para garantir clareza ao texto. É como se fosse a linha que costura uma roupa, se ela não for bem amarrada, provavelmente, as partes da roupa se separarão. O mesmo ocorre com um texto: se não amarrarmos suas partes (palavras, frases, parágrafos), não teremos um texto, mas sim um amontoado de ideias sem sentido. Em outras palavras, a coesão textual é o conjunto de recursos linguísticos responsáveis pelas ligações que se estabelecem entre os termos de uma frase, entre as orações de um período ou entre os parágrafos de um texto: são palavras e expressões que unem as ideias, fazendo com que esse texto tenha progressão e unidade; tais termos podem ser usados, ainda, para retomar elementos já expostos anteriormente, recuperando-os, sem precisar haver repetições. Ela revela a construção do texto.

Os *conectivos* são os elementos usados para estabelecer elos entre palavras, orações e períodos, ou seja, ligar as partes do texto para que este forme uma unidade de sentido, como dissemos. Entre eles destacam-se: conjunções, preposições, pronomes e advérbios. Se esses elementos de coesão forem mal utilizados, o texto será uma junção

desconexa de frases e apresentará uma linguagem ambígua e incoerente.

Existem dois tipos de coesão: a referencial e a sequencial.

Coesão referencial

Permite a recuperação de termos do texto e ocorre de duas maneiras:

a) Substituição: o uso de um termo com valor coesivo no lugar de outro. Exemplos:

"Durante o período da amamentação, a mãe ensina os segredos da sobrevivência ao filhote e é arremedada por ele. A baleiona salta, o filhote a imita. Ela bate a cauda, ele também o faz." (Revista *Veja*)

ela, a – retomam o termo *baleiona*, que, por sua vez, substitui o vocábulo *mãe*.

ele – retoma o termo filhote.

ele também o faz – o pronome *o* retoma as ações de saltar, bater, que a mãe pratica (esse pronome substitui aqui a oração anterior).

b) Reiteração: ocorre quando expressões do texto são repetidas pelo uso:

- da mesma expressão. Exemplo:

"Ó solidão do boi no campo,
Ó solidão do homem na rua."

(Carlos Drummond de Andrade)

- de sinônimos. Exemplo:

  Ó que saudades eu tenho da aurora da minha vida,
  Da minha infância querida...

  (Casimiro de Abreu)

- de nomes genéricos. Exemplo:

  Olhemos para os móveis, para as paredes, para as janelas. Percebamos nessas coisas o significado oculto de uma casa.

Coesão sequencial

É a que permite fazer progredir o texto, sem a retomada de itens. Pode ocorrer de duas maneiras:

a) Temporal. Exemplo:

Anteriormente analisamos o texto, agora produziremos um resumo.

(Usa-se advérbios que marcam o tempo.)

b) Por conexão. Ocorre com o emprego de:

- Preposições ou locuções prepositivas. Exemplo:

  Sinto-me só, apesar de acompanhada.

- Conjunções e locuções conjuntivas. Exemplo:

  Estaria me sentindo melhor, se você estivesse aqui.

- Pausas. A pontuação é um importante elemento de coesão. Ela substitui os conectivos e estabelece relações diversas entre os elementos de um texto. Exemplo:

  Ele saiu cedo, caminhou até a banca de jornal, sorriu a todos, seguiu em frente...

Nesse ponto, é importante que você reveja alguns conceitos como: preposição, conjunção, pontuação, concordância e regência. Todos esses itens são muito importantes na elaboração escrita de suas ideias.

Coerência

A coerência aborda a relação lógica entre ideias, situações ou acontecimentos, apoiando-se em mecanismos formais (na coesão, inclusive) e no conhecimento compartilhado entre os usuários da língua.

Pode-se dizer que o conceito de coerência está ligado ao conteúdo, ou seja, está no sentido construído pelo leitor. Diz-se que um texto é coerente se fizer sentido para quem o produz e para quem o lê ou ouve.

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta a intenção comunicativa, os objetivos, o destinatário, as regras socioculturais etc.

Na verdade, frequentemente ouvem-se comentários do tipo "esse texto não está coerente" ou "essas ideias estão confusas, incoerentes". Assim, percebe-se que a coerência que tanto se deseja é condição essencial para a existência de um texto, que é um todo organizado, capaz de estabelecer contato com interlocutores. Nele, uma ideia ajuda a compreender outra, para criar um sentido global; portanto, cada uma de suas partes deve estar relacionada à unidade semântica que se pretende.

Coerência é a relação que se estabelece entre as partes do texto, criando exatamente unidade de sentido. Assim, quando se fala em coerência, pensa-se na não contradição de sentidos entre passagens do texto, na existência de uma

continuidade semântica e na adequação do que se diz a toda a realidade extratexto.

E, embora a coesão seja importante para isso, não é suficiente, ou seja, não basta saber usar conjunções adequadas, pronomes, preposições, concordâncias etc., é preciso que o que se diz faça sentido. Assim, a questão da coerência está relacionada, fundamentalmente, a dois aspectos:

a) Adequação entre o fato noticiado e a realidade (a coerência extratextual). Por exemplo, na frase "Eleito presidente do país aos 10 anos, Jonas da Silva já cumpriu um ano de seu mandato", sabemos que há uma incompatibilidade com as leis eleitorais do Brasil, onde o candidato deve ser maior de idade. Ou seja, a frase é incoerente.

b) Relação de não contradição entre os enunciados do texto (coerência intratextual). Há incoerência, por exemplo, quando, na conclusão de um texto, afirma-se que "é preciso dar um basta na violência", após defender-se a pena de morte no país, durante todo o percurso textual.

Ao escrever sua redação, antes de passá-la a limpo, observe se há continuidade no desenvolvimento das ideias, se elas estão encadeadas, se não há contradições, ou seja, se é um texto coerente. Lembre-se de que fazer rascunho é um bom exercício para coerência.

"Armadilhas" textuais

Ao escrever um texto, o autor deve tomar cuidado com certas construções inadequadas que podem dificultar a compreensão do que se quer transmitir. A *ambiguidade* e a *redundância* são duas dessas armadilhas.

A *ambiguidade* dificulta a compreensão do texto pelo leitor ou ouvinte, porque oferece, de forma não intencional, interpretação de duplo sentido; para obter um texto coeso e coerente é preciso evitar a ambiguidade involuntária.

Observe alguns casos de ambiguidade:

a) Problemas com o uso de pronomes possessivos. Exemplo:
   Paula preparou a pesquisa com Carlos e fez sua apresentação.
   (Paula fez a sua apresentação ou a de Carlos?)

b) Problemas com o uso de pronomes relativos. Exemplo:
   Visitamos o museu e o teatro cuja qualidade artística é inegável.
   (É o teatro ou o museu que possui qualidade artística?)

c) Colocação inadequada de palavras. Exemplo:
   O homem nervoso entrou no banco.
   (O homem é nervoso sempre ou está nervoso no momento em que entrou no banco apenas?)

d) Sentido indistinto entre agente e paciente. Exemplo:
   A recepção dos irmãos foi feita no salão de festas.
   (A recepção foi oferecida pelos irmãos ou eles foram recepcionados?)

e) Uso indistinto entre o pronome relativo e a conjunção integrante. Exemplo:
   O garçom falou com o cliente que era paulista.
   (Quem era paulista: o garçom ou o cliente?)

f) Problemas com o uso de formas nominais. Exemplo: A mulher viu o marido chegando em casa de madrugada. (Quem chegou em casa de madrugada: a mulher ou o marido?)

Não se esqueça de que a ambiguidade pode ser usada propositalmente, para obter-se um efeito de sentido específico e, até, despertar a curiosidade no receptor.

A *redundância* prejudica o entendimento do texto pelo leitor ou ouvinte devido ao excesso de ideias e/ou palavras empregadas desnecessariamente. Para evitar essa repetição de ideias, retire palavras supérfluas, a fim de sintetizar as informações e não comprometer a qualidade do texto. Modificar a posição de ideias na construção do texto ou omitir uma palavra já citada é um bom procedimento para transmitir uma mensagem clara, coerente e coesa. Exemplos de construções redundantes:

O povo exige seus direitos, os direitos do homem devem ser respeitados.

O professor expôs a matéria, mas a exposição do professor foi muito confusa e as palavras do professor não foram compreendidas.

TESTE SEU SABER

Nas questões 1 e 2, numere os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a sequência numérica correta.

1. ( ) Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.

( ) Durante décadas, Friedman – que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago – foi visto como uma espécie de pária brilhante.

( ) Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do *status* de John Maynard Keynes (1883–1945) como o economista mais importante do século.

( ) Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial

( ) Ele exaltava a 'liberdade', louvava os 'livres mercados' e criticava o 'excesso de intervenção governamental.' (Baseado em Robert J. Samuelson, *Exame*, 1 jul. 1998)

a) 4, 2, 5, 1, 3.

b) 1, 2, 5, 3, 4.

c) 3, 1, 5, 2, 4.

d) 5, 2, 4, 1, 3.

e) 2, 5, 4, 3, 1.

2. ( ) Na verdade, significa aquilo que um liberal americano descreveria (sem estar totalmente correto, porém) como conservadorismo.

( ) Nos Estados Unidos, liberalismo significa a atuação de um governo ativista e intervencionista, que expande seu envolvimento e as responsabilidades que assume, estendendo-os à economia e à tomada centralizada de decisões.

( ) A guerra global entre estado e mercado contrapõe 'liberalismo' a 'liberalismo'.

( ) No resto do mundo, liberalismo significa quase o oposto.

( ) Esta última definição contém o sentido tradicional dado ao liberalismo.

( ) Esse tipo de liberalismo defende a redução do papel do Estado, a maximização da liberdade individual, da liberdade econômica e do papel do mercado. (*Exame*, 1 jul. 1998)

a) 1, 5, 3, 4, 2, 6.

b) 3, 1, 4, 5, 6, 2.

c) 2, 4, 5, 3, 6, 1.

d) 4 , 2, 1, 3, 6, 5.

e) 1, 3, 2, 6, 5, 4.

3. Os fragmentos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma coesa e coerente e assinale a resposta correta.

A. Na sede da entidade, a Receita recolheu para análise dezenas de notas fiscais, comprovantes de pagamentos e livros contábeis. Com base nos documentos, o órgão federal espera esclarecer a questão. O movimento financeiro durante os dez dias da festa é avaliado pelo Sebrae da cidade em R$ 278 milhões.

B. Segundo sua análise, o evento reúne 1 milhão de pessoas, com uma média de R$ 278 gastos por frequentador. Desses R$ 278 milhões, a média de arrecadação é de 3%. Segundo informações obtidas pela Receita, metade desse percentual estaria sendo sonegado – ou seja, R$ 4,17 milhões. Além do clube, devem ser fiscalizados hotéis, restaurantes e a empresa que vende os anúncios da festa.

C. A suspeita de sonegação surgiu porque o recolhimento dos tributos por parte de comerciantes e empresários da região, no período da festa, é o mesmo dos outros meses do ano. "Todo mundo diz que o faturamento dobra ou triplica no período da festa, mas o total arrecadado em impostos fica igual", diz o delegado da Receita. O primeiro alvo dos auditores na cidade foi o clube Os Independentes, instituição responsável pela organização da Festa do Peão de Boiadeiro.

D. A Receita Federal de Franca está apurando a sonegação de impostos praticada pelas empresas e associações que atuam na Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos.

(Rogério Pagnan, *Folha de S.Paulo*, 15 ago. 2000, p. F2, com adaptações)

a) C, A, B, D.

b) D, C, A, B.

c) A, B, C, D.

d) D, B, C, A.

e) B, C, D, A.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Como se tornar o número 1

Chegar ao posto mais alto de uma empresa não é tarefa para acomodados. Exige talento, dedicação, persistência e principalmente uma boa dose de sacrifício. Segundo consultores de recursos humanos, é justamente esse empenho e espírito de liderança que as empresas valorizam nos ocupantes de cargos mais altos. "A pessoa deve ter iniciativa, capacidade de tomar decisões, fazer as coisas acontecerem", diz o diretor da Top Human Resources, de São Paulo.

A qualificação profissional também é um dos principais aspectos para se alcançar o posto mais alto. "Qualquer executivo tem de investir sempre em sua educação", enfatiza outro diretor de recursos humanos. "Senão você será um computador sem *software*", completa.

Traçar metas profissionais é outro aspecto fundamental para quem quer chegar ao topo. Nesse caso, a ambição acaba sendo uma boa aliada.

A intuição também é uma boa arma na hora de dar um palpite em uma reunião. E, quem sabe, pode valer aquela promoção esperada...

Conhecer passo a passo cada etapa do processo de produção da empresa e do setor é um dos principais fatores que levaram M. C. P. a uma carreira bem-sucedida.

Ele aponta ainda a importância de valorizar os colegas. "Ninguém consegue as coisas sozinho. É fundamental reconhecer a participação do grupo e sempre motivá-lo". A primeira regra da cartilha daqueles que anseiam alcançar um alto cargo em uma corporação, de acordo com esses consultores, é não permanecer estagnado em uma função ou empresa por um longo período.

Fonte: PAIVA, Daniela. "Emprego e formação profissional". Correio Braziliense, 23 jun. 2002.

Considerando o desenvolvimento das ideias do texto citado, indique, com *verdadeiro* ou *falso*, se as propostas de 1 a 5 mantêm a coerência e a coesão do texto.

1. Ao final do segundo parágrafo inserir: "Ciente disso, o economista R. B. nunca passou mais de um ano sem participar de algum tipo de especialização e considera que a aprendizagem é que vai permitir que alguém permaneça na função e obtenha resultados melhores."
2. Ao final do terceiro parágrafo, incluir: "'Pois, se não sabe o que quer, dificilmente o profissional vai alcançar uma função significativa', alerta um consultor paulista."
3. Ao final do quarto parágrafo, adicionar: "'Correr riscos com bom-senso e ter uma boa percepção são necessários para se tornar um líder', acrescenta um diretor da Executive Search."
4. Ao final do quinto parágrafo, inserir: "Ele planejou, detalhe por detalhe, sua carreira de executivo na empresa X, qualificando-se por meio de cursos especializados e dedicando tempo, além do horário de expediente, ao aprimoramento de línguas e pesquisas sobre o mercado."
5. Ao final do sexto parágrafo, adicionar: "O executivo da CBI, J. S., concorda com M. C. P. e acrescenta: 'Você tem de reconhecer a importância de cada um e as dificuldades de sua equipe'."

Comentário

1. verdadeiro.
2. verdadeiro.
3. verdadeiro.
4. falso.
5. verdadeiro.

15 Interpretação de texto

O verbo *ler* tem muitos significados.

ler

(*lat legere*) **vtd 1** Conhecer, interpretar por meio da leitura: *S. Exª não lia os jornais*. **vint 2** Conhecer as letras do alfabeto e saber juntá-las em palavras: *A menina ainda não sabe ler*. **vtd e vint 3** Pronunciar ou recitar em voz alta o que está escrito: *Cochilava, enquanto a secretária lia a correspondência. Leram-lhe a ordem em que o governador o chamava. "Lede alto e bom som, para todos ouvirem"* (Almeida Garrett). **vtd 4** Estudar, vendo o que está escrito: *Lia as lições e meditava-as*. **vtd 5** Decifrar ou interpretar bem o sentido de: *Ler hieróglifos*. **vtd 6** Decifrar, perceber, reconhecer: *Leio-lhe no rosto certa inquietação*. **vtd 7** Explicar ou prelecionar como professor: *"Há sete anos, lê essa cadeira na Escola"* (Rui Barbosa). **vti 8** Inquirir, perscrutar: *Ler nos céus, ler nos corações*. **vtd 9** Tomar conhecimento com a vista da indicação de um instrumento. **vtd 10** *tip* Rever e corrigir um texto composto: *Ler as provas*. **vtd 11** Inteirar-se em um mapa da configuração geográfica da Terra ou de parte dela nele representada. Conjuga-se como *crer*. **Escreveu não leu, pau comeu**: hesitou, sofreu as consequências. **Ler a buena-dicha de**: predizer, pela cartomancia, quiromancia etc., o futuro de alguém. **Ler a sorte de**: o mesmo que ler a *buena-dicha* de. **Ler de cadeira**: saber a fundo certa matéria; poder dar lições a respeito dela. **Ler música**: saber e dizer os valores das notas de música, dos compassos e outros sinais musicais. **Ler nas entrelinhas**: adivinhar o sentido oculto de um escrito, ou a verdadeira intenção do autor. **Ler nas estrelas**: tirar horóscopos. **Ler pela mesma cartilha**: ter a mesma opinião que outra pessoa; formular os mesmos conceitos que outrem. **Ler pelo mesmo breviário**: o mesmo que ler pela mesma cartilha. **Ler por cima**: ler sem soletrar.

Fonte: Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.

Após a leitura desses significados, fica claro que ler não é uma tarefa simples. Ler é mais que decodificar letras. Ler é interpretar, decifrar, ir além.

Um bom leitor é aquele que não só compreende o que está explícito, mas também os implícitos do texto. Ele analisa o texto e o seu contexto de produção: quem fala, o que fala, para quem fala, o momento histórico da produção, o veículo de comunicação em que será publicado, a intencionalidade etc.

Ser um leitor competente exige que, além dos significados das palavras, se desvende também o que há por trás das pausas, dos pontos-finais, das vírgulas.

A linguagem varia, como foi dito, de acordo com a situação, assumindo funções que levam em consideração o que se quer transmitir e que efeitos se espera obter com o que é transmitido.

Podemos ler e interpretar um texto de forma eficiente. Para isso, devemos observar o seguinte:

1. Leia todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto.

2. Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura, vá até o fim.

3. Leia o texto pelo menos três vezes.

4. Busque significados nas entrelinhas.

5. Volte ao texto tantas vezes quantas precisar.

6. Não permita que prevaleçam suas ideias sobre as expressas no texto.

7. Divida o texto em partes (parágrafos) para melhor compreensão.

8. Centralize cada questão à parte do texto correspondente.

9. Verifique atentamente o enunciado de cada questão.

10. Cuidado com os vocábulos: *destoa*, *diferente de*, *não*, *correta*, *incorreta*, *certa*, *errada*, *falsa*, *verdadeira*, *exceto*, e outras palavras que aparecem nas perguntas e que, às vezes, dificultam o entendimento do que se perguntou e do que se pediu.

11. Quando duas alternativas lhe parecem corretas, procure a mais exata ou a mais completa.

12. Quando o autor apenas sugerir a ideia, procure um fundamento de lógica objetiva.

13. Cuidado com as questões voltadas para dados superficiais.

14. Não se deve procurar a verdade exata dentro de uma resposta, mas a opção que melhor se enquadre no sentido do texto.

15. Às vezes, a etimologia ou a semelhança das palavras denuncia a resposta.

16. Procure estabelecer quais foram as opiniões expostas no texto, definindo o tema e a mensagem.

17. O texto defende ideias, e você deve percebê-las.

18. Os adjuntos adverbiais e os predicativos do sujeito são importantíssimos na interpretação do texto. Exemplos:

Ele morreu *de fome*. (*de fome:* adjunto adverbial de causa, determina o motivo do fato – morte de *ele*) Ele morreu *faminto*. (*faminto:* predicativo do sujeito, é o estado em que *ele* se encontrava quando morreu)

19. Os adjetivos ligados a um substantivo dão a ele maior clareza de expressão, aumentando-lhe ou determinando-lhe o significado.

ATENÇÃO: "O que está escrito, escrito está."

Erros de interpretação

- *Extrapolação:* ato de fugir do texto. Ocorre quando se interpreta o que não está escrito. Muitas vezes são fatos reais, mas que não estão expressos no texto. Deve-se ater somente ao que está relatado.
- *Redução:* ato de valorizar uma parte do contexto, deixando de lado a sua totalidade. Deixa-se de considerar o texto como um todo para se ater apenas à parte dele.
- *Contradição:* ato de entender justamente o contrário do que está escrito. É bom que se tome cuidado com algumas palavras, como: *pode*, *deve*, *não*, verbo *ser* etc.

Mais dicas de interpretação de texto

- Desenvolva o gosto pela leitura. Leia tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, bulas de remédios etc. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o seu sentido. Não leia simplesmente "por ler", para se livrar. Envolva-se!

- Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar; mas, antes de lançar mão do dicionário a cada palavra não compreendida, tente entendê-la no contexto. Isso permitirá maior fruição da leitura. Faça exercícios de sinônimos e antônimos.

- Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que, a princípio, nos desagradam, mas que depois podem se apresentar muito prazerosos. Abra sua mente para o que o texto lhe transmite na qualidade de um amigo silencioso.

- Ao fazer uma prova, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Portanto, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas ideias serão assimiladas.Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

- As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às ideias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho referido (às vezes, uma linha), mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto.

- Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, o texto pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e cobrar-se do aluno ou candidato o nome dessa pessoa

ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar sempre atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

TESTE SEU SABER

Texto para as questões de 1 a 6.

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volantim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis; "... e eu era hábil." Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas.

De cada cinco opções, apenas uma está correta. Assinale-a.

1. **No Dicionário Aurélio, assim aparece no verbete "alegoria": "Simbolismo concreto que abrange o conjunto de toda uma narrativa ou quadro, de maneira que a cada elemento do símbolo corresponda um elemento significado ou simbolizado." A imagem específica da inspiração concretiza-se:**

   a) na figura de um trapezista.

   b) na figura de um palhaço.

   c) no trapézio.

   d) num X.

   e) num enigma.

2. **Para defender publicamente sua ideia, o narrador:**

   a) mostrou sua importância para o progresso da medicina.

   b) concentrou sua argumentação no problema da dor humana

   c) associou à importância médica da descoberta uma possibilidade de lucro.

   d) mostrou a importância de divulgá-la pela imprensa.

   e) provou seu imenso apego aos que sofrem de dor.

3. **A verdadeira razão de divulgar sua ideia era:**

   a) a obsessão de ver-se famoso.

   b) a necessidade de ver-se reconhecido como cientista.

   c) a necessidade de ser reconhecido como um político humanitário.

   d) uma obsessão comercial do inventor.

   e) sua mania de aparecer aos olhos dos governantes.

4. **No final do segundo parágrafo, o narrador identifica-se com os "hábeis". Marque a única opção que apresenta uma palavra capaz de substituir essa palavra, levando-se em consideração o sentido do texto.**

   a) modestos.

   b) ambiciosos.

c) desonestos.

d) astuciosos.

e) prudentes.

5. **No final do segundo parágrafo, o narrador faz referência às medalhas com dupla face, uma das quais é chamada de "cara" e outra, "coroa". Aceita a analogia, o narrador identifica-se com a:**

a) coroa, visto que representa a imagem.

b) cara, visto que representa o lucro.

c) coroa, pela nobreza de caráter.

d) cara, uma vez que é dele a imagem da suposta medalha.

e) dupla face, pois ele é uma pessoa confusa.

6. **Os sete pecados capitais são estes: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho e preguiça. Deles, aparece claramente no final do texto:**

a) a avareza.

b) a inveja.

c) a luxúria.

d) a ira.

e) o orgulho.

Leia os textos das questões de 7 a 11 e responda as questões propostas.

7. A corte tem mil seduções que arrebatam um provinciano aos seus hábitos, e o atordoam e preocupam tanto, que só ao cabo de algum tempo o restituem à posse de si mesmo e ao livre uso de sua pessoa.

Assim me aconteceu. Reuniões, teatros, apresentações às notabilidades políticas, literárias e financeiras de um e outro sexo; passeios aos arrabaldes; visitas de cerimônia e jantares obrigados; tudo isto encheu o primeiro mês de minha estada no Rio de Janeiro. Depois desse tributo pago à novidade, conquistei os foros de cortesão e o direito de aborrecer-me à vontade.

Uma bela manhã, pois, estava na crítica posição de um homem que não sabe o que fazer. Li os anúncios dos jornais; escrevi à minha família; participei a minha chegada aos amigos; e por fim ainda me achei com

uma sobra de tempo que embaraçava-me realmente. Acendi o charuto; e através da fumaça azulada, lancei uma vista pelos dias decorridos. "Lembrar-se é viver outra vez", diz o poeta.

De repente caiu-me um nome da memória. Achara em que empregar a manhã.

— Vou ver a Lúcia.

Depois da festa da Glória tinha-a encontrado algumas vezes, mas sem lhe falar. Lembro-me de uma manhã em casa do Desmarais. Lúcia passava, parou na vidraça e entrou para comprar algumas perfumarias; o seu vestido roçara por mim; mas ela não me olhou, nem pareceu ter-me visto. Essa circunstância, e talvez um resquício do desgosto que deixara a minha decepção, tiraram-me a vontade de a cumprimentar; contudo conservei o chapéu na mão todo tempo que esteve na loja. Quando escolhia alguns vidros de extratos, mostraram-lhe um que ela repeliu com um gesto vivo e um sorriso irônico:

— Flor de laranja!... É muito puro para mim!

Ao sair, dobrou o seu talhe flexível inclinando-se vivamente para o meu lado, enquanto a mão ligeira roçagava os amplos folhos da seda que rugia arrastando. Esse movimento podia ser uma profunda cortesia disfarçada com certo acanhamento; e podia não passar de um gesto habitual de faceirice feminina.

Outra vez estava no teatro; tinha ido fazer minha visita a um camarote durante o último intervalo, e conversando reparei na insistência com que me examinava um binóculo da segunda ordem. Da pessoa que o fitava só via a mão pequena e a fronte pura, que denunciavam uma mulher. Depois, ao levantar o pano, vi Lúcia naquela direção, e pareceu-me reconhecer nela a indiscreta luva cor de pérola e o curioso instrumento que me perseguira com o seu exame.

Eis quais eram as minhas relações com essa moça; e confesso que vestindo-me sentia algumas apreensões sobre a recepção que me esperava; não há nada que mais vexe do que a posição de um homem solicitando da memória rebelde da pessoa a quem se dirige um reconhecimento tardio.

Não obstante, poucos minutos depois subia as escadas de Lúcia, e entrava numa bela sala decorada e mobiliada com mais elegância do que riqueza. Ela mostrou não me reconhecer imediatamente; mas

apenas falei-lhe do nosso primeiro encontro na Rua das Mangueiras, sorriu e fez-me o mais amável acolhimento. Conversamos muito tempo sobre mil futilidades, que nos ocorreram; e eu tive ocasião de notar a simplicidade e a graça natural com que se exprimia.

Fonte: ALENCAR, José de. Lucíola.

a) Qual o foco narrativo do trecho acima?

b) Por que o protagonista não se sente livre?

c) Por que o narrador diz estar "na crítica posição de um homem que não sabe o que fazer"?

d) De repente ele teve uma ideia. Que ideia é essa que vai ocupar seu tempo?

e) Quantas e quais foram as vezes em que o protagonista se encontrou com Lúcia?

f) Por que, apesar desses encontros, ele se sentia apreensivo por visitá-la?

g) As expectativas do protagonista se confirmaram?

8. **Ismália**

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Fonte: GUIMARAENS, Alphonsus de. "Ismália". Pastoral.

a) **Quanto à forma do poema, responda:**
   - **De quantas estrofes é formado?**
   - **Quantos versos há em cada uma das estrofes?**
   - **Há rima? Exemplifique.**

b) **Onde está Ismália?**

c) **O que ela avista desse lugar?**

d) **Qual era o seu desejo?**

e) **Esse desejo era possível de se realizar?**

f) **Como ela realizou esse sonho impossível?**

g) **Em "Ismália" nada é claro ou objetivo, mas conseguimos, por meio da sugestão, saber o que acontece com a personagem. Explique por que isso ocorre.**

9. Os mercadores partem deixando Dom Quixote jogado no chão. Um camponês encontra-o e, com dificuldade, leva-o para casa, pois eram do mesmo povoado, e ele ali tenta se recuperar do acontecido.

Seus amigos e sua sobrinha, preocupados com a loucura dele e culpando os livros por ela, resolvem acabar com a sua biblioteca – contam-lhe que um bruxo enfeitiçou o lugar e sumiu com os livros. Eles acreditavam que, fazendo isso, Dom Quixote voltaria a ser saudável.

Mas, ao fim de quinze dias, já recuperado, o cavaleiro novamente parte, desta vez levando consigo um escudeiro. Esse escudeiro é um camponês pobre que apenas segue Dom Quixote por acreditar na promessa que este lhe fizera: torná-lo governador de uma ilha assim que alcançassem a vitória em algumas façanhas.

Sancho Pança, o humilde camponês, segue montado num burro, enquanto Dom Quixote vai sobre Rocinante. Chegam a um lugar onde há muitos moinhos de vento. Dom Quixote vê, em vez de moinhos, gigantes:

– Veja, companheiro! São mais ou menos trinta gigantes, com quem pretendo travar uma bela batalha, para depois me apropriar de suas riquezas.

Dom Quixote considera o fato de Sancho não ver os gigantes feitiço de um inimigo seu, e pede que se afaste para que ele lute sozinho. Empunhando a lança, parte para cima dos supostos gigantes. Porém, um vento faz as velas do moinho girarem com violência, atingindo o ousado cavaleiro, que mais uma vez vai ao chão.

Sancho Pança corre para auxiliar seu mestre e este diz que uma magia transformou os gigantes em moinhos no exato momento que seriam atacados por ele.

Fonte: CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote. Coleção Clássicos Universais. *São Paulo: Rideel*

a) **A que os amigos de Dom Quixote e sua sobrinha culpam sua loucura?**

b) **Por que Sancho Pança resolve seguir Dom Quixote?**

c) **Em vez de moinhos de vento, Dom Quixote vê gigantes. E Sancho Pança, o que vê?**

d) **O que acontece com Dom Quixote após o ataque aos moinhos?**

10. Minotauro guarda a entrada do sétimo círculo do inferno. Com insultos, Virgílio provoca o monstro, que abandona seu posto, Virgílio se aproveita do momento e chega a um vale por onde corre um rio de sangue, morada dos que na terra foram assassinos. Ao redor do rio,

muitos centauros montam guarda. Ao ver Dante e seu mestre, apontam suas armas, ameaçando-os. Virgílio explica que foi incumbido pelos espíritos divinos de mostrar a Dante o vale e pede que um deles os acompanhe.

Acompanhados de um centauro, eles atravessam o sangrento rio e chegam à outra margem. Sozinhos novamente, ingressam num terrível bosque onde ouvem gemidos que não se sabe de onde partem. Virgílio diz a Dante:

— Se deseja saber de onde vêm os gemidos, arranque um galho de uma dessas árvores.

Ao fazer o que seu mestre disse, Dante, assustado, assiste ao sangue escorrendo de dentro da planta, que geme desesperadamente, são suicidas, que, por este pecado, tiveram a alma aprisionada numa árvore para toda a eternidade.

Andando mais um pouco, encontram-se num lugar de areia muito quente, onde penam aqueles que haviam praticado violências contra Deus. Uma chuva de fogo caía sobre os corpos daqueles infelizes que inutilmente tentavam afastá-la com as mãos.

À medida que Dante se aprofunda no inferno, maiores são as atrocidades a que assiste. Junto com Virgílio chega à beira de um abismo, onde são punidos os falsários. Virgílio joga uma corda no abismo e nela sobe um terrível monstro, Gérion, depois de acalmado por ele serve de transporte para que alcancem o lugar mais profundo do inferno: Malebolge. Esse nome quer dizer "poços malditos". Enquanto caminham, olham para dentro dos poços onde estão os que recebiam castigo pela malícia ou por fraudes praticadas na terra. Em outros poços veem os ladrões mergulhados em piche fervendo.

Demônios que carregam as almas pecadoras aparecem e, mais uma vez, Virgílio negocia com eles a passagem por suas terras. Contrariados, os demônios acompanham os viajantes, porém ameaçam com o olhar, e Virgílio, percebendo o perigo, toma Dante nos braços e os dois resvalam pelo despenhadeiro.

Fonte: ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Clássicos Universais. *São Paulo: Rideel*

a) Como Virgílio consegue entrar no sétimo círculo do inferno?

b) Descreva o lugar que Virgílio encontrou ao entrar nesse círculo infernal.

c) De onde vêm os gemidos que Virgílio e Dante escutam?

d) O que quer dizer "Malebolge"?

e) Indique o lugar onde eram punidos os seguintes pecadores:

- Que cometeram violência contra Deus:
- Falsários:
- Ladrões:

11. Vejamos duas questões de interpretação elaboradas sobre um texto de Machado de Assis. Antes de tudo, cabe a velha recomendação: leia o texto detidamente.

– Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas coisas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. "O segredo do bonzo". Papéis Avulsos.

I. **De acordo com o texto:**

a) Os homens que sabem ouvir e contemplar tornam-se sábios e virtuosos.

b) A virtude e o saber adquirem existência quando compartilhados pelos homens.

c) A virtude e o saber existem no espírito do homem que consegue perceber a dualidade da existência.

d) A virtude e o saber, por terem realidades paralelas, devem ser conquistados individualmente.

e) O homem sábio e virtuoso, para iluminar-se, deve buscar uma vida isolada e contemplativa.

II. **No texto, ao afirmar "então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos", a personagem:**

a) Expressa a intenção de divulgar seus conhecimentos aproximando-se dos outros homens.

b) Procura convencer o leitor a poupar esforços na busca do conhecimento.

c) Demonstra que a virtude e o saber exigem muito trabalho do homem.

d) Resume o conceito da doutrina salvadora, desenvolvida no parágrafo.

e) Exprime a ideia de que a admiração dos outros é mais importante do que o conhecimento em si.

12. **(UEMT-Londrina) "Não muito remota é a conquista pedagógica que consiste na interpretação psicológica da criança como criança, e não como adulto em miniatura. Até então, a criança tinha sido considerada do ponto de vista do adulto, olhada como um adulto ante um binóculo invertido; aquilo que fosse útil ou inútil para o adulto, igualmente o seria, guardadas as devidas proporções, para a criança."**

Segundo o texto:

a) O comportamento da criança é a antecipação do comportamento do adulto.

b) Atualmente, a pedagogia considera a criança um ser qualitativamente diferenciado do adulto.

c) A pedagogia moderna, para interpretar o comportamento do adulto, tem que reportar-se à infância.

d) Para a corrente pedagógica moderna, a não ser por uma questão de grau, a motivação intrínseca da criança é a mesma que a do adulto.

e) O comportamento humano é explicado por fatores que são os mesmos tanto para a criança quanto para o adulto.

13. (UEMT-Londrina)"Para vendermos produtos, mesmo mais baratos, os salários das classes mais baixas precisariam ser maiores."

Conclui-se do texto que:

a) As classes pobres podem comprar apenas os produtos cujos preços foram sensivelmente reduzidos.

b) O fato de os salários serem baixos induz as classes pobres à indiferença diante de suas necessidade do consumo.

c) As classes pobres, em face de seus baixos vencimentos, não se importam com a qualidade dos produtos que consomem

d) As classes pobres se endividam demasiadamente, já que, por força dos baixos salários que recebem, têm poder aquisitivo muito reduzido.

e) A redução do preço dos produtos não é suficiente para colocá-los ao alcance dos salários das classes mais baixas.

14. (UEMT-Londrina)"A ideia de que diariamente, a cada hora, a cada minuto e em cada lugar se realizam milhares de ações que me teriam profundamente interessado, de que eu deveria certamente tomar conhecimento e que, entretanto, jamais me serão comunicadas – basta para tirar o sabor a todas as perspectivas de ação que encontro a minha frente. O pouco que eu pudesse obter não compensaria jamais esse infinito perdido."

De acordo com o texto, para o autor:

a) A consciência da impossibilidade de participar de todos os acontecimentos diminui a importância de seus atos.

b) O interesse que o indivíduo manifesta em participar dos acontecimentos é maior que sua capacidade para dirigi-los.

c) O mundo ganha valia com o conjunto das ações humanas, mas destrói o sabor que a vida possa, individualmente, oferecer aos homens.

d) O mundo não se resolve nos gestos individuais, mas resulta do conjunto da ação harmoniosa dos indivíduos.

e) A impotência de participar dos acontecimentos de seu tempo traz, como consequência, o descaso pela ação humana.

15. (UEMT-Londrina)"Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios [...]".

Dizendo-se farto"de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação", o cronista permite-nos concluir que ele vê o mundo como:

a) incompreensível.

b) contraditório.

c) autoritário.

d) indiferente.

e) inatingível.

16. (UEMT-Londrina)"Quando Platão considerava os homens, pensava neles, naturalmente, do ponto de vista de seu próprio interesse pela vida do intelecto. Classificando as forças humanas desde a mais elevada até a mais baixa, citava em primeiro lugar a razão; depois a coragem, e por último, os sentidos e os desejos".

Segundo o texto:

a) A classificação das forças da natureza humana que Platão estabelece decorre de uma hierarquia de valores universalmente aceitos.

b) As forças humanas, segundo Platão, não podem ser submetidas a hierarquias de valores.

c) A classificação das forças humanas, como foi concebida por Platão, deu-se em função da elevada capacidade de intelectual desse filósofo.

d) Os sentidos e os desejos, embora inferiores às outras forças humanas, são intelectualmente valorizados pelos homens.

e) Platão, ao classificar as forças humanas, estabeleceu entre elas uma hierarquia, alicerçada em critério evidentemente pessoal.

Nas questões 17 a 20, assinale a alternativa que substitui a palavra destacada, sem alteração do sentido da frase.

17. Seu caráter *insidioso* desagradava a gregos e troianos.

a) invejoso

b) mesquinho

c) pérfido

d) irresponsável

e) insinuante

18. Os jagunços deslizavam-lhes adiante, impondo todas as fadigas de uma perseguição *improfícua*.

a) inútil

b) delituosa

c) selvagem

d) imponderável

e) inoportuna

19. Um exame *perfunctório* do problema traria a solução desejada.

a) superfícial

b) atento

c) arguto

d) consciente

e) imparcial

20. Nessa edição foram *insertos* dois capítulos.

a) retirados

b) revistos

c) reescritos

d) impressos

e) introduzidos

(FGV) As questões 21 a 23 são a respeito do texto a seguir:

Não tendo assistido à inauguração dos bondes elétricos, deixei de falar neles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova atração e contá-las. Daí o meu silêncio da outra semana. Anteontem, porém, indo pela praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar. Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não era as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade. Não é meu ofício censurar as meias glórias ou glórias de empréstimo, como lhe queiram chamar espíritos vadios. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade, merecem sempre alguma mostra de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca? Em seguida, admirei a marcha serena do bonde, deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como íamos em sentido contrário, não tardou que nos perdêssemos de vista, dobrando ele para o largo da Lapa e rua do Passeio, e entrando eu na rua do Catete. Nem por isso o perdi de memória. A gente do meu bonde ia saindo aqui e ali, outra gente estava adiante e eu pensava no bonde elétrico.

Fonte: ASSIS, J. M. Machado de. A Semana *(16 de outubro de 1892).*

21. (FGV) Para Machado de Assis, o conforto do bonde elétrico:

a) não vale "a marcha serena" do bonde comum.

b) compensa as "meias glórias" ou "glórias inteiras".

c) impressionou menos do que a atitude do cocheiro.

d) não poderia ser trocado pela "agradável sensação" proporcionada pelo bonde comum.

22. (FGV) Para o autor, o "ar de superioridade" do cocheiro devia-se:

a) à certeza íntima de que inventara a eletricidade.

b) às suas prendas físicas, pois não era feio.

c) às suas prendas físicas, embora fosse feio.

d) ao advento da eletricidade.

23. (FGV) Segundo o texto, o autor considera que:

a) atitudes alheias não devem ser censuradas, pois são "glórias de empréstimos".

b) mesmo os bondes comuns merecem nossa simpatia e não devem ser desprezados.

c) só as "glórias de plena propriedade" são válidas.

d) não vale a pena desfazer uma "agradável sensação".

(FGV) As questões 24 e 25 são a respeito do texto abaixo:

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste. E falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever. Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as ideias não vêm, ou vêm muito numerosas – e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel. Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo doido de voltar, de tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração. Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Fonte: RAMOS, Graciliano. São Bernardo. *São Paulo: Livraria Martins*

24. (FGV) Segundo o texto, o narrador não pôde conhecer totalmente sua esposa, Madalena, sobretudo:

a) porque ela nunca se revelou inteiramente.

b) por causa "desta vida agreste".

c) por ser sempre agitado por indefiníveis emoções.

d) porque as palavras são reproduções imperfeitas das inquietações.

25. (FGV) A narrativa é inútil, porque o narrador:

a) não conseguiu compor um retrato moral de sua esposa.

b) foi forçado a escrever.

c) tem uma alma agreste.

d) não gosta do que escreve.

26. Leia o texto a seguir e responda às questões propostas.

Minha pátria, minha língua

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

Como todos os grandes apaixonados, gosto da delícia da perda de mim, em que o gozo da entrega se sofre inteiramente. E, assim, muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina ao colo delas. São frases sem sentido, decorrendo mórbidas, numa fluidez de água sentida, esquecer-se de ribeiro em que as ondas se misturam e indefinem, tornando-se sempre outras, sucedendo a si mesmas.

Assim as ideias, as imagens, trêmulas de expressão, passam por mim em cortejos sonoros de sedas esbatidas, onde um luar de ideia bruxuleia, malhado e confuso.

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa seleta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. "Fabricou Salomão um palácio..." E fui lendo, até ao fim, trêmulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei: hoje, relembrando, ainda choro. Não é – não – a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfônica.

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro direto que me enoja independentemente de quem o cuspisse.

Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E as galas da transliteração greco-romana vestem-na do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.

Fonte: PESSOA, Fernando. Livro do desassossego. *v.1*

a) Por que o poeta afirma que as palavras para ele são "corpos tocáveis"?

b) O que mais emociona o poeta: a vida ou a literatura?

c) Explique, conforme a visão do poeta, o significado da frase: "Minha pátria, minha língua".

d) Após a leitura e a reflexão do texto, explique o que significa "palavrar".

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Interprete os provérbios a seguir:
a) Deus ajuda quem cedo madruga.
b) Casa de ferreiro, espeto de pau.
c) Quem vê cara não vê coração.
d) Quem semeia vento colhe tempestade.

Comentário

A linguagem figurada não é usada apenas na literatura, e a prova disso são os provérbios e ditos populares, de uso bastante corriqueiro, normalmente construídos conotativamente, através de metáforas e outras figuras. Para entendê-los, é necessário reconstruir seu sentido, a partir da compreensão dessas figuras, a partir do sentido conotativo. Veja abaixo o significado dos provérbios listados antes.

a) Aqueles que levantam cedo recebem a ajuda de Deus.

b) Se a casa é de ferreiro o espeto deveria ser de ferro, pois se ele tem essa habilidade, poderia usá-la a seu favor.

c) As pessoas que se preocupam unicamente com a beleza física (exterior) não veem o verdadeiro caráter de uma pessoa (interior).

d) Quem aprecia causar confusões terá muitos problemas como consequências de seus atos.

16 Intertextualidade

A palavra *intertextualidade* significa diálogo entre textos, o qual ocorre por meio da referência que um texto faz a outro, da exploração de um mesmo tema em várias obras, do uso de personagens de uma obra em outra, das similaridades que percebemos entre obras distintas etc.

No mundo atual da multimídia, a intertextualidade pode acontecer também entre textos de signos diferentes, como uma obra publicitária que nos remete a uma pintura, por exemplo.

Nos textos escritos, a intertextualidade também é um recurso bastante utilizado. Leia a "Canção do Exílio", de Casimiro de Abreu (1839-1860), poeta brasileiro da Segunda Geração Romântica:

Canção do exílio

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
    Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
    Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
    Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
    Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
    Do que a pátria não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
    Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor-de-rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,

E eu contente dormirei tranquilo
À sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Fonte: ABREU, Casimiro de. "Canção do exílio".

Agora observe a "Canção do Exílio" de outro poeta brasileiro, Gonçalves Dias (1823-1864). A epígrafe em alemão é uma estrofe do poema "Mignon", do escritor alemão Wolfgang Goethe (1749-1832), no qual Gonçalves Dias teria se inspirado.

Canção do exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möchtl ich... ziehn.
Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Fonte: DIAS, Gonçalves. "Canção do exílio".

Parecidos? Qualquer semelhança não é mera coincidência!

A intertextualidade pode ter diferentes propósitos (recriação, releitura, reflexão, crítica, humor etc.) e aparece na literatura, na música, no cinema, no teatro, na publicidade. Ela nos mostra que os temas são universais, mas que a abordagem muda conforme o indivíduo, a época, o contexto social e econômico, o gênero e a intenção.

Ela é um recurso polifônico, ou seja, indica as várias vozes existentes dentro de um texto, afinal, quanta coisa já não foi dita no momento em que alguém cria algo? Essas vozes, de algum modo, estão inseridas no nosso discurso e

inspiram-nos, influenciam-nos, revelando a intertextualidade, que pode ser – ou não – explícita.

Os exemplos que você viu até aqui deixam bem clara essa influência, pois mesmo superficialmente já conseguimos perceber a referência de uma obra em outras.

Quer ver mais? Você certamente conhece a história de Chapeuzinho Vermelho, aquela menina que foi levar uma cesta de pães e doces para sua avó doente e, no trajeto, parou para conversar com o lobo, pegou o caminho errado e quando chegou lá foi devorada, não é? Algumas versões criadas especialmente para crianças fazem com que os caçadores cheguem e tirem a menininha – e a avó! – de dentro da barriga do lobo malvado. Mas será que a história original era essa? Leia-a, a seguir.

Chapeuzinho Vermelho

(tradução do texto original, de Charles Perrault)

Era uma vez...

Uma garotinha que tinha que levar pão e leite para sua avó.

Enquanto caminhava alegremente pela floresta, um lobo apareceu e perguntou-lhe aonde ia.

— À casa da vovó — respondeu ela prontamente.

O Lobo, muito esperto, chegou primeiro à casa, matou a vovó, colocou seu sangue numa garrafa, fatiou sua carne num prato, comeu e bebeu satisfatoriamente, guardou as sobras na despensa, colocou sua camisola e esperou na cama.

Toc. Toc. Toc. Soou a porta.

— Entre, minha querida — disse o Lobo.

— Eu trouxe o pão e o leite para a senhora, vovó — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Entre minha querida. E coma algo, tem carne e vinho na despensa

— disse o lobo.

A Menina comeu o que lhe foi oferecido, e, enquanto ela comia, o gato de sua vó a observava aos murmúrios:

— "Meretriz! Então, comes a carne e bebes o sangue de tua avó com gosto. Ata teu destino ao dela."

Então o Lobo disse:

— Dispa-se e venha para a cama comigo.

— O que faço com meu vestido? — questionou Chapeuzinho.

— Jogue na lareira. Não precisará mais disso — respondeu o lobo.

E para cada peça de roupa que a garota retirava, corpete, anágua, meias, a garota refazia a mesma pergunta, e o Lobo respondia: "Jogue na lareira. Não precisará mais disso."

Então a garota deitou-se ao lado do Lobo e, ao sentir o toque do pelo roçar em seu corpo, disse:

— Como a senhora é peluda vovó .

— É para te esquentar, minha neta — respondeu o Lobo.

— Que unhas grandes a senhora tem!

— São para me coçar, minha querida.

— Que dentes grandes a senhora tem!

— São para te comer

E então a devorou.

Fonte: PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho.

Bem diferente, não?

Agora vamos conhecer um trecho da letra de uma canção que também intertextualiza com essa obra tão conhecida de todos nós.

Cantigas de "Chapeuzinho Vermelho"
(Chapeuzinho)

Pela estrada afora eu vou bem sozinha
Levar esses doces para a vovozinha

Ela mora longe e o caminho é deserto
E o lobo mau passeia aqui por perto
[...]
(Lobo Mau)
Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau
Eu pego as criancinhas pra fazer mingau
[...]

Fonte: BARRO, João de. Cantigas de Chapeuzinho Vermelho.

Observe que o compositor Braguinha inspirou-se na história de Chapeuzinho Vermelho para criar a canção, e, como ela já existe no nosso imaginário, fica fácil perceber a intertextualidade. Mas, nem sempre é assim: às vezes, o leitor precisa de um determinado repertório cultural para perceber a referência à outra obra.

Há alguns recursos por meio dos quais a intertextualidade configura-se. Vejamos alguns deles.

Paródia

A paródia é uma imitação literária que geralmente possui efeito cômico, utilizando a ironia e o deboche como matéria-prima. Ela costuma ser parecida com a obra de origem, e quase sempre tem sentidos diferentes. Composta com o objetivo de ironizar, criticar, questionar, romper com o texto original, a paródia propõe uma abordagem diferente da original, geralmente mais humorística.

A paródia surge a partir de uma nova interpretação, da recriação de uma obra já existente e, em geral, consagrada. Seu objetivo é adaptar a obra original a um novo contexto.

Paródia segundo a lei brasileira

Segundo a lei brasileira sobre direitos autorais, a Lei n. 9.610/1998, art. 47, são livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito.

Veja, a seguir, um trecho do poema "Canto de regresso à pátria", de Oswald Andrade, um ótimo exemplo de paródia:

> **Canto de regresso à pátria**
> Minha terra tem palmares
> Onde gorjeia o mar
> Os passarinhos daqui
> Não cantam como os de lá
> [...]

Fonte: ANDRADE, Oswald. Poesias reunidas. *Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.*

Como você observou, Oswald inspirou-se na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, mas criou um texto que ironizava o original, o que pode ser percebido desde os primeiros versos, com a troca de "palmeiras" por "palmares". Em uma referência clara ao Quilombo dos Palmares, Oswald contrapõe-se à idealização do país expressa nas palmeiras de Gonçalves Dias, mostrando que sua terra tem escravidão, exploração, opressão.

Paráfrase

Paráfrase é a reprodução explicativa de um texto, sem a intenção de transformar seu sentido. Na paráfrase conserva-se a ideia do texto original, podendo-se incluir comentários e impressões de quem faz a paráfrase.

Parafrasear consiste em reescrever, com novas palavras, as principais ideias de um texto, em recontá-lo, sem acréscimos de sentido. O leitor deverá fazer uma leitura cuidadosa e atenta e, a partir daí, reafirmar e/ou esclarecer o tema central do texto apresentado, acrescentando aspectos relevantes de uma opinião pessoal ou acercando-se de críticas bem fundamentadas. É um excelente exercício de redação, uma vez que desenvolve o poder de síntese, clareza e precisão vocabular.

Veja o exemplo:

Meu país tinha palmeiras,
Lá cantava o Sabiá;
Que hoje quase não canta
Porque poucos deles há.

Nosso céu, tem sim, estrelas,
Mas, nas várzeas não há flores,
Nossos bosques têm queimadas,
Há mais ódio e desamores.
Ao deitar, todas as noites,
A lembrar ponho-me cá;
Daquelas lindas palmeiras,
Do canto do Sabiá.

Meu país tinha primores,
Mas já não os vejo cá.
Ao lembrar – sozinho, à noite -
Quanta tristeza me dá!
Onde estão minhas palmeiras,
Onde anda o Sabiá?

Permita-me, Deus que eu morra,
Sem que tenha de ver cá;
Mais depredação das matas
E a extinção do Sabiá,
Destas matas brasileiras
Qu'igual no mundo não há.

Fonte: CARVALHO, Miriam Panighel. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/poesias/918426>. Acesso em: 20 out. 2010.

Observe que o eu poético mantém não apenas a estrutura, mas também os sentidos originais do texto, pois, apesar de criticar a degradação ecológica, conserva os símbolos nacionalistas de Gonçalves Dias: o sabiá, as palmeiras, as várzeas, estrelas etc.

Epígrafe

A epígrafe constitui uma escrita introdutória de outra e dá indicações acerca do tema do texto que virá a seguir.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, por exemplo, apresenta versos introdutórios de Goethe (que você viu, anteriormente, escritos em alemão), os quais têm a seguinte tradução: "Conheces o país onde florescem as laranjeiras? Ardem na escura fronde os frutos de ouro... Conhecê-lo? Para lá, para lá quisera eu ir!"

A epígrafe do escritor alemão e o poema do poeta brasileiro mantêm um diálogo, pois os dois possuem características românticas, pertencem ao gênero lírico e expressam um caráter nacionalista.

Citação

É uma transcrição de texto alheio, marcada por aspas ou itálico. Geralmente a citação é usada para validar uma

ideia, ilustrá-la, valorizá-la. Ao fazer uma citação, é preciso sempre mencionar o autor do texto citado, indicando seu sobrenome, o ano em que a obra foi escrita e, se possível, a página de onde foi retirado o trecho. Caso esse crédito não seja dado, a transcrição configura-se como plágio.

Veja o exemplo a seguir, retirado de uma dissertação de mestrado:

> É importante observarmos que o hábito de leitura, embora tenha sido ampliado e modificado no decorrer dos séculos, sempre desempenhou um importante papel na sociedade, sob o ponto de vista das relações sociais e de classe. O domínio da palavra impressa, até o século XVII atendia ao objetivo de transmissão da palavra sagrada e, para tanto, não importava aprender a escrever ou a ler em seu próprio idioma, uma vez que as escrituras e os rituais religiosos eram escritos em latim:
>
>> [...] as letras eram entendidas como um estímulo visual para acionar a lembrança de um texto que já havia sido decorado [...] em latim. [...] [as crianças] passavam diretamente do alfabeto para sílabas simples, e a seguir para o Pater Noster, Ave Maria, Credo e Benedicte. [...] Nesse ponto muitas deixavam a escola. Tinham adquirido um domínio da palavra impressa suficiente para preencher as funções que delas esperava a Igreja – isto é, participar em seus rituais (DARNTON, 1990, p. 62-63).
>
> *Fonte: MENDES, L. M. B.* Experiências de fronteira*: o uso dos meios digitais em sala de aula. Dissertação de mestrado. USP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03092009-141227/pt-br.php>. Acesso em: 20 out. 2010.*

Referência

Machado de Assis é especialista nesse tipo de intertextualidade. Ele foi um escritor que percebeu a importância desse recurso no romance bem antes do Modernismo.

No romance *Dom Casmurro*, ele cita *Otelo*, de Shakespeare, para que o leitor compreenda o drama de seu protagonista Bentinho.

Alusão

É uma referência menor a um outro texto, na qual se cita o nome da obra ou algum de seus elementos constituintes. É uma intertextualidade mais "fraca", pois apenas sugere uma ligação.

Observe o trecho da letra da canção "O bêbado e a equilibrista", de João Bosco e Aldir Blanc:

> [...]
> Chora!
> A nossa Pátria
> Mãe gentil
> Choram Marias
> E Clarisses
> No solo do Brasil...
> [...]

Nessa estrofe, os autores fazem uma alusão a "Marias" e "Clarisses" e, de modo geral, o ouvinte desconhece quem sejam essas duas mulheres. Se prestarmos atenção aos versos que antecedem esse trecho (*Que sonha com a volta / Do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete*), veremos mais uma alusão, desta vez ao irmão do Henfil, conhecido cartunista brasileiro. Juntando as peças desse quebra-cabeça – e sabendo, de antemão, que a canção refere-se aos tempos da ditadura militar – temos a seguinte explicação:

O irmão do Henfil é o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que estava exilado e que, pouco antes de morrer de Aids, aos 61 anos (era hemofílico e contraiu sangue contaminado), criou a Campanha Contra a Fome e a Miséria. Henfil era cartunista combatido na ditadura. Nessa época, ele tinha uma coluna na *Isto É* onde escrevia cartas para a mãe dele, justamente dona Maria. Na coluna, dava notícia aos correligionários e toques para os militares. Henfil morreu em 1985, aos 44 anos. Além da mãe do Henfil, a música homenageava as marias-mães brasileiras. Clarice era a mulher do jornalista Vladimir Werzog, que foi chamado, em 1975, pelo Doi-Codi, para explicar ligação com o Partido Comunista Brasileiro, na época clandestino, e apareceu enforcado. Foi confirmado que ele foi morto durante sessão de tortura.

Fonte: Disponível em: <http://vidacuriosa.blogspot.com/2007/10/choram-marias-e-clarices-no-solo-do.html>. Acesso em 27 out. 2010.

Teste seu saber

1. **Redija um texto dissertativo, partindo do art. 2º da** *Declaração Universal dos Direitos Humanos:*

   "Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião pública ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição."

2. **Faça uma paráfrase do seguinte poema de Olavo Bilac:**

   Via Láctea

   "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
   Perdeste o senso"! E eu vos direi, no entanto,
   Que, para ouvi-las, muita vez desperto
   E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora! "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las:
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Fonte: BILAC, Olavo. Antologia: *Poesias.*

3. **Agora faça uma paródia do poema de Casimiro de Abreu:**

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!
Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!
Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
— Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!
Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!
.....

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Fonte: ABREU, Casimiro. Meus oito anos.

DESCOMPLICANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Na verdade, a intertextualidade é prática constante não só na literatura ou nas artes em geral, mas também no nosso cotidiano, em conversas despretensiosas, quando citamos algo que outra pessoa disse ou uma frase famosa, ou, mesmo, quando recriamos a fala de alguém, parodiando-a, imitando-a. No nosso discurso não há nunca apenas nossa voz, mas muitas outras que vieram antes de nós.

O quadro *Monalisa*, de Leonardo Da Vinci, é uma das obras mais parodiadas de todos os tempos. Pesquise outras intertextualidades com essa obra em áreas como cinema, literatura, pintura etc.

17 Curiosidades da língua

Países, capitais e nomes pátrios

Afeganistão (Ás.) – Cabul – afegane ou afegão.

África do Sul (Áfr.) – Pretória (capital administrativa) e Cidade do Cabo (capital legislativa) – sul-africano.

Albânia (Eur.) – Tirana – albanês.

Alemanha (Eur.) – Berlim – alemão.

Andorra (Eur.) – Andorra la Vella – andorrano ou andorrense.

Angola (Áfr.) – Luanda – angola, angolano, angolense ou angolês.

Antígua e Barbuda (Am. C.) – St. John's – antiguano.

Arábia Saudita (Ás.) – Riyad – árabe-saudita, saudi-arábico ou saudita.

Argélia (Áfr.) – Argel – argeliano ou argelino.

Argentina (Am. S.) – Buenos Aires – argentino.

Aruba (Am. C.) – Oranjestad – arubano ou arubiano.

Austrália (Oc.) – Camberra – australiano.

Áustria (Eur.) – Viena – austríaco.

Bahamas (Am. C.) – Nassau – bahamense ou bahamiano.

Bangladesh (Ás.) – Daca – bengalês, bengalense, bengali ou bengalim.

Barbados (Am. C.) – Bridgetown – barbadiano.

Barein ou Baraine (Ás.) – Manama – bareinita ou barainita.

Bélgica (Eur.) – Bruxelas – belga.

Belize (Am. C.) – Betmopan – belizenho.

Benin (Áfr.) – Porto Novo – beninense ou beninês.

Birmânia (Ás.) – Rangum – birmã, birmane, birmanense ou birmanês.

Bolívia (Am. S.) – La Paz – boliviano.

Botsuana (Áfr.) – Gaborone – botsuanense ou botsuanês.

Brasil (Am. S.) – Brasília – brasileiro.

Brunei (Ás.) – Bandar Seri Begauan – bruneano.

Bulgária (Eur.) – Sófia – búlgaro.

Burquinta Fasso (Áfr.) – Uagadugu – burquinense.

Burundi (Áfr.) – Bujumbura – burundiano, burundinês ou burundiense.

Butão (Ás.) – Punaca e, no verão, Tinfu ou Timbu – butanense ou butanês.

Cabo Verde (Áfr.) – Praia – cabo-verdense ou cabo-verdiano.

Camarões (Áfr.) – Iaundê – camarão, camaronense ou camaronês.

Camboja (As.) – Phnom Penh – cambojano ou cambojiano.

Canadá (Am. N.) – Ottawa – canadense.

Catar (Ás.) – Doha – catariano.

Chade (Áfr.) – N'Djamena – chadiano.

Chile (Am. S.) – Santiago – chileno.

China (Ás.) – Pequim ou Beijing – chinês.

Chipre (Ás.) – Nicósia – cipriota.

Cingapura (Ás.) – Cingapura – cingapurense ou cingapuriano.

Colômbia (Am. S.) – Bogotá – colombiano.

Comores, ilhas (Áfr.) – Moroni – comorano, comorense ou comoriano.

Congo (Áfr.) – Brazzaville – congolense, congolês ou conguês.

Coreia do Norte (República Democrática Popular da Coreia) (Ás.) – Pyongyang – norte-coreano.

Coreia do Sul (República da Coreia) (Ás.) – Seul – sul-coreano.

Costa do Marfim (Áfr.) – Abídjã – eburino, costa-marfinense, costa-marfiniano, marfinense ou marfiniano.

Costa Rica (Am. C.) – San José – costa-riquenho (ou costarriquenho), costa-riquense (ou costarriquense), costa-ricense (ou costarricense).

Cuba (Am. C.) – Havana – cubano.

Dinamarca (Eur.) – Copenhague – dinamarquês.

Djibuti (Áfr.) – Djibuti – djibutiano ou djibutiense.

Dominica (Am. C.) – Roseau – dominiquês.

Egito (Áfr.) – Cairo – egípcio.

El Salvador (Am. C.) – San Salvador – salvadorenho ou salvadorense.

Emirados Árabes Unidos (Ás.) – Abu Dabi – emiradense.

Equador (Am. S.) – Quito – equatoriano.

Escócia (Eur.) – Edimburgo – escocês.

Espanha (Eur.) – Madri – espanhol.

Estados Unidos da América (Am. N.) – Washington – norte-americano ou estadunidense.

Etiópia (antiga Abissínia) (Áfr.) – Adis Abeba – etíope ou etiopês.

Fiji ou Fidji (Oc.) – Suva – fidji, fijiano ou fidjiano.

Filipinas (Ás.) – Manila – filipinês ou fílipino.

Finlândia (Eur.) – Helsinque – finês, fino ou finlandês.

França (Eur.) – Paris – francês.

Gabão (Áfr.) – Libreville – gabonense ou gabonês.

Gâmbia (Áfr.) – Banjul – gambiano ou gambiense.

Gana (Áfr.) – Acra – ganense ou ganês.

Granada (Am. C.) – Saint George's – granadino.

Grécia (Eur.) – Atenas – grego.

Guatemala (Am. C.) – Guatemala – guatemalense ou guatemalteco.

Guiana (Am. S.) – Georgetown – guianense ou guianês.

Guiné (Áfr.) – Conacri – guineano ou guinéu.

Guiné-Bissau (Áfr.) – Madina do Boé (sede do governo, Bissau) – guineense.

Guiné Equatorial (Áfr.) – Malabo – guinéu-equatoriano.

Haiti (Am. C.) – Porto Príncipe – haitiano.

Holanda (Reino dos Países Baixos) (Eur.) – Amsterdã (sede do governo, Haia) – holandês ou neerlandês.

Honduras (Am.C.) – Tegucigalpa – hondurenho ou hondurense.

Hungria (Eur.) – Budapeste – húngaro ou magiar.

Iêmen (República do Iêmen) (Ás.) – Sana – iemenense, iemênico ou iemenita.

Índia (Ás.) – Nova Délhi – indiano, índio

Indonésia (Ás.) – Jacarta – indonésio.

Inglaterra (Eur.) – Londres – inglês.

Irã (Ás.) – Teerã – iraniano.

Iraque (Ás.) – Bagdá – iraquiano.

Irlanda ou Eire (República da Irlanda) (Eur.) – Dublin – irlandês.

Irlanda do Norte ou Ulster (Eur) – Belfast – norte-irlandês.

Islândia (Eur.) – Reykjavik – islandês.

Israel (Ás.) – Jerusalém – israeliano ou israelense.

Itália (Eur.) – Roma – italiano.

Iugoslávia (Eur.) – Belgrado – iugoslavo.

Jamaica (Am. C.) – Kingston – jamaicano, jamaicense ou jamaiquino.

Japão (Ás.) – Tóquio – japão, japonês ou nipônico.

Jordânia (Ás.) – Amã – jordaniano ou jordânio.

Kiribati (Oc.) – Bairiki – kiribatiano.

Kuwait (Ás.) – Kuwait – kuwaitiano.

Laos (Ás.) – Vientiane – lao (ou laos), laociano (ou laotiano), laosense ou laosiano.

Lesoto (Áfr.) – Maseru – lesoto, lesotense ou lesotiano.

Líbano (Ás.) – Beirute – libanês.

Libéria (Áfr.) – Monróvia – liberiano ou libério.

Líbia (Áfr.) – Trípoli – líbio.

Liechtenstein (Eur.) – Vaduz – liechtensteinense ou liechtensteiniano.

Luxemburgo (Eur.) – Luxemburgo – luxemburguense ou luxemburguês.

Madagascar (República Malgaxe) (Áfr.) – Antananarivo (antiga Tananarive) – madagascarense ou malgaxe.

Malásia (Ás.) – Kuala Lumpur – malaio ou malásio.

Malaui (Áfr.) – Lilongue – malauiano.

Maldivas, ilhas (Ás.) – Malé – maldivano, maldiviano, maldívio ou maldivo.

Mali (Áfr.) – Bamaco – mali, maliense ou malinês.

Malta (Eur.) – Valleta – maltês.

Marrocos (Áfr.) – Rabat – marroquino.

Maurícia ou Maurício, ilha (Áfr.) – Port Louis – mauriciano.

Mauritânia (República Islâmica da Mauritânia) (Áfr.) –

Nuakchott – mauritaniano, mauritânio ou mauritano.

México (Am. N.) – México – mexicano.

Moçambique (Áfr.) – Maputo – moçambicano, moçambiquenho ou moçambiquense.

Mônaco (Eur.) – Mônaco – monegasco.

Mongólia (Ás.) – Ulan Bator – mongol ou mongoliano.

Namíbia (Áfr.) – Windhoek – namibiano ou namíbio.

Nauru (Oc.) – Yaren – nauruano.

Nepal (Ás.) – Katmandu – nepalense ou nepalês.

Nicarágua (Am. C.) – Manágua – nicaraguano ou nicaraguense.

Níger (Áfr.) – Niamei – nigerino ou nigério.

Nigéria (Áfr.) – Lagos – nigeriano.

Noruega (Eur.) – Oslo – norueguense ou norueguês.

Nova Zelândia (Oc.) – Wellington – neozelandense ou neozelandês.

Omã (Ás.) – Mascate – omanense, omani ou omaniano.

País de Gales (Eur.) – Cardiff – galense ou galês.

Panamá (Am. C.) – Panamá – panamenho ou panamense.

Papua Nova Guiné (Oc.) – Port Moresby – papuásico, papua ou papuásio.

Paquistão (Ás.) – Islamabad – paquistanense, paquistanês ou paquistani.

Paraguai (Am. S.) – Assunção – paraguaiano, paraguaiense ou paraguaio.

Peru (Am. S.) – Lima – peruano ou peruviano.

Polônia (Eur.) – Varsóvia – polaco, polonês ou polônio.

Porto Rico (Am. C.) – San Juan – porto-riquenho ou porto--riquense.

Portugal (Eur.) – Lisboa – português.

Quênia (Áfr.) – Nairóbi – queniano.

República Centro-Africana (Áfr.) – Bangui – centro-africano.

República Dominicana (Am.C.) – Santo Domingo – dominicano.

Romênia (Eur.) – Bucareste – romeno.

Ruanda (Áfr.) – Kigali – ruandense ou ruandês.

Rússia (Ás./Eur.) – Moscou – russo.

Salomão, ilhas (Oc.) – Honiara – salomônico.

Samoa Ocidental (Oc.) – Ápia – samoano ou samoense.

San Marino (Eur.) – San Marino – samarinês ou san-marinense.

Santa Lúcia (Am.C.) – Castries – santa-luciense.

São Cristóvão – Neves (Am.C.) – Basseterre – são-cristovense.

São Tomé e Príncipe (Áfr.) – São Tomé – são-tomeense ou são-tomense.

São Vicente e Granadinas (Am. C.) – Kingstown – são--vicentense ou são-vicentino.

Seychelles, ilhas (Áfr.) – Vitória – seichelense.

Senegal (Áfr.) – Dacar – senegalense, senegalês ou senegaliano.

Serra Leoa (Áfr.) – Freetown – serra-leonense ou serra-leonês.

Síria (Ás.) – Damasco – sírio.

Somália (Áfr.) – Mogadíscio – somali, somaliano ou somaliense.

Sri Lanka (antigo Ceilão) (Ás.) – Colombo – cingalês ou ceilonense.

Suazilândia (Áfr.) – Mbabane – suazi, suazilandense, suazilandês ou suazilandiense.

Sudão (Áfr.) – Cartum – sudanense ou sudanês.

Suécia (Eur.) – Estocolmo – sueco.

Suíça (Eur.) – Berna – suíço.

Suriname (Am. S.) – Paramaribo – surinamense ou surinamês.

Tailândia (Ás.) – Bangkok – tailandês.

Taiwan (antiga Formosa; República da China Nacionalista) (Ás.) – Taipé – chinês, taiwanês (ou formosino).

Tanzânia (Áfr.) – Dodoma – tanzaniano.

Togo (Áfr.) – Lomé – togolense ou togolês.

Tonga (Oc.) – Nukualofa – tonganês ou tongano.

Trinidad e Tobago (Am. C.) – Port of Spain – trinitário-tobagense, trinitino ou tobaguiano.

Tunísia (Áfr.) – Túnis – tunisiano.

Turquia (Ás./Eur.) – Ancara – turco.

Tuvalu (Cc.) – Funafuti – tuvaluano.

Ucrânia (Eur.) – Kyiv – ucraniano

Uganda (Áfr.) – Kampala – ugandense ou ugandês.

Uruguai (Am. S.) – Montevidéu – uruguaio.

Vanuatu (Oc.) – Porto Vila – vanuatense.

Vaticano (Eur.) – Vaticano – Vaticano.

Venezuela (Am. S.) – Caracas – venezuelano.

Vietnã (Ás.) – Hanói – vietnamense, vietnamês, vietnamiano ou vietnamita.

Zaire (Áfr.) – Kinshasa – zairense ou zairiano.

Zâmbia (Áfr.) – Lusaka – zambiano ou zambiense.

Zlmbábue (Áfr.) – Harare – zimbabuano ou zimbabuense.

Abreviaturas

Áfr. = África

Am. C. = América Central

Am. N. = América do Norte

Am. S. = América do Sul

Ás. = Ásia

Eur. = Europa

Oc. = Oceânia

Estados brasileiros, capitais e nomes pátrios

Acre – Rio Branco, acriano

Alagoas – Maceió, alagoano

Amapá – Macapá, amapaense

Amazonas – Manaus, amazonense

Bahia – Salvador, baiano

Ceará – Fortaleza, cearense

Distrito Federal – Brasília, brasiliense

Espírito Santo – Vitória, capixaba ou espírito-santense

Goiás – Goiânia, goiano

Maranhão – São Luiz, maranhense

Mato Grosso – Cuiabá, mato-grossense

Mato Grosso do Sul – Campo Grande, mato-grossense--do-sul, sul-mato-grossense

Minas Gerais – Belo Horizonte, mineiro

Pará – Belém, paraense

Paraíba – João Pessoa, paraibano

Paraná – Curitiba, paranaense

Pernambuco – Recife, pernambucano

Piauí – Teresina, piauiense

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, carioca (capital) e fluminense (estado)

Rio Grande do Norte – Natal, potiguar, rio-grandense-do--norte

Rio Grande do Sul – Porto Alegre, gaúcho, rio-grandense--do-sul

Rondônia – Porto Velho, rondoniano, rondoniense

Roraima – Boa Vista, roraimense

Santa Catarina – Florianópolis, catarinense

São Paulo – São Paulo, paulistano (capital), paulista (estado)

Sergipe – Aracaju, sergipano, sergipense

Tocantins – Palmas, tocantinense

Substantivos coletivos

abelha – enxame, cortiço, colmeia

abutre – bando

acompanhante – comitiva, cortejo, séquito

alho – (quando entrelaçados) réstia, enfiada, cambada

aluno – classe

amigo – (quando em assembleia) tertúlia

animal – (em geral) piara, pandilha, (todos de uma região) fauna, (manada de cavalgaduras) récua, récova, (de carga) tropa, (de carga, menos de 10) lote, (de raça, para reprodução) plantel, (ferozes ou selvagens) alcateia

anjo – chusma, coro, falange, legião, teoria

apetrecho – (quando de profissionais) ferramenta, instrumental

aplaudidor – (quando pagos) claque

arcabuzeiro – batalhão, manga, regimento

argumento – carrada, monte, montão, multidão

arma – (quando tomadas dos inimigos) troféu

arroz – batelada

artigo – (quando heterogêneo) mixórdia

artista – (quando trabalham juntos) companhia, elenco

árvore – (quando em linha) alameda, carreira, rua, souto, (quando constituem maciço) arvoredo, bosque, (quando altas, de troncos retos a aparentar parque artificial) malhada

asneira – acervo, chorrilho, enfiada, monte

asno – manada, récova, récua

assassino – choldra, choldraboldra

assistente – assistência

astro – (quando reunidos a outros do mesmo grupo) constelação

ator – elenco

autógrafo – (quando em lista especial de coleção) álbum

ave – (quando em grande quantidade) bando, nuvem

avião – esquadrão, esquadria, flotilha

bala – saraiva, saraivada

bandeira – (de marinha) mariato

bandoleiro – caterva, corja, horda, malta, súcia, turba

bêbado – corja, súcia, farândola

boi – boiada, abesana, armento, cingel, jugada, jugo, junta, manada, rebanho, tropa

bomba – bateria

borboleta – boana, panapaná

botão – (de qualquer peça de vestuário) abotoadura, (quando em fileira) carreira

brinquedo – choldra

bugio – capela

burro – (em geral) lote, manada, récua, tropa, (quando carregado) comboio

busto – (quando em coleção) galeria

cabelo – (em geral) chumaço, guedelha, madeixa, (conforme a separação) marrafa, trança

cabo – cordame, cordoalha, enxárcia

cabra – fato, malhada, rebanho

cadeira – (quando dispostas em linha) carreira, fileira, linha, renque

cálice – baixela

cameleiro – caravana

camelo – (quando em comboio) cáfila

caminhão – frota

camundongo – (quando nascidos de uma só vez) ninhada

canção – (quando reunidas em livro) cancioneiro, (quando populares de uma região) folclore

canhão – bateria

cantilena – salsada

cão – adua, cainçalha, canzoada, chusma, matilha

capim – feixe, braçada, paveia

cardeal – (em geral) sacro colégio, (quando reunidos para a eleição do papa) conclave, (quando reunidos sob a direção do papa) consistório

carneiro – chafardel, grei, malhada, oviário, rebanho

carro – (quando unidos para o mesmo destino) comboio, composição, (quando em desfile) corso

carta – (em geral) correspondência, (quando manuscritas em forma de livro) cartapácio, (quando geográficas) atlas

casa – (quando unidas em forma de quadrados) quarteirão, quadra

castanha – (quando assadas em fogueira) magusto

cavalariano – (de cavalaria militar) piquete

cavaleiro – cavalgada, cavalhada, tropel

cavalgadura – cáfila, manada, piara, récova, récua, tropa, tropilha

cavalo – manada, tropa

cebola – (quando entrelaçadas pelas hastes) cambada, enfiada, réstia

cédula – bolada, bolaço

chave – (quando num cordel ou argola) molho, penca

célula – (quando diferenciadas igualmente) tecido

cereal – (em geral) fartadela, fartão, fartura, (quando em feixes) meda, moreia

cigano – bando, cabilda, pandilha

cliente – clientela, freguesia

coisa – (em geral) coisada, coisarada, ajuntamento, chusma, coleção, cópia, enfiada, (quando antigas e em coleção ordenada) museu, (quando em lista de anotação) rol, relação, (em quantidade que se pode abranger com os braços) braçada, (quando em série) sequência, série, sequela, coleção, (quando reunidas e sobrepostas) monte, montão, cúmulo

coluna – colunata, renque

cônego – cabido

conta – (quando miúdas) conta, miçanga

copo – baixela

corda – (em geral) cordoalha, (quando no mesmo liame) maço, (de navio) enxárcia, cordame, massame, cordagem

correia – (em geral) correame, (de montaria) apeiragem

credor – junta, assembleia

crença – (quando populares) folclore

crente – grei, rebanho

depredador – horda

deputado – (quando oficialmente reunidos) câmara, assembleia

desordeiro – caterva, corja, malta, pandilha, súcia, troça, turba

diabo – legião

dinheiro – bolada, bolaço, disparate

disco – discoteca

disparate – apontoado

doze – (coisas ou animais) dúzia

ébrio – ver *bêbado*

égua – ver *cavalo*

elefante – manada

empregado – (quando de firma ou repartição) pessoal

erro – barda

escola – (quando de ensino superior) universidade

escravo – (quando da mesma morada) senzala, (quando para o mesmo destino) comboio, (quando aglomerados) bando

escrito – (quando em homenagem a homem ilustre) polianteia, (quando literários) analectos, antologia, coletânea, crestomatia, espicilégio, florilégio, seleta

espectador – (em geral) assistência, auditório, concorrência, (quando contratados para aplaudir) claque

espiga – (quando atadas) amarrilho, arregaçada, atado, atilho, braçada, fascal, feixe, gavela, lio, molho, paveia

estaca – (quando fincadas em forma de cerca) paliçada

estado – (quando unidos em nação) federação, confederação, república

estampa – (quando selecionadas) iconoteca, (quando explicativas) atlas

estátua – (quando selecionadas) galeria

estrela – (quando cientificamente agrupadas) constelação, (quando em quantidade) acervo, (quando em grande quantidade) miríade

estudante – (quando da mesma escola) classe, turma, (quando cantam ou tocam em grupo) estudantina, (quando em excursão dão concertos) tuna, (quando vivem na mesma casa) república

facínora – caterva, horda, leva, súcia

fazenda – (quando comerciáveis) sortimento

feijão – (quando comerciáveis) batelada, partida

feiticeiro – (quando em assembleia secreta) conciliábulo

feno – braçada, braçado

filhote – (quando nascidos de uma só vez) ninhada

filme – filmoteca, cinemateca

fio – (quando dobrado) meada, mecha, (quando metálicos e reunidos em feixe) cabo

flecha – (quando caem do ar, em porção) saraiva, saraivada

flor – (quando atadas) antologia, arregaçada, braçada, fascículo, feixe, festão, capela, grinalda, ramalhete, buquê, (quando no mesmo pedúnculo) cacho

foguete – (quando agrupados em roda ou num travessão) girândola

força naval – armada

força terrestre – exército

formiga – cordão, correição, formigueiro

frade – (quanto ao local em que moram) comunidade, convento, (quanto ao fundador ou quanto às regras que obedecem) ordem

frase – (quando desconexas) apontoado

freguês – clientela, freguesia

fruta – (quando ligadas ao mesmo pedúnculo) cacho, (quanto à totalidade das colhidas num ano) colheita, safra

fumo – malhada

gafanhoto – nuvem, praga

garoto – cambada, bando, chusma

gato – cambada, gatarrada, gataria

gente – (em geral) chusma, grupo, multidão, (quando indivíduos reles) magote, patuleia, poviléu

grão – manípulo, manelo, manhuço, manojo, manolho, maunça, mão, punhado

graveto – (quando amarrados) feixe

gravura – (quando selecionadas) iconoteca

habitante – (em geral) povo, população, (quando de aldeia, de lugarejo) povoação

herói – falange

hiena – alcateia

hino – hinário

ilha – arquipélago

imigrante – (quando em trânsito) leva, (quando radicados) colônia

índio – (quando formam bando) maloca, (quando em nação) tribo

instrumento – (quando em coleção ou série) jogo, (quando cirúrgicos) aparelho, (quando de artes e ofícios) ferramenta, (quando de trabalho grosseiro, modesto) tralha

inseto – (quando nocivos) praga, (quando em grande quantidade) miríade, nuvem, (quando se deslocam em sucessão) correição

javali – alcateia, malhada, vara

jornal – hemeroteca

jumento – récova, récua

jurado – júri, conselho de sentença, corpo de jurados

ladrão – bando, cáfila, malta, quadrilha, tropa, pandilha

lâmpada – (quando em fileira) carreira, (quando dispostas numa espécie de lustre) lampadário

leão – alcateia

lei – (quando reunidas cientificamente) código, consolidação, corpo, (quando colhidas aqui e ali) compilação

leitão – (quando nascidos de um só parto) leitegada

livro – (quando amontoados) chusma, pilha, ruma, (quando heterogêneos) choldraboldra, salgalhada, (quando reunidos para consulta) biblioteca, (quando reunidos para venda) livraria, (quando em lista metódica) catálogo

lobo – alcateia, caterva

macaco – bando, capela

malfeitor – (em geral) bando, canalha, choldra, corja, hoste, joldra, malta, matilha, matula, pandilha, (quando organizados) quadrilha, sequela, súcia, tropa

maltrapilho – farândola, grupo

mantimento – (em geral) sortimento, provisão, (quando em saco, em alforje) matula, farnel, (quando em cômodo especial) despensa

mapa – (quando ordenados num volume) atlas, (quando selecionados) mapoteca

máquina – maquinaria, maquinismo

marinheiro – maruja, marinhagem, companha, equipagem, tripulação, chusma

médico – (quando em conferência sobre o estado de um enfermo) junta

menino – (em geral) grupo, bando, (depreciativamente) chusma, cambada

mentira – (quando em sequência) enfiada

mercadoria – sortimento, provisão

mercenário – mesnada

metal – (quando entra na construção de uma obra ou artefato) ferragem

ministro – (quando de um mesmo governo) ministério, (quando reunidos oficialmente) conselho

montanha – cordilheira, serra, serrania

mosca – moscaria, mosquedo

móvel – mobília, aparelho, trem

música – (quanto a quem a conhece) repertório

músico – (quando com instrumento) banda, charanga, filarmônica, orquestra

nação – (quando unidas para o mesmo fim) aliança, coligação, confederação, federação, liga, união

navio – (em geral) frota, (quando de guerra) frota, flotilha, esquadra, armada, marinha, (quando reunidos para o mesmo destino) comboio

nome – lista, rol

nota – (na acepção de dinheiro) bolada, bolaço, maço, pacote, (na acepção de produção literária, científica) comentário

objeto – ver *coisa*

onda – (quando grandes e encapeladas) marouço

órgão – (quando concorrem para uma mesma função) aparelho, sistema

orquídea – (quando em viveiro) orquidário

osso – (em geral) ossada, ossaria, ossama, (quando de um cadáver) esqueleto

ouvinte – auditório

ovelha – (em geral) rebanho, grei, chafardel, malhada, oviário, (quando ainda não deram cria e nem estão prenhes) alfeire

ovo – (os postos por uma ave durante certo tempo) postura, (quando no ninho) ninhada

padre – clero, clerezia

palavra – (em geral) vocabulário, (quando em ordem alfabética e seguida de significação) dicionário, léxico, (quando proferidas sem nexo) palavrório

pancada – data

pantera – alcateia

papel – (quando no mesmo liame) bloco, maço, (em sentido lato, de folhas ligadas e em sentido estrito, de 5 folhas) caderno, (5 cadernos) mão, (20 mãos) resma, (10 resmas) bala

parente – (em geral) família, (em reunião) tertúlia

partidário – facção, partido, torcida

partido (político) – (quando unidos para um mesmo fim) coligação, aliança, coalização, liga

pássaro – passaredo, passarada

passarinho – nuvem, bando

pau – (quando amarrados) feixe, (quando amontoados) pilha, (quando fincados ou unidos em cerca) bastida, paliçada

peça – (quando devem aparecer juntas na mesa) baixela, serviço, (quando artigos comerciáveis, em volume para transporte) fardo, (em grande quantidade) magote, (quando pertencentes à artilharia) bateria, (de roupas, quando enroladas) trouxa, (quando pequenas e cosidas umas às outras para não se extraviarem na lavagem) apontoado, (quando literárias) antologia, florilégio, seleta, silva, crestomatia, coletânea, miscelânea

peixe – (em geral e quando na água) cardume, (quando miúdos) boana, (quando em viveiro) aquário, (quando em fileira) cambada, espicha, enfiada, (quando à tona) banco, manta

pena – (quando de ave) plumagem

peregrino – caravana, romaria, romagem

pérola – (quando enfiadas em série) colar, ramal

pessoa – (em geral) aglomeração, banda, bando, chusma, colmeia, gente, legião, leva, maré, massa, mó, mole, multidão, pessoal, roda, rolo, troço, tropel, turba, turma, (quando reles) corja, caterva, choldra, farândola, récua, súcia, (quando em serviço, em navio ou avião) tripulação, (quando em acompanhamento solene) comitiva, cortejo, préstito, procissão, séquito, teoria, (quando ilustres) plêia-

de, pugilo, punhado, (quando em promiscuidade) cortiço, (quando em passeio) caravana, (quando em assembleia popular) comício, (quando reunidas para tratar de um assunto) comissão, conselho, congresso, conclave, convênio, corporação, seminário, (quando sujeitas ao mesmo estatuto) agremiação, associação, centro, clube, grêmio, liga, sindicato, sociedade

pilha – (quando elétricas) bateria

pinto – (quando nascidos de uma só vez) ninhada

planta – (quando frutíferas) pomar, (quando hortaliças, legumes) horta, (quando novas, para replanta) viveiro, alfobre, tabuleiro, (quando de uma região) flora, (quando secas, para classificação) herbário.

ponto – (de costura) apontoado

porco – (em geral) manada, persigal, piara, vara, (quando do pasto) vezeira

povo – (nação) aliança, coligação, confederação, liga

prato – baixela, serviço, prataria

prelado – (quando em reunião oficial) sínodo

prisioneiro – (quando em conjunto) leva, (quando a caminho para o mesmo destino) comboio

professor – (quando de estabelecimento primário ou secundário) corpo docente, (quando de faculdade) congregação

quadro – (quando em exposição) pinacoteca, galeria

querubim – coro, falange, legião

recipiente – vasilhame

recruta – leva, magote

religioso – clero regular

roupa – (quando de cama, mesa e uso pessoal) enxoval, (quando envoltas para lavagem) trouxa

salteador – caterva, corja, horda, quadrilha

saudade – arregaçada

selo – coleção

serra – (acidente geográfico) cordilheira

servical – queira

soldado – tropa, legião

trabalhador – (quando reunidos para um trabalho braçal) rancho, (quando em trânsito) leva

tripulante – equipagem, guarnição, tripulação

utensílio – (quando de cozinha) bateria, trem, (quando de mesa) aparelho, baixela

vadio – cambada, caterva, corja, mamparra, matula, súcia

vara – (quando amarradas) feixe, ruma

velhaco – súcia, velhacada

Palavras de origem estrangeira

(aportuguesadas)

abajur (do francês) – quebra-luz

álibi (do latim) – noutro lugar

ateliê (do francês) – oficina

baguete (do francês) – tipo de pão

bangalô (do inglês) – casa residencial com arquitetura do bangalô indiano

basquetebol (do inglês) – jogo ao cesto

batom (do francês) – lápis para pintar os lábios

bege (do francês) – cor parda

bibelô (do francês) – adorno

bidê (do francês) – aparelho sanitário de banheiro

bifê (do francês) – mesa com refeição para reuniões

bife (do inglês) – fatia de carne

bijuteria (do francês) – adorno

biquíni (ilhota do Pacífico, Bikini) – veste para banho

birô (do francês) – mesa de escrever

bistrô (do francês) – restaurante pequeno e aconchegante

blecaute (do inglês) – escurecimento

boate (do francês) – casa noturna

bói (do inglês) – garoto de recado, contínuo

boxe (do inglês) – pugilismo

brevê (do francês) – diploma, certificado de aviador

bulevar (do francês) – rua larga, avenida

buquê (do francês) – ramalhete

capô (do francês) – capuz de motor de veículo

carrossel (do francês) – rodízio em cavalos, cadeiras etc.

cassetete (do francês) – cacete curto de madeira ou borracha usado por policiais

CD (do inglês) – *compact disc* – coletânea de músicas gravadas num disco

champanha (do francês) – vinho branco espumante

chassi (do francês) – carroceria de veículo

chiclete/chicle – (do inglês) – goma de mascar

chique (do francês) – elegante

chofer (do francês) – motorista

clichê (do francês) – fotogravura

clipe (do inglês) – grampo para prender papéis

comitê (do francês) – comissão, delegação

complô (do francês) – conspiração

conhaque (do francês) – aguardente de vinho

coquetel (do francês) – mistura de várias bebidas alcoólicas

croquete (do francês) – bolinho de carne

croqui (do francês) – esboço

cupom (do francês) – obrigação ao portador

debênture (do inglês) – título de dívida amortizável

debutar (do francês) – estrear

debute (do francês) – estreia

decolagem (do francês) – levantamento do avião

escore (do inglês) – resultado de uma partida esportiva

esporte (do inglês) – conjunto de exercícios físicos

esqui (do dinamarquês) – tábua que serve para deslizar sobre a neve

estêncil (do inglês) – papel multiplicador de cópias

estresse (do inglês) – cansaço

flerte (do inglês) – namoro ligeiro

folclore (do inglês) – costumes e artes conservadas pelo povo

fórceps (do inglês) – boticão usado para retirar crianças do útero da mãe

guichê (do francês) – pequena janela por onde se atende o público

habituê (do francês) – frequentador certo

jérsei (do inglês) – tecido de malha de algodão, seda ou lã

leiaute (do inglês) – traçado, plano, apresentação

locaute (do inglês) – greve de empregadores

maiô (do francês) – traje de banho

manicura (do francês) – profissional do tratamento de unhas. A forma afrancesada "manicure" é mais usada por populares.

manicuro (do francês) – masculino de manicura. A forma afrancesada "manicure" é mais usada por populares.

menu (do francês) – cardápio

metrô (do francês) – abreviatura de metropolitano. Estrada de ferro subterrânea e urbana

náilon (do inglês) – fibra têxtil sintética

nocaute (do inglês) – termo usado em luta de boxe

omelete (do francês) – fritada de ovos. Palavra do gênero feminino

piquenique (do inglês) – pequena excursão

piquete (do francês) – pequeno grupo promotor de greve

pulôver (do inglês) – agasalho de malha, sem mangas

purê (do francês) – preparado de batatas

rali (do inglês) – competição automobilística

recorde (do inglês) – a melhor atuação esportiva. Pronúncia: palavra paroxítona, sílaba forte é cor.

repórter (do inglês) – jornalista, profissional da notícia

relé (do francês) – dispositivo que liga determinados circuitos automaticamente

réveillon (do francês) – festa de véspera do Ano Novo. Não foi aportuguesada.

soçaite (do inglês) – grã-finagem

suéter (do inglês) – agasalho fechado

sutiã (do francês) – peça feminina para apoiar os seios

teste (do inglês) – exame, prova

time (do inglês) – conjunto de jogadores

tique (do francês) – trejeito

toalete (do francês) – vestuário

trailer (do inglês) – carro rebocado por veículo motorizado

turnê (do francês) – viagem programada, com roteiro certo

voleibol (do inglês) – esporte no qual se usa a mão. Forma abreviada: vôlei.

Palavras inglesas usadas no dia a dia (não aportuguesadas)

abstract – resumo, sumário.

background – no teatro, aquilo que funciona como fundo (vozes, ruído, música). Base de um conhecimento, intelectual ou técnico. Antecedente de um fato, acontecimento ou situação.

boom – crescimento rápido de um setor da economia.

charter – vôo fretado.

Cobol – *Common Business Oriented Language* – linguagem universal para programação de computadores eletrônicos comerciais.

container – embalagem ou recipiente adaptável a diversos produtos ou variados conteúdos, ou seja, reutilizável ou recuperável. Muito usados nos portos.

copyright – direitos autorais ou propriedade literária.

design – desenho, projeto, esboço, traçado, linha.

drive-in – local público de exibição cinematográfica com acomodação para carros.

dumping – prática discriminatória de preços. Vende-se no mercado externo a preço inferior ao que se estabelece para o plano interno.

feedback – realimentação, retroalimentação, retorno.

folder – folheto

gay – alegre, jovial, festivo, licencioso, imoral. Atualmente significa homossexual.

gentleman – gentil homem, cavalheiro distinto, homem de requintada educação.

handicap – condições impostas em competições atléticas. Emprega-se, hoje, como sinônimo de desvantagem.

hardware – antônimo de *software*. Equipamentos do computador, a própria máquina.

holding (*holding company*) – empresas que têm ações de outras, o suficiente para controlá-las, administrá-las.

input – antônimo de *output* – entrada. A informação devidamente codificada para ser fornecida a um computador. Na economia, conjunto de elementos ou fatores que integram um processo de produção.

joint-venture – associação eventual de empresas para executar determinadas tarefas ou empreendimentos.

know-how – conhecimento técnico especializado, conjunto de técnicas e processos acumulados por uma empresa.

leasing – arrendamento com direito de compra pelo arrendatário. Financiamento de carros por este sistema.

lobby – antessala, sala de espera. Influência política para obter vantagens a determinado segmento.

marketing – atividades que visam a assegurar o pleno êxito na comercialização de produtos.

mass media – meios de comunicação de massa: imprensa, rádio, televisão e rede de computadores.

offset – processo de impressão

open market – mercado aberto, mercado livre.

outdoor – grandes cartazes fixados pela cidade.

output – saída, antônimo de *input*. Produto final.

Oscar – prêmio do mundo do cinema, concedido anualmente nos Estados Unidos.

overnight – durante a noite. Aplicação de dinheiro pelo período de 24 horas.

performance – desempenho.

playground – pátio de recreação com aparelhos e brinquedos.

pole-position – posição de baliza. Posição número um.

pool – conglomerado temporário ou permanente de empresas para dividir mercados ou manter preços.

rock – música de origem norte-americana

royalties – regalias. Direitos especiais para exploração de patentes.

script – texto de peça teatral, filme ou novela.

shopping center – centro de compras.

slogan – lema, frase de propaganda.

software – antônimo de *hardware*. Parte não física do computador. O conjunto de programas.

standard – modelo, norma, padrão.

trailer – apresentação de pequenos trechos de um filme.

traveler's-check – cheque de viagem.

WC – abreviação de *water closet*, quarto reservado para verter água. Mictório.

WO – abreviação de *wash out*, falta total, omissão.

Alguns trava-línguas

Casa suja, chão sujo.

No meio do trigo tinha três tigres.

Três pratos de trigo para três tigres tristes.

A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.

Atrás da porta torta tem uma porca morta.

A naja egípcia gigante age e reage hoje, já.

A babá boba bebeu o leite do bebê.

Bagre branco, branco bagre.

Bote a bota no bote e tire o pote do bote.

Caixa de graxa grossa de graça.

Essa trava é uma trova pra te entravar. Entravar com uma trova é uma trava de lascar!

O tatuador tatuado tatuou a tatua do tatu. Tatua tatuada enfezada, tatuou o tatu e o tatuador já tatuado!

Num ninho de mafagafos, havia sete mafagafinhos; quem amafagafar mais mafagafinhos, bom amafagafanhador será.

Luíza lustrava o lustre listrado; o lustre lustrado luzia.

O cozinheiro cochichou que havia cozido chuchu chocho num tacho sujo.

Se o papa papasse papa,
Se o papa papasse pão,
Se o papa tudo papasse,
Seria um papapapão

Maria-mole é molenga, se não é molenga,
Não é Maria-mole. É coisa malemolente,
Nem mala, nem mola, nem Maria, nem mole.

Tinha tanta tia tantã.
Tinha tanta anta antiga.
Tinha tanta anta que era tia.
Tinha tanta tia que era anta.

O marteleiro acertou Marcelo com o martelo. Martelo, marteleiro, martelada, Marcelo, dor que não quero!

O que é que Cacá quer? Cacá quer caqui. Qual caqui que Cacá quer? Cacá quer qualquer caqui.

O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce
Que o doce de batata-doce.
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce
É o doce de doce de batata-doce.

Se o bispo de Constantinopla
a quisesse desconstantinoplatanilizar
não haveria desconstantinoplatanilizador
que a desconstantinoplatanilizaria
desconstantinoplatanilizadoramente.

O tempo perguntou pro tempo
quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo
que o tempo tem tanto tempo
quanto tempo o tempo tem.

O desinquivincavacador das caravelarias desinquivincava-
caria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

Alguns provérbios brasileiros

"Seja dono da sua boca, para não ser escravo de suas palavras!"

"Quem conta com a panela alheia, arrisca-se a ficar sem ceia."

"Pai fazendeiro, filho doutor, neto pescador."

"Um homem prudente vale mais que dois valentes."

"As porcelanas mais resistentes são as que vão ao forno mais vezes."

"Quando a carroça anda é que as melancias se ajeitam."

"As necessidades unem, as opiniões separam."

"O grande trunfo da vitória é saber esperar por ela."

"A assombração sabe pra quem aparece."

"Pra bom entendedor, piscada de olho é mandado."

"A vingança é doce, mas os frutos são amargos."

"Ladrão endinheirado não morre enforcado."

"A viagem é mais rápida quando se tem boa companhia."

"Beleza sem virtude é rosa sem cheiro."

"Atravessa-se o rio onde é mais raso."

"Bezerro manso mama na mãe dele e na dos outros."

"O invejoso emagrece só de ver a gordura alheia."

"Bom é saber calar até o tempo de falar."

"Cachorro mordido por cobra tem medo de linguiça."

"Cabeça vazia é oficina do diabo."

"Um chato nunca perde o seu tempo, perde sempre o dos outros."

"O ciúme infinito, às vezes, acorda a curiosidade que está dormindo."

"Na vida é assim: uns armam o circo, outros batem palma."

"As melhores essências estão nos menores frascos."

"Cavalo de cachaceiro conhece o caminho do boteco."

"Conhece-se o marinheiro no meio da tempestade."

"De tostão por tostão chega-se ao milhão."

"Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher."

"Da vida, o amor é o mel; do amor, o ciúme é o fel."

"Má companhia torna o bom mau e o mau pior."

"Cada qual estende a perna até onde tem coberta."

"A gato pintado não se confia a guarda do assado."

"De nada adianta o vento estar a favor se não se sabe pra onde virar o leme."

Algumas observações sobre a língua portuguesa do Brasil

1 – *Custas* só se usa na linguagem jurídica para designar "despesas feitas no processo". Portanto, devemos dizer: "O filho vive à custa do pai", no singular.

2 – Não existe a expressão *à medida em que*. Ou se usa *à medida que*, correspondente a *à proporção que*, ou se usa *na medida em que*, equivalente a *tendo em vista que*.

3 – O certo é *a meu ver* e não *ao meu ver*.

4 – *A princípio* significa *inicialmente*, *antes de mais nada*. Ex.: A princípio, gostaria de dizer que estou bem. *Em princípio* quer dizer *em tese*. Ex.: Em princípio, todos concordaram com minha sugestão.

5 – *À toa* pode ser um adjetivo, significando inútil, desprezível. Ex.: Esse rapaz é um sujeito à toa (ou uma locução adverbial que quer dizer *a esmo*, *inutilmente*. Ex.: Andava à toa na vida).

6 – *Acerca de* quer dizer *a respeito de*. Veja: Falei com ele acerca de um problema matemático. Mas *há cerca de* é uma expressão em que o verbo *haver* indica tempo

transcorrido, equivalente a *faz*. Veja: Há cerca de um mês que não a vejo.

8 – Não esqueça: *alface* é substantivo feminino. Ex.: A alface está bem verdinha.

9 – Mantenha o timbre fechado do *o* no plural dessas palavras: *almoços*, *bolsos*, *estojos*, *esposos*, *sogros*, *polvos* etc.

10 – O certo é *alto-falante*, e não *auto-falante*.

11 – O certo é *alugam-se casas*, e não *aluga-se casas*. Mas devemos dizer *precisa-se de empregados*, *trata-se de problemas*. Observe a presença da preposição *de* após o verbo. É a dica para não errar.

12 – Depois de ditongo, geralmente se emprega *x*. Veja: *afrouxar*, *encaixe*, *feixe*, *baixa*, *faixa*, *frouxo*, *rouxinol*, *trouxa*, *peixe* etc .

13 – *Ancião* tem três plurais: *anciãos*, *anciães*, *anciões*.

14 – Só use *ao invés de* para significar *ao contrário de*, ou seja, com ideia de oposição. Veja: Ela gosta de usar preto ao invés de branco. Ao invés de chorar, ela sorriu. *Em vez de* quer dizer *em lugar de*. Não tem necessariamente a ideia de oposição. Veja: Em vez de estudar, ela foi brincar com as colegas. (*Estudar* não é antônimo de *brincar*.)

15 – Ainda se vê e se ouve muito *aterrisar* em lugar de *aterrissar*, com *ss*. Escreva sempre com o *s* dobrado.

16 – Não existe *preço barato* ou *preço caro*. Só existe *preço alto* ou *baixo*. O produto, sim, é que pode ser caro

ou barato. Veja: Esse televisor é muito caro. O preço desse televisor é alto.

17 – Ainda se vê muito, principalmente na entrada das cidades, a expressão *bem vindo* (sem hífen) e até *benvindo*. As duas estão erradas. Deve-se escrever bem-vindo, sempre com hífen.

18 – Cuidado: Eu *caibo* dentro daquela caixa. A primeira pessoa do presente do indicativo assim se escreve porque o verbo é irregular.

19 – Preste atenção: o senador Luiz Estevão foi *cassado*. Mas o leão foi *caçado* e nunca foi achado. Portanto, *cassar* (com dois *ss*) quer dizer tornar nulo, sem efeito.

20 – Existem palavras que só devem ser empregadas no plural. Veja: *os óculos*, *as núpcias*, *as olheiras*, *os parabéns*, *os pêsames*, *as primícias*, *os víveres*, *os afazeres*, *os anais*, *os arredores*, *os escombros*, *as fezes* etc .

21 – Pouca gente tem coragem de usar, mas o plural de *caráter* é *caracteres*. Então, Carlos pode ser um bom caráter, mas os dois irmãos dele são dois maus caracteres.

22 – *Cartão de crédito* e *cartão de visita* não pedem hífen. Já *cartão-postal* exige o tracinho.

23 – *Catequese* se escreve com *s*, mas *catequizar* é com *z*.

24 – *Censo* é de *recenseamento*; *senso* refere-se a *juízo*. Veja: O censo deste ano deve ser feito com senso crítico.

25 – Você não bebe a *champanha*. A forma *champanhe* aceita artigo masculino ou feminino. Bebe o *champanha*. É, portanto, palavra masculina.

26 – Cidadão só tem um plural: cidadãos.

27 – *Cincoenta* não existe. Escreva sempre *cinquenta*.

28 – Ainda tem gente que erra quando vai falar *gratuito* e dá tonicidade ao *i*, como de fosse *gratuíto*. O certo é *gratuito* (com *u* tônico), da mesma forma que pronunciamos *intuito*, *circuito*, *fortuito*, etc.

29 – Há quem teime em dizer *rúbrica*, em vez de *rubrica*, com a sílaba *bri* mais forte que as outras. Escreva e diga sempre *rubrica*.

30 – Ninguém diz *eu coloro* esse desenho. Dói no ouvido. Portanto, o verbo *colorir* é defectivo (defeituoso) e não aceita a conjugação da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. A mesma coisa vale para o verbo *abolir*. Ninguém é doido de dizer *eu abulo*. Para "dar um jeitinho", diga: Eu *vou colorir* esse desenho. Eu *vou abolir* esse preconceito.

31 – Outro verbo danado é *computar*. Não podemos conjugar as três primeiras pessoas: *eu computo*, *tu computas*, *ele computa*. Vão entender outra coisa, não é mesmo? Então, para evitar esses "palavrões", decidiu–se pela proibição da conjugação nessas pessoas. Mas se conjugam as outras três do plural: *computamos*, *computais*, *computam*.

32 – Outra vez atenção: os verbos terminados em *-uar* fazem a segunda e a terceira pessoa do singular do

presente do indicativo e a terceira pessoa do imperativo afirmativo em *-e* e não em *-i*. Observe: Eu quero que ele continue assim. Efetue essas contas, por favor. Menino, continue onde estava .

33 – A propósito do item anterior, devemos lembrar que os verbos terminados em *-uir* devem ser escritos naqueles tempos com *-i*, e não com *-e*. Veja: Ele possui muitos bens. Ela me inclui entre seus amigos de confiança. Isso influi bastante nas minhas decisões. Aquilo não contribui em nada com o progresso.

34 – *Coser* significa *costurar*. *Cozer* é que significa *cozinhar*.

35 – O correto é dizer deputado *por* São Paulo, senador *por* Pernambuco, e não deputado *de* São Paulo e senador *de* Pernambuco.

36 – *Descriminar* é *absolver de crime*, inocentar. *Discriminar* é *distinguir*, *separar*. Então dizemos: Alguns políticos querem descriminar o aborto. Não devemos discriminar os pobres.

37 – A pronúncia certa é *disenteria*, e não *desinteria*.

38 – A palavra *dó* (pena) é masculina. Portanto, sentimos muito dó daquela moça.

39 – Nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é suficiente*, o verbo *ser* fica sempre no singular, sobretudo quando denota *quantidade*, *distância*, *peso*. Ex.: Dez quilos é muito. Dez reais é pouco. Dois gramas é suficiente.

40 – Televisão *em cores*, e não *a cores*.

41 – A confusão é grande, mas se admitem as três grafias: *enfarte*, *enfarto* e *infarto*.

42 – Outra dúvida: nunca devemos dizer *estadia* em lugar de *estada*. Portanto, a minha estada em São Paulo durou dois dias. Mas a estadia do navio em Santos só demorou um dia. Usa-se, *estada* para *permanência de pessoas*, e *estadia* para *navios ou veículos*.

43 – E não esqueça: *exceção* é com ç, mas *excesso* é com *ss*.

44 – O verbo *falir*, no presente do indicativo, só apresenta a primeira e a segunda pessoa do plural: *nós falimos*, *vós falis*.

45 – Outra vez, tome cuidado: quando for ao supermercado, peça *duzentos* ou *trezentos* gramas de presunto, e não *duzentas* ou *trezentas*. Quando significa *unidade de massa*, *grama* é substantivo masculino. Se for a *relva*, aí sim, é feminino: não pise a grama; a grama está bem crescida.

46 – É frequente se ouvir no rádio ou na TV os entrevistados dizerem: *Há muitos anos atrás*… Talvez nem saibam que estão construindo uma frase redundante. Afinal, *há* já dá ideia de passado. Ou se diz simplesmente *Há muito anos* ou *Muitos anos atrás*.

47 – Cuidado nessa arapuca do português: as palavras paroxítonas terminadas em *-ens* recebem acento gráfico, mas as terminadas em *-ns* não recebem: *hífen*, *hifens*; *pólen*, *polens*.

48 – Atenção: Ele *interveio* na discórdia, e não *interviu*. Afinal, o verbo é *intervir*, derivado de *vir*.

49 – *Item* não leva acento. Nem seu plural *itens*.

50 – Todo mundo gosta de dizer *magérrima*, *magríssima*, mas o superlativo de *magro* é *macérrimo*.

51 – Antes de particípios não devemos usar *melhor* nem *pior*. Portanto, devemos dizer: os alunos *mais bem preparados* são os do Ensino Médio. E nunca: os alunos *melhor preparados*…

52 – *Mal* é antônimo de *bem*, e *mau* é antônimo de *bom*. É só substituir uma por outra nas frases para tirar a dúvida.

53 – Pronuncie *máximo*, como se houvesse *ss* no lugar do *x* (mássimo).

54 – Toda vez que disser "*É meio-dia e meio*" você estará errando. O certo é: *meio-dia e meia*. Ou seja, *meio* dia e *meia* hora.

55 – Não tenho nada *a ver* com isso, e não *haver* com isso.

56 – Toda vez que usar o verbo *gostar* tenha cuidado com a ligação que ele tem com a preposição *de*. Ex: a coisa *de que* mais gosto é passear no parque. A pessoa *de que* mais gosto é minha mãe.

57 – Nunca diga nem escreva *1 de abril*, *1 de maio*. Mas sempre: 1º de abril, 1º de maio.

58 – É chato, pedante ou parece ser errado dizer *quando eu vir Maria, darei o recado a ela*. Mas esse é o emprego correto do verbo *ver* no futuro do subjuntivo. Se eu *vir*, quando eu *vir*. Mas quando se trata do verbo *vir*, a coisa muda: quando eu *vier*, se eu *vier*.

Respostas dos Exercícios

Capítulo 1

1. d **2.** a **3.** a **4.** d

5. a) emotiva b) metalinguística c) fática
d) apelativa e) emotiva.

6. Emotiva e poética

7. Emissor: S. Manuel
Mensagem: "Moleque danado. Seu pai vai ter que pagar!"
Receptor: moleque
Canal: auditivo
Código: linguagem verbal oral

8. Usa vocabulário pouco habitual, na linguagem coloquial ("estúrdio"; "alumiou-lhe"; "faro"...); usa construções mais sofisticadas, inclusive com inversões e pronomes de valor possessivo ("A dous deles quebrou a cara."; "alumiou-lhe as feições"); uso normativo de preposições ("Chegando **à** vila..."); uso normativo de pronomes oblíquos ("Achei-**o** na varanda...").

9. b

Capítulo 2

1. e **2.** d **3.** a **4.** c **5.** b
6. b **7.** b

Capítulo 3

1. c **2.** c **3.** d **4.** b **5.** c
6. a **7.** c **8.** e **9.** e **10.** c
11. d **12.** b **13.** d **14.** e **15.** b
16. e **17.** e **18.** a **19.** e **20.** b
21. c **22.** e **23.** a **24.** b **25.** b
26. a **27.** d **28.** b **29.** c **30.** b
31. a **32.** c **33.** c **34.** a **35.** e
36. b **37.** b

Capítulo 4

1. d **2.** b **3.** c **4.** d **5.** a
6. e **7.** e **8.** b **9.** a e c **10.** c
11. d **12.** b **13.** b **14.** d **15.** a
16. d **17.** b **18.** d **19.** b **20.** e
21. d

Capítulo 5

1. e **2.** c **3.** b **4.** a **5.** d

6. b **7.** d **8.** b **9.** b **10.** c

11. d

12. a) emergem
b) seção
c) lustro
d) prescrito
e) despercebido

13. a) emigrem
b) consertos
c) cassou
d) flagrante
e) incontinênti

14. d 15. b 16. c 17. a 18. c

19. d

Capítulo 6

1. As ruas estavam desertas. O silêncio era um fantasma pronto para atacar. O asfalto molhado brilhava como um imenso rio negro. O som de meus passos era o único sinal de vida naquele mar de agonia.

2. a) "O juízo de Deus há de ser em um só lugar; o juízo dos homens, em todos os lugares; julgavam-vos na casa e julgavam-vos na praça e julgavam-vos na igreja; julgavam-vos na religião."

b) "A morte faz insensível a quem mata o amor; insensível a quem ama."

c) Poucos falam e muitos ouvem; poucos ordenam e muitos obedecem; poucos têm o poder, mas detêm a força.

3. a) Do alto, avistávamos a casa da fazenda, os bois no pasto, as galinhas ciscando perto da casa, planícies verdes e uma montanha ao longe.

b) No aeroporto bastante cheio, chegamos às oito em ponto.

c) Desligado o rádio, o quarto caiu num silêncio assustador.

d) "O ônibus suspira fundo, diminui a marcha, encosta à direita, para."

e) Fique atenta, pois a fase é meio tensa e desgastante.

f) Antes de comprar, analise, compare e informe-se.

g) É preciso, antes de tudo, entender o que aconteceu com ele.

h) A comida está na mesa, filho!

4. "João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas, de dentre daquela casa de João-de-barro, vinha uma espécie de choro, um choro fazendo tuim tuim tuim ...". (Ruben Braga)

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente; mas de dentro daquela casa de joão-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim ...

João-de-barro é um bicho bobo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente, mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de choro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim....

5. "Verde-claro, verde-escuro, canteiro de flores, arbusto entalhado e de novo verde-claro, verde-escuro, imenso lençol gramado; lá longe, o palácio. Assim o jardineiro via o mundo toda vez que levantava a cabeça do trabalho." (Marina Colasanti)

6. c	**7.** e	**8.** c	**9.** c	**10.** c
11. b	**12.** e	**13.** b	**14.** d	**15.** b
16. e	**17.** b	**18.** e	**19.** a	**20.** a
21. b	**22.** d	**23.** b	**24.** a	

Capítulo 7

1. e

2. a) Trancado no quarto, gritei para saber quem estava lá fora.
b) A professora perguntou a Carlos por que ele havia faltado à prova.
c) A freguesa perguntou ao feirante qual era o preço da abobrinha.
d) Ricardo concordou que aquela era a melhor solução.

3. a) A mãe avisou:

– Não quero barulho aqui.

b) Infelizmente papai nos informou:

– Não comprarei um carro novo.

c) Daniela disse:

– Não gosto desta roupa, pois é muito colorida.

d) O jardineiro perguntou:

– Posso plantar esta samambaia no jardim?

Capítulo 8

1. a) Causa: Em busca de maiores lucros, as empresas colocam menos ônibus circulando.

Consequência: Com ônibus demorados e lotados, a população revolta-se.

b) Causa: As novelas alcançam público de todas as classes sociais e faixas etárias.

Consequência: Há uma padronização de hábitos e costumes, perdendo-se a tradição regional, muitas vezes.

c) Causa: Para facilitar nos cuidados com a plantação e ter maior produtividade.

Consequêcia: Põem em risco sua própria saúde e a saúde do consumidor.

2. Resposta pessoal.

3. Idem. 4. Idem. 5. Idem.

6. a) (sugestão) Embora sejamos um povo formado essencialmente pela mistura de povos tão diferentes como indígenas, africanos de nacionalidades diversas, europeus de muitos países e culturas e, até mesmo, orientais, ainda reina entre nós o chamado preconceito racial, principalmente no que se refere aos negros: rejeita-se uma pessoa a partir da cor de sua pele. Como se não tivéssemos em nós todas as peles, de todas as cores. É, portanto, um absoluto contrassenso, pois essa discriminação é a negação do que somos, de quem somos.

b) (sugestão) Hoje, no Brasil, temos um número de estudantes universitários nunca antes visto ou sequer imaginado em toda a nossa história: abriram-se vagas, criaram-se formas de acesso à faculdade, democratizou-se (ainda que não totalmente) o sonho do diploma superior. No entanto, quantidade não significa necessariamente qualidade, como se sabe. Assim, necessitamos agora, urgentemente, de propostas sérias, para fazer das nossas universidades centros de excelência em ensino e pesquisa, unindo-se acesso e excelente formação.

c) (sugestão) A telenovela é um produto que encontrou no Brasil terreno fértil para criar-se e procriar, tendo suas raízes já nas novelas de rádio, que a população acompanhava religiosamente – com a nova possibilidade de ver as cenas e não só imaginá-las, essa paixão só cresceu e as histórias passaram a fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas. Assim, ela se tornou um modelo de como se vestir, como beber, como falar, como agir, enfim, como ser: todos querem viver de acordo com o que veem no mundo de faz-de-conta que parece tão real e no qual há sempre um final feliz. Triste povo que só se sente bem quando lhe mostram o que pensar e o que fazer.

7. Resposta pessoal.

8. Idem. **9.** Idem. **10.** Idem. **11.** Idem.

12. Idem. **13.** Idem.

Capítulo 9

1. Resposta pessoal. **2.** Resposta pessoal.

3. Resposta pessoal. **4.** Resposta pessoal.

5. Resposta pessoal. **5.** Resposta pessoal.

6. Resposta pessoal.

Capítulo 10

1. e (dissertação) **2.** b (crônica reflexiva)

3. e (dissertação) **4.** c (crônica descritiva)

5. a

6. **Espaço**: Não há ambientação no conto, mas pressupõe-se ser a casa da família, já que houve ali um jantar e, depois, o jovem é convidado a se recolher aos seus aposentos.

Tempo: O final da noite, após o jantar. No entanto, além desse transcorrer de tempo cronológico, pode-se dizer que há um trabalho com tempo psicológico, pois o pai chega a projetar o jovem filho na maturidade, considerando então décadas de uma vida em poucas horas.

Personagens: O pai e o filho apenas. O jovem, ainda ingênuo; o pai, bastante cínico e calculista, em relação a como deve ser a vida, para que haja o maior benefício (material e social) possível.

Enredo: Pai e filho conversam, após o jantar de aniversário de 21 anos do moço. O pai pretende mostrar ao filho como deve viver e agir, para ter o maior benefício, em qualquer aspecto. Propõe, então, ensinar ao filho uma profissão para recompensar o esforço durante a vida, caso as outras profissões não alcancem as expectativas. O conselho é que o filho cultive o ofício de medalhão. Nesta carreira, não se deve ter ideias. E o pai acentua que ele deve moderar os impulsos da mocidade e que quarenta e cinco anos seriam a idade em que o medalhão normalmente se manifestaria.

Foco narrativo: não há narrador no conto; o texto inteiro é construído apenas por meio do diálogo entre pai e filho. (Alguns autores consideram que, por ser diálogo, o foco narrativo seria sempre em 1ª pessoa.)

Discurso: uso do discurso direto durante todo o conto. Na verdade, é quase um monólogo, já que o pai está interessado apenas em mostrar sua teoria e seus ensinamentos e não ouvir algo da parte do filho.

Teoria do medalhão: Para ser um medalhão, é preciso, entre outras coisas, fugir de tudo que leve à reflexão; deve-se agir sempre calculadamente para obter benefícios e deve-se manter uma aparência de cultura, de interessado nas artes, por exemplo. O pai é um cínico muito experiente e esperto e dá ao filho lições de como tecer uma boa rede de relacionamentos que venham a render-lhe, em alguns casos, boa ocupação na sociedade.

Capítulo 11

1. b	**2.** c	**3.** c	**4.** a	**5.** b
6. d	**7.** c	**8.** d	**9.** c	**10.** a
11. a	**12.** c	**13.** a	**14.** b	**15.** d
16. b	**17.** c	**18.** d	**19.** e	**20.** e
21. a	**22.** c	**23.** e	**24.** d	**25.** b
26. e	**27.** c	**28.** b	**29.** d	**30.** d

Capítulo 12

1. a	2. c

3. a) chegaram
b) tocamos
c) recolherá
d) agrediu-se
e) levantaram (ou levantou)

4. a) há
b) houver
c) importam
d) existiram
e) tivesse

5. a) mantenham
b) busquem
c) confia
d) gosta
e) observaram

6. c	**7.** d	**8.** d	**9.** d	**10.** d
11. c	**12.** a	**13.** d	**14.** c	**15.** b
16. d	**17.** c	**18.** d	**19.** c	**20.** a
21. e	**22.** b	**23.** e	**24.** d	**25.** d

Capítulo 13

1. a	**2.** c	**3.** c	**4.** d	**5.** b
6. c	**7.** d	**8.** d	**9.** d	**10.** b
11. a	**12.** c	**13.** b	**14.** d	**15.** d
16. a	**17.** b			

Capítulo 14

1. a	**2.** d	**3.** b

Capítulo 15

1. a	**2.** b	**3.** a	**4.** d	**5.** d

6. e

7. a) Foco narrativo em primeira pessoa: o narrador é personagem do texto também.
b) O protagonista não se sente livre porque viver na capital (na corte), cidade grande e cheia de atrativos, significa ser seduzido e ter muito o que fazer, chegando a ficar atordoado.

c) Passada a novidade que a corte trazia, ele começou a ficar entediado.

d) Ele teve a ideia de visitar Lucia, mulher com quem não tinha nenhuma intimidade. Essa não era atitude muito aceita, socialmente, na época.

e) Ele a encontrara dua vezes: 1ª) ela estava na rua e entrou em uma perfumaria, saiu e passou por ele; 2ª) no teatro.

f) O protagonista tinha receio de que ela não o reconhecesse, já que não tinham nenhuma proximidade, na verdade. Seria muito humilhante ter que forçar a lembrança dela, para que o reconhecesse.

g) Ela não reconhece de pronto, mas logo se lembra de tê-lo já encontrado e então o recebe bem. Os receios dele não se confirmaram.

8. a) 5 estrofes; 4 versos em cada estrofe. Há rimas, como no exemplo da primeira estrofe: enlouqueceu + céu; sonhar + mar (as rimas repetem-se em todo o poema).

b) Ismália está louca. Estaria numa "torre" (que pode ser, conotativamente, um isolamento pela sua loucura, um afastamento do mundo real, e não uma torre literalmente).

c) Seu desejo era poder subir aos céus (voar) e alcançar a lua; e descer ao mar, para alcançar a "outra" lua que via ali (na verdade, um reflexo da lua no mar).

d) Não era possível, obviamente, realizar esse desejo, mas ela estava delirando e achava que sim.

e) Ela se jogou no mar, suicidando-se. Assim, como se tivesse asas, chegou ao céu (sua alma subiu).

f) Nós, leitores, entendemos que ela está fora da realidade, porque já somos avisados no início do poema que ela enlouqueceu. E, quando diz que foi sua alma que subiu ao céu, percebemos que ela morreu.

9. a) Título ou manchete: Amazônia: morte anunciada

Olho: Estudo aponta que se o desmatamento continuar no atual ritmo, em 40 anos parte da floresta vai entrar em colapso, sem chance de recuperação.

b) O quê = Amazônia pode entrar em colapso até 2050.

Onde = Amazônia

Quando = em 2050.

Como = se o desmatamento e as emissões dos gases estufa não diminuírem.

Por quê = se a desmatarmos para além de seu limite de recuperação (40% de sua área).

c) O depoimento é do pesquisador Gilvan Sampaio, do Inpe.

10. a) Eles culpam os livros.

b) Sancho Pança acreditou na promessa de D. Quixote de que seria nomeado governador de uma ilha.

c) Sancho vê moinhos de vento mesmo.

d) D. Quixote é atingido pelas pás do moinho e cai ao chão, acreditando que uma magia transformara os gigantes em moinhos.

11. a) Virgílio provoca o monstro guardião da entrada e este abandona seu posto, deixando livre a passagem.

b) Ali corre um rio de sangue, morada de assassinos. Muitos minotauros guardam o lugar.

c) os gemidos vêm de dentro das árvores: são de suicidas, que por terem se matado, têm a alma aprisionada em uma árvore.

d) São os poços malditos, onde ficam os que, em vida, eram ladrões, maliciosos ou fraudulentos.

e) - um lugar de areia muito quente

- um abismo

- poços com piche

12. I. b II. e

13. b	**14.** e	**15.** a	**16.** b	**17.** e
18. c	**19.** a	**20.** a	**21.** d	**22.** b
23. a	**24.** d	**25.** b	**26.** b	

26. a) São tocáveis, porque têm uma concretude, são reais, existem. E trazem sensualidade.

b) A literatura emociona-o mais do que a vida real.

c) Para ele, a verdadeira identidade de uma pessoa é a língua que fala/usa, e não o país onde nasce, por exemplo.

d) "Palavrar" seria mais do que falar/dizer, seria fazer as palavras ganharem vida e utilidade, reconhecendo a importância que têm: elas não são meros instrumentos da comunicação, mas valem por si mesmas.

Capítulo 16

1. Resposta pessoal.

2. Resposta pessoal.

3. Resposta pessoal.

Bibliografia

MESERANI, Samir. *O intertexto escolar*: sobre leitura, aula e redação. São Paulo: Cortez, 1998.

SARMENTO, Leila Lauar. *Oficina de Redação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

FERREIRA, Marina; PELLEGRINI, Tânia. *Redação*: palavra e arte. São Paulo: Atual, 1999.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; Maruxo. *Gramática nova*. São Paulo: Ática, 2009.

Créditos das imagens

Figura 1 – Jackson Oliveira

Figura 2 – Ministério da Saúde do Governo, Brasil

Figura 3 – Sérgio A. Pereira

Figura 4 – Coleção Particular

Figura 5 – Biblioteca do Congresso Americano

Figura 6 – Daniela Moreira Alves

Figura 7 – Museu Histórico Nacional, RJ

Figura 8 – Jackson Oliveira

Figura 9 – Jackson Oliveira

Figura 10 – Jackson Oliveira

Figura 11 – Photodisc

Figura 12 – Museu Nacional de Belas Artes, RJ

Figura 13 – Pinacoteca do Estado de São Paulo

Figura 14 – Coleção Malba/Tarsila do Amaral Empreendimentos

Figura 15 – Daniela Moreira Alves

Figura 16 – Jackson Oliveira

Figura 17 – Agência de Notícias do Acre

Figura 18 – Acervo do Depto. do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo

Figura 19 – Ivo Gonçalves/PMPA